

NICOLE JORDAN

Desejo





Desejo

NICOLE JORDAN

Desejo

Tradução
Books & Ideas

 essência

Copyright © 2001 by Anne Bushyhead
Título original: *DESIRE* by Nicole Jordan

Este livro foi negociado através de Ute Körner Literary Agent, S.L., Barcelona
www.ukliag.com e Books Crossing Borders Inc., Nova York

Preparação: Alyne Azuma
Revisão: Gabriela Ghetti
Capa: Thiago Sousa | all4type editorial
Diagramação: Gabriel Henrique | all4type editorial
Imagem de capa: quavondo | Getty Images
Conversão em epub: {kolekto}

CIP- CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

J69d Jordan, Nicole

Desejo / Nicole Jordan ; [tradução Bete Abreu]. - 1. ed. -

São Paulo : Planeta, 2013.

Tradução de: Desire

ISBN 978-85-422-0293-9

1. Ficção americana. I. Abreu, Bete. II. Título.

13-05974

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

2013

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.

Avenida Francisco Matarazzo, 1500 | 3º andar | conj. 32 B
Edifício New York | 05001-100 | São Paulo – SP
www.editoraplaneta.com.br
atendimento@editoraplaneta.com.br

Sumário

Agradecimentos

Prefácio

Introdução

Prólogo

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Epílogo

Agradecimentos

Para todos meus amigos virtuais no *Romance Journal*, *RBL Romantica*, *Romance and Friends*, *ALCAP* e *GRAN*.

Meus sinceros agradecimentos por todo amor e encorajamento, e também por me manterem sã nos últimos anos.

Um agradecimento especial para Laura, também conhecida por Webmistress Extraordinaire e para a querida Maggie, quem começou tudo.

As mulheres dessa casa serão
eternamente amaldiçoadas por sua beleza.

Qualquer homem que amem morrerá.

Maldição cigana, 1623

Nem mesmo um libertino experiente e vivido como o conde de Wycliff seria capaz de resistir aos seus encantos – tudo por causa da maldição cigana que a acompanhava. No entanto, Brynn sabia que só se livraria dele se concordasse.

– Se eu beijá-lo, promete ir embora? Tenho sua palavra de honra?

O sorriso sedutor não mostrava arrependimento.

– Se só tenho direito a um único beijo, preciso garantir que seja bom – e, mantendo-a apertada contra ele, inclinou a cabeça.

Os lábios dele eram quentes, surpreendentemente macios – e mais tentadores do que ela poderia imaginar. Brynn tentou manter-se firme, mas viu que era impossível diante das carícias daquela boca sedutora.

E então, ele a puxou para mais perto, para o calor forte de seu corpo, acomodando-a melhor contra sua ereção, ela mal podia respirar. E as mãos dele...

O coração dela batia descontroladamente enquanto longos dedos tocavam seus seios.

Prólogo



Cornualha, Inglaterra, outubro de 1813

O vestido foi ao chão com um murmúrio sedoso, deixando-a completamente nua. Lucian respirou fundo diante daquela visão sedutora – o lindo corpo branco tingido de dourado pela luz bruxuleante do candelabro, os cabelos reluzentes brilhando como fogo.

Estaria ela movida pela sedução... ou pela traição?

O que quer que estivesse planejando, Lucian tinha de admitir que funcionava muito bem. Ele já estava excitado o suficiente, a ponto de explodir. Ainda assim, o instinto o alertava para o perigo.

Ele forçou um sorriso, seus olhos nos mamilos rígidos, nas coxas voluptuosas, levemente separadas em um convite sensual.

– Está tentando me seduzir, meu amor?

O sorriso dela era provocativo.

– Apenas lhe dando as boas-vindas. Estou feliz que tenha vindo.

Era mentira – e ele sabia.

Por um longo momento, ele fitou aqueles olhos cor de esmeralda. Seria culpa o que ele via nas profundezas daquelas preciosidades?

O tempo demorou mais para passar entre eles enquanto Lucian olhava fixamente para sua linda esposa, em uma procura secreta. Por fim, o crepitar suave do fogo na lareira quebrou o encanto.

Com uma contração graciosa dos ombros nus, ela foi até a mesa lateral de mogno, onde havia uma bandeja com uma garrafa de cristal com vinho e algumas taças. Depois de servir duas, atravessou o quarto em direção a ele e ofereceu uma das taças.

O vinho era cor de sangue. Conteria veneno ou apenas alguma espécie de droga? Ela tinha tido tempo para preparar qualquer um dos dois, embora ele a tivesse surpreendido e a seguido inesperadamente para a costa da Cornualha desde Londres.

Ele levou a taça à boca, fingindo beber, e notou que ela pareceu aliviada.

Ela era tão transparente, Lucian pensou sorrindo, lutando contra a sedução de seu corpo nu e o calor que tomava conta dele. O nervosismo a entregou. Era amadora na arte da intriga – ao contrário dele. Ele havia competido com os melhores espões que a França tinha. E com os piores traidores da Inglaterra também.

Mesmo quando a olhou, Brynn desviou o olhar, incapaz de encará-lo por muito tempo. A boca dele se estreitou. Será que ela o trairá? Sua linda noiva estaria em conluio com seus inimigos? Teria cometido traição com o maldito irmão, auxiliando os franceses e seu funesto líder, Napoleão Bonaparte?

O pensamento causou-lhe tamanha dor no coração que de repente teve dificuldade em respirar.

– Está gostando do vinho? – ela murmurou, bebendo da própria taça.

– Os franceses fazem os melhores.

Ela tremeu diante da menção aos franceses.

– Está com frio? – ele perguntou, sem alterar o tom de voz.

– Eu esperava que você me aquecesse.

Olhou para ele, com olhos tentadores. O impacto fez um calor selvagem inundar o corpo dele. Recordava-se de que poucas semanas atrás teria dado toda sua fortuna para receber um convite como aquele.

– Por que você não cuida do fogo – forçou-se a dizer – enquanto fecho as cortinas?

Desviando o olhar da nudez provocante, Lucian virou-se e foi até uma das janelas. Com a desculpa de fechar as cortinas, inclinou a taça por trás da mesa, derramando o vinho sobre o carpete. Do fundo da alma queria acreditar que Brynn era inocente. Ainda assim, não ousava acreditar nela.

Lucian podia sentir o olhar dela, do outro lado do quarto, atingindo-o entre os ombros. Praguejando silenciosamente, foi até a outra janela. Era obviamente um tolo. Estava obcecado pela esposa. Com a beleza radiante, o cabelo flamejante e o espírito insolente. Ela era uma tentação que o consumia de desejo. A única mulher que já havia encontrado capaz de deixá-lo num estado tão selvagem que o fazia perder o controle sobre si mesmo. Especialmente em sonho.

Ele a perderia para sempre se a mandasse para a prisão.

Derramando deliberadamente mais vinho atrás de uma poltrona, Lucian fechou a cortina e foi em direção à última janela, onde fingiu beber. Lá fora, uma desanimada lua pairava baixo no horizonte negro, parcialmente encoberta por nuvens fantasmagóricas que se movimentavam rapidamente. Um vento anunciando tempestade soprava do mar; ele podia ouvir as ondas batendo na costa rochosa lá embaixo.

Uma noite perfeita para a traição.

Ali dentro, no entanto, o quarto estava aconchegante e silencioso. Lucian sentiu que Brynn se aproximava, antes mesmo de ouvir os passos macios.

– Ainda está bravo comigo? – ela suspirou com aquela voz baixa e sensual que tinha o dom de arrebatá-lo.

Sim, estava bravo com ela. Bravo, desapontado, arrependido. Nunca havia conhecido uma mulher que pudesse deixá-lo de joelhos... até conhecer Brynn.

Ele puxou a cortina para fechá-la.

Mascarando seus sentimentos, virou-se para ela lentamente. O olhar dela, Lucian percebeu, foi imediatamente para a taça, que agora não continha muito líquido. O sorriso de alívio que surgiu em resposta o dilacerava, mas ele permaneceu intrépido. Faria o jogo dela, veria até onde ela pretendia ir com a traição.

Brynn mergulhou o dedo no vinho dele e então o colocou sobre o lábio inferior de Lucian.

– Como posso abrandar sua raiva?

– Acho que você sabe, meu amor.

Os lábios dela estavam vermelhos e molhados de vinho, e Lucian lutou contra a urgência de apertar sua boca contra a dela. Forçou-se a continuar imóvel, mesmo quando ela, de maneira lenta e provocante, deslizou os dedos para dentro do cós de seus culotes.

Quando ele não esboçou reação, Brynn tomou a taça das mãos dele e a colocou na mesa com a taça dela. Então começou a desabotoar a calça.

O coração de Lucian pulava dentro do peito quando ela abriu a peça e revelou a ereção que se movia ansiosa entre seus quadris. Com um sorriso suave, ela fechou os dedos carinhosos em volta da base do membro pulsante e ajoelhou-se a seus pés.

Um músculo se moveu na mandíbula de Lucian, que lutava com todas as forças contra o desejo despertado por ela. Deveria estar agradecido pelo fato de Brynn ter tomado

a iniciativa. Desde o primeiro encontro ela o tinha repellido. Durante os três meses daquele casamento tempestuoso, haviam ficado como que encalhados em uma disputa de vontades.

Enquanto o acariciava com os dedos, ela se inclinou para mais perto e pressionou os lábios contra o mastro latejante. Lucian estremeceu com o beijo. Os lábios eram mornos em seu corpo. A pele dele estava quente, ardendo diante do toque erótico da boca e da língua dela que deslizava com suavidade pela cabeça entumescida, a extensão sensível.

Sentiu os lábios dela se fecharem para acomodá-lo melhor em sua boca. Lucian fez uma expressão de prazer, lutando para se controlar. O membro duro tornava-se ainda mais grosso à medida que ela o explorava com a boca e a língua, provando todo o seu contorno liso.

Ele tentava desesperadamente manter a mente distante dos sentidos, enquanto Brynn fazia amor com suas partes mais íntimas. Ele a tinha ensinado isso – como usar suas novas habilidades para obter um efeito devastador. Havia mostrado a ela os prazeres da carne, fazendo-a compreender a paixão feminina que existia nela.

Lucian estremeceu. A boca dela queimava como brasa, os dentes o tocavam gentilmente.

Ela estava errada sobre os sentimentos dele. Ele a queria para mais do que a mãe de seus filhos ou uma amante conveniente. Talvez tivesse começado dessa maneira, mas agora... Agora queria possuí-la por completo. E ela parecia mais inatingível que nunca. Era sua esposa, no nome e no corpo, mas ele não podia clamar por seu coração.

Gemeu diante desse pensamento e das carícias que recebia.

– Estou machucando você? – ela perguntou com um sorriso na voz.

– Sim – ele disse com a voz rouca –, e a dor é terrível.

Uma dor mais do que física.

– Devo parar?

– Não, minha sereia.

Involuntariamente, as mãos dele mergulharam naqueles cabelos flamejantes. Sentindo os lábios molhados deslizando por seu mastro dolorido, Lucian forçou seu corpo contra a boca dela, ainda que sua mente lutasse para resistir ao feitiço.

Nada no casamento deles tinha saído como planejado. Ele admitia ser o maior culpado pela discórdia inicial entre os dois. Tinha cometido inúmeros erros com Brynn. Ele a tinha obrigado a casar-se apesar dos protestos veementes. Ele a tratara com frieza intencional, mantendo-se distante.

Com suprema arrogância, esperava que ela caísse a seus pés, por sua fortuna e seu título, se não pela aparência e pelo charme. No começo, ela havia resistido, mas ele prometeu subjugar-lá e fazer dela sua mulher. E, quando se tornou sua noiva, Lucian exigiu que dividissem a cama e que ela lhe desse um herdeiro.

Deveria ter sido uma troca justa – um casamento nobre por um filho. Ele queria um filho do seu próprio sangue, uma parte dele que continuaria existindo caso morresse prematuramente, como os sonhos sombrios pareciam pressagiar.

Sentia como se estivesse morrendo agora. Suas mãos se enroscavam nos cabelos dela enquanto a fome se derramava em ondas quentes por seu corpo.

Estava agora mais cativo do que nunca. Um doce tormento, desde que se apaixonara por ela. Não podia escapar.

Brynn tentou avisá-lo sobre como seria, mas ele não ouviu. Em vez disso, seu coração teimoso havia se recusado a abandonar aquela paixão, e o encantamento cresceu e se transformou em uma perigosa obsessão.

Ela sabia disso, e agora usava aquela obsessão impiedosamente contra ele.

Tinha pouca defesa contra ela. Quanto mais se convencia a negar a paixão, mais violenta a necessidade de possuí-la se tornava, até que ele estivesse disposto a fazer qualquer coisa, a pagar qualquer preço, simplesmente para ter um daqueles sorrisos inebriantes.

Lucian apertou os olhos fechados. Estaria realmente considerando trair seu país para salvá-la? Sacrificar sua honra e tudo em que acreditava?

Maldita seja, Brynn.

Ele tremia. Agarrava-se aos ombros dela e a sentia estremecendo de prazer. Olhando nos olhos dela enevoados de paixão, pôde ver que estava tão excitada quanto ele. Talvez tivesse apenas intenção de excitá-lo, mas o desejo nela era real.

Aquela constatação acabou com o restante do autocontrole que o continha. Lucian levantou-a, e sua boca quente capturou a dela num beijo apaixonado, enquanto ela colocava as pernas em volta dos quadris dele.

Carregando-a para a cama, colocou-a sobre os lençóis de seda e deitou-se sobre ela, pressionando seu corpo entre as coxas que o convidavam.

Por um momento ele hesitou. O rosto dela estava incrivelmente belo à luz dos candelabros que flamejavam. Curvou as mãos sobre a garganta dela, desejando que pudesse arrancar dali a verdade. Desejando poder ver dentro de seu coração e de sua mente.

– Por favor.... eu quero você, Lucian – ela murmurou com a voz rouca.

E eu vou querer você até morrer, ele pensou ao penetrá-la.

Ela estava úmida e ávida por ele. Envolveu o quadril dele com as pernas, mantendo-o próximo, enquanto ele se enfiava dentro dela, empurrando o falo inchado para o fundo de seu corpo quente e pulsante.

Lucian estremecia, precisava dela agora mais do que precisava de ar.

Como tinha chegado a isso? Se soubesse que o casamento o traria ao dia de hoje, ainda assim teria forçado Brynn a casar-se com ele? Teria cometido os mesmos erros? Teria ignorado cegamente os inúmeros sonhos de advertência?

Em que ela estaria pensando naquele dia, três meses atrás, quando a encontrou sozinha na enseada isolada? Poderia ter mudado o resultado dos acontecimentos se tivesse se comportado de outra maneira perante a ela?

Será que ela sabia então o que aconteceria entre eles? Já estaria planejando uma traição desde então?

Lucian gemeu, derramando seu sêmen dentro dela.

Se ao menos ele soubesse...



Costa da Cornualha, três meses antes

Não era um dos seus melhores dias. Brynn Caldwell mergulhou nas ondas quentes, tentando afogar a raiva latente no oceano profundo. A frustração que sentia com relação ao irmão mais velho, Grayson, tinha chegado aos limites de sua tolerância.

Praguejando, retornou à superfície e começou a boiar, tentando se acalmar. Não era a primeira vez que discutia inutilmente com Gray e procurava refúgio na enseada isolada abaixo de sua casa. A entrada da angra era cercada dos dois lados por pedras irregulares e, atrás, por um penhasco baixo, que protegiam a piscina de rocha natural de olhares indiscretos. Ela vinha ali sempre que podia, ou sempre que sentia a necessidade de paz, como agora.

Ali podia se ver livre das restrições de confinamento que impusera a si mesma. Ali podia esquecer os problemas que constantemente a preocupavam. Como fazer as coisas darem certo para sua família em dificuldades financeiras, como proteger o irmão mais novo, Theodore, das perigosas ideias de Gray sobre educação.

O sol da tarde de julho aquecia sua face enquanto Brynn flutuava, e a água salgada do mar tranquilizava seus nervos em frangalhos. Mesmo assim, nunca tinha se sentido tão impotente. Gray tinha decidido levar Theo em uma operação de contrabando naquela noite e, tirando o fato de ter discutido com ele à exaustão, não havia nada que pudesse fazer para impedi-lo.

– O diabo que o carregue! – murmurou, uma maldição que vinha usando com frequência ultimamente com relação ao irmão mais velho. Grayson lhe era muito querido, mas arrastar praticamente uma criança para suas atividades ilícitas era um crime sem igual.

Sentir-se tão impotente a irritava. Havia criado Theo desde bebê – desde que a mãe morrera no parto, doze anos atrás – e estava desesperada para livrá-lo do perigo que havia ludibriado quatro de seus irmãos e também ela mesma.

O contrabando era um modo de vida na costa da Cornualha. Brynn, que cresceu ali, tinha aceitado o trabalho ilegal para o qual as pessoas do lugar recorriam simplesmente para sobreviver, traficando mercadorias como conhaque e seda por baixo das barbas dos fiscais do governo, para evitar o pagamento dos impostos esmagadores.

Mas o comércio livre era muito perigoso. O pai havia perecido em uma tempestade há muitos anos, enquanto tentava escapar de um barco de fiscalização. E o mesmo aconteceu com inúmeros outros homens do local, que deixaram para trás viúvas e crianças sem meios de se sustentar.

E agora Grayson queria envolver Theo na pilhagem de um contrabando de conhaque que estava prestes a acontecer, onde ele poderia aprender a *fazer a sua parte* e ajudar a aliviar os débitos opressivos que o pai havia acumulado. Foi o suficiente para que Brynn explodisse.

Ela boiou um pouco mais e então nadou tentando combater a frustração – sem sucesso. Estava fisicamente esgotada quando se virou em direção à praia, mas a culpa, a raiva e a impotência quando se ergueu na borda da piscina rochosa estavam tão fortes como

antes, não haviam diminuído.

Por alguns momentos, ficou esperando a água escorrer e torcendo os cabelos longos. A brisa do mar a secaria rapidamente, porque aquele pedaço da costa da Cornualha gabava-se de possuir um dos climas mais quentes da Inglaterra.

No entanto, quando começou a procurar a toalha que havia deixado no chão, percebeu que não estava mais ali. Começou a procurar e então viu o intruso em seu santuário particular. Brynn congelou, o coração pulando dentro do peito.

Ele estava encostado casualmente em uma pedra, observando-a por entre as sombras da tarde. Vestia-se de maneira informal também, com culotes, botas e uma camisa branca de cambraia sem gravata. Mas não havia nada de casual no olhar, um olhar que a media e a violava lentamente.

Assustada, ela deu um passo para trás. Como esse homem teria encontrado o caminho até o pedaço rochoso de praia abaixo do penhasco? Teria descoberto a enseada abaixo da casa pelo túnel secreto? Não parecia um agente do governo, mas homens do governo às vezes andavam por aquelas costas procurando contrabando.

- Quem é você? – ela perguntou já quase sem fôlego. – Como chegou aqui?
- Desci escalando – respondeu, apontando com a cabeça para as rochas acima dele.
- Você não respondeu minha primeira pergunta.

Brynn notou que ele era alto e charmoso, com cabelos escuros e ondulados, mais compridos que o de costume. Quando saiu das sombras, o olhar dela se fixou na face dele. Os traços esguios e aristocráticos impressionavam pela beleza e o salvavam da arrogância graças à boca sensual. Os olhos fartos de cílios, de um tom vistoso, o azul profundo do oceano em um dia brilhante de verão, a atravessavam.

- Sou Wycliff – disse simplesmente, como se ela devesse ficar impressionada.

Ela estava, na verdade. Reconhecia o nome do rico e poderoso conde de Wycliff. Pela reputação, era um conhecido devasso, um dos líderes da infame Liga do Fogo do Inferno, um clube exclusivo de nobres perversos dedicados ao prazer e à libertinagem. Brynn de repente ficou intensamente ciente de um tipo diferente de perigo. O simples fato de estar sozinha ali com ele podia arruinar sua reputação.

- Isso não explica o que está fazendo aqui – respondeu com acidez.
- Estou visitando um amigo.
- Percebe que está invadindo uma propriedade?

A boca dele se curvou em um meio sorriso charmoso.

– Não pude resistir ao prazer de assistir a uma ninfa do mar brincar em seu reino. Nem ao menos tinha certeza de que você fosse real.

Ofereceu a toalha para ela, mas Brynn deu outro passo para trás. Todo o instinto que possuía a dizia para fugir. Queria recuar mais, porém, com a piscina logo atrás, não havia para onde ir senão para a água.

– Não precisa ter medo de mim – reforçou em tom macio –, não tenho o hábito de atacar mulheres bonitas, não importa quão precariamente sejam suas vestes.

– Não é o que ouço dizer – Brynn começou, e então olhou para si mesma e quase engasgou. A combinação que usava estava transparente, revelando os seios com mamilos rosados intumescidos e a cobertura de cabelo avermelhado no V entre suas coxas. Perturbada, foi em direção a ele e arrancou a toalha das suas mãos; depois a enrolou em volta do corpo, protegendo seus dotes do olhar interessado do homem.

- Não vou atacar você. Sou um cavalheiro, afinal de contas.
- É mesmo? – perguntou desconfiada. – Um cavalheiro iria embora e deixaria que

eu me vestisse com privacidade.

Um sorriso preguiçoso preencheu aqueles olhos azuis, mas ele não se mexeu para atender aos desejos dela. Contrariada pela arrogância, Brynn correu descalça pelo cascalho, passando por ele em direção à pedra onde havia deixado o vestido e as sandálias. Mal tinha dado quatro passos, entretanto, quando uma dor lancinante na sola do pé esquerdo fez sua respiração encurtar. Parou abruptamente e ficou apoiada em uma perna, amaldiçoando a falta de jeito. Tinha cortado a sola do pé em uma concha ou talvez em uma pedra.

– Você está sangrando – uma voz preocupada disse atrás dela.

– Estou bem.

Quando tentou mancar até suas roupas, entretanto, viu-se carregada por um par de braços fortes.

Brynn gaguejou em choque.

– Como se atreve? Ponha-me no chão! – exigia, tentando se soltar, mas a luta foi em vão. Wycliff não era apenas alto e esguio, mas surpreendentemente cheio de músculos também – e tudo aquilo era muita dominação para seu gosto, tanto as maneiras quanto o tom de voz.

– Fique quieta – ordenou –, só quero dar uma olhada no machucado.

Ele a carregava como se não pesasse mais do que um punhado de flores; sentou-a em uma rocha colocando-os frente a frente, os joelhos dela nivelados com seu peito largo.

Brynn olhou-o com uma reprimenda, mas ele apenas abriu um sorriso debochado. Quando o olhar dele se dirigiu para seu peito, ela percebeu que a toalha tinha se soltado e então agarrou-a como uma selvagem e cobriu os seios indecentemente expostos. Não havia nada que pudesse fazer, porém, para esconder as pernas, que estavam descobertas até os joelhos.

Enfim, ele voltou a atenção para o pé machucado. Acomodou-o gentilmente nas mãos firmes, virando-o levemente para inspecionar o corte que sangrava na parte de baixo. Seu toque era cuidadoso enquanto limpava a areia e inspecionava a ferida com o dedo.

– Não parece ser muito funda – murmurou.

– Eu lhe disse, meu senhor, estou perfeitamente bem. E não gosto do jeito como o senhor me aborda.

Em vez de responder, lorde Wycliff começou a puxar a bainha da camisa da cintura do culote.

Os olhos de Brynn se arregalaram alarmados.

– O *que* está fazendo?

– Rasgando uma tira da minha camisa para enfaixar sua ferida. Não tenho nenhuma bandagem comigo no presente momento, nem mesmo um lenço.

Ela notou que era uma camisa cara, feita da mais fina cambraia, cujo preço daria para alimentar uma família de pessoas comuns por semanas. Mas o conde de Wycliff era sabidamente rico o suficiente para destruir uma dúzia daquelas vestimentas sem pensar duas vezes.

– Vai arruinar sua camisa – Brynn protestou vagamente.

O meio sorriso charmoso brilhou outra vez.

– Mas é por uma boa causa.

Então ele rasgou a camisa na parte de baixo, arrancou um pedaço da bainha e começou a enrolar no pé dela.

Mordendo o lábio, Brynn olhou para baixo, para a cabeça escura que se inclinava sobre ela. A proximidade a afetava estranhamente, fazendo os sentidos flutuarem e o

coração bater apressado de um modo que beirava o ridículo. Os cabelos grossos e encaracolados eram de um castanho profundo, da cor viva de chocolate escuro, e ela podia sentir o cheiro do perfume masculino que sobrepujava o da brisa do mar.

Ele parecia intimamente ciente dela também, pois o toque era lento e provocante enquanto fazia o curativo. Depois de amarrar a parte de cima com um nó benfeito, ele ficou imóvel. Quando olhou para cima de repente, os olhos cor de safira estavam escuros.

Brynn congelou. *Santo Deus*. Já tinha visto aquele olhar antes em homens. Ânsia, necessidade, desejo masculino primitivo. Ela estava sentada ali, molhada e suja como um gato afogado, e ainda assim esse belo estranho a olhava como se fosse a mulher mais encantadora que já havia encontrado.

Era a maldição cigana de novo, Brynn pensou com um coração pesado. O poderoso feitiço cigano que fazia os homens ficarem loucos pelas mulheres de sua família havia quase duzentos anos. E ela estava sozinha com aquele homem libertino, vestindo um trapo de roupas.

Ela tremeu, apesar do calor do sol que batia nos cabelos molhados.

– Está com frio? – ele perguntou, a voz subitamente rouca.

– Não, já disse que estou bem. Estaria melhor se fosse embora e me deixasse em paz.

– Não seria cavalheiresco de minha parte ir embora e deixá-la nessas condições. Você está machucada.

– Eu vou me arranjar bem.

– Você não vai conseguir andar até sua casa, sereia. Onde mora? Eu carrego você.

Brynn hesitou. Não poderia deixá-lo fazer isso. Não poderia ser vista sozinha com um nobre da índole dele, principalmente no estado de seminudez em que se encontrava. Mesmo que colocasse o vestido – que era um dos mais velhos –, aparecer em público nos braços dele certamente seria um escândalo. E apenas divulgar sua identidade a ele geraria problemas.

Se ele ao menos fosse embora, ela poderia voltar para casa pela caverna, que era ligada à casa de sua família por uma passagem no topo do penhasco.

Fingindo arrependimento, baixou os olhos para esconder a mentira que eles denunciariam. Seria melhor se o fizesse acreditar que era uma escrava. De fato, suspeitava que ele já pensasse isso dela, pois nenhuma dama de verdade nadaria vestindo um simples tubinho.

– Meu senhor não vai gostar se um homem estranho me acompanhar até em casa.

– Você tem um protetor?

Ela percebeu que, pela pergunta, ele estava perguntando se era amante de algum homem.

– Sim, meu senhor. – Mas não disse que o “protetor” era o irmão mais velho, sir Grayson Caldwell.

– Eu devia ter imaginado – sua voz era baixa e sensual – que uma mulher tão adorável como você já deveria ter dono.

– Deixe-me ir, por favor.

Brynn teria descido da pedra onde estava empoleirada, mas ele estava parado diante dela, muito perto para deixá-la confortável.

– Você não me disse seu nome.

– É... – Ia começar a dizer *Elizabeth*, que, na verdade, era seu segundo nome, mas poucas escravas tinham um nome tão elegante. – Meu nome é Beth.

Os olhos castanhos pesavam sobre ela enquanto a estudavam.

– De alguma maneira, isso não combina. Não faz justiça a uma ninfa do mar. Em vez disso, eu devia chamá-la de Afrodite. Foi o que pensei quando a vi saindo das ondas.

– Eu preferiria que não me chamasse de nada e dissesse adeus.

O olhar semicerrado dele estava impressionado enquanto a media.

– Deus, que tinhosa você é! Seu protetor deve ter muito trabalho para lidar com você.

– Isso não seria de seu interesse, milorde.

– Não, infelizmente não é – disse ele em um murmúrio rouco e vibrante. Sedutor. Que tocava os nervos dela como veludo.

– O senhor *vai me soltar*? – respondeu quase sem respiração.

– Sim. Com uma condição.

– Condição? – Brynn o olhou com cautela, tentando reunir suas defesas. Depois das frustrações do dia, não estava disposta a barganhar nem servir de brinquedo para um devasso.

– Você tem de me pagar uma espécie de prenda. – A mão dele foi até o rosto dela e, com um dedo, acariciou sua boca levemente. – Um simples beijo. Nada mais.

Ele não se satisfaria com um beijo, Brynn temia. Mesmo um libertino experiente como o conde de Wycliff não seria capaz de resistir à maldição cigana. E para sua tristeza perpétua, ela possuía poderes femininos únicos. Uma atração irresistível herdada de sua lendária ancestral.

Mesmo assim, sabia que não se livraria dele a menos que concordasse.

– Se eu beijá-lo, promete ir embora?

– Se você insiste.

– Tenho sua palavra de honra?

– Claro que sim.

Os olhos dele a tocaram intimamente, e ela não conseguiu desviar o olhar. Só esperava poder acreditar nele.

– Muito bem – disse relutante –, um beijo.

Com a garganta seca, Brynn preparou-se quando ele colocou as mãos em sua cintura para descê-la da pedra. Mas, em vez de simplesmente colocá-la no chão, apertou-a contra seu corpo. A respiração dela ficou presa na garganta quando ele deliberadamente a fez deslizar por todo a extensão de seu corpo.

O sorriso sedutor não mostrava arrependimento.

– Se só tenho direito a um único beijo, devo garantir que seja bom – e, mantendo-a apertada contra ele, inclinou a cabeça.

Os lábios dele eram quentes e surpreendentemente macios – e mais tentadores do que ela poderia imaginar. Brynn tentou manter-se firme, mas viu que era impossível diante das carícias daquela boca sedutora.

Os dentes dele começaram a morder seu lábio inferior, puxando-os suavemente, enquanto a mão acariciava a curva de suas costas. Brynn sentiu os primeiros estímulos de uma reação sexual para a qual estava despreparada.

Sem pensar, ela abriu os lábios, e ele se aproveitou de imediato. Delicada e inexoravelmente, a língua deslizou para dentro da boca dela, em uma invasão lenta e profunda. O gosto dele era incrivelmente excitante. Ela tremia com o movimento suave da língua de seda áspera dentro de sua boca, sentindo uma dor doce e estranha entre as coxas.

O beijo tornou-se mais intenso então, provocando uma fome que ela não acreditava

ser possível. Cada nervo em seu corpo se distendia e contraía à medida que a língua dele brincava na sua, encontrava-a, enlaçava e torcia, em uma longa e sensual trajetória de ir e vir. Um suspiro indefeso escapou em um murmúrio do fundo da garganta. Ela podia sentir o lento movimento dos quadris dele contra os dela, o vergonhoso formigamento dos seios, o calor descarado que emanava de suas coxas.

E então ele a puxou para mais perto, para o calor rígido do seu corpo, acomodando-a melhor contra sua ereção, ela mal podia respirar. E as mãos dele...

O coração dela batia descontroladamente enquanto longos dedos tocavam seus seios. Em alguma parte distante da mente, Brynn sabia que não devia permitir a ele tais liberdades, mas não conseguia encontrar forças para protestar. Os dedos experientes a acariciavam, seguravam e provocavam seu mamilo intumescido com a habilidade de especialista.

Estava tremendo quando ele finalmente levantou a cabeça, sem contudo soltá-la. Os olhos fixos nos dela, penetrantes de uma maneira perturbadoramente íntima.

– Quero provar você – ele murmurou, sua voz era de uma aspereza rouca.

Ela sabia que deveria se virar e correr, mas não podia se mover. Tinha sido feito cativa pela intensidade daqueles olhos.

Ele tirou uma mecha de cabelo molhado da têmpora dela, e então suas mãos se moveram até a gola da camisa. A toalha caiu no chão esquecida, e ele libertou os seios dela para o sol morno e seu olhar quente.

Com os olhos incendiados pelas luzes de cobalto, ele baixou a cabeça. Ela sentiu o roçar macio da respiração dele antes que seus lábios capturassem um dos bicos rígidos. Um murmúrio soou em sua garganta quando ele a lambeu, chupando o mamilo enrijecido. Então a boca dele se fechou, molhada e faminta, no monte endurecido, pegando a carne macia e inchada entre os dentes, puxando-a com um forte movimento de sucção.

A sensação que corria pelo corpo dela era tão atormentadora e violenta que seus joelhos fraquejaram. As mãos dela foram até os cabelos dele, agarrando-se aos fios grossos e sedosos. Ele a apertou novamente contra a rocha, mas ela não ofereceu resistência, ignorando a voz da razão que gritava um aviso dentro de sua mente. Ele a estava seduzindo, e ela não se importava com isso.

Os joelhos deslizaram com intimidade entre suas coxas, fazendo o desejo apunhalar seu corpo trêmulo. A rocha dura era um incômodo, causando dor pelo tecido fino que ela vestia; mesmo assim, viu-se puxando a cabeça dele para seus seios, tentando trazer a boca tentadora e implacável para mais perto.

Ele continuou a saboreá-la, atormentando-a, enquanto os sentidos de Brynn a levavam à loucura. Céus, o que estava acontecendo com ela? Nenhum homem jamais havia conseguido afetá-la daquela maneira. Ela nunca havia sentido emoções tão intensas ou um desejo tão incontrollável como aquele. Era sempre *ela* quem levava os homens à loucura, não o contrário. *Os homens* eram as vítimas de seu poderoso encanto cigano.

Meu Deus, a maldição!

De longe, um toque de bom senso um pouco turvo pareceu penetrar sua consciência. Aquilo era loucura. Ele era intenso por demais. O abraço ardente a estava descontrolando e mergulhando-a em algo obscuro e perigoso. Brynn não tinha dúvidas de que sua virgindade estava em risco. Se ela o deixasse continuar a agir daquela maneira, não lhe sobraria mais nenhuma inocência para contar história.

– Não, por favor, você *prometeu* – murmurou.

Com uma leve intenção de resistir, ela tentou se afastar, mas, para seu desalento, ele

não a soltou.

Ela começou a se desesperar. Quando já havia chegado ao limite do pânico, Brynn colocou o joelho entre as coxas dele, entrando em contato com o rígido membro dele por baixo da calça.

O som agudo que veio em resposta foi uma mistura de suspiro e gemido, mas o golpe conseguiu surtir o efeito desejado de fazê-lo soltá-la com um xingamento sufocado. Ela o olhou de relance – espanto, dor e raiva o dominavam. Ele ficou parado por um momento, as mãos apertando os joelhos enquanto tentava recuperar um pouco de fôlego.

Brynn o encarou, os seios nus ainda excitados.

Nenhuma dama deveria alegar conhecer as intimidades do corpo de um homem, mas, depois de crescer com cinco irmãos, ela sabia algo sobre brigas. O próprio Grayson a havia ensinado como se defender fisicamente de pretendentes afoitos demais, instruindo-a sobre as partes mais vulneráveis da anatomia masculina.

Pela primeira vez em meses, Brynn estava agradecida pela existência do irmão mais velho em vez de amaldiçoá-lo.

Percebeu que ainda tinha de lidar com um homem machucado e cheio de raiva, quando o belo lorde Wycliff levantou a cabeça. Apesar do olhar penetrante e perturbado, ele a mirava fixamente de forma maligna, observando os seios nus.

Desesperadamente, ajeitou a camisa desgrenhada e se afastou, saindo do espaço entre ele e a rocha. Estava arrependida de tê-lo machucado, mas não havia nenhuma outra maneira de quebrar o encanto.

– Desculpe – murmurou desafiadoramente –, mas você não deveria ter me beijado nem tocado daquela maneira.

Ele ainda estava sem fôlego quando respondeu, surpreendendo-a.

– Eu sei. Foi imperdoável da minha parte.

Brynn devolveu-lhe o olhar enquanto tentava ocupar-se com a pilha de roupas.

A boca sensual contorcia-se em uma expressão entre uma careta dolorida e um sorriso de autocensura.

– Sou eu quem deveria pedir desculpas. Minha única explicação é que fui levado pelo seu encanto.

O pedido de desculpas a impressionou, ainda que não tivesse certeza de que devesse confiar nele.

Levantando o vestido e os chinelos, segurou-os perto do peito para escondê-los de vista.

– Imagino que não tenha conseguido se conter – ela disse com relutância.

Apertando os trajes contra o corpo, Brynn se virou e começou a escalar o caminho rochoso que cortava o penhasco, esquecendo totalmente o pé machucado.

Parou por um momento para olhar para trás. Lord Wycliff estava parado na praia de cascalhos lá embaixo, observando-a. As mãos dele descansavam nos quadris estreitos, as pernas poderosas levemente abertas como se estivesse no topo de uma montanha, inspecionando sua propriedade.

Para seu imenso alívio, ele não tinha intenção de segui-la. Mas, mesmo assim, Brynn teve a certeza de que não seria a última vez que veria o arrogante conde.

Ela se virou e fugiu, desaparecendo por trás dos arbustos que cresciam precariamente até o fim da trilha.

Quando ela saiu de seu campo de visão, Lucian respirou fundo, com uma quieta agitação. O encontro o havia deixado surpreendentemente abalado.

Ser vencido por uma serva era algo inédito. Na verdade, era novidade uma mulher resistir às suas investidas, e ainda mais singular que ele tivesse perdido o controle como perdeu.

Lucian balançou a cabeça, rindo de si mesmo. Não estava nem um pouco acostumado a ser rejeitado. As mulheres normalmente buscavam sua atenção e seus favores, independentemente de sua condição ou beleza. Ele nunca havia sido *agredido* por uma.

O episódio inteiro foi totalmente imprevisto. Ele estava em missão para descobrir inteligência vital de guerra, buscando lugares onde ouro roubado poderia ter sido escondido em enseadas pela costa do mar. A última coisa que esperava encontrar era uma ninfa seminua com os cabelos flamejantes cor de cobre e olhos de esmeralda.

Encantado à primeira vista, havia observado enfeitiçado enquanto ela saía da água, hipnotizado pela beleza indomada com a qual havia se deparado.

Enquanto ela levantava, banhada completamente pela luz do sol, uma brisa do mar suave soprava pelo seu corpo. Ela lembrava uma deusa primitiva, e ele mal conseguira manter sua respiração normal.

Mas, para sua surpresa, ele percebeu que ela não era uma criatura imaginária. Era profundamente real, uma mulher sedutora de carne e osso. Tudo relacionado a ela era extremamente sensual, do fulgor profundo dos cabelos até a pele macia e sedosa, ou as coxas esbeltas, nuas e úmidas por causa do mar. E aqueles olhos...

Ele poderia se perder naqueles olhos verdes e intensos.

Quem diabos era ela? Falava bem demais para ser menos que uma criada de alta classe. A criada de uma dama, talvez, ou uma governanta. Se bem que governantas não se pareciam nada com ela, nem tinham uma rebeldia tão corajosa e uma língua tão afiada. A ousadia dela o havia impressionado.

Obviamente, tinha a confiança de uma mulher segura em sua posição. Sua beleza, sem dúvida, havia merecido a proteção de algum homem rico.

Lucian sabia que ela seria uma amante incrível – ardente e ativa, ao mesmo tempo que responderia sexualmente aos seus intensos apetites, combinando-os com os próprios.

Conseguia se imaginar perfeitamente escorregando para dentro das profundezas do corpo macio dela, podia senti-la envolvendo-o com aquelas pernas fortes e graciosas, a nuvem de cabelos enrolando-se nele enquanto a levava aos espasmos da paixão.

Aquilo havia sido o suficiente para fazer seu sangue ferver. E imaginar como ela responderia...

Ela o queria, sabia disso. Havia reconhecido todos os sinais de uma mulher excitada, o corpo tornando-se docemente maleável enquanto a acariciava, os soluços de prazer enquanto experimentava os seios perfeitos e suculentos.

O calor tomou conta dele com a mera lembrança.

Lucian se flagrou murmurando uma promessa diante da angústia em seu quadril. Ele nunca ficara tão atormentado por tamanho desejo desde a adolescência.

Como deveria proceder dali em diante? Seria possível seduzi-la para se afastar do protetor com a promessa de riquezas ou alguma outra consideração de valor? Não havia dúvida de que estava intrigado ou que o encanto exuberante dela o havia tocado profundamente.

Pena que não fosse de classe mais elevada. Por meses tinha procurado uma noiva para dar-lhe um filho. Se sua ascendência fosse um pouco melhor, não hesitaria em pedir sua mão.

Mas, apesar da falta de berço, Lucian ficaria feliz com uma pequena aventura. Não, mais que uma mera aventura, corrigiu. Sentia uma necessidade inquieta de possuí-la. Queria aquela beleza fascinante em sua cama.

Os olhos se estreitaram ao contemplar o caminho no penhascos por onde ela havia escapado. Ele a desejava. E Lucian Tremayne, sétimo conde de Wycliff, geralmente conseguia o que desejava.



Com muita relutância, Brynn desceu da carruagem da família e deu o braço ao irmão. Uma labareda de fogos de boas-vindas iluminou a residência do duque de Hennessy, o nobre mais renomado do distrito, mas Brynn não tinha o menor desejo de comparecer àquela reunião, não importava quão rara fosse a ocasião ou quão valiosa fosse a honra.

– Você deveria tentar sorrir um pouco – provocou Grayson. – Parece que está sendo levada para a guilhotina.

– Preferia ter ficado tranquila em casa.

– Eu sei. Mas faz três anos que o duque fez o convite para irmos à sua casa. Não seria bom esnobá-lo – nem seu ilustre convidado.

O coração de Brynn se apertou ao pensar no ilustre convidado. *O conde de Wycliff*. O velho duque estava promovendo uma reunião em homenagem ao seu hóspede de Londres.

– Além do mais, sair de casa lhe fará bem. Você está quase virando uma eremita.

– Você sabe perfeitamente bem por que tento me afastar dos olhares públicos.

– Sim, mas você não precisa evitar a sociedade inteira, apenas homens que lhe dão atenção exagerada. E, com ou sem maldição, duvido que um homem como Wycliff corra o risco de desmaiar por sua causa. Ele é um dos lordes mais desejados da Inglaterra, e sem dúvida só será atraído por alguma mulher bonita com fortuna e título que combinem com os dele.

“Mesmo assim, o conde *havia* se sentido atraído por mim”, Brynn pensou melancolicamente.

Para não alarmar o irmão e revelar que havia visto um estranho bisbilhotando os penhascos, ela não havia contado a Gray sobre o encontro com o voluptuoso lorde Wycliff quatro dias atrás – nem tinha intenção de fazê-lo. Gray ficaria tão atormentado se soubesse que ela havia escapado do perigo por tão pouco que talvez a proibisse de nadar na enseada, uma de suas poucas liberdades. Ele protegia as virtudes de Brynn como uma leoa protege seus filhotes.

Após serem levados até o imenso saguão da mansão ducal, Gray lançou-lhe um olhar crítico.

– Não acho que você tenha de se preocupar com a questão de atrair a atenção masculina, Brynn. Você disfarçou seus charmes femininos muito bem.

O vestido cor-de-marfim, que estava quatro estações fora de moda, era de musselina lisa e ostentava um decote modestamente alto, enquanto o cabelo brilhante estava preso para trás em um coque rígido e quase escondido debaixo de um chapéu de plumas.

– Entretanto, se ele notá-la, não seria de todo mau que fosse amigável. Wycliff tem bastante poder nos círculos de elite, e mais um conhecido só poderia ser benéfico.

– Benéfico para quem? – Brynn perguntou secamente.

– Para mim, obviamente. Para a nossa família.

Ela percebeu o toque de amargura na voz do irmão e olhou para ele.

Quatro anos mais velho, Grayson era um homem muito bonito, com traços parecidos com os dela, ainda que o cabelo fosse muito mais escuro, de um rico marrom acastanhado. Apesar da aparência e dos títulos, sua condição era altamente desvantajosa em razão de suas péssimas finanças – circunstância da qual ele não tinha muita culpa.

Sua família nunca fora muito rica, mas, após a morte do pai três anos antes, ficaram surpresos ao descobrir o volume das dívidas. Samuel Caldwell havia feito não só investimentos ruins como também havia feito empréstimos com um agiota a juros exorbitantes para comprar comissões navais para dois de seus filhos mais velhos. Somente o pagamento dos juros do empréstimo haviam esgotado a pequena renda do espólio de Caldwell.

Na posição de herdeiro, Grayson corria o risco de ser preso pelas dívidas. Ainda que contasse com imenso crédito, ele havia arcado com o dever de sustentar seus cinco irmãos mais novos sem reclamar e lutado para que a casa deles não fosse à ruína. Era uma responsabilidade pesada, e Brynn se sentia na obrigação de ajudar a aliviá-la, mesmo que isso incluísse ajudar nas atividades de contrabando ilegais dele. Ainda que o comércio livre não fosse uma atividade propícia para damas, ela havia, algumas vezes, feito o papel de sentinela e, ocasionalmente, até manejado uma parte do contrabando, mas sua contribuição principal era a venda dos bens contrabandeados. Ela havia se tornado boa em negociar os melhores preços com mercadores em St. Mawes e Falmouth.

Grayson arrependia-se de tê-la envolvido nisso, mas precisava de ajuda, principalmente depois que o irmão mais novo, Reese, se juntou à marinha mercante na primavera anterior. E ela devia fidelidade a Gray. Era seu irmão mais velho e sempre cuidou dela, protegendo-a dos pretendentes maliciosos. Ela o amava muito, apesar do aborrecimento atual e das recentes discussões a respeito do bem-estar do jovem Theo.

Brynn sabia bem que a ideia de ter de bajular qualquer um aborrecia Grayson. O orgulho dele era maior que o dela, e ela entendia bem o porquê da amargura por haver se afundado nessa dívida esmagadora.

– Muito bem – disse, forçando um sorriso –, serei um exemplo de simpatia, bajulando lorde Wycliff como se ele fosse um príncipe.

A resposta arrancou um sorriso irônico e relutante dele.

– Você não precisa bajular ninguém. Só guarde essa sua língua afiada entre os dentes e não o ofenda de propósito.

Brynn realmente esperava que a oportunidade de ofender o duque nunca chegasse. Com um pouco de sorte, conseguiria evitar o lorde Wycliff naquela noite. E, se a sorte realmente estivesse a seu lado, ele não a reconheceria como a sereia seminua que havia beijado tão intensamente alguns dias atrás.

Ela entregou o xale ao criado e permitiu que Gray a escoltasse até o salão, onde já se encontravam muitos dos nobres da região. Brynn preferiria ter pulado a fila de recepção e ido se esconder no lavatório feminino, mas o irmão insistiu que ela honrasse o protocolo.

O velho duque estava lá com vários membros da família e outros nobres que o tratavam como um lorde. Ele era bem mais alto que os outros e tinha um encanto esbelto e másculo que faltava em suas companhias. Brynn notou como os ombros preenchiam a jaqueta azul impecavelmente, arriscando olhar para a fila, antes que sua atenção fosse desviada para o anfitrião.

O duque, piscando os olhos remelados, deu-lhe as boas-vindas calorosamente e depois a apresentou aos convidados como “a mais amável senhorita de toda a Cornualha”.

Brynn manteve os olhos baixos diante do elogio, oferecendo timidamente a mão ao lorde e murmurando alguma saudação educada. Mas qualquer esperança de que Wycliff não a reconhecesse terminou naquele instante, pois ele ficou paralisado ao fazer-lhe a reverência com a mão.

O toque dos dedos foi como fogo, ainda que através das luvas, mas, quando Brynn

tentou tirar a mão, ele segurou mais firme, quase imperceptivelmente, mantendo-a presa e obrigando-a a levantar o olhar.

Aqueles olhos cor de safira encontraram os dela.

– Senhorita Caldwell? Encantado.

– Obr... obrigada, milorde.

Um esboço de sorriso se formou na perfeita boca do conde.

– Já não fomos apresentados antes? – ele disse, e seu olhar se concentrou audaciosamente nos seios dela. – Você me parece levemente familiar.

– Acredito que esteja enganado – Brynn respondeu friamente, sentindo-se corar.

– Não tenho tanta certeza. Raramente esqueço um rosto tão doce.

Ela tentou olhá-lo fixamente, lançar seu olhar mais frio, mas ele não percebeu.

– Deve me prometer a honra de uma dança, senhorita Caldwell, para que possamos nos conhecer um pouco melhor.

Brynn olhou desamparada para o irmão, que retribuiu com um olhar que se dividia entre aviso e súplica.

– Como desejar – ela disse, mas recolheu a mão e continuou andando, mais rápido do que seria considerado educado.

Refugiou-se em um dos cantos do salão entre as moças desacompanhadas e as viúvas, enquanto Gray foi procurar os amigos. Brynn estava feliz com a oportunidade de se recompor – e pelas saudações estranhamente amigáveis que recebeu, contente por saber que não seria evitada a noite toda por ser quem era.

A lenda de Flaming Nell era um fato aceito naquela região. Quase dois séculos atrás, lady Eleanor Stanhope havia sido amaldiçoada por roubar o amante de uma cigana e sentenciada a seduzir homens inocentes até matá-los. Acreditava-se que Brynn, uma de suas descendentes, carregasse o mesmo fardo.

Apesar da maldição cigana e da tragédia em seu passado, ela não era totalmente rejeitada pelos vizinhos. As mulheres apreciavam sua companhia e até gostavam dela, na maioria das vezes, mas era considerada perigosa para os filhos. As mulheres mantinham os rapazes longe dela, principalmente aqueles em idade de casar.

Depois do bate-papo obrigatório, Brynn deixou a conversa das senhoras prosseguir enquanto tentava encontrar uma solução sobre como lidar com lorde Wycliff.

Os olhos azuis cristalinos eram constrangedores, e o sorriso sedutor era tão devastador quanto tinha sido em seu primeiro encontro, ainda que isso não justificasse o comportamento dela. Brynn ainda se envergonhava da maneira como seu corpo a havia traído naquele dia na enseada e ainda podia sentir o calor e, ao mesmo tempo, os arrepios que haviam passado por seu corpo com as carícias eróticas dele.

Que diabos estava havendo com ela? Nenhum homem jamais a havia afetado daquela maneira. Uma vez, teve uma paixão infantil – para seu profundo arrependimento e mágoa –, mas nunca havia chegado perto de perder o controle ou se render às carícias de um homem. Com lorde Wycliff, havia sido uma perfeita libertina...

Mas, para todos os efeitos, Wycliff era um libertino experiente que fazia da sedução um esporte. Ela nunca havia tido dinheiro para passar a temporada de eventos em Londres, mas a neta do duque, lady Meredith, era sua amiga mais próxima. Meredith era agora viscondessa e passava a maior parte do tempo em Londres. Suas frequentes cartas eram cheias de fofocas animadas sobre moda e descreviam em sórdidos detalhes as façanhas de libertinos perversos e aventureiros perigosos que formavam a infame Liga do Fogo do Inferno. Lucian Tremayne, conde de Wycliff, era um dos seus principais fundadores.

Conhecido por suas conquistas escandalosas na cama, ele vinha chamando a atenção na sociedade por anos. Brynn acreditava totalmente nas histórias que ouvia sobre ele. Dizia-se que tinha o poder de transformar mulheres fortes em fracas – e ela era prova viva disso.

Sua fascinação por Wycliff era incompreensível. Ela não tinha respeito por nobres daquele tipo – ricos, inúteis, superficiais, sem mencionar o fato de serem arrogantes e convencidos.

Entretanto, as pessoas que lhe faziam companhia não pareciam partilhar dessa aversão.

– Ah, se eu fosse vinte anos mais nova! – murmurou a senhora Prescott, uma viúva, ao lado dela.

– Vinte anos não ajudariam em nada, Honoria – lembrou a amiga, a senhora Stobly, com um sorriso malicioso. – Cavalheiros assim podem escolher quem quiserem entre as damas belas e ricas, e você não se encaixa em nenhuma das categorias, sinto muito.

– Alice, acredito que você não sinta nem um pouco.

Seguindo os olhares, Brynn franziu o cenho ao perceber que o conde convidava a duquesa de Hennesy para um minueto. Wycliff estava incrível na pista de dança, ágil e elegante, ainda que tivesse o porte ágil e atlético de um esportista. Ele havia conquistado os olhares de todas as mulheres no salão, incluindo o dela.

Com um murmúrio de descontentamento, Brynn desviou o olhar. Ela tinha preocupações maiores do que observar um libertino infame conquistar corações femininos.

Lamentavelmente, ela também havia atraído o olhar de um jovem elegante no meio da multidão – o filho de um fidalgo da região, que havia se tornado vítima de seu encantamento alguns meses antes.

Alerta ao ver o senhor Ridding vindo em sua direção, Brynn levantou-se depressa. Antes que conseguisse escapar, ele se apressou para alcançá-la, saudando-a com um sorriso já sem fôlego.

– Senhorita Caldwell, eu tinha esperanças... não, eu *torcia* para que viesse. Peço que me dê a honra da próxima dança.

Diante da simples tentativa dele de segurar sua mão, Brynn esquivou-se depressa, determinada a acabar com a perseguição.

– Senhor Ridding, o senhor sabe que isso não é prudente.

– Eu sonhei com a senhorita na noite passada, sabia? Não me repudiava tanto no meu sonho.

Naquele instante, a mãe aproximou-se rapidamente para resgatá-lo.

– Orlan, afaste-se dessa senhorita imediatamente!

– Mamãe, só estava pedindo uma dança!

– Não permitirei isso. Você sabe muito bem dos perigos.

A senhora Ridding começou a puxar incessantemente a manga do filho em uma tentativa de afastá-lo, para alívio de Brynn. Mesmo assim, sentiu as bochechas enrubescerem em uma mistura de humilhação e dor ao perceber como as viúvas a observavam com olhos acusadores. As mulheres a culpavam pelas mortes precoces e trágicas de seus senhores muitos anos atrás. Não podia recriminá-las pelas acusações, já que ela mesma não conseguia se perdoar.

Escolheu, então, se retirar em vez de prolongar o momento angustiante; Brynn forçou um sorriso e caminhou pela multidão até a porta do salão, procurando a biblioteca. Talvez pudesse fazer bom uso de seu tempo até que o irmão decidisse ir embora.

Ficou contente ao encontrar uma cópia de *Latin Primer*, de Beckford, enquanto explorava as prateleiras. Na semana seguinte, testaria Theo na conjugação de verbos e ainda tinha muitas coisas para preparar; se quisesse manter o respeito do caçula como tutora, precisava estar pelo menos duas lições na frente do irmão mais novo.

Sua educação sempre foi típica de uma jovem senhorita – francês, italiano, o uso dos globos, somas básicas. Latim, grego, história e cálculos mais avançados eram considerados conteúdos para mentes masculinas, e ela havia tido de lutar para estudar esses temas depois que a família teve de dispensar a governanta em razão do lamentável estado de suas finanças.

Brynn havia se instalado confortavelmente no sofá e estava profundamente concentrada quando a voz familiar de um homem surgiu atrás dela.

– Então foi aqui que você se escondeu.

Surpresa, Brynn se recompôs e olhou preocupada por trás do ombro.

– Você tem o péssimo hábito de me assustar, milorde.

Wycliff entrou no aposento casualmente, como se fosse o dono do local.

Aproximando-se do sofá, ficou parado diante dela por um momento, medindo-a.

– Senhorita Brynn Caldwell, a distinta ainda que empobrecida filha de um baronete. Imagine a minha felicidade ao notar que a senhorita não era, afinal, uma aparição, e a minha surpresa em descobrir sua verdadeira identidade.

Ela sentiu-se enrubescer, mas permaneceu calada.

O olhar masculino e objetivo dele a espreitava, deixando-a consciente de sua feminilidade. A mera presença dele fazia seu coração acelerar, enquanto aquele olhar quente e demorado a fazia queimar por dentro.

– Por que a mentira? – perguntou ele.

– Que mentira?

– Você disse que seu nome era Beth.

– E é. Meu nome é Brynn Elizabeth.

– Por que o escondeu de mim?

– Por quê? – respondeu cautelosamente. – Porque tinha medo de um escândalo. Já era bastante ruim que você... que eu tenha me colocado em uma posição tão comprometedora. Não vi sentido em piorar minha indiscrição revelando minha identidade.

– Então você me enganou ao dizer que tinha um protetor.

– Eu tenho uma espécie de protetor, sim. Meu irmão. Cinco irmãos, na verdade. Em geral eles são bem eficientes em me proteger de investidas indesejadas de cavalheiros desconhecidos.

Uma centelha de divertimento brilhou nos olhos dele.

– Uma maneira criativa de esconder a verdade. Mas, se a memória não me falha, você me fez pensar que era uma governanta ou uma criada.

– Tampouco foi mentira. Eu geralmente faço o papel de governanta. Sou tutora do meu irmão mais novo.

Ele levantou a sobrancelha, incrédulo.

– É verdade – insistiu Brynn. Ela ergueu a cartilha que tinha nas mãos, mostrando-lhe o título.

– Uma gramática de latim?

– Estou tentando ensinar os clássicos ao meu irmão, ainda que esteja em severa desvantagem, já que minha educação não passou do italiano.

– Por que simplesmente não contrata um tutor?

– Infelizmente, minha família não está em posição de pagar por esses luxos. Nem todos possuem a fortuna de um Midas, como o senhor bem sabe.

A expressão dele pareceu um pouco arrependida.

– Perdoe-me, foi infeliz de minha parte.

Ela achava – esperava – que Lucian a deixasse em paz nesse momento, mas não teve tanta sorte. Ele continuou estudando-a, de uma certa distância.

– A senhorita continua a me surpreender. Primeiro uma criatura do mar encantadora, agora uma literata. A senhorita me interessa profundamente.

– Não é a minha intenção, posso garantir. Não tenho nenhuma vontade de despertar seu interesse.

– Quantos anos tem? – ele perguntou, subitamente.

Brynn lançou-lhe um olhar vazio.

– Não é muito educado pedir a uma dama que revele a idade, mas se realmente quiser saber, tenho vinte e quatro.

– E ainda não se casou? Uma mulher com tanto espírito e tanta beleza?

– Estou muito satisfeita em estar solteira.

– Por Deus, por quê? – a pergunta havia sido totalmente séria.

Ela hesitou, relutante em mencionar a maldição e seu medo de casamentos.

– Porque sou responsável por criar meu irmão mais novo. Não tenho nenhuma intenção de me casar. Pelo menos, não até que ele esteja estabelecido completamente.

Nem depois disso, acrescentou para si mesma.

Wycliff balançou a cabeça, mostrando descrença.

– Uma solteirona intelectual e determinada... nunca teria adivinhado.

– Então seus poderes de intuição não estão muito bem desenvolvidos. Não se você me confundiu com a Afrodite.

Em vez de se ofender, o brilho sugestivo no olhar de Wycliff transformou-se em uma risada de apreciação. Para aumentar a surpresa de Brynn, foi em sua direção. Ela recuou instintivamente, encolhendo-se no canto do sofá, mas ele insistiu em se sentar ao seu lado sem muita cerimônia.

– Acredito que o corte no pé esteja melhor...

– Bem melhor, obrigada – disse com relutância.

Wycliff sentou-se e começou a observá-la cuidadosamente. Ela se enrijeceu e o olhou nervosa.

– O senhor realmente deveria ir, milorde. As pessoas vão sentir sua falta, já que é o convidado de honra.

– A senhorita me prometeu uma dança.

– Bem, não posso dançar com o senhor aqui.

– Por que não?

– Porque... bem, pelas normas, para começar. Eu nem deveria estar sozinha com o senhor aqui.

– Não me pareceu tão contrariada no outro dia.

Ela respirou fundo.

– Sei que lhe dei a impressão errada no outro dia. Mas, apesar das aparências, não sou o tipo de mulher que imagina.

– E que tipo eu imagino?

– O tipo que gosta das suas atenções. Não gosto de agir como uma libertina.

– Uma pena.

Brynn ignorou o riso malicioso que dançava nos olhos dele.

– Certamente, não me orgulho do meu comportamento, mas o seu também não foi nem um pouco admirável. De qualquer maneira, acho que devia ter esperado isso de um libertino.

– A senhorita me considera um libertino porque a tratei como uma mulher desejável em vez de uma dama?

– Considero-o um libertino porque conheço sua reputação. Até nos lugares mais isolados da Cornualha suas lendárias façanhas são conhecidas. Não tive sorte de passar as férias em Londres, mas tenho amigos que me relatam coisas com fidelidade, e seu passado imoral é um tópico comum de discussão. O senhor é conhecido pelas suas conquistas amorosas, e eu não tenho a menor vontade de me tornar uma delas.

Um esboço de sorriso pareceu passar pelos lábios tentadores dele enquanto balançava a cabeça negativamente.

– Tem ideia de como é única? Quantas mulheres já tentaram criar esse tipo de situação comprometedor na tentativa de me iludir ao matrimônio?

Brynn podia imaginar. O famoso lorde Wycliff era desejado por causa de sua incrível beleza física. E com a fortuna e os títulos, era um prêmio pelo qual as mulheres fariam qualquer coisa. De acordo com sua amiga Meredith, sabia-se que mais de uma senhora havia tentado entrar no quarto dele, em uma tentativa de forçá-lo ao casamento.

– Bem – Brynn disse com firmeza –, fique tranquilo, pois não apresento risco algum à sua solteirice. Ao contrário, o senhor é que é o risco. Ao me expor dessa maneira, só vai me causar constrangimento ou algo pior. Se formos vistos juntos tão intimamente, não terei uma gota de reputação a salvo.

Ele levantou o braço, descansando-o no encosto do sofá atrás dela.

– E sua reputação a preocupa?

– Muito.

A mão dele se moveu para tocar a nuca dela.

– A cor do seu cabelo é vibrante como uma chama. Se não estou enganado, ele parecia mais escuro, quase castanho, quando estava molhado.

Transtornada, Brynn se ajeitou no assento. Não estava gostando do que o toque dele, suave como uma pena, estava fazendo aos seus sentidos.

– Eu os prefiro soltos, contudo – a voz dele diminuiu e se transformou em um murmúrio rouco –, e preferiria ainda mais vê-los soltos sobre meu travesseiro.

Aborrecida com o tom sedutor na voz dele e com o que percebeu ser uma tentativa deliberada de provocá-la, Brynn levantou-se depressa do sofá e o encarou.

– Não vou permitir que brinque comigo, lorde Wycliff.

Os olhos dele se escureceram entorpecidos.

– Asseguro-lhe de que não estou brincando. Só estou sendo honesto. Eu a quero na minha cama e admito isso. Não estaria sendo homem se não o fizesse.

Brynn contorcia os lábios impacientemente enquanto apertava o livro contra o peito.

– Não duvido que me queira, isso é bem comum de acontecer. Mas há uma explicação bem razoável para as suas urgências maliciosas.

– Ah, é?

– Sim. Sou amaldiçoada.

– É mesmo? – As palavras dele continham um tom de incredulidade.

– Sim. Pergunte a qualquer um por aqui e vão confirmar. Uma de minhas ancestrais era uma bela moça que acabou roubando o coração do amante de uma cigana. Para se

vingar, a cigana lançou-lhe uma maldição. Todas as suas descendentes mulheres estariam destinadas a serem incrivelmente sedutoras e a terem o poder de encantar os homens, mas se ousassem entregar seus corações, seu amor estaria fadado a terminar tragicamente com a morte do amante.

– E você acredita nessa... maldição?

– Completamente. Já vi muitos incidentes inexplicáveis para não acreditar. Quase todas as gerações de mulheres na minha família tiveram alguma tragédia no amor.

– Incluindo você?

Com a lembrança, a dor tomou conta de Brynn, como uma flecha em seu coração.

– Meu primeiro pretendente morreu quando eu tinha dezesseis anos, afogado no mar. Fico surpresa que ninguém o tenha alertado sobre mim – concluiu, sem conseguir disfarçar uma pontada de amargura.

A expressão de dúvida no rosto dele não vacilou, e Brynn foi tomada pela frustração.

– Não precisa acreditar em mim. Todos aqui sabem do perigo que representamos. É inegável que lançamos feitiços nos homens e os atraímos aos bandos.

– Bandos? – O divertimento de Wycliff estava repleto de cinismo, ou talvez seu desdém fosse apenas resultado de um toque de arrogância que crescia dentro dele. – Deixe-me ver se entendi corretamente. Por causa de uma maldição cigana, é provável que eu perca minha cabeça por sua causa, e depois minha vida?

– A vida não. A não ser que eu comece a amá-lo. Mas tenho certeza que você não conseguiria resistir a mim.

Um sorriso caloroso e íntimo tomou conta da boca dele.

– Você percebe, obviamente, que está subestimando minha capacidade de autocontrole.

Os dedos de Brynn apertaram o livro.

– Entendo que não acredite totalmente, mas lhe asseguro que seria tolo de sua parte não levar a maldição a sério.

– Acho que terá de provar isso.

A sobrancelha de Brynn arqueou-se.

– Provar?

– Sim. Deveríamos testar essa sua história.

– E como sugere que façamos isso?

– Beije-me.

Brynn o observou.

– Você está brincando, obviamente.

– De jeito nenhum.

– Imagino que a última vez que nos beijamos tenha sido prova suficiente. Deve lembrar como as coisas terminaram quando você...

– Lembro muito bem – ele respondeu seco. – Você tentou me emascular.

– Só porque fui obrigada a tentar me salvar de suas atenções excessivamente amorosas. Admita, milorde, você se recusou a me deixar ir embora porque se deixou levar.

– Acho que consigo me controlar desta vez. Deixe seu livro aí e venha até aqui, querida. – Ao perceber que ela continuava imóvel, Wycliff ergueu uma sobrancelha.

– Quer que seus conhecidos saibam como a encontrei na enseada, senhorita Caldwell? Seus irmãos, talvez? Duvido que ficariam contentes em saber que você anda por

aí quase nua.

Os olhos de Brynn se estreitaram incrédulos e, depois, cheios de raiva.

– Isso é chantagem.

– Considero estar em uma situação de vantagem.

– Por quê? Por vingança? – sua expressão ficou cheia de desdém. – Porque ousei resistir a você? Porque não caí aos seus pés extasiada?

Um sorriso torto apareceu no canto na boca dele.

– Admito que você tenha desferido um soco incalculável em minha autoestima masculina, mas, não, não estou buscando vingança. Estou apenas interessado em fazer uma experiência. Você atizou minha curiosidade com essa história de maldição.

Ela ficou parada desafiadoramente, fitando-o com frustração. Wycliff limitou-se a esperar sem pressa, com o tipo de convicção que a irritava muito.

Finalmente, ao perceber que ela se recusava a aceitar seu pedido, a expressão dele mudou. Sua boca esboçou um sorriso que, aos poucos, pareceu terno e acolhedor.

Brynn entendia bem por que tantas mulheres haviam sido seduzidas por ele. Aquele sorriso era irresistivelmente atraente. Isso, com o magnetismo natural e o charme devastador que possuía, era uma força muito potente.

Contra sua vontade, ela sentia-se atraída por aquele homem e tinha poucas dúvidas de que ele fosse cruel o suficiente para colocá-la em alguma situação incômoda caso não aceitasse o convite.

Rendendo-se com uma promessa silenciosa, Brynn se sentou de novo ao lado dele no sofá, ainda que mantivesse as costas rígidas e se negasse a olhar para ele.

– Imaginei que um libertino com habilidades tão lendárias como o senhor se depararia com mais mulheres dispostas em vez de tentar me atacar a qualquer custo.

A risada suave dele foi como um toque de veludo.

– Detesto desapontá-la, querida, mas isso não é um ataque, é somente um beijo.

Somente um beijo, Brynn pensou de repente. Então por que seu coração estava tão acelerado?

Seus sentidos se tornaram selvagens com tamanha proximidade, e ela concentrou todos os seus esforços em tentar resistir, juntando cada grama de força de vontade que possuía. O conde estava agachado diante dela, os lábios dele tocavam seu pescoço, sua orelha.

– Tão doce – murmurou –, delicada como algodão-doce.

– Podemos acabar logo com isso? – disse Brynn com os dentes cerrados.

Os longos dedos dele acariciavam sua bochecha quando Wycliff se virou para ela.

– Você terá que soltar sua mandíbula antes – murmurou com suavidade, com um tom sensual de risada na voz. – Como podemos testar sua afirmação se você não participar?

– Não tenho nenhuma necessidade de testar minha afirmação, não acredito que esteja aberta para debates. Além disso, não *quero* beijá-lo.

– Então apenas faça para me agradar. Abra a boca, querida, e deixe-me prová-la.

– Eu realmente não quero...

O protesto foi interrompido pela pressão macia e erótica da boca dele. Tocando a boca dela com leveza, ele a provocava com um calor sedoso.

Brynn murmurou outro protesto, ainda que os sentimentos que surgiam nela contradissem suas palavras enquanto os beijos dele se aprofundavam.

Os dedos dele passavam pelo seu rosto e garganta, fazendo-a estremecer, trazendo um calor e uma plenitude aos seus seios. Um suspiro ecoou de sua garganta quando sentiu a

língua dele deslizando dentro de sua boca.

Aprofundando a invasão, Wycliff conseguiu sentir uma onda de calor surgindo dentro dela. Indefesa, ela levantou os braços para passar os dedos pelo cabelo dele, macios, acetinados e tão provocantes quanto seu beijo.

Brynn não resistiu ao ser puxada, seus sentidos estavam em chamas, e ela derretia contra o corpo dele. Ele chupou a língua dela até fazê-la dar um suspiro de rendição. E ajeitou-se novamente no sofá, trazendo-a junto.

Um desejo selvagem e irracional percorreu pelo corpo dela, que tremeu ao se ver sobre ele. Ela conseguia sentir a respiração dele, o calor dos músculos ágeis, a carne masculina. Um desejo intenso transbordava dentro dela, como se tivesse sido tomada pelo feitiço cigano.

Ela gemeu contra a boca terna dele. Tudo aquilo era muito errado. Sua mão estava entre eles, pressionando o peito másculo. Ela não deveria, não poderia deixar aquilo acontecer, mas era tudo o que podia fazer para afastá-lo.

Reunindo todas as suas forças, Brynn sentou-se com um movimento brusco. Seu coração martelava no peito, e sua cabeça girava, ainda que Wycliff não parecesse estar tão afetado quanto ela.

Ele também se endireitou, observando-a atentamente. Então, estendeu um dedo e o passou pelos lábios de Brynn, ainda úmidos e sensíveis por causa da boca dele.

– Seja essa maldição verdadeira ou não – disse com a voz baixa e rouca –, ainda gostaria muito de tê-la em minha cama.

Atordoadas, Brynn o observou. Ao vê-la muda, a boca dele abriu aquele sorriso capaz de capturar todos os corações femininos.

Ela piscou, tentando livrar-se da força do feitiço dele. Finalmente em poder de seu juízo de novo, Brynn levantou-se do sofá, e o livro caiu do colo.

Por alguns instantes, ela ficou ali parada, olhando para ele. Então, sem dizer nada, virou-se e se afastou.

Enquanto a via fugir pela segunda vez no pouco tempo que se conheciam, Lucian sentiu uma estranha mistura de emoções tomando conta de si: perplexidade, desejo, satisfação.

O desejo era, talvez, a mais forte emoção. Seria mentira dizer que não havia sido afetado pelos abraços calorosos como fazia parecer. Suas urgências carnis eram tão fortes como da última vez em que ele a havia beijado. Ainda mais agora, que sabia dos doces deleites que se escondiam por baixo de seu vestido.

Lucian franziu o cenho. Não acreditava muito na história da senhorita Caldwell ser amaldiçoada, mas *alguma coisa* havia causado tão estranha atração por ela. Apesar de fingir estar no controle, ele tinha usado toda sua força de vontade para conter sua luxúria. Seu corpo ainda se agitava com o desejo que havia sentido. Sua ereção ainda estava inflexível dentro das calças de cetim, pulsando com seu batimento cardíaco acelerado.

O que sentia por ela ia além de pura luxúria ou atração física. *Encantamento* era a palavra que lhe vinha à mente. Estava completamente enfeitiçado.

Ela era um feitiço de cabelos cor de fogo e olhos de esmeralda, o tipo de mulher que assombrava os sonhos de um homem.

Com os lábios se curvando ironicamente, Lucian balançou a cabeça, reprimindo seus devaneios poéticos. Gostava de mulheres em geral, mas não era comum que se fixasse tanto em uma, mesmo alguém tão bela como a senhorita Caldwell. Ele se sentia intrigado e desafiado pelo fato de ela ser tão esquiva, era verdade, mas isso não justificava os violentos

sentimentos de possessividade.

Ele a queria – e muito. Estava decidido a possuí-la, refletiu com prazer.

Ele a havia julgado mal na primeira vez em que se viram, obviamente. Tinha acabado de provar a inocência de seu beijo – o suficiente para se convencer de que ela era tão inexperiente como dizia ser.

Aquela era a razão verdadeira pela qual havia insistido em beijá-la naquela noite, para testar sua virtude. Se tinha a intenção de torná-la sua esposa, precisava ter certeza de que ela não o estava fazendo de bobo. O mínimo que podia fazer por seu nome e seu título era exigir alguma pureza de sua donzela.

Sua boca sorriu satisfeita. Havia encontrado sua noiva, estava certo disso. A senhorita Brynn Caldwell tinha beleza, status de nascimento, boa criação e um histórico familiar de fertilidade – afinal, tinha cinco irmãos. Um espírito jovial também, o que ele achava empolgante depois de todas as debutantes bajuladoras que só pensavam em casamento para obter nome e fortuna de todos esses anos. Ríspida ou não, ela com certeza nunca o entediaria.

Sua noiva. A imagem tinha um charme poderoso. A ideia de ter aquele corpo maravilhoso sob o seu, a nudez macia contra a sua, os olhos entorpecidos, aquecidos pelo desejo era suficiente para fazê-lo arder.

Talvez estivesse louco, tomando decisões tão importantes em tão pouco tempo, pois mal a conhecia. Escolher uma parceira para a vida toda requeria muita consideração e lógica. Além disso, ficar noivo naquele momento atrapalharia todas as suas tarefas. Ele não havia planejado nem mesmo pensar sobre casamento até que a guerra terminasse e Boney voltasse para seu covil.

Mas seus instintos mais íntimos o apressavam, dizendo-lhe para tomar uma atitude. Ele queria um filho, e aquela mulher sedutora parecia ser a melhor oportunidade para obter um herdeiro e ter uma mulher desejável na cama. Indiscutivelmente, ele conhecia sua possível esposa melhor que qualquer nobre já havia conhecido.

Era possível que a senhorita Caldwell rejeitasse seu plano. Ela poderia não querer dar-lhe um filho, nem se tornar sua esposa. Ela dizia estar decidida a continuar solteira, o que era realmente um crime.

Nesse caso, ele teria de dominar sua resistência. Um sentimento de ansiedade surgiu nele diante da simples ideia de fazê-la se render. Um passo já tinha sido dado. Ela já não era completamente imune às suas carícias como fingia ser.

Talvez ele pudesse tê-la possuído ali mesmo, no sofá. Na verdade, havia considerado a ideia por um breve momento. Se a tivesse seduzido e chegado às vias de fato, não haveria mais chances de que ela recusasse o pedido de matrimônio, mas ele não queria que comessem o casamento atolados em um escândalo.

A exaltação de Lucian aumentou. Ele achava que sua estadia em Caldwell seria estritamente destinada aos negócios, mas agora estava decidido a voltar para casa com uma noiva.

Uma mulher ardente e bela, de olhos verdes, que conseguiria fazer seu sangue borbulhar e gerar o filho que tanto desejava.



O sonho foi diferente dessa vez. Ele estava ali deitado, ferido e agonizando como de costume, mas não mais sozinho. Uma mulher estava ao seu lado – uma dama encantadora com cabelos cor de fogo e olhos brilhantes, com as mãos cheias do sangue dele. Seria ela a assassina?

Lucian acordou suando frio, sem saber ao certo onde estava. Buscando a meia-luz, sentiu a tensão no corpo aliviar um pouco. Estava deitado em sua cama, ocupando o quarto de hóspedes especiais no enorme castelo do duque. Era bem cedo, ou pelo menos era o que a luz fraca que vinha das janelas de brocados dourados fazia parecer. Não havia sinais de sua futura mulher, ainda que, em seu sonho, ela tivesse parecido tão real.

– Não foi real – sussurrou, com a voz baixa e áspera. Ela não havia tentado matá-lo.

Sentando-se na cama, Lucian esfregou as mãos no rosto. Toda aquela conversa sobre maldições havia, evidentemente, ficado em sua cabeça. Sua donzela do mar havia, de alguma forma, se misturado às suas visões da morte. De sua própria morte.

Praguejando, afastou as cobertas e chamou seu criado. Depois, caminhou nu até o lavabo e jogou um pouco de água gelada no rosto.

Lucian sabia que existia uma explicação simples para seus pesadelos contínuos. Em sua última incursão à França, em uma missão com o intuito de encontrar um jovem inglês que estava desaparecido, quase se deparou com a morte. Tinha sido obrigado a matar um homem que considerava um amigo – uma dura decisão entre matar e ser morto. A culpa havia tomado conta dele desde então – culpa e uma premonição gélida quanto ao seu futuro. Estava sendo perseguido pelo mesmo pesadelo, onde se via morrendo sozinho, desolado, sem que ninguém lamentasse.

Não tinha medo de morrer. Homens melhores que ele haviam dado a vida nas batalhas que se estenderam por décadas para livrar o mundo do tirano da Córsega, por exemplo, mas não havia como negar que a experiência o havia abalado.

Pela primeira vez, teve de encarar a própria mortalidade. Ele não era invencível, como algumas vezes havia pensado. A existência fascinante à qual nunca dera muito valor não duraria para sempre. A vida era frágil e preciosa.

O incidente também o fez se conscientizar de como tinha pouco de que se orgulhar em seus trinta e dois anos de vida. Na verdade, tinha tido uma participação pequena na tentativa de manter o mundo civilizado a salvo da dominação francesa, trabalhando para o Ministério dos Negócios Estrangeiros, aprimorando a coleta de inteligência da Grã-Bretanha. Mas se morresse amanhã, não teria nenhum legado real para deixar.

Isso era o que mais queria agora: um legado. Um herdeiro. Um filho para levar seu nome. O sentimento tinha ganhado cada vez mais urgência nas últimas semanas, tornando-se um anseio, um desejo profundo de sua alma.

Para ter um herdeiro, no entanto, precisava primeiro de uma esposa.

Lucian sorriu ironicamente enquanto vestia o roupão e passava a faixa para prendê-lo. Buscar uma noiva era uma experiência nova. Tinha sempre resistido fervorosamente às algemas do matrimônio, preferindo os flertes, as sedução ou os

relacionamentos breves que provocavam a sociedade e lhe conferiam a fama de libertino.

Sentia muito prazer com suas amantes, mas estava certo de que tal prazer era mútuo, e as regras do jogo, no qual era profissional, eram compreendidas pelas parceiras, sem expectativas de matrimônio. Ele havia se tornado bastante hábil em esquivar-se das investidas das senhoras ansiosas que cobiçavam seu título e sua fortuna.

De repente, mudar de rumo, cobiçar uma parceira para casar-se, em vez de ser cobiçado, era estranho. Além disso, encontrar a noiva ideal não era tão fácil quanto imaginava. Infelizmente, as mulheres que mais admirava e respeitava já estavam casadas ou em alguma posição que a sociedade considerava inapta para a nobreza. Isso até encontrar a senhorita Caldwell.

Uma batida soou na porta do quarto. Ao autorizar a entrada, o criado aproximou-se.

– Precisa de ajuda, milorde?

– Sim, Pendry. Tenho um compromisso importante esta manhã e quero estar bem-vestido. Acho que vou usar o casaco verde.

– Claro, milorde – respondeu Pendry, estranhando a preocupação incomum de seu senhor com a aparência.

Piscando, Lucian sentou-se em uma cadeira para que o criado fizesse sua barba. Seu humor negro tinha mudado rapidamente, indo da preocupação causada pelo estranho pesadelo para uma ansiedade agradável.

O compromisso naquela manhã seria um dever e um prazer; Lucian esperava matar dois coelhos com uma cajadada. Já há algum tempo queria um pretexto para dar continuidade à amizade com sir Grayson Caldwell. Aquele trecho da costa da Cornualha era um paraíso de contrabandistas, e sir Grayson supostamente era o líder do cerco local. Normalmente Lucian não se preocuparia com o simples contrabando, não importava que fosse ilegal. O cerco que procurava, no entanto, representava uma ameaça muito mais grave do que a habitual. O contrabando não era de uísque e seda, mas de ouro roubado.

O desafio de Lucian era impedir que as transferências governamentais de lingotes de ouro – pagamentos destinados a aliados da Grã-Bretanha – fossem roubadas e contrabandeadas para a França e os exércitos de Napoleão.

Recentemente, havia recebido informações de que sir Grayson podia estar envolvido em um dos roubos. Se fosse o caso, o barão poderia levá-lo a um dos líderes do bando, um em uma dúzia de suspeitos que, até então, haviam enganado os melhores agentes da Inglaterra.

Aquela era a razão principal da vinda de Lucian à Cornualha. Adentrar o domínio do duque havia lhe dado a oportunidade de investigar sir Grayson Caldwell.

Enquanto isso, a proposta de se casar com a bela irmã de Caldwell certamente seria um excelente pretexto para a busca de seus segredos.

Brynn acordou de repente, com um grito nos lábios. Estava deitada na cama, o coração batendo enquanto os restos escuros de seu sonho desvaneciam. A imagem era muito vívida. Um homem alto, esbelto, de cabelos escuros, bonito, estava morrendo a seus pés. Senhor Wycliff? Era dele o sangue que manchava suas mãos?

Um sentimento de horror tomou conta dela. Tirando o braço de baixo das colchas, Brynn olhou para as próprias mãos na luz da manhã. Estavam limpas, brancas, imaculadas. No entanto, não conseguia evitar que as pontadas dentro do peito a afetassem.

Meu Deus, e se acontecesse de novo? A única vez que ela sonhou tão vividamente com um homem, ele morreu afogado no mar. Seus pretendentes com frequência eram atormentados por seus sonhos, resultado da maldição da cigana, mas raramente era

recíproco.

Um arrepio frio a varreu. Seria o sonho com Wycliff apenas uma ilusão sombria? Ou uma premonição fatal?

– O senhor deseja cortejar minha irmã? – perguntou sir Grayson Caldwell, claramente surpreso com o pedido de permissão de Lucian para cumprir as formalidades.

– Não cortejar, exatamente – Lucian respondeu, sentando-se em frente ao baronete na sala de estar dos Caldwell. – Temo que não tenha tempo para um longo namoro, já que devo retornar a Londres em uma semana. Eu gostaria resolver a questão o mais rápido possível. Gostaria de pedir a mão da senhorita Caldwell em casamento.

Sir Grayson parecia escolher as palavras com cuidado.

– Consigo entender sua atração por ela, milorde. Mas com toda a honestidade, sinto que devo avisá-lo... ou melhor, alertá-lo sobre o que está atraindo seu fascínio. Brynn tem um efeito estranho sobre os cavalheiros, fazendo-os perder a cabeça por ela.

– Ela me informou.

– Ela lhe contou sobre a maldição da cigana?

– Sim. Embora eu deva dizer que é difícil de acreditar. Os homens estão propensos a seguir uma linda mulher, e sua irmã é muito bonita.

– É verdade, mas com Brynn a atração é inexplicavelmente forte.

– Então você acredita na história da maldição?

Grayson hesitou por um longo momento.

– Acho improvável que a maldição seja mera coincidência. Certamente nossa mãe nunca duvidou da força dela e encheu a cabeça de Brynn com milhares de advertências desde que ela era criança. Depois que morreu, no entanto, as advertências desapareceram da cabeça de Brynn, pelo menos até o dia em que perdeu o primeiro pretendente em um trágico acidente no mar. Ela se culpou pela morte e, desde então, tem praticamente vivido a vida de uma reclusa por medo de repetir a tragédia.

– Estou disposto a arriscar.

– Mas ela provavelmente não está. O senhor precisa saber que Brynn recusou um grande número de propostas até o momento. Duvido que vá ser mais receptiva à sua.

– Estou preparado para dar-lhe um dote extremamente generoso, assim como à sua família – acrescentou, olhando ao redor da sala esfarrapada.

– Admito que algum dinheiro não nos faria mal – Grayson assumiu, com um leve rubor de vergonha –, mas não vai ser fácil convencer Brynn ou persuadi-la a deixar o irmão mais novo. Ela tem a tutela dele, como o senhor sabe.

– Não tem nenhuma objeção à minha proposta?

– Não, nenhuma. Eu consideraria uma honra ter um nobre de sua procedência como cunhado. Só estou dizendo que não posso forçá-la a aceitá-lo. Temo que minha irmã pense com a própria cabeça.

Lucian sorriu levemente.

“Foi exatamente o que descobri”, murmurou para si mesmo.

Ele encontrou Brynn Caldwell no jardim, onde estava sentada em um banco com um menino que deveria ser o irmão mais novo, Theodore. Por um momento, Lucian parou ao lado de uma tília e os observou.

Ela usava um vestido de musselina desbotada e um chapéu de abas largas para proteger o rosto do sol brilhante da manhã, mas uma aura sedutora de encantamento ainda a cercava, independentemente das roupas. Seu efeito sobre ele era o mesmo de antes. Lucian sentiu uma onda de calor, uma onda que ele raramente sentia com outra mulher.

Theo era desengonçado, usava óculos e era só pele e osso. Era pálido e seus cabelos vermelhos se assemelhavam à plumagem de um galo. O menino estava lendo uma passagem da poesia em voz alta com óbvia relutância, até que finalmente resmungou desgostoso e olhou para a irmã.

– Eu não vejo como Milton possa me beneficiar, Brynn.

– Vai aumentar a extensão de seu conhecimento e ampliar sua visão do mundo. Não se pode esperar ter uma educação vasta com o nariz enfiado em um livro de química o tempo todo.

– Mas a minha experiência está em uma fase *crucial*.

Ela tinha uma risada musical e suave.

– Sou uma irmã cruel, eu sei. Você preferia estar nos confins de um laboratório, explodindo coisas, do que aqui fora no ar fresco.

– Eu não queimo nada há semanas.

– Fico muito grata por isso – disse ela com ironia, despenteando seu cabelo vermelho. – Mas se conseguir aguentar por mais dez minutos, pode ficar no seu laboratório até o almoço.

Ele sorriu e abriu o livro de poesia mais uma vez.

Lucian ficou encantado ao ver a interação dos dois. Ele conseguia contar nos dedos de uma mão o número de damas gentis que demonstrariam tanto afeto por um irmão mais novo. Aquilo lhe deu mais confiança de que ela seria uma boa mãe para seu filho.

Brynn notou sua presença e olhou para cima, os olhos verdes brilhantes como grama nova na primavera. Com muita cautela, levantou-se.

A voz de Theo parou ao perceber que havia um intruso entre eles.

– Lorde Wycliff – disse com polidez forçada. – O que o traz aqui?

– A senhorita – ele respondeu, adotando um sorriso descontraído e avançando. – Gostaria de ter uma conversa em particular com você, se eu puder.

– Estamos no meio de uma aula.

O menino deu um salto dizendo:

– Não tem problema, Brynn. Não me importo de sair.

Brynn lançou-lhe um olhar de repreensão.

– Este é o meu irmão Theodore, milorde.

Lucian ofereceu a mão para Theo, causando evidente surpresa e satisfação no menino.

– Se entendi bem, você se interessa por química, senhor Caldwell?

– Muito, senhor.

– Conheço vários membros da Royal Society – Lucian comentou casualmente, referindo-se ao clube exclusivo dos principais cientistas do país. – Tive o prazer de assistir a uma palestra na Royal Institution ministrada pelo senhor John Dalton no início deste ano.

Os olhos do menino se arregalaram.

– O senhor *conhece* o senhor Dalton?

– Tenho a honra de ser um de seus patrocinadores. Ele escreveu *Um Novo Sistema de Filosofia Química*.

– Sim! Sobre o peso dos átomos. Fui tentar isolar um dos elementos que descobriu...

– O jovem corou e calou-se, evidentemente perturbado por sua loquacidade.

– O senhor Dalton é o herói do meu irmão – Brynn interrompeu. – Theo praticamente dorme com o livro debaixo do travesseiro.

– Então, talvez você gostaria de conhecê-lo. Isso poderia ser facilmente arranjado

quando você for a Londres.

O rosto expressivo de Theo brilhou com a ideia, mas se apagou rapidamente.

– Eu não posso ir a Londres, senhor.

Lucian encontrou o olhar de Brynn e percebeu que ela franzira a testa.

– Talvez, no futuro, você possa. Posso falar com sua irmã em particular?

– Sim, com certeza – respondeu Theo, mesmo sem esperar pela permissão da irmã.

Brynn conteve a língua até que o menino saísse e então lançou um olhar severo para

Lucian.

– É muito cruel de sua parte alimentar as esperanças dele dessa maneira, quando não tem intenção de atendê-las.

– O que a faz pensar que não vou atendê-las?

– Não posso acreditar que um homem como você se preocuparia com um menino que nem conhece.

Lucian respondeu então:

– A maneira como protege seu irmão é admirável, senhorita Caldwell, mas lhe garanto que não estou fazendo promessas em vão. Theodore parece brilhante. Dalton ficaria satisfeito em saber que tem um admirador dedicado e incentivaria o interesse do menino em química.

Os olhos expressivos de Brynn pareciam preocupados.

– Mesmo assim, não temos os recursos necessários para pagar uma viagem a Londres.

– As circunstâncias podem mudar – ele disse enigmaticamente. – Diga-me – Lucian acrescentou antes que ela pudesse responder –, Theodore sempre foi estudioso?

A pergunta pareceu distraí-la, pois sua expressão se suavizou.

– Sempre. É preciso um grande esforço para tirá-lo de casa por alguns momentos todo dia. Não acho saudável que ele se tranque longe de todos em uma câmara escura, com todas as fumaças e os odores. Mas, por alguma razão, Theo acha suas experiências fascinantes.

– Imagino que não seja fácil ensinar assuntos que estão além de seu alcance.

O leve rubor em suas bochechas era encantador.

– Eu gostaria de estar mais bem preparada para ensiná-lo. Tivemos de dispensar nossa governanta de longa data vários anos atrás e não temos dinheiro para contratar professores de verdade ou mandar Theo para a escola como ele gostaria.

– Ele realmente está ansioso para ir à escola? Deve ser um menino em um milhão.

– Ele é – concordou com orgulho evidente. – Sua maior ambição é tornar-se um cientista. Ele espera um dia poder ir a Cambridge para estudar química.

– Na verdade, isso pode ser arranjado.

O olhar impaciente de Brynn havia retornado.

– Está sugerindo que eu acredite em sonhos impossíveis?

– E se não fosse um sonho? E se eu estivesse disposto a financiar a educação do seu irmão totalmente?

De repente ela olhou para Lucian, cautelosa, mais uma vez.

– Qual é o seu preço? – perguntou ela, finalmente.

– Precisa haver um preço?

– Em se tratando do senhor, não duvido, milorde. Já usou de extorsão duas vezes antes, em ambos os nossos encontros, na verdade. Não sou tão inocente para acreditar que seu interesse em ajudar meu irmão venha apenas do altruísmo. Você espera algo em troca

por sua generosidade, obviamente.

Lucian riu com estranheza diante da péssima imagem que Brynn tinha dele, ainda que não pudesse contestar sua opinião sobre seus encontros até o momento.

– Muito bem, já que prefere a franqueza, minha querida, o preço da minha generosidade é a sua mão em casamento.

Ela deu um passo para trás, claramente chocada.

O recuo despertou em Lucian o desejo masculino primitivo de perseguir a presa, mas ele permaneceu imóvel, em uma tentativa de manter sua expressão branda.

– Não precisa me olhar como se de repente tivessem brotado chifres em mim, senhorita Caldwell. Estou pedindo que se case comigo.

– Casar com você? – sua voz estava sem fôlego. – Por que você desejaria isso?

– Porque me encontro em um momento da vida em que preciso casar e ter um herdeiro – ele respondeu quase honestamente.

– Mas por que eu?

– Você não sabe? – Seu olhar percorreu-a com apreço, desde os cabelos vibrantes e ajeitados, passando pelos brilhantes olhos verdes e a boca exuberante, os seios cheios e tentadores, o vestido de cintura império que escondia uma figura atraente e esguia, de pernas ágeis. – Basta se olhar no espelho para ter a resposta.

Ela balançou a cabeça negativamente.

– Já lhe expliquei tudo isso, milorde. A atração que sente não é real.

Lucian sentiu o sorriso voltar ao seu rosto. As ondas de atração vibrando através dele eram *muito* reais, assim como o calor e o desejo que sentia por ela.

– Eu sinceramente duvido disso. É verdade que acho a sua beleza sedutora, mas você tem um número de atributos que são tão atraentes quanto ela. Inteligência e sagacidade, por exemplo. E eu vi como cuida do seu irmão. Acho que seria uma boa mãe.

A irritação de Brynn só aumentou.

– Você concluiu isso após o quê? Três breves encontros?

De fato parecia estranha a convicção de que Brynn fosse a noiva que ele estava procurando. Havia acabado de conhecê-la. *No entanto*, intuitivamente, sabia muita coisa sobre ela. Ela tinha uma paixão ardente que conseguia agitar seu sangue. Sem dúvida, poderia se transformar em uma amante excepcional.

– Chame isso de instinto, se quiser.

– Acho que seus instintos lhe falharam completamente. Existem inúmeras razões pelas quais eu não serviria. Para começar, não sou o tipo que daria uma boa condessa.

– Por que diz isso?

– Porque não sou bem-vinda na sociedade. Sou conhecida como uma reclusa. E sou de fato uma intelectual, como me acusou de ser. Sou considerada diferente e até mesmo metida. Ajudo sempre meu irmão... – ela se interrompeu, aparentemente reconsiderando o que dizia.

– São crimes, de fato – ele murmurou.

O queixo de Brynn se ergueu ao notar o tom de brincadeira na voz dele.

– Ria se quiser, milorde, mas eu lhe asseguro que não seria uma esposa adequada.

Não, *adequada* não era uma palavra que ele também usaria para descrevê-la, tampouco *esposa*. Em vez disso, era como uma cortesã especial que o fazia pensar em lençóis de seda e em noites selvagens. Bastava olhar para ela, e seus sentidos enlouqueciam.

– Não estou procurando alguém adequado – Lucian começou a dizer, mas logo se

conteve. – Ou se estou, é um tipo totalmente diferente de adequação. Acho que nesse sentido você é ideal. Eu a beijei mais de uma vez. Não tenho nenhuma dúvida de que possa ser uma companheira de cama bastante satisfatória.

As bochechas de Brynn coraram, embora não tivesse uma resposta para o comentário. Por fim, adotou um olhar de fria indiferença.

– Imagino que você gostaria de ter uma noiva casta, lorde Wycliff. Se assim for, ficará desapontado comigo. Tenho uma reputação bem merecida de promiscuidade.

Ele fixou o olhar em sua boca, lembrando aquele sabor delicioso, lembrando sua inocência.

– Por algum motivo, acho que está distorcendo a verdade de novo.

Ela corou ainda mais.

– Bem, não é distorção da verdade dizer que não gostaria de tê-lo como marido. Não tenho nenhum desejo de casar com um libertino.

– Acho que você vai descobrir que a minha reputação é muito exagerada.

– Você é um dos membros fundadores da Liga do Fogo do Inferno, não é? Um grupo de nobres famosos por suas venturas escandalosas.

– Já me envolvi em alguns escândalos na minha juventude imprudente, admito, mas minhas aventuras estão muito mais contidas nos últimos anos.

– Perdoe-me se acho difícil acreditar nisso – disse ela com sarcasmo.

– Posso lhe fornecer referências incontáveis, se quiser – Lucian respondeu, incapaz de conter o divertimento com tudo aquilo.

– Sem dúvida.

Ela fez uma careta, como se procurasse em sua cabeça outros argumentos para usar contra ele.

– Entendi que pretende morar em Londres. Não gosto muito de lá.

– Já estive lá?

– Duas vezes. Apesar de ter sido há muito tempo – acrescentou, com relutância, como se obrigada a ser honesta por completo.

– Duas vezes não são suficientes para uma avaliação justa.

– Talvez não, mas gosto de viver no campo.

– Minha casa fica em Devonshire, um lugar incrivelmente bucólico.

– Prefiro a Cornualha, o mar...

– Tenho um castelo no País de Gales, com uma vista espetacular para o mar.

Brynn apertou os lábios, como se estivesse lutando para se controlar. Ele queria envolver a cintura dela com a mão e grudar sua boca na dela, explorá-la, procurar todos os lugares atraentes em que ardia seu sedoso e delicado calor.

– Bem, nada disso é a questão principal. Não posso casar com você porque não posso sair daqui. Não vou abandonar Theo.

– Mas e se ele fosse para a escola? Eton, Harrow, Westminster?

Houve um momento de silêncio prolongado. Dava para ver, pela inclinação do queixo dela, que havia atingido em cheio.

– É extremamente dissimulado da sua parte – ela disse por fim – oferecer isso como suborno.

– É bastante comum, além de prático – retrucou o lorde com delicadeza. – Em particular para uma senhorita em suas circunstâncias. Um casamento em troca de fortuna e de um título.

– Não estou interessada em nenhum dos dois.

– Você não pode ser feliz vivendo na pobreza em que vive.
– Eu *posso*, milorde. É o que estou fazendo.
– Pelo jeito, seu irmão mais velho, Grayson, não compartilha da sua visão. Ele pareceu muito interessado na perspectiva de um acordo de casamento generoso.

O orgulho queimava nos olhos dela.

– Acha que pode me *comprar*, senhor Wycliff, como se eu fosse uma égua?
– Eu tinha em mente uma condição mais honrosa que uma égua. A de esposa e condessa. A maioria das mulheres ficaria lisonjeada com minha proposta.
– Então peça a uma delas.

Quando não houve resposta, ela respirou fundo.

– Agradeço a honra, milorde, mas não vou me casar com o senhor.

Determinado a não aceitar uma recusa, Lucian se aproximou. Por um momento, ela pareceu querer fugir, mas se manteve firme, mesmo quando ele pegou sua mão. No entanto, Brynn ficou claramente desconcertada quando ele virou a palma da sua mão e levou-a aos lábios, beijando a pele sensível do seu pulso.

Lucian ficou satisfeito ao sentir o tremor.

– Você vai precisar de mais tempo para analisar a minha proposta – ele murmurou, deliberadamente encarando os olhos verdes.

– Eu... eu não *preciso* de mais tempo. Já lhe dei a minha resposta.

– Ainda tenho esperança de persuadi-la. Darei notícias amanhã, minha querida. Talvez você tenha mudado de idéia até lá.

Brynn o observou partir, dividida entre a descrença de um lado e a tristeza de outro.

Aquele excesso de confiança a aborrecia e, mais ainda, que fosse tão suscetível ao toque dele. Wycliff era um libertino, um homem conhecido por submeter as mulheres aos seus caprichos. Diabolicamente sensual e tão potente quanto uma força visível.

Ela deveria ser capaz de resistir a uma manipulação tão descarada. No entanto, isso não esfriava o calor que impregnou seu corpo no momento em que os lábios dele tocaram-lhe a pele, nem reprimia o desejo que tinha nascido ao ver aqueles olhos azuis. Ele pensou que poderia vencê-la com a espada afiada de seu charme jovial. Ah, como era arrogante e irritante.

E ainda assim ele poderia se dar ao luxo de ter a certeza da vitória. Estava em vantagem e sabia disso. Se realmente tinha a intenção de financiar os estudos de Theo...

Com um murmúrio angustiado, Brynn sentou-se no banco e apertou as mãos contra as bochechas coradas. Ainda estava em choque com a proposta.

Não pretendia se casar. O risco simplesmente não valia a pena. Ela sempre soube que era diferente, que seu futuro não lhe pertencia. Desde que se lembrava, havia sido advertida sobre o perigo de se apaixonar. Perigo não para si mesma, mas para o homem que amasse.

As mulheres de sua casa serão para sempre amaldiçoadas por sua beleza. Qualquer homem que amem morrerá.

Ela não queria acreditar na maldição, mas, durante muitas gerações, incidentes macabros demais haviam ocorrido para fazê-la duvidar de sua validade.

Sua mãe havia sofrido com esse terrível poder. Gwendolyn Caldwell havia perdido seu primeiro pretendente em um acidente bizarro, um relâmpago em um dia quase sem nuvens. Jurando nunca mais amar de novo, ela mais tarde se casou com o pai de Brynn, deu-lhe seis filhos e morreu no parto, deixando-a com doze anos de idade, para criar o bebê.

Brynn havia herdado a beleza, os cabelos cor de fogo de seus antepassados e, pelo jeito, o mesmo encanto lendário.

Mas, depois que a mãe morreu, ela começou a ignorar as advertências e desenvolveu uma paixão juvenil pelo primeiro jovem cavalheiro que a cortejou de verdade. Após sua morte, afogado no mar, finalmente teve de aceitar seu destino.

Ela começou, então, a desenvolver técnicas para evitar atrair os homens: prender as madeixas chamativas, vestir-se de maneira modesta ou até recatada, escondendo o encanto fatal, permanecendo em casa, longe dos olhos do público e vivendo uma existência quase reclusa, aceitando o afastamento. Havia até incentivado a crença na maldição e em sua reputação de ser um perigo, porque isso afastava potenciais pretendentes.

Ela não os queria. Não queria cavalheiros que mal conhecia perdendo a cabeça por ela, declarando seu amor eterno. Nunca poderia retribuir os sentimentos. Ela não se atrevia a aceitar as propostas, por medo do que poderia acontecer. Era melhor não arriscar as consequências trágicas.

Se havia momentos em que se arrependia do futuro sombrio, quando se sentia dolorosamente solitária ao enfrentar a perspectiva de uma existência sem amor, bem, bastava recordar a própria tragédia para se lembrar, também, dos riscos. Ela nunca poderia se apaixonar. Nunca.

De qualquer forma, estava muito feliz com sua vida, ou pelo menos era o que dizia a si mesma com frequência. Não tinha tempo para a solidão, não havia espaço para essa vulnerabilidade. Não tinha paciência para sofrer com os galanteios que a perseguiam. Todos os seus esforços haviam sido direcionados para criar seu irmão mais jovem e ajudar a salvar o irmão mais velho da extrema penúria, por meio do mercado contrabandista.

Brynn respirou fundo. Felizmente havia conseguido se conter antes de revelar sua participação no comércio livre para Wycliff. Ela não devia expor suas atividades ilícitas para um estranho que era capaz de não compreender, um nobre poderoso que era capaz de trazer problemas para eles.

No entanto, o problema imediato era como lidar com seu mais novo pretendente indesejado.

Brynn estremeceu, lembrando o fogo nos olhos do conde. Lucian afirmou que a queria como esposa, e, debaixo daquele irresistível charme sofisticado, ela sentiu uma determinação muito séria e, também, possivelmente mortal.

Ainda naquela manhã, ela havia sonhado com Wycliff, com sua morte. Mesmo que quisesse aceitar a proposta de casamento, não poderia simplesmente ignorar a premonição, poderia?



Brynn não conseguiu simplesmente ignorar a proposta do senhor Wycliff, já que Gray resolveu questioná-la novamente sobre isso naquela mesma noite, depois do jantar. Theo, como de costume, tinha escapado para sua masmorra logo depois da sobremesa, deixando os irmãos sozinhos na pequena sala de jantar próxima à cozinha, onde vinham fazendo as refeições para poupar o trabalho dos poucos empregados.

Brynn percebia que Gray a observava especulativamente, como se estivesse preparando os pensamentos para uma discussão que iria além da conversa boba e educada que havia transcorrido durante o jantar. Temendo o assunto, ela tomou um gole de vinho e esperou. O silêncio reinava.

As refeições eram muito mais silenciosas agora, sem os outros três irmãos em casa. Arthur e Stephen, dois e três anos mais novos que Brynn, respectivamente, haviam ingressado na Marinha Real, pouco antes de seu pai morrer, e as finanças caíram tão drasticamente. O último irmão, de dezoito anos de idade, Reese, havia decidido tentar fazer fortuna na marinha mercante.

Até então, de todos os irmãos, Reese foi um dos que mais tinha sofrido com os investimentos desastrosos do pai. Não havia sobrado nenhum dinheiro para ele formar uma tripulação ou mesmo frequentar a universidade, como os meninos mais velhos tinham feito. Não que isso desanimasse Reese, que era o menos estudioso dos irmãos. Já Theo ficaria devastado se lhe fosse negada essa oportunidade.

– Brynn?

Os pensamentos distraídos de Brynn foram interrompidos.

Gray sorriu.

– Não é possível que você esteja sonhando acordada tanto assim a ponto de não conseguir nem me ouvir.

– Sinto muito. O que disse?

– Perguntei-lhe duas vezes que resposta você deu a Wycliff.

Brynn estremeceu ao perceber que Gray finalmente havia introduzido o assunto que ela temia.

– Recusei-o, é claro.

– Você chegou a levar em consideração a proposta dele? Wycliff é um dos solteiros mais cobiçados da Inglaterra.

– Talvez seja, mas não tenho interesse em me casar com ele.

– Por que não?

– Há uma dúzia de razões.

A mandíbula de Grayson se enrijeceu, mas, por um momento, ele limitou-se a olhar para a irmã silenciosamente por cima da sua taça de vinho. Quando finalmente resolveu se pronunciar, sua voz tinha um tom incomum de amargura.

– Você deveria pensar um pouco na sua família antes de simplesmente jogar fora essa oportunidade que poderia nos livrar das dívidas.

A injustiça nas palavras da acusação proferida pelo irmão fez Brynn respirar fundo. Ela abriu a boca para responder, mas Gray começou um discurso estranho, ainda mais forte.

– Estou totalmente cansado de tentar sobreviver, Brynn. Esta casa está caindo à nossa volta porque não temos dinheiro para fazer reparos. Eu mal consigo manter o barco

de pesca ou pagar a equipe, que é nosso único meio de subsistência. Devemos grandes quantias. O agiota está pressionando a devolução dos empréstimos, ameaçando-nos discretamente. Posso ser mandado para a prisão a qualquer momento.

Brynn mordeu a língua. Não havia nenhuma vantagem em lembrar Gray do fato de que estava fazendo o seu melhor para ajudá-lo a pagar seus empréstimos. Ela entendia seu desespero, a humilhação de ter de penhorar os bens, de ter de vender preciosas heranças de família e demitir funcionários amados, a culpa por não ser capaz de sustentar a família e a preocupação torturante, tentando achar uma forma de garantir a sobrevivência no dia a dia.

Gray havia feito sua parte de sacrifícios. O mais doloroso, ele teve de abandonar a própria amada e ver a jovem que admirava casar-se com outro cavalheiro.

– Já recusei outras propostas, e você nunca se opôs antes.

– Não eram tão vantajosas quanto essa. Você não vai encontrar um partido melhor do que Wycliff.

– Você o faz parecer uma presa.

Grayson fez uma careta ao ouvir sua tentativa idiota de humor.

– Você sabe muito bem que não posso deixar Theo. Pelo menos não até que o futuro dele esteja garantido.

– Estaria completamente garantido se você se casasse com Wycliff. Ele ofereceu-se para financiar a educação de Theo. Poderíamos contratar os melhores tutores possíveis ou mandá-lo para a escola. Acredite, Wycliff é rico o suficiente para comprar uma escola de verdade, nesse caso, e você não precisaria mais brincar de governanta.

Aquilo doeu, considerando o esforço que vinha fazendo para ensinar o irmão mais novo. Brynn respirou fundo, buscando paciência.

– Não estou certa de que Theo esteja pronto para ir à escola. Os meninos podem ser cruéis.

– Talvez, mas poderia fazer toda a diferença para ele, visto o quanto é estudioso. Além disso, você não poderá mantê-lo protegido a vida inteira, como fez até agora.

Brynn encarou o vidro da janela. Eles estavam discutindo com frequência por causa de sua superproteção. Ela vigiava Theo como qualquer mãe faria, já que o criara desde bebê.

– É fácil para você defender a ideia do casamento com Wycliff, não é você que terá de se tornar esposa dele.

Gray a observou com toda a seriedade.

– Ele parece ser um tipo bastante amável. E duvido que você não o ache atraente, considerando como as damas ficam loucas por ele.

– A aparência dele é grande parte do problema, Gray. Eu... eu sonhei com ele na noite passada. Eu o vi morrer.

O irmão olhou para ela.

– Talvez seja apenas uma coincidência.

– Você sabe muito bem que não é. Não quero a responsabilidade de causar sua morte. Eu não conseguiria suportar a culpa.

– O fato de simplesmente casar-se com ele não significa a morte. Você só tem de se disciplinar para não desenvolver qualquer afeto por ele.

Era mais fácil falar do que fazer. A atração que sentia por Wycliff já era quase irresistível.

– Não estou disposta a correr o risco.

– Bem, ele parece disposto o suficiente.

– Eu sei. Ele zombou quando o avisei que isso poderia acontecer. Por que não pode simplesmente acreditar em mim? Se não fosse a maldição, ele nem mesmo estaria interessado em mim. Certamente nunca teria proposto um *casamento*. Ele não sabe nada sobre mim, nada sobre as nossas atividades ilegais, duvido que iria querer uma traficante como sua condessa se soubesse da verdade. Mas não acho que seria prudente revelar meu envolvimento.

– Não, isso seria de fato imprudente – Gray concordou, franzindo a testa. – Hoje fiquei sabendo que Wycliff trabalha para o Ministério das Relações Exteriores.

– Como assim? *Trabalha*?

– Ele é empregado do governo britânico.

As sobranças de Brynn se ergueram em surpresa.

– Por que um nobre com fortuna e renome precisaria de emprego?

– Não acho que ele precise, mas não tenho ideia do porquê. Presumo que seja porque gosta do desafio. Seja qual for a razão, ele é bastante poderoso nos círculos do governo e, definitivamente, não é alguém que eu gostaria de frustrar.

– Bem, essa necessidade de poder é outra coisa que acho irritante. Ele gosta muito de se fazer sentir presente. Nunca conheci um homem tão arrogante. Ele acha que pode simplesmente ordenar que me case com ele, e eu educadamente vou obedecer.

Gray olhou-a com um toque de compaixão.

– Posso entender que seu orgulho ficará ferido. O meu também está. Mas não pode se esquecer de como nossa situação é terrível.

Desgostosa pelo tom de voz suave do irmão, Brynn mordeu o lábio. O orgulho sempre fora um de seus principais defeitos, e era humilhante ter de engoli-lo. Ela odiava ser tão impotente, tão dependente dos caprichos de outra pessoa.

– Não me esqueci da nossa situação, mas detesto que ele ache que tem o poder de comprar minha submissão. Ele acha que pode simplesmente me comprar para lhe dar filhos. Não estou à venda.

– Ele quer filhos, Brynn. Que homem não quer?

Ela manteve-se teimosamente em silêncio.

– Você está dizendo que não quer ter filhos?

Honestamente, ela queria, mas havia se resignado a uma vida estéril, dizendo a si mesma que ficaria contente em dedicar-se à criação de Theo.

– Não, não estou dizendo isso, mas certamente não quero que sejam filhos de Wycliff. Basta pensar em como eu me sentiria se tivesse assassinado o pai dos meus filhos.

– Espero que você consiga evitar o assassinato – disse Gray secamente.

– Isso não é brincadeira, Grayson!

– É claro que não. Sinto muito. Você chegou a considerar que, uma vez que estivermos livres da dívida, não terei de me envolver com o contrabando, assim como Theo?

O comentário fez Brynn se endireitar na cadeira.

– Você deixaria de levá-lo com você?

– Sim, claro. Você sabe muito bem que o pressionei a fazer o serviço porque precisava de ajuda para administrar minhas equipes com todos os nossos irmãos longe. Além disso, é mais fácil aprender as funções enquanto se é jovem. Mas não posso desistir de nossa única fonte de renda, até eu quitar nossas dívidas.

Gray sustentou o olhar com firmeza.

– Pensei que não deixar Theo participar do contrabando fosse seu desejo mais

sincero.

– Claro que é. Não quero que ele tenha nada a ver com o contrabando, ou o mar. Não está preparado para tal perigo. Ele fica doente cada vez que você o leva para lá.

– Então deveria estar feliz de Wycliff oferecer a você uma chance de tirá-lo do mar. Talvez ela realmente devesse estar feliz.

– Você realmente acha que eu deveria me casar com Wycliff?

– Sim. Pelo bem de Theo, se nada mais.

Brynn sentiu o desespero crescer por dentro quando percebeu a verdade da afirmação tranquila do irmão.

– Muito bem, vou considerar.

Ela empurrou a cadeira para trás e levantou-se bruscamente, com a necessidade de ficar sozinha. Sem outra palavra, saiu da sala.

Quando chegou ao quarto, fechou a porta e foi até uma das janelas que davam para a encosta. Um sentimento de desespero apertava seu peito enquanto olhava para a costa rochosa do mar.

Gray estaria certo? Ela deveria se casar com Wycliff? Deveria correr o risco?

Incapaz de ficar parada, Brynn voltou a andar pelo cômodo. Wycliff havia sido tudo, menos um cavalheiro quando veio solicitar o que ele queria, colocando um acordo de casamento generoso diante dela para obrigá-la a aceitar. Mas era o último homem na Terra com quem ela deveria se casar.

Se pudesse escolher um marido, escolheria alguém que fosse o oposto dele. Um homem calmo por quem não sentisse nenhuma atração, não alguém que fizesse seu sangue ferver com apenas um olhar. Não haveria perigo de se apaixonar, então...

Rangendo a mandíbula, Brynn foi para a penteadeira e tirou sua caixa de joias, onde havia apenas algumas bugigangas baratas e somente uma peça extremamente valiosa.

Abrindo o medalhão que havia sido passado para ela de seus ancestrais, encontrou um retrato em miniatura de lady Eleanor Stanhope-Flaming Nell, a mulher sedutora que séculos antes havia levado os homens à loucura com seus atraentes traços e cabelos cor de fogo, e que também havia sido amaldiçoada por seus pecados libertinos.

Não era a primeira vez que Brynn desejava que a ancestral tivesse moderado seu comportamento arbitrário e evitado causar aos descendentes do sexo feminino tal sofrimento. Mas não havia como escapar da maldição. Wycliff, apesar de seu ceticismo, tinha se deixado levar tanto por ela que desrespeitava todas as objeções e todos os avisos, determinado a convencê-la sobre o casamento.

O punho de Brynn se fechou sobre o medalhão, pressionando a filigrana de ouro em sua palma. Ela desejava desesperadamente ter alguém com quem pudesse conversar, alguém que não fosse Grayson, que tinha um interesse vital na proposta.

Sua mãe teria sido inflexível quanto a recusar a proposta de Wycliff, Brynn sabia, mas o que Esmeralda aconselharia?

A velha cigana era descendente da criadora original da maldição. No último século, seu pequeno grupo teve permissão de acampar na propriedade Caldwell, quando visitassem o distrito, na esperança de amenizar a ofensa de Flaming Nell.

Quando seu primeiro pretendente morreu, Brynn buscou Esmeralda para que ela interpretasse seus sonhos sombrios. A análise enigmática da cigana havia sido um pouco confusa e contraditória, mas, mesmo assim, Brynn havia saído do local com a firme convicção de que fora culpada pela morte do seu pretendente.

Não poderia consultar a velha dessa vez, porque não tinha ideia de onde encontrá-la.

Seu grupo estava vagando pelo sul da Inglaterra, partindo da Cornualha e fazendo todo o percurso até Londres.

Brynn fechou o medalhão e o recolocou na caixa de joias. Talvez estivesse enganada. Talvez seu sonho perturbador com Wycliff não significasse que ele realmente fosse morrer, mas era apenas um aviso para que tivesse cuidado. Se assim fosse...

Ela não queria aceitar a proposta de casamento, mas será que realmente tinha escolha? Se aceitasse casar-se com Wycliff, poderia liberar Grayson da ameaça de prisão pelas dívidas. Além disso, Theo teria a educação que sempre quis, o futuro que ela sempre desejou para ele. Se não, continuaria sob sua tutela imprópria em casa, onde sua vida estaria em risco. Seria tragado pelo submundo perigoso do contrabando.

Dilacerada pela consciência, Brynn fechou os olhos. Pelo bem do amado irmão, teria de ceder. Teria de se tornar a condessa de Wycliff e dar a ele um filho. Por Deus...

Abrindo os olhos, levantou o queixo com firme determinação. Muito bem, se casaria com ele. Daria ao Senhor Wycliff o herdeiro que queria em troca de um acordo de casamento que acabaria com todas as dívidas de sua família.

No entanto, era preciso ter cuidado. Ela teria a responsabilidade de salvar Wycliff de sua luxúria, assim como da sua própria. Pior ainda, teria de evitar que qualquer afeto ou coisa parecida nascesse entre eles.

Ela tinha esperança de poder administrar tudo isso.

Só esperava que ele não se arrependesse de entrar em uma união tão perigosa.



Na tarde seguinte, Brynn recebeu formalmente lorde Wycliff na sala de estar. Se ela havia pensado em adiar a questão do pedido de casamento, ficou decepcionada, pois ele foi direto ao assunto.

– Reconsiderou minha oferta?

– Sim – respondeu ela com formalidade. – Sabe muito bem que por causa de minha família não posso me permitir recusar.

– Então aceita se tornar a minha esposa?

– Sim.

– Sinto-me honrado – disse Wycliff agradavelmente, como se nunca tivesse duvidado da resposta dela.

Brynn sentiu sua frustração retornar diante da certeza dele. Respirou fundo, sabendo que tinha de tentar mais uma vez convencê-lo do perigo que corria ao se casar com ela.

– Sinceramente, não *desejo* honrá-lo, milorde. Eu preferiria fazê-lo ver a razão. Seria muito mais sensato retirar seu pedido antes que seja tarde demais.

– Eu quero um filho, senhorita Caldwell. Um herdeiro legítimo. Infelizmente isso requer que me case com uma mulher. Uma dama, preferencialmente.

– Mas não precisa ser *eu*. Pelo que todos sabem, você poderia ter qualquer mulher que quisesse.

– Eu quero você. Pensei ter deixado isso perfeitamente claro.

– O sorriso lento e pela metade que obscurecia sua boca tinha a intenção de desarmá-la, mas Brynn se recusava a se desarmar. As tentativas dele de cativá-la poderiam ser fatais.

– E eu – replicou ela – deixei perfeitamente claro, milorde, que sua luxúria é irracional.

– Já que vamos nos casar em breve, certamente não precisamos ser tão formais. Meu nome é Lucian.

Brynn o olhou fixamente.

– Lúcifer, foi isso que disse?

Uma insinuação de divertimento acendeu os olhos dele.

– Já fui chamado de coisas piores.

Brynn olhou para o teto, tentando encontrar paciência.

– Eu gostaria de poder fazê-lo entender o perigo da maldição.

– Lamentavelmente, não sou do tipo supersticioso.

– Talvez não, mas existem provas. Se não acredita em mim, devia examinar os registros da igreja. Praticamente todas as gerações de mulheres na minha família enfrentaram uma tragédia amorosa.

– É o que você diz. Mas eu acredito que essas tragédias podem ser explicadas como mera coincidência.

– Você sonha comigo, não sonha?

A expressão na face de Wycliff se tornou enigmática de repente, e Brynn pôde ver que tinha tocado a ferida.

– Seus sonhos não são meras coincidências, garanto. Eu assombro os sonhos dos homens, assim como fizeram minhas antepassadas.

Ele olhou para um quadro pendurado na parede da sala de estar.

– Aquela ali é alguém da sua família?

Era o quadro de uma mulher elegante com cabelo ruivo e uma expressão de tristeza nos olhos escuros.

– Era minha mãe.

– Ela era muito bonita. Não seria necessária uma maldição para fazer homens sonharem com ela, ou mesmo fazê-los perder a cabeça por ela.

Juntando as mãos com força, Brynn expirou devagar. Obviamente não ia conseguir persuadir Wycliff.

– Muito bem, ignore o perigo se quiser, mas não espere que eu faça o mesmo. Meu primeiro pretendente morreu porque demonstrei uma inclinação por ele, e não posso permitir que isso aconteça novamente. Não vou ter a sua morte pesando na minha consciência. Nosso casamento deve ser de conveniência e nada mais.

Wycliff hesitou por um momento.

– Um casamento de conveniência seria perfeitamente aceitável de minha parte – ele disse suavemente. – Não estou interessado em uma relação amorosa. Quero apenas um filho. Mas também não vou ser controlado por medo, sereia. Não tenho medo de você demonstrar uma inclinação por mim.

– Mas você não vê...

Ele levantou a mão, impedindo que a discussão continuasse.

– Eu me considero avisado e a absolvo de qualquer responsabilidade.

O sorriso fácil de Wycliff tinha a intenção de tirar o remorso de suas palavras de desprezo, mas ela não ficou tranquila. Tampouco contente quando ele abruptamente mudou de assunto.

– Agora, então, talvez devamos discutir nossas núpcias futuras. Você tem algo contra se casar por licença especial?

Foi a vez de Brynn franzir as sobrancelhas.

– Uma licença especial? O comum é se casar em uma igreja.

– A cerimônia ainda pode ser realizada na igreja. Prefiro não esperar que os proclamas sejam lidos. Pensei que a próxima sexta-feira seria uma boa data. Daqui a seis dias.

– Seis dias! – Brynn ficou boquiaberta enquanto olhava para ele em desespero.

– Isso deve me dar tempo suficiente para enviar a Londres um pedido para uma licença especial.

– Com toda certeza não há motivos para tanta pressa!

– Infelizmente não posso ficar muito tempo longe das minhas questões urgentes.

– Um compromisso com seu alfaite, sem dúvidas?

Brynn viu os olhos dele momentaneamente se apertarem pela farpa, mas não se desculpou. Ela já se ressentia da arbitrariedade de Wycliff, e um casamento rápido e sem preparativos era mais um fator contra ele.

– Uma união apressada só vai parecer precipitada e gerar fofoca – explicou Brynn.

– Espero que minha influência seja grande o suficiente para afastar a maior parte das fofocas. Os condes geralmente têm mais licença para quebrar as regras.

– Mais do que meros mortais, você quer dizer?

Não respondendo diretamente ao tom azedo dela, ele se levantou e se aproximou.

– Viagens marítimas lhe fazem mal?

– Não. Por que pergunta?

– Eu vim para a Cornualha pelo mar. Meu navio está ancorado em Falmouth. Pensei que poderíamos voltar para Londres assim, já que navegando será mais rápido do que viajar de carruagem, e mais confortável também.

Brynn sentiu uma onda de pânico ao perceber que teria de viajar com Wycliff. Céus, logo se tornaria sua *esposa*. O casamento estava realmente em andamento.

– Você concorda em velejar? – ele cutucou quando ela ficou em silêncio.

– Seja como for, não faz diferença – murmurou ela, seus pensamentos distraídos.

– Muito bem!

Movendo-se para ficar diante dela, Wycliff recuperou a atenção de Brynn ao pegar sua mão. Olhando-a fixamente, levou os dedos dela aos lábios, abalando totalmente sua compostura.

Brynn retirou a mão, sentindo o formigamento sensual na pele.

– Perdoe-me por deixá-la de maneira tão abrupta – ele murmurou –, mas devo tratar dos detalhes de nossas núpcias.

– Não me importo nem um pouco que você se vá – declarou ela. – Na verdade, quanto menos eu o vir, melhor.

Os cílios dele se abaixaram um pouco sobre os olhos azuis enquanto a estudava.

– Não será nada bom para nossa felicidade conjugal, querida, se ficarmos travando batalhas verbais o tempo todo.

– Isso pressupõe que a felicidade conjugal seja um objetivo que valha a pena – replicou Brynn friamente. – Já disse que não tenho interesse em uma união feliz. Um casamento não muito harmonioso será muito mais seguro para você.

– Mas não tão agradável – replicou ele suavemente.

– Não vou cair no seu charme, milorde – disse Brynn com teimosia. – Você não pode me fazer sucumbir.

Sua linda boca se amenizou naquele potente meio sorriso masculino com o qual ela estava começando a se familiarizar.

– Vejo que terei de dispor de todos os meus poderes de persuasão para convencê-la do contrário. Devo confessar – acrescentou Wycliff em um murmúrio malicioso – que estou ansioso pelo desafio.

Os seis dias seguintes se passaram com uma rapidez fatal. Brynn se alternava entre o pavor de suas futuras núpcias e a tentativa de se convencer de que tinha exagerado sobre o possível perigo.

O arrogante lorde Wycliff estava constantemente presente na residência dos Caldwell, se exibindo para tentar ser encantador. Conforme o casamento se aproximava, ele já tinha conquistado seu irmão mais novo e também o mais velho.

Theo estava comendo na mão dele e sofrendo de um caso grave de culto ao herói, em parte porque Wycliff voluntariamente passava um tempo no precioso laboratório do menino. Até mesmo Grayson parecia à vontade, apesar da humilhação de precisar da generosa ajuda financeira do conde.

Apenas Brynn recusou-se a ceder. Ela tinha de manter um distanciamento rigoroso de Wycliff. Não podia permitir que qualquer charme diabólico ou sorriso sedutor a convencessem ou penetrassem em suas defesas.

Embora fosse exigido pelas convenções da corte que ficassem um na companhia do outro, ela fez todos os esforços possíveis para evitar ficar a sós com ele. Quando em sua presença, suportava o olhar admirador e brilhante com o máximo de coragem que conseguia reunir, fingindo agir de maneira racional. Quando Lucian não estava por perto,

tentava bloquear da mente qualquer pensamento sobre ele ou o que a iminente união traria.

Ela descobriu que pelo menos havia uma vantagem em se casar com tanta pressa. Ao organizar os detalhes da cerimônia, estabelecer o futuro do irmão mais novo e se preparar para arruinar totalmente sua vida, ela tinha menos tempo para se preocupar.

Era possível que sua preocupação tivesse ganhado uma proporção desmedida. Brynn lembrou que as mulheres em sua família poderiam se casar sem consequências desastrosas contanto que tomassem cuidado para não se apaixonar. E ela estava entrando em um casamento de conveniência, nada mais.

Além disso, seu sonho sombrio sobre Wycliff não tinha retornado. Talvez a sensação de ruína iminente fosse simplesmente o nervoso que a noiva geralmente sentia.

Os sonhos de Lucian sobre Brynn, no entanto, tornaram-se mais vívidos – visões da sua morte misturadas com imagens eróticas do leito conjugal. Os sonhos inquietantes, com as advertências que encontrou sobre a futura esposa, não lhe deram um momento de trégua.

Seu anfitrião idoso, o duque de Hennessy, reagiu ao noivado com surpreendente angústia.

– Incomoda-me, Wycliff, que tenha escolhido a senhorita Caldwell quando pode ter inúmeras outras noivas. Há uma história na família dela que você precisa saber.

– Estou ciente das histórias – respondeu Lucian –, mas não lhes dou muito crédito. Confesso que me surpreende que o senhor dê.

Sua graça parecia desconfortável.

– Não sou supersticioso de modo geral, mas eu conhecia a mãe dela. Na verdade, eu mesmo cortejei Gwendolyn uma vez. Devo dizer que me considero afortunado por ter escapado. Mas se você está decidido, acho que não tenho o direito de protestar.

– Estou decidido – assegurou Lucian.

Os vizinhos gentis do duque pareciam tão perturbados quanto ele com a notícia. Olhavam Lucian com descrença e sussurravam pelas suas costas, apesar de não terem a pretensão de expressar suas opiniões. Os aldeões também se mostravam receosos com o rumo dos acontecimentos. E o camareiro de Lucian estava preocupado, arriscando descontentar seu senhor ao relatar contos que ouvira dos servos do duque. Havia até mesmo acusações ainda veladas sobre Brynn Caldwell ser uma bruxa.

Lucian, no entanto, rejeitou as histórias e manteve o rumo dos acontecimentos. Ele não investigou os registros da igreja como Brynn tinha sugerido, pois não queria se curvar à superstição. E quando sua noiva mais uma vez sugeriu que retirasse o pedido, enquanto ainda havia tempo para mudar de ideia, ele dissipou as dúvidas.

Não acreditava em maldições. Queria Brynn Caldwell como esposa e não seria intimidado a desistir dela.

O toque hábil parecia mágica. Os lábios dele se moviam sobre o rosto corado, a garganta, os seios, reivindicando os mamilos, a boca úmida e quente. Ela arqueou as costas em busca do tormento gentil. Como se entendesse a necessidade desesperada, a mão dele roçou sua essência. Ela tremia, a carne queimava por ele...

Brynn acordou com um salto, o corpo impregnado de calor enquanto os restos do sonho erótico desapareciam. Lucian – lorde Wycliff – a tinha beijado, tocado, despertado-a para a paixão.

Ela se arrepiou com a memória. O sonho não tinha qualquer semelhança com o pesadelo sombrio no qual imaginou a morte dele. Esse último tinha sido exuberante, lancinante, estranhamente sedutor. Ainda podia sentir a pulsação doce entre as coxas, ainda sentia a dor do desejo em seu coração.

Certamente, esse sonho não era uma premonição. Ela ainda não tinha se casado com Wycliff.

Brynn sentou-se abruptamente, retomando a noção da realidade. Era o dia de seu casamento. Logo seria a noiva dele. Uma sensação de pânico tomou conta dela enquanto abraçava o cobertor onde os seios ainda pulsavam, imaginando se estava cometendo um erro terrível.

Brynn tentou expulsar o sonho de sua mente e tratar o dia como outro qualquer, mas tudo o que conseguiu fazer foi engolir uma pequena porção do café da manhã. Depois, com a ajuda da única empregada que tinham, tomou banho e colocou seu melhor vestido desbotado de tafetá pêssego.

Quando se olhou no espelho de corpo inteiro, mordeu o lábio com força. Tinha dormido mal e estava com olheiras, enquanto o rosto parecia fantasmagórico e pálido. No entanto, mesmo a aparência abatida não mostrava adequadamente sua perturbação.

Um dia de casamento devia ser um dia especial – talvez sagrado – na vida de uma mulher. Mas para ela não haveria alegria, nem a doce ansiedade. Só a solidão e o medo.

Mesmo se não houvesse risco algum envolvido em se casar com Wycliff, isso ainda assim seria o fim da vida que conhecia. Hoje, deixaria para trás sua infância, para sempre. Ainda mais desesperador de contemplar era o fato de que ia abandonar sua casa e sua família de vez. Amanhã de manhã ela velejaria com seu novo marido para Londres.

– Tenha misericórdia – sussurrou à pessoa insípida no espelho.

Estava deixando para trás tudo o que conhecia, todos os que amava, para se casar com um estranho. Lamentavelmente, nem sequer poderia dizer adeus a seus três outros irmãos, Arthur, Stephen e Reese. Nenhum deles viria à cerimônia de hoje, pois não havia como se comunicar com os vários navios a tempo, embora Brynn soubesse que eles teriam sido incapazes de obter autorização, de qualquer maneira.

Sentiu um aperto na garganta. Não tinha certeza do que era pior: a dor de perder a família ou a perspectiva de passar a vida inteira com um homem que não ousava amar.

De qualquer maneira, o momento irrevogável se aproximava. Em menos de uma hora, Grayson a acompanharia à igreja da vila, onde a cerimônia seria realizada pelo vigário. A recepção do casamento – uma festa financiada por Wycliff, organizada pela duquesa de Hennessy e preparada pela grande equipe de empregados do duque – aconteceria imediatamente depois e duraria a maior parte da tarde.

A noite de núpcias seria na casa dos Caldwell, em vez de no castelo do duque ou do navio de Wycliff. Gray tinha insistido nesse detalhe para protegê-la, uma exigência pela qual Brynn era grata.

Até agora ela tinha se esquivado de contemplar exatamente o que a intimidade física de um casamento implicaria, mas, apesar da mestria alardeada de Wycliff com o sexo feminino, era um homem como qualquer outro. Sob a influência do feitiço cigano, poderia muito bem deixar as paixões tomarem conta e exigir submissão. Ela se sentia mais segura sabendo que poderia chamar o irmão caso as coisas fugissem ao controle. Mas ainda teria de enfrentar sua própria apreensão com relação a assuntos sexuais.

Uma batida sutil na porta interrompeu os pensamentos angustiantes. Era Theo, vestindo seu melhor casaco, que há muito tempo já não servia mais. Os pulsos esguios se estendiam uns cinco centímetros além das mangas. Sua boca fez um círculo quando a viu.

– Você está tão bonita, Brynn!

– Acho que você está sendo um pouco tendencioso – disse ela, tentando encontrar um tom leve enquanto se afastava para deixá-lo entrar no quarto.

– Eu vim ver se poderia ajudá-la de alguma forma. Carregando suas malas, talvez. Ela olhou para o querido irmão mais novo e teve de sorrir.

– Desde quando você se interessa por assuntos insignificantes como bagagem? Se for isso, me sinto honrada que você pretende tirar a cabeça das nuvens por minha causa. Theo sorriu, um sorriso que lentamente desapareceu.

– Bem, na verdade eu... eu vim porque queria lhe dar uma coisa. Ele abriu a mão para revelar um pequeno frasco com um líquido amarelado.

– Fiz uma poção para você. Talvez ajude a afastar a maldição. Aceitando o frasco, Brynn abriu a tampa e fez uma careta ao sentir o odor pungente que agrediu suas narinas.

– O que, em nome de Deus, é isso? Asa de morcego e língua de sapo?

– Apenas algumas substâncias químicas. Você deve usá-lo como perfume. Não acredito que vá queimar sua pele.

– Estou muito aliviada – Brynn disse com ironia. – Obrigada, querido. Isso deve de fato afastar alguém que decida se tornar próximo demais. Até mesmo Wycliff. Ele não acredita na maldição cigana, mas, pelo menos, posso derramar isso sobre ele.

– Não é sábio ignorar essas coisas – disse Theo com seriedade. – Existem alguns fenômenos que até mesmo a ciência não pode explicar.

Brynn pensou que o irmão fosse se despedir ali, mas seu rosto ficou ainda mais solene.

– Brynn, sei que você está fazendo isso por minha causa, casando-se com o milorde para que eu possa ir à escola. E eu... eu quero que você saiba o quanto sou grato.

– Não seja bobo – disse ela, forçando as palavras através da dor repentina em sua garganta. – Sempre me imaginei como uma condessa.

Theo lançou um olhar de reprovação.

– Você sempre me ensinou a não dizer bobagens.

– Realmente ensinei – ela fingiu um sorriso. – Não se preocupe comigo, meu amor. Eu é que estou sendo boba. Acho que estou sofrendo daquele nervoso característico das noivas. Eles são bastante comuns, pelo que sei.

– Bem, se você precisa se casar, acho que Wycliff é uma boa escolha. Ele parece um sujeito excelente.

– Você só diz isso – Brynn tentou fingir um tom de brincadeira – porque ele o subornou com promessas de novos suprimentos para o laboratório.

– Ele também prometeu que posso visitá-lo em Londres, em meu primeiro recesso escolar. Você concorda com isso? – Theo tinha escolhido estudar em Harrow e logo iria embora para o início das aulas.

– É claro que concordo! Eu gostaria muito de vê-lo – disse ela fervorosamente. – Tenho certeza de que estarei solitária em Londres. Não conheço ninguém lá, exceto Meredith, e ela foi para a chácara do marido para o resguardo. Mesmo quando retornar, sem dúvida vai estar ocupada com o novo bebê.

O olhar que o irmão mais novo lhe lançou carregava uma sabedoria muito além de sua idade.

– Não quero que você fique triste, Brynn. Ela engoliu em seco.

– Não vou ficar nem um pouco triste. Não se eu souber que você está feliz.

Puxando Theo para si, deu-lhe um forte abraço, descuidando do vestido. No entanto, podia sentir as lágrimas ameaçando cair.

Com determinação feroz, obrigou-se a soltá-lo e a se afastar.

– Agora vá embora – repreendeu – e me deixe terminar de me vestir em paz. Seria mal-educado chegar atrasada ao meu próprio casamento.

Temendo um colapso emocional, ela deu um beijo maternal na testa dele e dirigiu Theo com força para fora da porta.

Fechando a porta atrás dele, Brynn pressionou a testa contra o painel de carvalho, tentando desesperadamente conter as lágrimas. Depois de um momento, conseguiu recuperar o controle de si mesma. Não iria chafurdar na autopiedade. Tinha tomado a decisão de se casar com Wycliff por causa de sua família e teria de viver com isso.

Levantando o queixo, respirou fundo, grata pela sensação fria de resignação que fluiu nela enquanto se virava para terminar de se vestir.

Mesmo assim, o frio entorpecente não poderia amortecer a dor em seu coração por deixar a família que amava, ou o pavor que sentia com relação ao futuro.



A igreja estava lotada. Muitos dos presentes eram amigos e pessoas bem-intencionadas, mas alguns eram apenas curiosos, loucos para ver um homem de posição tão destacada se casar com alguém de reputação tão perigosa. Brynn, em pé na frente do vigário com seu futuro marido, acreditava que todos os convidados ali presentes estavam certos de que ela havia convencido o conde de Wycliff a se casar utilizando poderes sobrenaturais.

Durante a cerimônia, Brynn evitou olhar para seu lindo noivo. Seria mais seguro não encarar aqueles olhos tão azuis quanto o terno dele, ou notar que a gravata combinava com as características marcantes e aristocráticas dele. No entanto, ela sabia que cada mulher presente sentia uma ponta de inveja.

Naquele momento, Brynn teria ficado feliz em trocar de lugar com qualquer uma delas. Ela ouvia com crescente consternação as palavras fora de moda do vigário. Estava realmente se unindo em sagrado matrimônio a um estranho.

Brynn estremeceu ao ver lorde Wycliff colocar um anel de ouro em seu dedo, ainda que não compreendesse a grandeza daquilo, até que o marido roçou levemente sua boca com um beijo. Seus lábios eram frescos e contidos, mas de alguma forma escaldantes, e expressavam a finalidade de sua união como um golpe de vento gelado.

Ela havia se unido àquele homem para sempre, no melhor e no pior. E era bem provável que fosse a *segunda* opção.

Incomodada, Brynn virou-se, quase tropeçando.

Wycliff estendeu a mão para segurar seu cotovelo, e, por um momento, seus olhares se encontraram. Para sua tristeza, os olhos dele pareciam queimar com possessividade e triunfo.

Com cuidado deliberado, ela afastou o braço dele.

– Eu realmente espero que você não se arrependa deste dia.

– Não tenho essa intenção – ele respondeu tranquilamente, sem demonstrar nenhum sinal da mesma agitação interna que ela sentia.

A mão de Brynn tremia ao assinar o registro da igreja, oficializando o casamento. E então, castigando-se por sua covardia, ela endireitou a coluna e estampou um sorriso nos lábios enquanto aceitava os votos de felicidade dos convidados que pareciam intermináveis.

A carruagem do duque de Hennessy levou os convidados até a casa dos Caldwell, onde um banquete foi servido no terraço, por uma vasta equipe de serviçais.

O café da manhã de casamento havia sido um tormento para Brynn, pois pareceu durar horas. Aquela tarde de julho havia ficado tão quente que ela estava tonta, apesar da refrescante brisa que soprava do mar. Precisou reunir toda a sua força de vontade para suportar os inúmeros brindes bêbados em honra ao casal de noivos, começando com a saudação do velho duque ao seu grande amigo Wycliff. O champanhe caro, assim como tudo o mais, tinha gosto de poeira. No entanto, era o que aconteceria mais tarde que a preocupava. Ao ver os convidados partindo, Brynn sentiu um pânico cada vez maior com o pensamento de obrigatoriamente ir para a cama com Lucian.

Em geral, não se considerava uma covarde, mas devia reconhecer que temia o aspecto físico do casamento. A ideia de entregar seu corpo a um homem – mesmo sendo o marido – soava estranha para Brynn. Na verdade, ela havia passado tanto tempo de sua vida

evitando os homens que a resistência havia se tornado uma segunda natureza para ela.

Wycliff poderia facilmente ficar empolgado. E se ela não conseguisse resistir? O simples toque dele a afetava mais do que qualquer outra pessoa já tinha feito. Ela poderia ser um perigo terrível para ele, caso se envolvesse em sua sedução.

O sol estava baixo no horizonte quando o duque e a duquesa se despediram, sinalizando o fim das festividades. Logo, Brynn viu-se sentada à mesa da noiva sozinha, apenas com o novo marido e o irmão mais velho. Theo já havia se entediado com tudo há muito tempo e tinha conseguido escapar para o laboratório.

Grayson levantou para abraçá-la, e Brynn teve de lutar contra a dor das lágrimas, sabendo que aquela poderia ser a última vez que o veria por um longo tempo. Ela se agarrou ao irmão por um momento, aproveitando sua força.

Gray beijou seu rosto e depois recuou, com o olhar fixo em Wycliff.

– Vai cuidar da minha irmã? – perguntou, em tom solene e severo.

– Não vou feri-la, prometo – Wycliff respondeu calmamente.

Grayson desviou o olhar para Brynn, que ficou sem jeito ao lado de seu novo marido.

– Se precisar de mim, é só me chamar.

Ela forçou um sorriso.

– Vou me lembrar disso.

Dando-lhe um aperto de mão reconfortante, Gray beijou sua testa novamente e se despediu.

– Seu irmão a protege muito – Wycliff comentou quando ficaram sozinhos.

– Por uma boa razão.

– Não tenho nenhuma intenção de violentar você, Brynn.

– Se você diz... Só espero que você se lembre de suas boas intenções quando chegar a hora.

Wycliff não respondeu à sua óbvia preocupação. Em vez disso, para sua surpresa, ele fez um sinal para o criado, que estava parado às portas do terraço.

– Obrigado, Pendry – disse, quando o funcionário lhe entregou uma caixa.

Wycliff esperou até que estivessem sozinhos novamente para entregar a caixa a Brynn.

– Para você, milady. Um presente de casamento – disse ele, em resposta a seu olhar inquisidor.

Brynn recebeu a caixa com cuidado e quase engasgou quando a abriu. Dentro havia um conjunto requintado de joias de esmeralda feitas de ouro – colar, pulseira e brincos.

– Esmeraldas para combinar com seus lindos olhos.

Ela mudou a expressão para a indiferença. Se ele pensou que poderia romper suas defesas cobrindo-a com elogios e joias, estava muito enganado.

– Eu não estou interessada em seus subornos, milorde – disse com firmeza, colocando o presente na mesa.

– Meu nome é Lucian – lembrou.

Ele olhou para fora do terraço, em direção ao vasto oceano de ouro espumante a distância.

– Está um entardecer lindo, e é muito cedo para nos retirarmos. Por que você não entra e coloca um vestido mais confortável? Algo que não se importe de sujar.

Ela olhou para ele.

– Por quê?

– Eu gostaria de dar um passeio pela costa.

Brynn pensou em perguntar se ele estava louco, mas estava mais do que disposta a adiar ao máximo o momento do acerto de contas.

Então fez o que lhe foi proposto, demorando muito tempo para trocar de vestido. Ela não pôde deixar de notar que a camisola havia sido colocada sobre a cama onde ela havia dormido por todos os seus vinte e quatro anos. Brynn tremeu, tentando não pensar na noite que a aguardava.

Ao voltar, o marido a esperava no andar de baixo, segurando uma cesta e o que pareciam ser vários cobertores de lã envoltos em seu braço.

– Morangos e champanhe – respondeu à pergunta silenciosa.

– Você quer fazer um *piquenique* a essa hora do dia? – perguntou, arqueando as sobrancelhas com espanto.

– Algo assim. Pensei que uma comemoração em particular cairia bem. E eu esperava que, talvez, pudéssemos fazer uma trégua hoje à noite.

Brynn não sabia ao certo o que responder. Não queria uma trégua. Não queria baixar a guarda. No entanto, não protestou quando ele pegou sua mão e a conduziu ao outro lado do gramado no terraço, em direção ao penhasco.

Acima deles, o sol parecia uma bola vermelha no horizonte, iluminando o mar com um fogo dourado. Lucian parou à beira do penhasco e observou o local com atenção. Brynn não podia culpá-lo por estar encantado com uma vista tão magnífica.

Os dois percorreram o caminho estreito até o costão rochoso. Ele estava indo em direção à enseada dela, e Brynn não sabia se aquilo era animador ou perigoso. Lucian tentou dar-lhe o braço, oferecendo-lhe uma ajuda desnecessária, mas ela se afastou, ainda que tivesse desistido de explicar que poderia encontrar o caminho com os olhos vendados.

Quando chegaram perto da piscina de pedra onde haviam se conhecido, ele encontrou uma pequena faixa de areia e abriu um dos cobertores. Brynn sentou-se, e então ele pegou o champanhe na cesta.

– Gostaria de uma taça?

– Sim, por favor – respondeu, precisando de coragem para encarar aquela noite.

Ele serviu duas taças e, em seguida, sentou-se no cobertor, estendendo-se ao lado dela. Defensiva, Brynn puxou os joelhos para o lado e tomou um gole de champanhe em silêncio.

Pelo menos, o cenário era espetacular. A brisa havia se tornado uma carícia suave, enquanto o ritmo eterno das ondas na costa rochosa a ajudavam a acalmar seus nervos.

Lucian foi o primeiro a falar.

– O clima aqui nunca deixa de me surpreender.

– Sim – respondeu Brynn a contragosto. – Esse trecho da Cornualha é um dos mais temperados de toda a Inglaterra. Palmeiras crescem aqui, e as rosas florescem mesmo em dezembro.

– Sou testemunha de que as mais belas rosas podem ser encontradas aqui. Tive a sorte de descobrir uma.

Ele olhava diretamente para ela.

– Sua bajulação não terá nenhum efeito sobre mim, milorde. Não tenho a intenção de cair em sua sedução ou me tornar mais uma de suas famosas conquistas.

– Não penso em você como uma conquista, querida.

– Não?

– Não. Penso em você como uma noiva incrivelmente linda.

Brynn estremeceu.

– Preciso lembrá-lo de que concordamos com um casamento de conveniência? Não há necessidade de tentar me agradar. Estou disposta a honrar minha parte no trato. Contanto que financie a educação do meu irmão, estou preparada para cumprir meu dever de esposa.

A boca dele se curvou em um leve sorriso.

– Acredito que você vá achar nosso leito conjugal muito mais agradável que um mero dever.

Brynn pressionou os lábios, reprimindo a vontade de retrucar, determinada a manter-se distante. Ele ofereceu o prato de morangos, mas ela recusou.

Escolhendo um para si mesmo, Lucian mordeu a succulenta fruta.

– Você parece disposta a sacrificar muitas coisas por Theodore.

Seu amado irmão era um assunto ao qual ela não resistia.

– Eu faria qualquer coisa por ele.

– Parece haver grande diferença de idade entre vocês.

Ela olhou para a taça.

– Minha mãe teve dificuldades depois que Reese nasceu. Ela ficou grávida várias vezes – Brynn hesitou, percebendo que o assunto era muito pessoal, e muito indiscreto. – Ela morreu ao dar à luz a Theo – terminou calmamente.

– E você o criou? Você era, provavelmente, uma criança.

– Eu tinha doze anos. Idade suficiente para cuidar dele.

– Theo tem sorte de ter você – a voz de Lucian pareceu amolecer. – Eu sempre quis ter um irmão ou uma irmã. Sempre fui filho único.

Brynn endureceu de propósito o coração. Ela não queria ouvir sobre a infância do novo marido, ou qualquer outra coisa que pudesse aumentar sua intimidade. Não podia permitir que suas emoções se suavizassem com relação a ele.

– Você está muito enganado, milorde, se acha que me importo em saber alguma coisa sobre você.

– Eu não trouxe você aqui para brigar, querida.

– Por que me trouxe aqui, então?

– Pensei que talvez você se sentisse mais confortável em seus domínios.

– Mais confortável?

– Você pareceu pouco à vontade comigo o dia todo. Talvez aqui, em um ambiente familiar, ficasse menos nervosa para consumir nossa união.

Brynn virou a cabeça a fim de olhar para ele.

– Você pretende consumir nosso casamento *aqui*?

– Você consegue pensar em um lugar melhor?

– Claro que consigo! O leito nupcial é o lugar normal para a consumação.

– Mas nosso casamento não é exatamente normal, é? Na verdade, eu diria que é bastante singular.

Ela respirou com firmeza, procurando argumentos para usar a seu favor.

– Você tem alguma ideia do escândalo que surgiria se alguém nos visse? Ou simplesmente não se importa?

– Ninguém vai nos ver. E pretendo esperar até que anoiteça, é claro.

Era quase crepúsculo. Brynn tomou um gole de champanhe, esperando que o espumante acabasse com sua agitação.

– Será escandaloso de qualquer forma – ela murmurou.

– Não mais do que você nadando seminua aqui, como no outro dia.

Ela balançou a cabeça, um pouco desesperada. Uma coisa era nadar ali com privacidade, e outra bem diferente era ter sua noite de núpcias consumada em uma praia rochosa.

– Você certamente não espera que eu me dispa aqui, certo?

– Por que não? Já vi boa parte do seu corpo.

– Está muito frio – ela disse sem muita convicção.

– Eu trouxe vários cobertores. E farei o meu melhor para mantê-la aquecida.

Ele colocou o prato de morangos de lado e se sentou, deixando Brynn apreensiva.

– Pensei que você fosse mais aventureira do que isso, minha querida.

– Não sou tão aventureira *assim*.

Um sorriso tímido se formou nos lábios dele diante da indignação da mulher.

– Sou seu marido agora, Brynn. Às mulheres casadas são permitidas mais liberdades do que às donzelas. – Ele fez uma pausa. – Você sabe o que se espera que aconteça entre nós?

– Não sou completamente inocente. Minhas amigas mais próximas são casadas, e uma delas me disse... o que geralmente se deve esperar.

– Então você sabe que as relações carnavais são necessárias para se gerar uma criança.

Brynn se perguntava por que a ideia de um filho era tão importante para ele, mas não se atreveu a perguntar, o que daria abertura para as confissões mais íntimas.

– Estou bem ciente disso, milorde.

– Lucian. Diga meu nome, meu amor.

– Lucian – repetiu com relutância.

– Assim é melhor. Gostaria de mais champanhe?

– Sim, por favor.

Ela estava bebendo muito e sabia disso, mas não pensava em parar. Precisava de coragem, caso Wycliff pretendesse continuar com aquele plano.

Ele encheu a taça e, em seguida, começou a desatar o nó da gravata.

– Não há nenhum motivo para se preocupar. Tenho toda a intenção de tornar a sua primeira experiência prazerosa.

– Certamente tenho motivos para preocupação. Você pode não acreditar na maldição, mas eu não tenho nenhuma dúvida. Sua obsessão só vai piorar, quando...

– Nos tornarmos amantes?

– Sim.

– Sempre fui da opinião de que uma maldição só tem poder se você der crédito a ela.

– Bem, então poderia considerar meus sentimentos. Você obviamente tem uma vasta experiência, por isso não consegue entender minha ansiedade.

– Seu medo virginal.

Ela mordeu o lábio, sabendo que estava corando.

– Sim.

Os olhos atraentes dele expressavam compreensão, ternura, assim como sua voz baixa.

– Não imagino poder entender completamente, já que nunca fui mulher. Mas prometo que a consumação não será tão desagradável quanto você teme.

Brynn deliberadamente desviou o olhar. Ela não teria nenhuma proteção contra Lucian se permitisse que ele a seduzisse com sua ternura.

– Não estou interessada em suas promessas, milorde. Concordei em compartilhar

sua cama, nada mais.

– Perdoe-me, amor, mas você concordou em ser minha esposa.

Ela não tinha resposta para isso, já que de fato havia concordado em ser sua esposa. E dar-lhe um filho, o que implicava intimidade sexual...

Brynn estremeceu ao perceber que Lucian tirava a jaqueta e a camisa em seguida, descarregando um choque elétrico de consciência perturbadora. Na meia-luz do crepúsculo, seu torso parecia inesperadamente atlético, o que a deixou sem fôlego.

– Não poderíamos... adiar a consumação por ora? Eu mal o conheço.

O olhar dele tinha uma delicadeza irresistível.

– Quanto antes fizer isso, vai perceber que não há nada a temer.

– Não estou com medo. Simplesmente não quero ter intimidade com você.

– Por que não? Existe algo físico em mim que você considera desagradável?

– Você sabe que não. Não fisicamente.

– Então o quê?

Você me faz sentir muito vulnerável – pensou consigo mesma.

– Sua arrogância é insuportável. Você acha que todas as mulheres devem cair a seus pés.

– Eu lhe asseguro que não acho nada disso. – Sua voz era baixa, vibrante, acariciando-a como veludo.

Ele levantou a mão para tocar uma mecha de cabelo que havia escapado.

– Você não está nem um pouco curiosa sobre os prazeres que podem ser encontrados na vida amorosa? O que significa ser uma mulher completamente?

– Não, nem um pouco – mentiu.

Como que rejeitando a afirmação, ele acariciou a ponta da orelha dela com o dedo. Brynn quase se encolheu.

– Seu sangue nunca ferveu ao toque de um homem?

Só ao seu – pensou, mordendo o lábio inferior enquanto o dedo dele deslizava lentamente por sua nuca.

– Você não vai achar o ato sexual desagradável, eu juro. Pelo menos, depois do momento inicial. Acho que posso prometer com segurança que você vai desfrutar o lado físico do casamento.

Ela não queria encontrar o olhar dele. No entanto, era difícil ficar indiferente quando as pontas dos dedos dele se moviam sobre sua pele com uma pressão tão deliciosa.

Lucian continuou acariciando sua nuca.

– Posso soltar seu cabelo, Brynn? Por favor?

Ela hesitou, vagamente desarmada pelo pedido. Queria recusar, mas, como seu marido, ele tinha esse direito.

– Se você quiser.

– Eu gostaria muito. – Lentamente, ele se ajoelhou atrás dela e começou a remover os grampos de seu cabelo. Brynn prendeu a respiração. Podia sentir o calor, limpo, almiscarado da pele dele, podia sentir o calor do corpo rígido e elegante em suas costas enquanto Lucian soltava os cabelos pesados e os deixava cair. Quando os dedos dele se enroscaram lentamente em seu cabelo, sentiu um abrandamento perigoso dentro dela. O toque dele era gentil e incrivelmente excitante.

Depois, sem dizer uma palavra, ele colocou o cabelo de lado, alisando os fios grossos sobre seu ombro e começou a desabotoar os botões de seu vestido. Brynn ficou tensa. Um momento depois, sentiu a ponta da língua de Lucian contra sua espinha,

fazendo-a estremecer. Ele estava acariciando seu pescoço, seus dentes despertando estranhamente sua carne.

Ela continuou paralisada, ciente de um prazer inquietante que crescia sob seu estômago. Aqueles lábios suaves e persuasivos continuavam a beijar sua nuca enquanto ele deslizava o decote de seu vestido para baixo sobre os ombros para expor seu espartilho. Ela podia senti-lo soltando os botões, sentir a repressão desaparecendo.

Quando ele abriu o corpete, os seios dela foram expostos.

– Lucian... – protestou.

– Eu gosto do som do meu nome em seus lábios.

As mãos dele envolveram seus seios, e ela respirou fundo.

– Não há necessidade de timidez entre nós, minha adorável Brynn. Seu corpo gosta do meu toque. Veja como o seu coração se acelerou... seus mamilos estão rígidos...

Os dedos de Lucian se fecharam em volta dos botões apertados, enviando lanças quentes de prazer por seu corpo e fazendo-a se arquear contra a tormenta.

– Você gosta de se sentir assim, Brynn? Vai gostar ainda mais da sensação da minha boca. Deixe-me provar sua doçura...

Ele pegou a taça de sua mão e a deixou de lado. Em seguida, colocou-a deitada de costas no cobertor. Brynn sentiu-se leve, o sangue pulsando com o champanhe que havia bebido. Lucian se inclinou sobre ela. Beijou cada mamilo, lambendo as pontas inchadas com a língua sedosa, sugando até que ela desse um gemido sem fôlego. Ele soprou o bico inchado que ainda brilhava de sua boca, e ela estremeceu com a onda erótica.

Fixando-se no olhar atordoado dela, Lucian sentou-se de novo e soltou os botões da calça, baixando-as de seus quadris estreitos.

Na escuridão, o olhar dela estava fixo nos órgãos nus. Ele estava teso e excitado. Ela se chocou levemente ao ver o enorme membro, pulsante e ereto, entre as coxas nuas dele.

– É só a carne, amor. Toque-me e veja por si mesma.

Pegando a mão dela, levou-a até a sua virilha, deixando que ela o explorasse em seu próprio ritmo. Brynn engoliu o choque inicial e o tocou devagar, sentindo a carne quente, acetinada e retesada. Ele era muito másculo, mas realmente não era tão assustador assim. Decidiu experimentar, fechando os dedos em torno do comprimento rígido e foi surpreendida ao perceber que ele gemia suavemente.

Brynn recolheu a mão de uma só vez.

– Doeu?

Ele deu uma risada rouca.

– Uma dor muito agradável.

Lucian se inclinou sobre ela mais uma vez, seus olhos ardentes, mas, dessa vez, em vez de tocar seus seios, ele tomou sua boca.

Ela estava tensa sob o corpo dele até que Lucian murmurou contra seus lábios:

– Deixe-me entrar, querida. Beije-me como estou beijando você. Me dê sua língua.

A boca se abriu, absorvendo o movimento lento e penetrante de sua língua, como se sentisse uma onda de claro desespero por ela. Ele era muito experiente, e Brynn não tinha armas para ajudá-la a interromper sua doce sedução.

Contra sua vontade, estava sendo atormentada pela sensualidade potente e pelos beijos mágicos.

Ele a puxou para mais perto, aprofundando o beijo. Brynn estremeceu, impotente contra a onda de calor que a envolvia. Um desejo enorme começou a crescer dentro dela,

fazendo pressão nos mamilos, nas coxas, aquecendo cada terminação nervosa. Era como se Lucian tivesse lançado algum feitiço estranho sobre ela, um feitiço do qual não queria escapar. Seus braços se levantaram para envolver o pescoço dele, e ela se entregou à necessidade de beijá-lo.

À medida que as línguas se encontravam, Lucian sentiu uma emoção semelhante ao triunfo. A inocência e o entusiasmo eram sedutores em sua boca virgem, a emoção, a busca delicada. Ele enredou os dedos na plenitude de seus cabelos e bebeu de sua doçura, mostrando-lhe como responder, dar e receber.

Brynn emitiu pequenos sons de prazer profundo quando ele começou a passar a mão pelo seu corpo, parando na junção das coxas, blindado pela vestido de musselina. Ela enrijeceu instintivamente, e Lucian a acariciou suavemente.

– Deixe-me tocá-la, querida. Uma mulher excitada sente prazer quando recebe um homem dentro de si, mas você deve estar pronta para isso. Deixe-me despertar você, linda Brynn.

Na escuridão ele podia sentir o olhar de questionamento procurando o rosto dele.

– Eu... não acho que seja possível... estar mais excitada.

Ele enterrou o sorriso contra sua garganta.

– Ah, sim, é possível. E será um grande prazer lhe mostrar isso.

Brynn não protestou quando ele levantou a saia para revelar sua carne delicada no ar da noite, mas, mesmo assim, ficou tensa ao vê-lo mover a mão ao longo do cetim quente da parte interna da coxa.

Querendo distraí-la, Lucian levou a boca para seus seios tentadores, sugando-a de novo enquanto percorria as linhas suaves de sua fenda úmida com os dedos.

Ela era seda molhada entre as pernas, o corpo já preparado para ser possuído. A constatação fez o mastro latejar com uma necessidade selvagem, mas ele sabia que tinha de tomar bastante cuidado para satisfazê-la em sua primeira vez.

Seus gemidos ofegantes mostravam que estava conseguindo. Ela se agarrou a seus ombros quando ele encontrou o centro de seu sexo. Murmurou algo suavemente enquanto o corpo dela tremia em estado de choque e continuou acariciando a carne sensível. Em pouco tempo, ela inclinou a cabeça para trás, movendo-se inquieta contra o cobertor, oferecendo os quadris à mão que a acariciava.

Ele a sentia tremer e empurrou gentilmente um dedo contra sua fenda macia. Brynn gemeu baixinho de prazer. Ele deslizou um segundo dedo para dentro dela, levando-o mais profundamente, e ela deu um suspiro, apertando as coxas em torno de sua mão.

Chupando o mamilo inchado, ele manteve o ritmo excitante com os dedos, penetrando e retraindo, até que os quadris se contraíram em um movimento que ela não podia controlar.

Brynn se arqueava e se contorcia, buscando alívio para a paixão febril que ele estava construindo dentro dela. Ele podia sentir o calor emanando de sua pele corada, o clímax se aproximando. Um instante depois, sentiu que ela explodia de prazer.

Triunfante, Lucian tomou sua boca novamente, dando fim aos gemidos assustados. Ela a beijou no rosto e segurou-a até que estivesse completamente leve em seus braços. Sua ereção latejava, quente e dolorida, mas ele se obrigou a permanecer imóvel, dando-lhe tempo para se recuperar.

Ele podia sentir sua perplexidade quando Brynn procurou seu rosto na escuridão.

– Esse foi o prazer de que falou? – ela sussurrou com a voz rouca.

Ele sorriu.

– Sim. Esse era o prazer. Mas existe mais.
– Mais? – Sua voz soava fraca. – Não sei se posso suportar mais.
– Pode – ele prometeu com delicadeza. – Você vai encontrar ainda mais felicidade quando nossa carne estiver totalmente unida. Deixe-me mostrar a você, Brynn.
Seu silêncio, apesar de não ser acolhedor, sugeria rendição.
Arrumando uma mecha de cabelo em sua testa, Lucian colocou a própria coxa entre as dela, mas hesitou.

Uma estranha ternura tomou conta quando ele olhou para suas feições enevoadas pela luxúria. Aquela era a esposa dele, a mulher que tinha escolhido para ser a companheira de sua vida. Havia feito amor com inúmeras outras amantes, mas dessa vez era um pouco diferente. Ele ardia de desejo, cobiça, necessidade, no entanto os sentimentos tumultuados dentro dele eram mais poderosos do que qualquer outro que já havia experimentado.

E mais perigosos. Ter Brynn sob ele daquele maneira, sexualmente receptiva, incrivelmente sedutora, lembrava Lucian de seus sonhos eróticos.

Ele franziu a testa. Estaria Brynn certa? Estava ficando obcecado por ela?

Lucian sacudiu a cabeça. Por enquanto, não ia considerar o perigo possível. Brynn era sua mulher, sua feiticeira indescritível. Ele queria provar de seus segredos e fazê-la sua para sempre.

Ele sussurrou contra o ouvido dela.

– Deixe-me possuí-la, doce Brynn...

Lentamente, ele ficou em cima dela, abrindo as coxas dela com as pernas. Penetrou-a parcialmente, e ela respirou fundo. Manteve-se parado, permitindo que ela se acostumassem com sua rigidez estranha, estirando-a, preenchendo-a.

A respiração dela ficou ofegante quando ele pressionou um pouco mais.

– Não, não fique tensa, meu amor. Tente relaxar o corpo quando me levar para dentro de você.

Ao sentir a tensão diminuir, ele avançou. Dessa vez, ele a sentiu estremecer. Sua frágil barreira foi rompida, mas ela não emitiu nenhum som além de um leve suspiro.

Por um longo momento, Lucian não se moveu, dando beijos suaves em seu rosto afogueado, nas pálpebras, valorizando a promessa exuberante de sua rigidez virginal.

Podia sentir que ela se entregava, sentia sua umidade aquecida aumentando com a excitação.

– Melhor assim? – perguntou, já fora de controle.

– Sim – ela disse num mero sussurro.

Lucian obrigou-se a se conter, para segurar a emoção que queimava através de seus sentidos. Ela estava úmida, quente e incrivelmente convidativa, mas ainda inocente e ignorante no assunto. Reunindo toda a sua força de vontade, ele começou a lenta tarefa de dar-lhe prazer, movendo-se delicadamente dentro dela, usando toda a habilidade que possuía para obter uma resposta sexual.

Brynn não oferecia resistência agora. Ele pressionou ainda mais, e as coxas dela se abriram para acomodar as dele. Ao se afastar, ela timidamente ergueu os quadris, como se o seguisse. Lucian cerrou os dentes, lutando contra a fome ardente de seu corpo.

Vestígios da mesma fome escaldante chamuscavam Brynn. O pesado fogo dentro dela estava crescendo, mas não havia se transformado em dor. Era calor, era desejo. Seu corpo inteiro vibrava com a sensação da carne firme de Lucian se juntando à dela.

Então, a boca dele desceu até os seios, beijando seus mamilos, e as pontadas de prazer aumentaram. Suas tentadoras carícias a traziam para mais perto, moldando sua pele

na dele, enquanto ela sentia a tensão aumentar, espiralando pelo seu corpo, vindo do ponto central da excitação.

Como que a recompensando, ele a penetrou mais. Ela gemeu impotente, com um silêncio que implorava, uma necessidade rendida. Ele avançou com mais força, e Brynn, de repente, entrou em erupção.

Seus sentidos explodiram, e ela gemeu, puxando o rosto dele na direção de seus seios, louca de desejo. Tudo o que podia fazer era agarrar-se a Lucian e suportar a tempestade, um furacão mágico de fogo na escuridão.

Seus gritos de êxtase e admiração ainda ecoavam pela noite enquanto Lucian se aproximava do clímax dentro dela. Ela sentia vagamente os tremores dele, e a violência contida quando se moveu com força e possessividade entre suas coxas. No entanto, seu corpo tremia e parecia aceitar a urgência dele, recebendo-o até seus tremores finais desaparecerem.

Atordoada e trêmula, Brynn caiu desfalecida, fechando os olhos.

Demorou uma eternidade até que ela recuperasse a consciência o suficiente para sentir os beijos suaves que Lucian dava em seu rosto. Ele ainda estava enterrado dentro dela, seu hálito quente e suave em sua pele, enquanto ela ainda pulsava com um prazer indescritível.

– Foi tão ruim quanto você imaginava?

– Nem tanto – respondeu, relutando em admitir que ele estava certo.

A risada dele era suave e vibrante, tão cheia de promessas quanto a noite ao redor. Cuidadosamente, ele saiu de dentro dela e a tomou nos braços.

Estremecendo com pontadas de dor, Brynn apertou o rosto contra o peito forte de Lucian. Podia sentir o calor dele, o cheiro dos músculos masculinos e da pele. O abraço dele parecia totalmente íntimo e, depois do que havia acabado de acontecer entre eles, dócil, ela supunha.

Ela estava feliz que ele não conseguia perceber o quanto estava constrangida. A doce escuridão havia levado embora todas as suas inibições e toda a sua lógica, fazendo dela uma criatura luxuriosa que nem ela mesma reconhecia.

Estava maravilhada pela paixão com a qual nunca havia nem sonhado. Não imaginava que tal nível de luxúria existisse, mas seu novo marido era um homem cativante, altamente viril e sedutoramente másculo...

Brynn respirou fundo.

Com pouquíssimo esforço, Lucian havia destruído suas defesas. Assim como todas as outras mulheres que já havia procurado, ela se rendeu à ternura e à sensualidade desconcertantes dele.

Brynn fechou os olhos. Não queria pensar no perigo, não naquele momento. Não naquele incrível momento.

Enterrou mais o nariz no peito dele, desejando poder se esconder dentro dele.

– Alguma mulher já resistiu às suas tentativas de sedução?

– Você, querida. – O tom de voz dele era gentil e admirado. – Você é a única da qual consigo me lembrar. Talvez minha mãe – ela geralmente era imune às minhas tentativas.

Ele riu da própria piada, o que a surpreendeu e preocupou. Ela não queria achar nenhuma qualidade em Lucian. Não queria *gostar* dele.

Mesmo assim, estava grata que ele tivesse levado em consideração que ela era virgem antes da noite de núpcias e a tratado com tanta delicadeza. Ele ainda estava sendo

delicado, acariciando com os dedos a pele nua do seu ombro...

Finalmente reconhecendo que não deveria incentivar essa familiaridade, Brynn se afastou e se encolheu quando sentiu que sua fenda latejava por ter acomodado a virilidade dele.

– Talvez devêssemos voltar – ele murmurou ao notar seu desconforto. – Você ficaria mais confortável em uma cama de verdade.

Sentando-se, ela se remexeu para arrumar as roupas, mas a tarefa estava difícil com sua mente ainda tumultuada. Lucian parou as carícias e a ajudou a se vestir. Brynn mordeu o lábio com aquela evidência reveladora de intimidade – até no escuro ele sabia o caminho para as vestes íntimas de uma mulher. Ela não comentou nada, sofrendo em silêncio, mas se esquivou e se levantou diante da tentativa dele de beijar sua testa. Ela sentia-se úmida entre as pernas e sabia que aquilo era um lembrete das relações carnavais que tivera com Lucian, de suas sementes.

– Espere um momento. Eu trouxe uma lanterna.

Ela o observou abrir a cesta e acender algo. O brilho súbito da lanterna a fez estremecer, mas foi a visão do torso nu dele que a fez desviar o olhar. O porte dele era magro, mas atlético, e fazia sua barriga se contorcer, assim como as pulsações entre suas pernas.

Depois de colocar a camisa, ele guardou o champanhe e os morangos de volta dentro da cesta e, recolhendo todas as roupas e os cobertores, estendeu-lhe a lanterna.

– Vá na frente.

Brynn não olhou para ele durante todo o percurso pelas colinas, nem quando o acompanhou pelo gramado até o terraço, em direção às portas francesas que os levariam até a biblioteca.

Ela havia acabado de subir os degraus de mármore quando seu marido chamou de repente:

– Brynn, espere – ordenou com voz baixa e urgente.

Ela parou e pareceu preocupada ao perceber a figura de um homem que vinha das sombras em direção à casa. Ela não havia imaginado que alguém estivesse lá.

– Milorde, sou eu, Davies.

Era um cavalheiro mais velho, alto, de cabelos grisalhos e vestes distintas. Lucian provavelmente o reconhecera, pelo claro alívio da tensão dele.

– Sim, Davies. Presumo que você tenha uma boa razão para vir de Londres até aqui.

– Tenho, sim, milorde. Tenho notícias e temo que não sejam boas. – O homem olhou para Brynn. – Talvez devêssemos conversar em particular.

– Sim. Brynn, este é o meu secretário, senhor Hubert Davies. Davies, esta é a minha esposa, senhora Wycliff.

O homem fez uma reverência.

– Honrado, milady.

Brynn respondeu alguma coisa educadamente, olhando para Lucian, que sorriu.

– Você me perdoa, querida? Parece que tenho alguns assuntos para tratar. Por que você não sobe? Irei ao seu encontro em breve.

Sem querer causar problemas, Brynn não teve outra escolha. Ela fez seu caminho até o quarto, repleta de espanto, curiosidade e inquietude.

Quando se viu de corpo inteiro no espelho, no entanto, decepcionou-se com a aparência devassa, o cabelo caindo selvagem pelas costas, o vestido amarrotado, o rosto corado.

Seu rubor piorou quando se deu conta de que o secretário do marido a havia visto daquela maneira. Era vergonhoso ter sido flagrada em tal comportamento descarado, principalmente após seu juramento de não sucumbir ao charme de Lucian.

Ela lavou os vestígios do ato de amor do corpo e se recompôs, prendendo o cabelo de novo. Não sabia se deveria trocar o vestido pelas vestes noturnas ou simplesmente esperar até que Lucian voltasse.

Tentou ler algo, mas logo percebeu que não conseguiria se concentrar. Sua mente continuava vagando em direção a Lucian, tanto para a incrível paixão que havia demonstrado quanto para os pensamentos sombrios sobre o efeito que aquela noite teria sobre o futuro.

Meia hora mais tarde, sua inquietação aumentou até um ritmo febril. Fechando o livro, Brynn se levantou e começou a andar pelo quarto, perguntando-se o que poderia ter acontecido.

Estava prestes a descer em busca dele quando ouviu uma batida suave na porta do quarto. Ao abrir, foi surpreendida ao ver o secretário, senhor Davies.

– Perdoe-me, minha senhora, mas tenho uma mensagem de seu marido.

– Uma mensagem?

– Sim. Ele lamenta ter sido chamado para uma questão importante.

– Não estou certa de que esteja entendendo. O que poderia exigir a atenção dele a essa hora da noite?

– Negócios que não puderam ser evitados. O senhor Wycliff partiu para Falmouth, onde seu navio está ancorado. Ele me deu instruções para levá-la até Londres de manhã e ajudá-la a se instalar em sua nova casa.

Brynn sentiu-se empertigar.

– Eu me pergunto por que não teve tempo de me dizer isso pessoalmente.

– O assunto era urgente, minha senhora. O senhor Wycliff pede o seu perdão.

Brynn não tinha certeza se deveria acreditar nos pedidos de desculpa, mas enrijeceu a mandíbula e engoliu seus comentários amargos, dizendo somente:

– Quando posso esperar vê-lo novamente?

– Sinto não poder informá-la, milady. Sem dúvida será daqui a alguns dias pelo menos. Com relação a amanhã, é melhor partirmos cedo, pois será uma jornada longa. Vim na carruagem do lorde e, se me der permissão, levarei suas malas nos primeiros raios da manhã.

– Muito bem, senhor Davies – ela disse com frieza.

Fazendo uma reverência sofisticada, o secretário se afastou e fechou a porta atrás de si, deixando Brynn para trás, chocada e ressentida.

Que negócios, pensou, tão urgentes seriam aqueles que o marido abandonava a mulher em plena noite de núpcias? E por que não tinha podido se dar ao simples trabalho de dizer adeus?



Londres

– Devemos chegar à cidade do meu senhor em breve – comentou o senhor Davies após duas horas sem falar nada. – Está confortável, milady?

– Sim, obrigada – Brynn mentiu, remexendo-se no assento para aliviar a dor nos músculos contraídos. Quase três dias de viagem, mesmo que na carruagem requintada do novo marido, não eram exatamente a sua ideia de conforto.

A viagem havia sido solitária, tendo apenas o reservado senhor Davies como companhia. Eles haviam partido rumo a Londres no início da manhã seguinte ao casamento. O senhor idoso manteve uma distância formal e parecia responder com relutância mesmo às questões mais elementares sobre seu empregador, lorde Wycliff.

Com nada para distrair seus pensamentos, Brynn se abrigou em seus sentimentos de solidão e ansiedade. Havia sido ainda mais difícil do que o esperado se despedir de sua casa e da família. A dor no peito ao deixar Theo não teria sido mais profunda se ela fosse sua mãe de verdade, em vez de sua irmã mais velha.

O pior de tudo era que, com tanto tempo livre no decorrer da longa viagem, seus pensamentos voltavam-se para sua noite de núpcias e seu novo marido. Não importava o quanto ela tentasse expulsá-lo de sua mente, não conseguiria deixar de reviver a relação carnal com Lucian. Já esperava que ele fosse habilidoso, mas sua experiência amorosa havia sido mais impressionante do que qualquer coisa descrita por poetas. O êxtase puro que havia despertado nela ia além do que poderia ter imaginado em seus sonhos. Mesmo dias depois, um sentimento estranho de prazer abaixo do estômago aparecia quando se lembrava dele movendo-se entre suas coxas...

Brynn apertou os lábios, completamente envergonhada de si mesma. Ela pretendia se manter distante, mas no primeiro desafio tinha se derretido nos braços dele. Era um pequeno consolo que Lucian Tremayne fosse um libertino experiente com uma *finesse* erótica tão vasta quanto o oceano. Ela tinha sucumbido à sua sedução como uma perfeita gaivota.

E então ele a tinha abandonado sem um único adeus, deixando-a aos cuidados de seu secretário, como se fosse uma propriedade – um cavalo ou um cão – que podia ser cuidada por serviçais. No mínimo, Lucian poderia ter tido a decência de dizer adeus. Ou, melhor ainda, poderia ter permitido que ela ficasse na Cornualha com sua família.

Brynn murmurou uma blasfêmia. Não deveria se importar que seu marido a tivesse abandonado tão abruptamente depois de consumir uma união que ela nunca quis. Era irracional se sentir desapontada e magoada. Na verdade, ela deveria ser *grata* por ser capaz de nutrir ressentimento por ele.

Seria muito mais fácil resistir a um marido que demonstrava tão pouca consideração por ela. Não haveria perigo de vir a se importar com ele – e ela tinha definitivamente corrido perigo naquela noite. Por um breve momento durante o encontro amoroso na praia, a intimidade deles tinha despertado nela sentimentos que não ousava reconhecer.

Mas qualquer que tivesse sido o entusiasmo momentâneo nutrido por Lucian

naqueles momentos, qualquer otimismo passageiro com relação a uma vida juntos, acabou quando ele decidiu deixá-la tão abruptamente, abandonando-a para encarar um futuro estranho sozinha, acompanhada apenas de seu respeitoso secretário.

Brynn suspirou profundamente. Em geral, ela não sucubia ao desânimo, mas aquilo sem dúvida estava sendo árduo.

Seu humor melhorou quando a carruagem chegou ao elegante bairro londrino de Mayfair, onde a nata da cidade residia. Quando a carruagem parou, Brynn se inclinou para olhar pela janela, imaginando qual seria sua nova casa.

E ficou sem fôlego com aquele entardecer maravilhoso. A mansão feita de pedra cinzenta não era um palácio, mas era quase. Desacostumada com tanta grandeza, Brynn foi tomada por assombro e consternação quando viu o cocheiro sendo recebido por um grupo de lacaios.

No interior, a casa era ainda mais luxuosa, com um vasto hall de entrada, cheio de lustres brilhantes e mármore reluzente. Os criados pareciam um exército que havia sido alinhado no salão de acordo com sua classificação: primeiro o mordomo e a governanta, então os funcionários mais graduados, como o cozinheiro e o jardineiro-chefe, e, finalmente, os criados de libré e as empregadas uniformizadas.

Os criados principais eram obviamente muito acostumados às formalidades. Brynn não soube seus nomes em num primeiro momento, mas não pôde deixar de perceber a frieza calculada neles, muito menos as caretas de desaprovação da governanta quando o mordomo retirou a capa de sua nova senhora.

Brynn resistiu ao desejo de estender a mão e alisar seu coque, que, sem dúvida, estava desgrenhado após a longa viagem. Seu cabelo rebelde tinha uma cor tão selvagem que não precisava muito para parecer indomado e insolente. Ela teria de perdoar a idosa senhora pela reação, e talvez por sua rigidez e falta de afetividade também. O casamento repentino devia ter sido um choque completo. Além disso, funcionários de longa data tentariam proteger seus cargos e não receberiam uma nova senhora de braços abertos.

Brynn permitiu que o mordomo levasse suas luvas de pelica, mas logo hesitou, perguntando-se se aquela seria a regra de etiqueta correta para a situação. Se seu marido estivesse presente, a tarefa de apresentá-la à sua nova casa provavelmente teria sido dele.

Felizmente o senhor Davies interveio diante do silêncio constrangedor.

– Gostaria de visitar a casa, senhora Wycliff? Ou talvez prefira descansar antes?

Ela lhe deu um sorriso agradecido.

– Não estou cansada, mas gostaria de trocar de roupa antes de visitar a casa.

– Sua criada não a acompanhou, milady? – perguntou a governanta, com um tom carregado de censura.

– Creio que não – respondeu Brynn friamente, sem querer admitir que não tinha o serviço de uma dama de companhia por muitos anos.

Ao perceber o olhar gélido da empregada, Brynn endireitou os ombros e devolveu um olhar impenitente, tentando lembrar que não precisava aguentar aquela censura velada. Ela era, agora, a condessa de Wycliff, mesmo que tivesse sido abandonada pelo marido. Seu posto foi uma das poucas vantagens daquele casamento indesejado.

A governanta foi a primeira a quebrar o silêncio, perguntando ao senhor Davies quais quartos sua senhoria deveria usar.

– O senhor Wycliff deseja que milady fique na suíte dourada.

– Muito bem – disse a governanta, pressionando os lábios como se tivesse engolido uma ameixa amarga. – Pode me acompanhar, milady...

Ao subir as escadas, Brynn avistou a mobília elegante em toda parte, todas de extremo bom gosto e nunca ostensivas. Continuou seguindo a governanta até um lindo quarto decorado em tons de marfim e ouro. Era difícil não perder o fôlego diante de cômodos tão refinados.

– Há uma sala de estar, bem como um quarto de vestir. Esses quartos pertenciam à falecida senhora Wycliff. A mãe do lorde, a quem servi por muitos anos.

– São muito bonitos, senhora...? Desculpe-me, esqueci seu nome.

– Poole – disse a governanta rigidamente. – Sou a senhora Poole.

Brynn percebeu que aquele havia sido, sem dúvida, um erro imperdoável que só aumentou o ressentimento da governanta por ela. Ela teria de fazer algo para compensá-la no futuro.

Ela ofereceu um sorriso de desculpas.

– Obrigada, senhora Poole. Pode ir que ficarei bem.

A empregada lançou um olhar frio, mas evidentemente achou que era melhor não aumentar a discórdia, pela maneira como esboçou um sorriso antes de se retirar.

Sozinha, Brynn respirou fundo. Seria necessário muito trabalho, se pretendia conquistar os bons olhos dos criados – e ela ainda não tinha certeza nem de que queria tentar.

Seu olhar intimidado voltou-se para o belo quarto. Atravessando o cômodo até uma das janelas altas, Brynn olhou para o pátio elegante. Ela sabia que Lucian era rico, mas aquilo ia além da riqueza – o quarto estava à altura de uma rainha.

Ela estremeceu ao perceber que aquele seria seu novo trono. Não tinha sido talhada para uma posição tão elevada, nem estava certa de que gostava de riquezas tão formais como aquelas. Sua antiga casa ficava em total desvantagem, mas, mesmo com toda a mobília velha, a casa dos Caldwell era mais confortável, pois era cheia de riso e carinho...

O desânimo de Brynn voltou totalmente quando se lembrou de tudo o que tinha deixado para trás. Como conseguiria lidar com aquilo? Já sentia uma falta terrível de casa, de sua família, do calor.

Tremendo, passou os braços ao redor de si mesma. Estava frio em Londres, mesmo sendo agosto. Muito mais frio do que no sul da Cornualha.

Após um instante, no entanto, Brynn rangeu a mandíbula e se culpou por estar sentindo pena de si mesma. Estava prestes a tirar o vestido quando ouviu um sussurro na porta.

– Sim?

A porta se abriu lentamente, e uma jovem de cabelos loiros em trajes serviçais entrou no cômodo, olhando fixamente o tapete Aubusson.

– Sou Meg, milady – ela disse em um murmúrio nervoso. – A senhora Poole pediu que eu viesse ajudá-la.

– Obrigada, Meg, mas pode dizer à senhora Poole que não preciso de ajuda.

Para espanto de Brynn, o lábio inferior da empregada começou a tremer.

– Há alguma coisa errada, Meg? – perguntou com preocupação.

– Por favor, minha senhora – Meg pediu, olhando quase desesperada para a patroa.

– Não me mande embora, eu imploro. A senhora Poole vai achar que eu não a agradei.

O coração de Brynn se abrandou ao ver o desespero genuíno na menina.

– Você não me desagradou nem um pouco, Meg. É que estou acostumada a cuidar de mim mesma. Minha família vem passando por circunstâncias bastante precárias ultimamente, então tive de abrir mão do luxo de ter uma criada particular. Confesso, porém,

que apreciaria sua ajuda.

– Ah, obrigada, milady! – Meg respirou fundo, fazendo inúmeras reverências, como se Brynn fosse, de fato, uma rainha. – Costumo servir como criada de quarto e não tenho muita experiência, mas aprendo rápido, prometo. Até mesmo a senhora Poole concorda com isso, e vou fazer qualquer coisa que pedir, *qualquer coisa*. – Ela parou abruptamente, sem ar, e olhou com os olhos arregalados para sua senhora. – Por onde começo?

Brynn conseguiu esboçar um sorriso.

– Talvez com os botões na parte de trás do meu vestido.

Ela virou de costas, desejando ter paciência enquanto a menina tentava executar a tarefa com dedos trêmulos. Teria de ser paciente com a recepção fria de alguns funcionários antigos como a senhora Poole, e também com criados inexperientes e aterrorizados como Meg.

Ajustar-se à família de seu marido nobre seria mais difícil do que ela imaginava.

DOVER

A cela era úmida e fedida a parasitas – tanto os animais quanto as almas humanas condenadas que haviam sido enjauladas lá ao longo dos últimos séculos. Lucian teve de reprimir o desejo de cobrir o nariz com um lenço.

Ele foi diretamente da Cornualha para Dover depois de saber que um mensageiro do governo tinha sido vítima de uma emboscada seguida de assassinato. Os malotes do correio continham despachos destinados ao general lorde Wellington, na Espanha, cheios de cronogramas de carregamentos de ouro iminentes, detalhando datas e locais de entrega para os aliados europeus da Grã-Bretanha. Antes que o cronograma pudesse ser alterado, um carregamento de ouro no valor de cerca de dois milhões de libras acabou sendo roubado, e todos os guardas foram mortos, baleados sem piedade.

Uma investigação urgente se seguiu. Os agentes investigaram cada taverna, pousada e doca em busca de possíveis pistas. O homem sob custódia havia sido julgado na tentativa de obter informações sobre o roubo, mas alegou não ter responsabilidade no assassinato do mensageiro.

Lucian havia chegado naquela manhã com um de seus melhores agentes para continuar interrogando o prisioneiro.

– Você aí – disse o carcereiro rispidamente. – Fique de pé. Você tem visita.

O cobertor esfarrapado sobre o colchão de palha se mexeu, e então se ouviu um gemido em resposta aos chutes do carcereiro.

– Este é Ned Shanks, milorde.

A figura de um homem bruto arrastou-se lentamente para fora do cobertor e ficou de pé, mexendo as costelas.

Shanks estava nas piores condições naquela prisão. Sob a luz da lanterna, Lucian podia ver que o rosto encardido havia sido gravemente ferido. Os olhos do rapaz estavam inchados, e havia sangue nos cabelos negros e enebados.

Um olhar amedrontado atravessou seu rosto quando viu o colega de Lucian, Philip Barton, o principal responsável pelos ferimentos do prisioneiro.

– Deixe-nos a sós, por favor – disse Lucian ao carcereiro.

Quando ficaram sozinhos, Lucian encarou o prisioneiro por um longo momento. Shanks ficou visivelmente mais nervoso com o silêncio que tomava conta do cômodo, até que resolveu dizer em voz alta e sem fôlego:

– Deus, eu não sei de nada, senhor. Nem sei por que fui preso.

Lucian manteve a voz suave.

– Você foi preso, senhor Shanks, porque um mensageiro do governo foi assassinado, e o malote dele desapareceu. E porque tem conhecimento sobre como e por que isso aconteceu.

– Só sei o que contei aos oficiais, eu juro! É tudo o que sei.

– Por que não repete para mim? Meu colega, o senhor Barton, acredita que pode ser útil ter uma nova perspectiva da história.

Cheio de temor, Ned encarou Barton.

– Ouvi meu amigo Boots comentando em uma cervejaria sobre um trabalho, dizendo que o dinheiro no bolso logo seria gordo.

– Na taverna de Boarshead?

– Sim, meu senhor. Bem, eu o segui para ver quem planejava encontrar. Parei na esquina das cavalariças. Estava escuro, então não consegui ver muita coisa, só pude ouvir uma parte do que foi dito.

– Mas conseguiu ver com quem ele se encontrou?

– Era algum nobre, com certeza. Boots o chamava de lorde. Lorde Caliban, ou qualquer coisa assim.

Embora esperasse ouvir um nome familiar, Lucian sentiu-se estremecer. Caliban era o nome do monstro em *A Tempestade*, de Shakespeare, e o apelido do chefe que o cerco do governo britânico vinha procurando há meses.

– E o que esse senhor Caliban disse?

– Disse a Boots quando o mensageiro viria e o que fariam, onde ficariam à espreita na estrada. Ele queria tanto o malote que estava disposto a pagar um preço alto. Boots ganharia vinte libras se conseguisse entregar o pacote.

– Pergunto-me se Boots fazia ideia do que o malote continha.

– Eu não sei mais nada. Só o que ouvi Boots dizer.

– Você está ciente de que seu amigo Boots foi encontrado estrangulado em um beco, há dois dias? A mando do senhor Caliban, imagino.

O rosto de Ned ficou branco.

– O que sabe me dizer sobre esse Caliban?

– Não muito. Ele usava uma máscara e um casaco chique, como o seu.

– Lembra-se da cor do cabelo ou a complexão física? Era baixo ou alto?

– Médio, eu acho. Mais alto que Boots, pelo menos, mas o cabelo estava coberto.

– Quais as marcas distintivas de que consegue lembrar? Pense, por favor, senhor Shanks. Seria de grande utilidade para nós ter alguma ideia da identidade do senhor Caliban.

Ned franziu a testa suja.

– Sem marcas, mas, pensando bem, ele estava usando um anel.

– Que tipo de anel?

– De ouro. Usava na mão esquerda. Lembro-me de que tinha um brilho vermelho.

Philip falou pela primeira vez.

– Você não havia me dito nada sobre o anel.

Ned parecia alarmado.

– Só me lembrei agora. Boots estava falando dele, dizendo que conseguiria um bom dinheiro se o vendesse.

– Consegue se lembrar de alguma coisa sobre o formato?

– Algo parecido com uma cabeça de dragão com pedras vermelhas no lugar dos

olhos.

– Rubis, talvez?

– Acho que sim, não sei. Realmente não cheguei perto o suficiente para ver.

Contemplando o prisioneiro, Lucian teve certeza de que ele não tinha mais nenhuma informação a oferecer.

– Obrigado, senhor Shanks. Foi de grande ajuda.

– Senhor? O que vão fazer comigo? Tenho uma esposa que deve estar se perguntando o que me aconteceu.

– Eu também. Você está livre para ir embora, senhor Shanks.

Ned e Philip pareciam espantados.

Lucian revirou o bolso e tirou um punhado de guinéus.

– Aqui. Para compensar o transtorno.

Aceitando a oferta, Ned olhou para as peças de ouro sem entender.

– Se souber de qualquer notícia, qualquer coisa remotamente relacionada a Caliban ou ao seu falecido amigo Boots, espero que informe o gerente da Boarshead. Ele vai passar a mensagem para mim.

– Sim, milorde, é claro!

– Você também pode estar interessado em saber que uma recompensa está sendo oferecida pela captura desse senhor Caliban. Duzentas libras.

A boca de Shanks se abriu e ficou aberta até que Lucian deixasse a cela, seguido por Philip Barton com a lanterna.

Nenhum deles falou até estarem sentados na carruagem fechada de Philip, dirigindo-se à estalagem onde ambos estavam hospedados.

– Acha que foi sensato libertá-lo? – perguntou o jovem.

– Mais sábio do que assustá-lo ou espancá-lo para fazê-lo revelar algo que não sabe. Ganância pode funcionar melhor do que a dor.

– Vou me lembrar disso.

– Não foi uma crítica, meu amigo. Você fez um excelente trabalho localizando Shanks. Por sua causa, estamos a um passo de encontrar nosso traidor. Mas Shanks pode ser mais útil para nós vivo do que morto. E, dessa forma, se ficar sabendo de qualquer coisa sobre nosso inimigo principal, acredito que vá aproveitar a chance para nos dizer.

– Tem certeza de que Caliban é o traidor que estamos procurando?

– Estou certo disso.

Ele tinha uma pendência grande para resolver com seu inimigo esquivo. Assassinato, roubo e traição eram só o começo na lista de crimes. Ainda mais irritante era Caliban ter convencido jovens a trair o país. A tarefa mais difícil de Lucian havia sido matar um de seus amigos de infância que havia se transformado em traidor a mando de Caliban. A lembrança ainda o assombrava.

– Ele deve ter um cúmplice dentro do Ministério das Relações Exteriores – Philip murmurou. – De que outra maneira saberia quando interceptar o correio? É irritante saber que temos um traidor debaixo do nosso nariz e não podemos fazer nada para impedi-lo.

– De fato – Lucian concordou de maneira sucinta, sem deixar transparecer o tormento consumindo-o por dentro.

Philip olhou perturbado para Lucian.

– Meu senhor, eu não o culparia se me demitisse. Eu deveria ter pensado em mudar o horário do transporte. Se tivesse feito isso, o último carregamento de ouro ainda estaria seguro, e os guardas ainda estariam vivos.

Lucian sacudiu a cabeça. Philip Barton era um dos seus agentes mais brilhantes, mas mesmo o mais brilhante cometia erros. E o jovem não era o único culpado. Lucian também sentia uma parcela de culpa, uma angústia particular. Se estivesse em Londres em vez de estar se divertindo na Cornualha, cortejando sua noiva, poderia ter feito algo quando o assassinato do mensageiro foi descoberto. Ele não tinha dúvidas de que poderia ter evitado o roubo do ouro, assim como a morte de mais meia dúzia de homens inocentes. Aquela era uma culpa com a qual teria de viver.

Se o carregamento tinha sido contrabandeado para a França ou não ainda era uma incógnita, pois a única pista não tinha ajudado muito. Lucian havia enviado tropas para a Cornualha, caso o senhor Caldwell estivesse envolvido, mas duvidava que fosse o caso. O ouro estaria provavelmente na França, financiando os exércitos de Napoleão, em vez da Tríplice Aliança – Áustria, Prússia e Rússia.

Lucian fervia de raiva por dentro, impotente, desanimado. Mas a longa prática em esconder seus sentimentos por trás de uma máscara sofisticada lhe permitiu responder de maneira contida.

– Se eu o demitisse, Philip, teria de me demitir também. Eu estava longe, preocupando-me com assuntos pessoais.

– Não é a mesma coisa, milorde. Seu casamento deve vir antes do dever.

– Não. Nada deve vir antes do dever.

Lucian virou a cabeça para olhar pela janela da carruagem. Cortejar uma mulher, mesmo a esposa, não era desculpa para abandonar suas obrigações importantes. Alguns acréscimos de ouro para as máquinas militares de Napoleão poderiam ser fundamentais para o resultado da guerra, a diferença entre a Europa subjugada sob o salto da bota de um tirano e os aliados finalmente sendo capazes de esmagá-lo de uma vez por todas.

Vencer a guerra, dar um fim às mortes, à destruição e a toda a miséria devastadora que o monstro da Córsega havia causado era muito mais importante que os problemas pessoais de qualquer homem, Lucian refletiu com tristeza. Ele podia estar arrependido de ter deixado seu leito nupcial – praticamente arrastado para longe na noite de seu casamento –, mas seus desejos pessoais não podiam importar.

Na verdade, ele tinha ficado feliz pela oportunidade de ganhar algum distanciamento da esposa. A maneira como se apaixonou por Brynn em tão pouco tempo o deixava em desassossego. Não acreditava em coisas como maldições, mas admitia que era difícil explicar a urgência que sentia de possuí-la, a satisfação avassaladora que sentia ao fazer amor com ela... e os sonhos sombrios.

Seu secretário havia sido mandado para dizer adeus naquela noite, partindo do pressuposto de que, se tivesse ido pessoalmente, provavelmente teria de dar explicações prolongadas a Brynn. Ele não tinha intenção de comentar a investigação dos roubos de ouro quando o irmão dela podia ser o principal traidor.

Mas a verdadeira razão para a partida sem dizer uma palavra foi o medo: se fosse até ela, se a tocasse de novo, talvez não fosse capaz de deixá-la. Longe dela, poderia tentar esquecer a beleza vibrante, o desafio, o espírito intrigante... as imagens misteriosas que enchiam sua mente.

Ou era isso que ele equivocadamente achava.

Desde que se casara, Brynn havia se tornado a obsessão de seus pensamentos e seu sono. Seus sonhos eram preenchidos com ela então. Lucian nunca havia sonhado com uma mulher específica, mas depois de fazer amor com ela, não conseguia parar de vê-la sempre que fechava os olhos.

Lucian praguejou algo em silêncio. Aquele não era o tipo de casamento que havia planejado, tornar-se um tolo encantado com sua bela esposa. Mas não podia, não devia satisfazer sua crescente obsessão por ela.

Brynn, sem dúvida, estava ofendida por ter sido abandonada tão abruptamente depois de ser obrigada a se casar com ele. Mas Lucian não podia se dar ao luxo de se preocupar com os sentimentos feridos dela – não quando tantos homens haviam morrido como resultado de sua negligência.

Sua mandíbula se endureceu com determinação. Naquele momento, deveria colocar seu país antes de seu casamento e concentrar sua atenção em seu dever.

LONDRES

– Claro que ela vai me receber! – Uma voz feminina fria entoou dos cômodos mais baixos da casa. – Vá pedir a ela que desça de uma vez!

Ouvindo o comando de sua sala de estar no andar de cima, Brynn deu um sobressalto de surpresa com a ideia de ter um visitante. Aquela era a segunda tarde em seu novo lar, e, até agora, seus únicos companheiros eram a solidão e o tédio. Não estava acostumada a tanta inatividade, ou à ideia de ter servos atendendo todos os seus caprichos.

Depois de alisar rapidamente o vestido simples de musselina azul e checar se o cabelo ainda estava ajeitado, Brynn desceu a escadaria e encontrou uma senhora alta, séria, de cabelos prateados aguardando com impaciência.

– Eu gostaria de falar com você em particular, senhora – disparou a dama. Em seguida se virou e foi em direção ao salão ao lado, obviamente esperando que Brynn a seguisse.

Brynn olhou para o mordomo perplexa.

– Quem é ela, em nome de Deus?

A expressão geralmente severa de Naysmith havia se transformado em uma careta, depois, mais surpreendentemente ainda, revelou um pouco de simpatia.

– Perdoe-me, senhora Wycliff, mas ela não me permitiu anunciá-la. Essa é tia-avó do milorde, a senhora Agatha Edgecomb. Deseja que eu lhe diga que não está recebendo visitas?

– Não, obrigada, Naysmith. Vou falar com ela.

Endireitando os ombros, Brynn foi em direção ao salão. Lady Agatha estava de frente para a porta, com a espinha ereta, como se pronta para uma batalha.

– Qual é o significado desse ultraje? Fiquei sabendo do casamento do meu sobrinho pelo jornal!

– Nosso casamento foi muito repentino – Brynn respondeu tão calmamente quanto podia, considerando a grosseria da mulher. – Acredito que não foi possível avisá-la a tempo.

– Por que a necessidade de tanta pressa? Você está *grávida*?

– Não, não estou, minha senhora. Embora não veja como isso poderia ser de sua preocupação.

– Certamente é de minha preocupação! Eu sou a chefe desta família! – Os olhos cinzentos de lady Agatha se estreitaram com antipatia. – Que tipo de impertinência é essa, menina? Não vou tolerar esse desrespeito! Meu sobrinho vai ficar sabendo disso, posso garantir.

– Pode dizer o que quiser, lady Agatha. Na verdade, se tiver objeções ao nosso casamento, deve levá-las até o meu marido.

– Se eu tiver objeções! Claro que tenho objeções! Wycliff se esqueceu totalmente do respeito que deve à sua família e a seu título. Quem é você? Quem é sua família? Diga-me!

– Meu pai era sir Samuel Caldwell de St. Mawes, Cornualha. Minha mãe, a senhora Gwendolyn Vaughn.

– Bem imaginei! Wycliff enlouqueceu e se casou com uma ninguém. E esse seu cabelo! Apenas uma Jezebel teria um cabelo dessa cor selvagem!

Brynn se ergueu em toda sua estatura.

– Se veio simplesmente para me provocar, senhora Agatha, pode ir embora. Caso contrário, terei o prazer de convidá-la a ficar para o chá.

O rosto da mulher ficou roxo.

– Eu preferiria tomar chá com um hotentote!

Brynn se afastou, abrindo caminho para que a hóspede indesejada saísse.

A senhora Agatha a olhou com indignação.

– Eu temia o pior e, agora que a vejo, percebo que estava certa. Wycliff foi seduzido por uma vadia! Uma intrusa intriguenta! Bem, estou aqui para lhe dizer que você não terá sucesso!

Depois do terrível vaticínio, ela saiu depressa do cômodo, fazendo o chão ranger.

Brynn ficou parada, incapaz de se mover. Tremia de fúria e talvez até um pouco de choque.

Isso foi um momento antes de perceber que não estava mais sozinha e que alguém estava atrás dela na porta do salão.

Tensa, Brynn se virou e olhou para cima, lutando para manter a calma.

– Ah, meu Deus, vejo que conheceu a tia-avó de Lucian Agatha, – a jovem disse com a voz baixa e rouca.

Era uma moça absolutamente deslumbrante, com cabelos negros e olhos intensamente azuis.

– Se serve de consolo – a visitante acrescentou, oferecendo um sorriso –, a senhora Agatha trata todos dessa maneira. Por favor, não deixe que isso a angustie. Ela pode ser terrível, quase tão difícil como a minha própria tia.

O sorriso da moça transbordava uma cordialidade que Brynn não sentia desde que deixara Cornualha.

– Posso entrar? – a jovem perguntou. – Eu deveria ter esperado que Naysmith me anunciasse, mas percebi o contratempo e achei que talvez precisasse de ajuda.

– Sim, claro, entre e perdoe meu traje.

– Sou Raven Kendrick – disse, entrando no aposento e estendendo a mão enluvada.

– Uma amiga de Lucian. Pode-se dizer que ele é meu guardião ausente, já que meus verdadeiros guardiões recentemente voltaram para a América. Tenho ficado com meu avô no interior durante o verão, mas quando ouvi dizer que Lucian tinha se casado, tive de vir a Londres a fim de parabenizá-lo. O que foi uma sorte, considerando a recepção que você tem recebido dos parentes dele. Temo que a maioria não vai recebê-la de braços abertos, pelo menos no início. Estão ansiosos a fim de reivindicar uma parte da fortuna dele e esperavam que Lucian ficasse solteiro para sempre.

– Eu não esperava que me recebessem bem, mas, depois de conhecer a tia-avó, vejo que eu deveria estar preparada para uma hostilidade declarada.

– Pelo menos lady Agatha é a pior. Lucian a chama de canhão de guerra.

– Não posso dizer que discordo.

A risada de Raven era musical e docemente contagiante.

– Ouvi que você era muito bonita e temia que pudesse ser do tipo arrogante, mas não é nem um pouco, sabia? Acho que vou gostar de você.

Brynn não pôde deixar de sorrir.

– Você chegou a essa conclusão tendo acabado de me conhecer?

– Ah, percebo o caráter de uma pessoa facilmente. Não me importo com a atitude engomada da sociedade londrina. Fui criada nas Índias Ocidentais, onde tudo era muito menos formal e convencional.

– Talvez você devesse estar preocupada em ser contaminada por uma vadia e uma Jezebel.

– Se você é uma vadia, então estamos em boa companhia. A senhora Agatha me considera uma libertina completa. Confesso, tenho sonhado com o dia que falarei o que penso, assim como você acabou de fazer. Ninguém mais ousa responder aos comentários dela, exceto Lucian.

Brynn riu.

– Gostaria de sentar-se, senhorita Kendrick?

– Obrigada, mas me chame de Raven. E eu adoraria um pouco de chá, se a sua oferta ainda estiver valendo.

Brynn olhou para a porta e viu que Naysmith pairava respeitosamente do lado de fora. Ele assentiu para indicar que havia entendido a ordem e em seguida desapareceu.

As duas se sentaram, e Raven começou.

– Lucian ainda está fora da cidade, pelo que entendi? Foi realmente muito ruim da parte dele abandoná-la logo após o casamento, deixando você para enfrentar os lobos sozinha, mas acho que o trabalho dele exige que se afaste às vezes. Onde ele está agora?

Brynn hesitou, sem querer admitir que não fazia ideia de onde seu marido podia estar.

– Ele não disse exatamente onde. Só que tinha um assunto urgente para resolver.

– Bem, está sempre vagando pelo mundo. – Raven olhou para Brynn com um olhar ao mesmo tempo astuto e solidário. – Assim, não leve a ausência dele para o lado pessoal.

Brynn absteve-se de responder ao comentário, encontrando dificuldade para reprimir sua amargura.

Observadora, Raven disse com voz firme.

– Bem, você não precisa se sentir sozinha, pois tenho a intenção de compensar a negligência desprezível de Lucian.

– Você é sempre tão sincera? – perguntou Brynn, perplexa e encantada com a franqueza da visitante.

Raven riu.

– Normalmente sou pior, mas estou me esforçando para me comportar bem com você. Na verdade, meu comportamento pode ser mais escandaloso do que você imagina. Estou noiva do duque de Halford, e meu avô é um conde, o que me dá certa vantagem. E eu não estou me sentindo superior quando digo que posso ajudá-la a se estabelecer na sociedade. Quero tentar, então se considere avisada. Tenho a intenção de colocá-la debaixo da minha asa.

– Muito bem, então. Estou avisada – disse Brynn rindo.

– Londres está bastante vazia no momento, mas há vários outros passatempos possíveis. Você monta?

– Não muito bem, receio.

– Eu cavalgo no parque todas as manhãs, mas não me importaria de ir mais devagar para ter a sua companhia, se quiser me acompanhar. Nosso primeiro passeio, no entanto, deve ser à rua Oxford para comprar meu vestido de noiva. Minha tia estava me ajudando a preparar meu casamento, mas o gosto dela é muito diferente do meu. Sua opinião seria muito bem-vinda.

– Eu ficaria feliz em acompanhá-la, se acha que posso ajudar.

– E, claro, você precisa de um guarda-roupa novo. Vai precisar estar no auge da moda se quiser estabelecer seu posto de condessa.

Brynn franziu a testa.

– Talvez eu realmente precise de um ou dois vestidos novos, mas não consigo ver nenhuma razão para fazer a extravagância de comprar um guarda-roupa inteiro.

– Confie em mim, você vai precisar, para esnobar os déspotas da alta sociedade como a senhora Agatha. Você não pode abrir espaço para que digam que Lucian se recusa a dar boas roupas para sua esposa e gerar ainda mais combustível para fofocas após seu casamento inesperado. De qualquer maneira, Lucian certamente tem dinheiro para essa extravagância, e *com certeza* ele devia pagar por esse mau comportamento.

Brynn sentiu os lábios curvando-se num sorriso, concordando por completo. Ela estava muito feliz de encontrar uma nova amiga entre a população hostil de Londres. E pela primeira vez desde que chegara lá, ela contava com algo diferente de dor e solidão.



Apesar das boas intenções, Lucian sentia o coração acelerar de nervosismo enquanto subia os degraus da frente de sua residência em Londres. Seu desejo de ver Brynn era um anseio poderoso dentro dele, um desejo que havia prometido destruir. Não permitiria que tal desejo o fizesse fugir de seus deveres novamente.

– Bem-vindo, milorde – o mordomo entoou, dando um passo para trás a fim de abrir passagem.

– Obrigado, Naysmith – Lucian olhou em volta enquanto entregava o chapéu e as luvas, escondendo certa decepção por Brynn não estar lá para cumprimentá-lo. – Onde está minha mulher?

– Milady não está em casa.

Lucian levantou uma sobrancelha. Seu secretário lhe havia enviado dois relatórios diferentes de Brynn na semana anterior, mas não houve menção a quaisquer eventos sociais que a mantivessem fora de casa tão tarde.

– Acredito que esteja participando de um sarau com a senhorita Kendrick, na casa do casal Sinclair.

– Ah – Damien Sinclair era um dos amigos mais próximos de Lucian e um dos poucos colegas que geralmente permaneciam em Londres durante os meses quentes de verão. Como Lucian, Damien tinha responsabilidades governamentais que não podia abandonar por simples questões pessoais, embora as habilidades de Damien estivessem relacionadas à área de finanças, e não espionagem.

– Vai se juntar a lady Wycliff, milorde? Devo buscar a sua carruagem?

Lucian considerou a ideia por um momento, mas depois balançou a cabeça. Eram quase dez horas, e jurou que tentaria se distanciar de Brynn, para acabar com tamanha obsessão. Correr atrás dela assim que chegasse em casa não fazia parte de suas resoluções.

– Não, não vou sair novamente. Vou passar o resto da noite em meu gabinete.

– Muito bem, milorde.

Naysmith o conduziu até o cômodo, acendendo as luzes e lhe servindo um pouco de conhaque. Deixou a lareira apagada, visto que o mês de agosto era quente demais para usá-la.

Aceitando a taça de cristal, dispensou o mordomo e sentou em sua poltrona de couro favorita. No entanto, seus pensamentos estavam muito inquietos para conseguir desfrutar da paz e do conforto de sua casa.

Sua fúria e frustração só haviam aumentado ao longo da última semana. A investigação sobre os assassinatos e o ouro desaparecido havia chegado a um beco sem saída, enquanto a busca pelo mandante misterioso, Caliban, também não tinha produzido bons resultados.

Tamanha ineficácia atormentava Lucian. Ele prometera encontrar e punir o líder, mas, por enquanto, a única coisa que poderia fazer para evitar novos furtos era simplesmente ficar na defensiva. Ele havia ordenado um novo cronograma de transferência de ouro, cujos detalhes apenas um punhado de pessoas conheceria daquela vez. Mas, mesmo assim, nada disso era garantia de que o ouro permaneceria seguro no futuro, ou que pudesse evitar novos assassinatos.

Por um momento, Lucian fechou os olhos, incapaz de afastar as imagens de sua

mente, os corpos dos guardas mortos espalhados pela estrada como lixo. Aquilo o havia deixado abalado.

Lucian tomou um gole de conhaque, sentindo-o queimar na garganta. A culpa era uma companheira familiar para ele. Ela o havia feito se juntar ao departamento de inteligência do Ministério das Relações Exteriores quase seis anos antes, evitando a vida frívola de um nobre rico. Ele havia seguido esse curso incomum para aliviar sua consciência, pois sentia vergonha de estar vivo enquanto alguns não estavam.

Muitos eram amigos – alguns mortos em batalha contra os franceses, servindo no exército ou na marinha, enquanto os outros se envolveram em negócios de espionagem. Durante sua última visita à França, veio a culpa final: matar seu amigo Giles com as próprias mãos.

Lucian se encolheu com a lembrança, e até mesmo sua boca se contorcia em uma autorreprovação cínica. Ele sempre teve muita sorte – já tinha se envolvido em um grande número de situações perigosas e escapara intacto, até o dia em que teve de confrontar Giles, quase morrendo também. Desde então, sua sorte havia mudado radicalmente. Sentia isso em sua alma. *E em seus sonhos*. O temido pesadelo havia retornado na noite anterior: a visão terrível de sua própria morte, Brynn de pé sobre ele, com as mãos molhadas com seu sangue.

Lucian olhou para o copo, zombando de sua própria imaginação fantasiosa. Brynn não era uma assassina. Era apenas uma feiticeira perigosa que o faria fugir das suas obrigações se ele deixasse.

Mas não permitiria isso. Estabeleceria a distância emocional, manteria uma discrição fria, mesmo em seus momentos mais íntimos. Ainda queria muito um filho, mas desfrutar do prazer físico de gerar nela uma criança não significava necessariamente sucumbir a seu fascínio inquestionável.

Mesmo assim, Lucian percebeu enquanto bebia sem querer o resto de seu conhaque, que era impossível não ficar ansioso quando pensava em vê-la novamente, em discutir com ela, em surpreender-se com um sorriso rápido de Brynn, talvez até ganhar uma risada. Sentia falta da sagacidade e da língua afiada. Sentia falta do brilho.

O encontro próximo com a morte o fez ansiar pela vida, por sentir-se vivo. Brynn o fez sentir-se vivo. Tudo nela fazia suas terminações nervosas gritarem, da beleza sensual à rebeldia espirituosa daqueles cabelos cor de fogo.

Um sentimento perigoso, ele sabia. Brynn era um perigo iminente, com ou sem maldição.

No entanto, apesar da promessa de manter-se afastado, não conseguia deixar de desejá-la, de ansiar por ela, ou de fantasiar sobre tomá-la em seus braços e despertar nela a paixão.

– Milorde a espera em seu escritório, milady – disse o mordomo quando Brynn chegou em casa.

Brynn congelou no ato de entregar seu casaco. Lucian estava *lá*? Sentindo pânico por um momento, pensou em fugir para o andar de cima e refugiar-se em seus aposentos. Mas ele sabia que ela estava de volta, e não costumava ser uma covarde... Não que aquelas circunstâncias fossem comuns. Ela teria de enfrentar um marido que mal conhecia, que a havia coagido a se casar e, logo depois, a abandonara.

Todo o ressentimento que Brynn tinha abafado durante a semana anterior veio à tona.

Preparando-se para o encontro, foi até o escritório e encontrou Lucian sentado

diante de uma lareira fria. Quando ele levantou os olhos e encontrou os dela, Brynn sentiu o coração acelerar. O impacto daquele olhar azul cristalino era tão deslumbrante quanto ela se lembrava, a beleza masculina tão fascinante... Ah! O diabo que o carregasse!

Por um instante, pensou ver os olhos dele brilharem ao lhe dar as boas-vindas, talvez estivesse até alegre ao vê-la novamente, mas, em seguida, uma máscara desceu sobre o rosto, e ele levantou a taça de cristal em saudação.

– Saudações, minha querida.

Sua voz estava um pouco instável, e seus cabelos, despenteados, sem a elegância habitual. Ele tirou o casaco e afrouxou a gravata de qualquer jeito, e o brilho escuro que refletia em seus olhos a fez se perguntar se estaria bêbado. Brynn ficou parada dentro do aposento, decidida a manter distância.

– Não vai dar a seu marido uma recepção adequada?

– Não por vontade própria – Brynn respondeu, decidida a manter o tom de voz frio. Não tinha nenhuma intenção de semear qualquer intimidade entre eles. Ela havia tido o mesmo sonho com Lucian na semana anterior, os sonhos sombrios que a assustavam. Não deixaria as premonições se tornarem realidade caindo em seus braços.

Ele a olhou com melancolia, mas, em seguida, seus olhos se estreitaram, descendo para o vestido azul dela, que deixava parte dos braços e do pescoço à mostra.

– Esse vestido é novo?

Brynn enrijeceu quando os olhos sondaram seus seios.

– Espero que não se oponha. Raven disse que eu precisaria de um guarda-roupa novo se quisesse assumir meu posto de condessa, e você foi embora sem me dizer quanto eu poderia gastar.

Ele acenou com a mão desconsiderando.

– Não me oponho de maneira nenhuma. Não gostaria que minha esposa vestisse trapos.

Brynn apertou os lábios, abstendo-se de responder ao comentário sobre suas vestes antigas.

– Você se divertiu essa noite?

– Um pouco.

– Um pouco?

Ela deu de ombros, desconfortável. Seu novo título e a ajuda de Raven haviam proporcionado diversão nos salões brilhantes da alta sociedade, mas ela não gostava de admitir a Lucian que achava todo aquele luxo um pouco desconcertante, ou que na Cornualha ela estava acostumada a uma vida muito mais simples.

– Alguns de seus amigos são muito agradáveis. Vanessa Sinclair, especialmente. Mas os outros foram mais críticos. Se não fosse por Raven, eu estaria perdida. Sou extremamente grata a ela por ter vindo em meu socorro quando me vi jogada na cova dos leões.

– Peço desculpas por tê-la deixado de maneira tão repentina.

– Um pedido de desculpas não resolve as coisas. Você poderia ter me mandado notícias semana passada, talvez me informado sobre o seu paradeiro.

– Davies sabia onde me encontrar.

– Sinto-me lisonjeada. Os funcionários sabem muito mais sobre você do que a sua esposa.

Lucian ficou em silêncio. Brynn se atreveu a olhar para ele, fingindo estar calma. Aquele homem era muito diferente da figura atraente que a havia seduzido na noite de

núpcias. Não conseguia encontrar nenhum vestígio do charme ou do fogo sedutor – ao contrário, estava lá, frio e distante. Já havia dado a ela motivos para se magoar, e seu afastamento apenas a feriu ainda mais.

– Suas tarefas já acabaram? – ela se forçou a falar sem emoção na voz.

As feições dele endureceram.

– A maior parte.

– Uma pena. Eu não me importaria nem um pouco se você viajasse novamente.

Ela percebeu que atingiu um nervo pela maneira como Lucian a olhou de volta. Sua boca sensual tornou-se sombria, mas ela não ia recuar. O futuro do relacionamento dependia da resistência que ela estabelecesse naquele momento. Se ela se importasse com seu paradeiro, não haveria esperança de aquela relação permanecer em um patamar seguro.

Ela marcou o ponto, mas achou prudente fazer uma retirada digna.

– Você está evidentemente de mau humor, e estou um pouco cansada. Acho que vou me retirar. Se você quiser, podemos continuar essa discussão pela manhã.

– Acho que não – ele disse com gentileza.

Seus olhos brilhavam como safira.

– Suba e se prepare para ir para a cama. Vou me juntar a você em breve.

Os punhos de Brynn se cerraram.

– Se acha que vou recebê-lo em minha cama depois do jeito como me tratou...

– Eu não acho que precise de um convite, querida – respondeu. Sua boca curvou-se em um sorriso sem humor. – Eu sou seu marido, você deve se lembrar.

– Como poderia esquecer? – murmurou com amargura antes de virar bruscamente e sair do aposento.

Sozinho, Lucian ficou olhando melancolicamente para as profundezas douradas de seu conhaque sem gosto. Ele não tinha sabido lidar com aquela situação. Deveria ter esperado esse comportamento de Brynn, mas estava muito ocupado construindo suas próprias defesas para se preocupar em acalmar o orgulho ferido dela.

Não estava preparado para vê-la em carne e osso. No instante em que entrou na sala, sua virilha se contraiu. Todos os seus pensamentos giravam em torno da ideia de possuí-la, colocá-la embaixo dele diante da lareira e fazer amor com ela.

Maldição. Ele a havia desejado desde o primeiro momento em que pôs os olhos nela, mas o calor que sentia agora, a luxúria, eram mais perigosos, mais fortes do que uma mera atração.

Lucian jurou novamente por sua vida. Ela era sua *esposa*, não sua amante. Quando um homem se casava, ele não deveria achar sua mulher tão encantadora, tão incrivelmente fascinante nem ser tomado por um desejo tão feroz de possuí-la.

Seria mais difícil do que imaginara manter-se afastado. De alguma maneira, porém, teria de encontrar a força para reprimir seus impulsos obsessivos. Sua vida não tinha mais espaço para paixões furiosas e fora de controle. Ele teria de endurecer o seu coração com relação a Brynn, ou, melhor ainda, acalmar seus órgãos.

Talvez não fosse prudente continuar o assunto naquele momento. Talvez fosse mais sensato esperar que o ressentimento dela esfriasse antes de insistir em seus direitos conjugais, mas isso poderia levar muito tempo. Ele ainda queria um filho e não poderia ignorar a premonição obscura de que o tempo estava se esgotando.

Não, não podia se dar ao luxo de esperar.

Tomou outro gole de conhaque, buscando coragem adicional para enfrentar sua bela esposa e fazer amor com ela, sem se perder em seu poderoso encantamento.

Irritada, Brynn estava sentada em sua penteadeira, enquanto Meg escovava seus cabelos. Ambas deram um salto quando Lucian apareceu atrás delas.

– Isso é o suficiente – disse, dispensando a empregada. – Eu gostaria de ficar sozinho com minha esposa.

Ele provavelmente tinha entrado pela porta de comunicação que ligava as suítes. Qualquer esperança de que Meg fosse protegê-la desapareceu quando a menina soltou a escova e correu para fora da sala.

Sozinha com o marido, Brynn não hesitou em desviar de seu olhar. Ele usava trajes de brocado azul meia-noite que acentuavam a cor de safira de seus olhos e proclamavam claramente sua intenção de dormir com ela.

Ela lhe deu as costas, recusando-se a olhá-lo ou até mesmo levar sua presença em consideração. Podia sentir seu olhar examinando o corpo dela pela camisola.

Brynn levou um susto ao sentir a mão de Lucian em seu cabelo. Não o tinha ouvido se aproximar por causa das batidas altas e fortes de seu coração.

– O que você quer? – disse rispidamente, endurecendo e afastando-se.

– Achei que tivesse deixado claro – disse com tranquilidade. – Eu quero um filho.

Ela se virou e olhou para ele.

– O que está claro é que eu sou só um objeto para você. Você acha que pode simplesmente mandar em mim e vou fazer a sua vontade.

– Você não é uma escrava. Você é minha esposa.

Levantando-se, ela o encarou.

– Não sou exatamente sua esposa. Admita, para você, não passo de uma égua de reprodução ou um meio conveniente de saciar sua luxúria.

– Isso não é verdade.

– Se não, então por que você está aqui no meu quarto contra a minha vontade?

– Eu pretendo dormir aqui esta noite, Brynn.

– E está me dando alguma chance de escolher se eu também quero?

As feições dele permaneciam enigmáticas.

– Devo lembrá-la dos votos que fez no altar?

– Ah, sim, os votos sagrados. Tenho certeza de que você os respeita muito.

Ignorando seu sarcasmo, Lucian olhou nos olhos dela.

– Venha para a cama comigo, Brynn – as palavras dele eram calmas, imperiosas e fizeram-na ficar dura.

– E se eu me recusar?

Houve um momento de silêncio.

– Você não tem o direito de recusar. Você é minha esposa.

Sua mandíbula se apertou. Ela sempre foi orgulhosa, e talvez aquilo fosse um defeito. Mesmo que desprezasse ser considerada uma mera posse de Lucian, sabia que estava lutando uma batalha perdida. Sob a lei inglesa, a esposa de um homem era sua propriedade para fazer o que bem entendesse. Ela não tinha o direito de negar-lhe a cama. Mas não queria dizer que teria de recebê-lo de bom grado.

Ela lançou um olhar mordaz para Lucian, mas o ato não surtiu efeito. Seu rosto poderia ter sido esculpido em granito pela emoção que demonstrava.

O silêncio se prolongou, aumentando ainda mais a tensão a cada momento prolongado. Brynn se levantou desafiadoramente, e ele falou, com a voz doce e aveludada.

– Acho que já ficou claro que você não tem forças para resistir a mim, assim como não tenho forças para resistir a você.

Brynn sentiu um desespero súbito brotar dentro dela. Aquele era exatamente o problema: ela achava Lucian irresistível, mas não podia ceder a seus impulsos. Tudo o que podia fazer era tentar protegê-los com uma fria indiferença. Ela levantou o queixo, encarando-o friamente.

Lucian percebeu seu olhar e fingiu apatia: um forte anseio tomava conta dele. Os cabelos de Brynn brilhavam, descendo pelos ombros como uma massa de fogo e seda. Ele teve de cerrar os dentes para resistir à vontade de arrastá-la para seus braços. Seria mais sensato acabar com aquilo de uma vez, antes que a fome que queimava dentro dele acabasse com seu autocontrole.

– É melhor você se acostumar com as minhas visitas. Pretendo dormir com você todas as noites, pelo menos até você engravidar.

– Até eu engravidar? – Brynn olhou para ele, encontrado um raio de esperança nas palavras dele. – E então vai me deixar em paz?

Houve uma longa pausa.

– Se você desejar. Depois que conceber meu herdeiro, não haverá mais essa necessidade de *saciar minha luxúria*, como você diz.

– Vou lembrá-lo de sua promessa.

Séria, Brynn foi para a cama e deslizou para debaixo das cobertas, dando-lhe as costas. Logo, pôde sentir o movimento no colchão quando ele se sentou ao lado dela. Ela endureceu ao sentir os dedos dele tirando a manga de sua camisola.

– Você não precisa disso.

– Prefiro ficar com ela – disse com firmeza. – Não é necessário tirá-la para fazer o que você pretende fazer.

A voz dele estava baixa, lenta e de uma virilidade obscura quando respondeu.

– Não há razão em dificultar as coisas, Brynn. Conceber um filho deve ser prazeroso para nós dois.

– Não quero que seja prazeroso, só quero acabar logo com isso.

– Muito bem.

Ela ouviu o som do robe dele caindo no chão. Lucian puxou as cobertas antes de se juntar a ela na cama.

Brynn estremeceu. Podia senti-lo em suas costas, a pele contra a dela, sua excitação óbvia contra a camisola.

Tentou não recuar. Manteve-se rígida, mesmo quando ele começou a acariciá-la: no braço, na cintura, na barriga. Tocava-a intencionalmente em silêncio. Depois de um momento, a mão dele subiu até os seios que estavam escondidos pela camisola. Os dedos se espalmaram sobre os montes sensíveis, tocando deliberadamente os mamilos que formigavam, até fazê-los endurecer e marcar o tecido delicado.

Brynn respirou fundo, achando difícil ficar indiferente. Não havia nenhum calor, nenhuma ternura real nas carícias dele, mas despertavam nela sensações que não queria sentir.

Então a mão dele se moveu para baixo, levantou a camisola e revelou o corpo dela até a cintura. Brynn mordeu os lábios ao sentir a palma da mão dele tocando suas nádegas e escorregando suavemente pelo quadril e a barriga à procura do que a fazia mulher. Brynn apertou as pernas, consciente de que ele havia percebido que estava molhada. Ignorando aquela resistência, ele separou as pernas e enfiou dois dedos dentro dela.

O calor tomava conta dela. Brynn tremia, contorcendo-se involuntariamente com o toque da mão dele, enquanto o dedão esfregava o botão de sua feminilidade com seu

próprio líquido. Era impossível não reagir.

A respiração dela se acelerou e se fez ouvir no silêncio.

Finalmente ele desistiu de provocá-la e segurou seu ombro, fazendo-a deitar de costas na cama.

– Olhe para mim – disse, com a voz rouca.

Primeiro, ela olhou para o rosto dele, coberto de crueldade e concentração. Depois, desceu os olhos até o corpo rígido e gracioso, com a poderosa e latente ereção.

Brynn tremeu, apesar da suavidade da noite de agosto. Lucian havia possuído seu corpo antes, mas ainda era um estranho, alguém que estava se preparando para invadi-la com sua virilidade.

Mudando de posição, ele se colocou sobre ela, descendo até que seus órgãos nus se unissem. Os músculos mais baixos do corpo de Brynn se contorciam, ansiosos pela posse.

Então ele a penetrou, estocando lentamente com um controle incrível, preenchendo-a totalmente. Brynn ofegava, e tremores subiam e desciam pelo seu corpo com o choque de masculinidade dentro dela.

Fechando os olhos, desviou do rosto dele. Sentia-se impotente deitada daquela maneira, sua carne sendo possuída, totalmente à mercê de Lucian. No entanto, quando ele começou a se mover, o calor traidor dentro dela começou a transbordar, minando sua resistência.

Lucian recuou, deixando sua carne latejar desesperadamente pela espessura que a havia possuído, até que ele a preencheu mais uma vez.

Ele a beijou, cobrindo sua boca firmemente com a dele. Ele tinha gosto de licor: quente, doce e forte. Ela tentou esquivar-se, mas ele invadia as profundidades de sua boca com a língua, enquanto seu mastro inchado penetrava suas coxas abertas.

Brynn respondia intensamente a ele, mesmo que contra sua vontade. Ele recuava, mas somente para investir com ainda mais força, e Brynn não conseguia ficar indiferente: gemia, apesar de toda sua determinação.

O beijo ficou mais intenso, e o ritmo aumentou. Quando os quadris de Brynn começaram a se contorcer, ele os agarrou firmemente com as mãos e mergulhou nela mais uma vez, e mais uma, destruindo seu controle. Brynn gemia e colocava os braços ao redor dos ombros dele, apertando-os com força enquanto ele se movia dentro dela. Raios de calor tomavam conta dela, enquanto a carne dele entrava cada vez mais fundo e com cada vez mais força, arrebatando-a de prazer.

Ondas de tremor começaram a explodir em seu corpo, uma após a outra. Brynn gritou ao atingir o êxtase.

Ela mal estava consciente quando Lucian chegou ao próprio clímax violento. Quando ele finalmente parou, ela tentava recuperar o fôlego. O peso dele sobre seu corpo, a respiração em seu ouvido.

Ardendo de ressentimento e, pior ainda, de paixão, Brynn fechou os olhos. Ele havia conseguido uma resposta nela ainda mais profunda e poderosa do que na primeira vez. Ela havia feito mais do que simplesmente suportar o intercuro sexual – ela havia *aproveitado*. Ele era, sem dúvida, Lúcifer, um demônio capaz de excitar seu corpo quando bem quisesse.

Com medo de que ele tivesse percebido essas sensações de sua parte, Brynn tentou se afastar.

– Por favor, saia de cima de mim, você está me esmagando.

Ele levantou a cabeça devagar, como se não acreditasse naquele pedido rouco.

Muitos batimentos cardíacos se passaram até que ela o olhasse friamente, fazendo Lucian sair de seu corpo.

Brynn puxou a camisola abruptamente, em uma tentativa de ocultar seus membros nus, e se cobriu com o lençol.

– Acredito que você tenha terminado – ela grunhiu.

Outra longa pausa tomou conta do cômodo até que ele a tocasse novamente. Sem compaixão, ele segurou o queixo dela entre os dedos, seus olhos azuis muito frios.

– Não finja que não gostou de fazer amor, querida. Você estava quente o suficiente para derreter um *iceberg*.

Ela se encolheu como se as palavras a atingissem como pequenas setas farpadas em sua carne.

– Por favor, não chame o que você fez de *amor*.

– Sexo, então? É uma descrição adequada? Bom, prepare-se, querida, porque tenho intenção de possuí-la dessa forma todas as noites – e de fazê-la aproveitar cada segundo.

Sem dar a ela a chance de responder, Lucian se levantou e pegou suas roupas de dormir, vestindo-se antes de atravessar o quarto. Momentos depois, ela ouviu a porta do quarto se fechando.

Brynn virou-se, puxando os lençóis enquanto uma onda de dor tomava conta dela.

De repente, sentiu-se mais sozinha e miserável do que se lembrava de estar nos últimos dias. Ela quis ferir Lucian para fazê-lo sair de sua cama, então por que agora era ela quem sofria?

Lutando para não chorar, olhou para o dossel, amaldiçoando o marido: *sexo, então... tenho intenção de possuí-la dessa forma todas as noites – e de fazê-la aproveitar cada segundo*.

Com um calafrio, Brynn respirou trêmula. Ela temia que ele cumprisse a promessa de fazê-la aproveitar, mas o que aconteceria depois?



A não ser pelas visitas noturnas, Brynn viu Lucian poucas vezes na semana seguinte. Ela estava totalmente satisfeita com o fato de viverem vidas separadas. Em comparação com outros casamentos, o deles não era incomum para as classes altas e nobres, embora a razão da distância – o risco de uma maldição – fosse único.

Durante o dia, o marido passava grande parte do tempo fora de casa, presumivelmente trabalhando. Raven comentou que Lucian possuía escritórios em Whitehall, onde trabalhava para o Ministério das Relações Exteriores.

O primeiro indício que teve do trabalho incomum de Lucian surgiu em uma tarde, enquanto ajudava Raven a comprar seu enxoval de noiva. Depois de inspecionar um laço de rendas, Brynn o desaprovou, afirmando que a qualidade do material era inferior.

– Como você sabe?

– Está vendo os pontos perdidos aqui? E o corante? O padrão não é uniforme. Podemos encontrar coisa melhor, tenho certeza.

Ao saírem da loja, os lacaios logo coletaram as compras, e Raven perguntou como sabia tanto sobre o laço.

– Já vendi muitos desses para modistas e chapeleiros nos últimos anos.

Raven ergueu a sobrancelha, surpresa.

– Sua família trabalha com comércio?

Brynn hesitou, perguntando-se quanto poderia revelar.

– Mais ou menos – respondeu, percebendo que Raven não a julgaria. – Mas não do comércio lojista. Na Cornualha, quando mencionamos comércio, estamos falando do comércio livre.

– Contrabando? – os olhos de Raven brilharam, cheios de curiosidade. – Que emocionante! – Raven olhou por trás do ombro para checar se não haveria ninguém ali que pudesse ouvir. Lembrando que estavam no meio da rua, baixou a voz. – Fale mais sobre isso!

Brynn devolveu um sorriso irônico diante do deleite de sua amiga.

– Não considero o contrabando emocionante. Na verdade, é um trabalho muito difícil e também perigoso. Mas é a realidade onde eu moro, uma forma de ganhar dinheiro. Conheço poucas famílias que não estejam envolvidas nisso.

– E você mesma faz as negociações?

– Raramente. Na maioria das vezes, tento me livrar das sobras do contrabando.

– Acho que seria gratificante ter a chance de participar de tantas aventuras proibidas às mulheres. Mesmo assim, eu não contaria a Lucian sobre suas conexões se fosse você.

Foi a vez de Brynn ficar curiosa.

– Por quê?

– Porque ele tem grande aversão a contrabandistas. Eu o ouvi falar abertamente sobre isso outro dia. Fraudes de contrabandistas tiram do governo da Grã-Bretanha e dos aliados as receitas fiscais necessárias para vencer os franceses. Eu consigo entender seu ponto de vista, mesmo sem concordar. Lucian passou anos tentando derrubar Napoleão. Ele se orgulha de seu trabalho, apesar de a espionagem ser considerada uma prática vulgar pela maioria das pessoas.

– Espionagem?

Diante dos olhos confusos de Brynn, Raven acrescentou:

– Lucian é um espião de verdade, ele não lhe disse?

Brynn sentiu o coração se almar.

– Meu irmão disse que ele trabalhava para o Ministério das Relações Exteriores.

– Ele trabalha para a inteligência. É tudo muito clandestino e secreto. Às vezes, Lucian desaparece por semanas, sem dúvida para participar de alguma missão. Ele não vai falar de seu trabalho, mas, na verdade, é considerado uma espécie de herói.

Brynn quase não ouviu o último comentário, ainda estava se recuperando do choque da revelação da amiga. Inquieta, lembrou-se de suas várias conversas com Lucian e se perguntou se já tinha dito algo na presença dele que revelasse a ocupação do irmão. Ela não havia considerado Lucian um perigo para a sua família, só para ela, mas agora havia percebido que poderia ser uma ameaça a Gray também.

Lucian não havia mencionado nada sobre sua profissão, Brynn pensou, envergonhada. Seu segredo e sua falta de sinceridade eram mais motivos de ressentimento, enquanto o perigo era mais um motivo para ser cautelosa com seu novo marido.

– Perdoe-me, Brynn...

Ela deixou os pensamentos de lado quando percebeu que Raven estava falando com ela.

– Eu sinto muito, estava em outro planeta. O que você disse?

– Eu sei que não é da minha conta, mas há algo de errado entre você e Lucian?

– Não. Por que você acha isso?

– Vocês raramente estão juntos, para falar a verdade. Vocês não se comportam como todos os recém-casados.

Brynn forçou um sorriso.

– Nosso casamento foi uma conveniência e nada mais. Estou perfeitamente satisfeita com nosso acordo.

Mesmo que fosse uma mentira, Brynn refletiu, ela ficava feliz de raramente encontrar Lucian.

Além de seu trabalho, pelo jeito muitas outras atividades ocupavam o tempo dele, incluindo as grandes questões da companhia Wycliff de navios. Quando estava em casa, ele muitas vezes se reunia com seu secretário, bem como com vários gerentes e funcionários.

E, de acordo com o mordomo, Lucian estava sempre envolvido em atividades de equitação, esgrima e esportes típicos de cavaleiros. À noite, ele frequentemente jantava em seu clube e, depois, bem... Brynn suspeitava que Lucian fosse para a farra com os colegas da Liga do Fogo do Inferno, já que não voltava até tarde da noite.

As noites eram a pior parte para ela. Depois dos jantares solitários, tendo apenas a própria companhia, ela ficava à espera dele, temendo suas visitas, embora geralmente já estivesse dormindo quando ele vinha se deitar.

Sem emoções, em silêncio, ele a acordava com suas carícias desapaixonadas, despertando-a como se executasse uma tarefa por mera formalidade em vez de algo agradável. No mesmo silêncio, ele voltava para o próprio quarto, deixando-a em chamas com o prazer que ele lhe proporcionava.

Brynn lutava com o domínio carnal do marido com feroz determinação. Ele poderia possuir sua carne, mas nunca permitiria que ele a tocasse em espírito.

Os dias estavam sendo mais agradáveis, pelo menos. Lucian possuía uma biblioteca gigante, e Brynn havia descoberto vários assuntos que lhe interessavam nas prateleiras de livros encadernados em couro. Além disso, passava horas lendo os jornais que o marido

assinava para ficar a par do que acontecia no mundo, coisas que raramente eram discutidas dentro de casa.

Com sorte, Raven revelou ser uma companhia agradável. Brynn pensou em como estaria infeliz sem aquela amizade. Elas cavalgavam no parque todas as manhãs e iam às compras à tarde – Raven estava determinada a montar um enxoval digno de um casamento com um duque e queria que suas exigências fossem seguidas à risca.

O guarda-roupa de Brynn crescia em um ritmo vergonhoso. Ela já tinha vestidos para usar de manhã, à tarde, à noite, para caminhar, cavalgar, viajar, além de sapatos e chapéus para combinar.

Ela achava todos aqueles gastos absurdos, principalmente se considerasse o que poderia fazer em sua cidade somente com uma pequena fração do que gastava com tanta indiferença. A centenária igreja de pedra de St. Mawes estava desmoronando, sua própria casa necessitava de reparos, e a maioria dos navios de pesca dos moradores das vilas se mantinha graças às orações. Era desanimador pensar que apenas um dos novos vestidos que Raven havia insistido que ela comprasse poderia tirar uma família inteira da Cornualha da miséria e levá-los à relativa prosperidade.

No entanto, vestidos bonitos eram necessários para o papel que deveria desempenhar. Raven estava certa. Ela precisava estar vestida com elegância se pretendia se relacionar com os nobres de seu novo círculo social. Ainda que não tivesse nenhuma vontade de entrar no mundo luxuoso e aristocrático de Lucian, ou de se tornar um ornamento inútil para o condado, ela realmente queria um lugar na sociedade para Theo e para seus possíveis futuros filhos, se isso viesse a acontecer.

Além disso, Brynn admitia apenas para si mesma que depois de ser excluída por tantos anos, era gratificante ser aceita em um grupo em que ninguém sabia nada do seu passado, em vez de ser tratada como uma leprosa.

Com o passar da semana, tornou-se mais raro sofrer e choramingar de solidão. Os momentos em que ansiava por uma gramática latina que fosse, somente para ajudar a ocupar seus pensamentos, haviam desaparecido.

Ela começou a fazer novas amizades e permitiu que Raven a tirasse da reclusão em que se encontrava. Talvez fosse hora de parar de se esconder em casa como uma prisioneira que deixava uma maldição governar sua vida. Mas ela fazia um esforço consciente para suavizar sua conduta, mantendo-se distante, ainda que educada, e falando apenas quando lhe dirigiam a palavra.

Ela gostava da maioria dos amigos de Raven, considerando alguns realmente inteligentes e fascinantes. Raven, sempre muito bela e alegre, chamava a atenção de muitos jovens cavalheiros que se reuniam em volta dela como um enxame, mas que, lamentavelmente, logo voltavam suas atenções para Brynn, apesar de suas tentativas sérias de se manter à margem.

Lucian não ficou feliz em ver que a esposa era objeto de tanto ardor. Uma tarde, ao voltar para casa, encontrou Brynn cercada por meia dúzia de jovens reunidos em sua sala de estar, Raven era a única outra pessoa do sexo feminino.

Um dândi com uma gravata escandalosamente alta recitava um soneto elogiando a beleza da senhora Wycliff e seus olhos de esmeralda, mas o verso não rimou e acabou sendo recebido com risos abafados.

– Não, não, estou sendo zombado injustamente – o poeta protestou rindo.

A voz baixa de Brynn carregava um sorriso quando disse:

– Na verdade, senhor Pickering, o senhor deveria ser elogiado pelo seu esforço.

Lucian sentiu uma pontada irracional de ciúme ao chegar à porta. Ele havia conseguido resistir ao desejo por Brynn na maior parte da semana anterior, mas vê-la tão doce e linda no vestido esverdeado o havia acordado, enquanto a presença de tantos cavalheiros admirando-a despertou nele um instinto primitivo de possessividade masculina.

Todos ficaram em silêncio de repente quando Lucian entrou no aposento. Reprimindo o ciúme, ele manteve a expressão branda enquanto se aproximava de Brynn e se curvava para beijar o rosto dela.

– Por que você não me apresenta aos seus amigos, minha querida? – disse suavemente, ignorando o enrubescer no rosto da esposa e a maneira como ela endureceu.

Raven entrou em cena para intervir, mas Brynn permaneceu em silêncio. Logo ficou claro para todos que a animação que havia nos visitantes alguns minutos antes havia se transformado em mera formalidade. Lucian acomodou-se ao lado da esposa no sofá e percebeu que todos o observavam com olhares desconfiados.

Pouco tempo depois, todos começaram a se despedir. Ao ver o último cavalheiro ir embora, Raven fez uma careta de desaprovação para Lucian.

– É uma pena que estejamos nos vendo tão pouco ultimamente, Lucian.

– Infelizmente tenho estado muito ocupado.

– Você parece ter esquecido que é recém-casado. Eu não esperava que negligenciasse sua esposa assim.

Ele olhou para Brynn.

– Minha esposa não parece estar sofrendo. Não quando eu a encontro fazendo sala para admiradores que escrevem sonetos sobre seus olhos cor de esmeralda.

Brynn retribuiu o olhar do marido friamente antes de se levantar do sofá.

– Não precisa me defender, Raven. Estou muito contente. Venha, eu a acompanho.

Ela começou a seguir a amiga, mas parou quando Lucian a chamou baixinho, sentindo um arrepio quente percorrer sua espinha. Perturbava-lhe que o simples som de sua voz pudesse afetá-la tanto.

– Preciso lembrá-la, meu amor, de que você tem uma posição a preservar na sociedade agora?

Estremecendo com a crítica implícita, olhou para ele.

– Não fiz nada de errado.

– Talvez não, mas incentivar as atenções desses jovens poderia passar uma impressão errada.

A acusação doeu, mas ela reconhecia que Lucian estava certo. Ela realmente havia sido descuidada naquela tarde. Teria de tomar mais cuidado para lembrar-se dos perigos de se tornar amigável demais com seus admiradores.

Endireitando os ombros, Brynn contornou as acusações com uma pergunta indireta.

– Há alguma razão especial para você nos agraciar com a sua companhia esta tarde?

– Preciso de um motivo para voltar à minha própria casa?

– Você esteve aqui tão pouco que pensei que talvez pudesse ter outra.

– Na verdade, eu queria lhe fazer um convite. Minha tia-avó, a senhora Agatha Edgecomb, dará uma festa no jardim de sua casa em nossa honra no próximo sábado.

Brynn olhou para ele surpresa.

– Em nossa honra? Quando eu a conheci, a senhora Agatha jurou que nunca reconheceria nosso casamento. Para ela, eu não passo de uma vadia.

A boca de Lucian se curvou secamente.

– Eu a convenci a reconsiderar. Ela entende que não tem escolha além de aceitar

você como minha esposa se não quiser cortar relações comigo.

– Estou tão aliviada – Brynn disse com falsa sinceridade. – Sua tia será uma companhia agradável.

Um músculo se retesou na mandíbula dele diante do tom sarcástico, mas a resposta foi educada.

– Eu não dou muita importância aos meus parentes, principalmente tia Agatha, mas confio que você vá se comportar com prudência e não lhes dará motivo para desgostar de nosso casamento.

Brynn sorriu friamente.

– Eles vão desgostar de nosso casamento, não importa como eu me comporte. E se quiser um modelo de prudência, deveria ter considerado isso antes de se casar comigo – retrucou antes de sair do cômodo.

Ela teve de fazer uma pausa para se recompor antes de encontrar a amiga. Estava aborrecida com o fato de Lucian querer testar seu comportamento. Apesar do que parecia, ela não havia incentivado o ardor irresponsável de seus admiradores de propósito. Alguns poemas não eram nada comparados com o que havia acontecido no passado.

Na verdade, Brynn se perguntava o que Lucian diria se visse senhores *realmente* perdendo a cabeça por causa dela. Seria benfeito se acontecesse – talvez, então, ele acreditasse nela.

Ainda assim, lembrou que não estava disposta a arriscar tamanho perigo pela satisfação de provar que o marido estava errado.

Ela estava sonhando de novo, outro sonho obscuro com Lucian. Dessa vez, o perigo não vinha dela, mas de um homem carregando uma espada mortal.

Pego de surpresa pelo ataque inesperado, Lucian saltou para trás, apenas raspando na lâmina cortante. O adversário o seguiu violentamente com um olhar de raiva feroz no rosto.

Desarmado, Lucian se afastou, tentando evitar tornar-se um alvo na disputa injusta. Ao tentar refugiar-se atrás de uma mesa, o homem o alcançou e o jogou ao chão, atacando-o mais uma vez.

Dessa vez Lucian estava pronto. Desviando, pegou o punho da espada e a segurou firmemente, prendendo a arma entre os dois corpos.

O homem tentou desarmá-lo sem sucesso. Por um momento que pareceu uma eternidade, eles ficaram presos juntos, esforçando-se em uma luta desesperada por controle, mostrando os dentes e ofegando asperamente. Por fim, o homem deu um grito angustiado e se lançou contra Lucian, desequilibrando os dois. Grunhindo, caíram juntos, derrubando a mesa.

Instintivamente Lucian rolou para um lado e levantou, segurando firme a espada. No entanto, seu adversário estava lá no chão, gemendo, com sangue escorrendo de um ferimento mortal no peito.

Soltando a lâmina, Lucian caiu de joelhos ao lado do moribundo, segurando a cabeça dele quase com ternura.

– Giles – sussurrou, o rosto tenso de agonia.

– Perdoe-me, Luce. É melhor assim... Por favor... não conte...

As últimas palavras do homem se perderam em um violento ataque de tosse enquanto o sangue brotava de sua garganta.

Brynn acordou de repente com o coração doendo estranhamente por Lucian. Podia sentir seu tormento, seu desespero em matar o amigo.

– Não! Ao ouvir o gemido abafado, ela virou a cabeça no travesseiro e viu Lucian deitado ao seu lado. Eles deviam ter adormecido depois de fazer amor, porque suas coxas ainda estavam molhadas com o gozo dele, e o corpo ainda pulsava intensamente.

Ele estava no meio de um pesadelo, ao que parecia.

Com o coração cheio de compaixão, Brynn estendeu a mão para tocar seu ombro. Estava enganada, Lucian estava acordado. Ela engasgou quando ele agarrou seu pulso ferozmente.

Os olhos azuis dele estavam fixos nos dela. Ela finalmente reconheceu a situação – podia ver a confusão que ele sentia sob a luz fraca do abajur. Em geral, ele deixava a cama logo depois.

Soltando seu pulso como se estivesse queimando, Lucian passou a mão duramente pelo rosto. Então, empurrando as cobertas, sentou-se abruptamente, dando a Brynn as costas nuas e colocando as pernas para fora da cama.

– Lucian – ela perguntou com calma, precisando saber –, quem é Giles?

Ele se encolheu visivelmente. Sua voz ficou rouca quando finalmente falou. – Quem lhe contou sobre Giles?

– Ninguém. Eu o vi em meus sonhos.

As costas de Lucian permaneceram rígidas, e Brynn sabia bem que ele não acreditava em suas palavras.

– Você deve ter se enganado. Giles está morto.

Sem outra palavra, ele se levantou da cama, pegou o robe e saiu do quarto. A porta se fechou suavemente atrás dele, deixando-a sozinha.

Brynn ficou ali imóvel, com seus pensamentos ainda girando. Seus sonhos poderiam ser premonições mortais, mas de alguma forma estava certa de que as imagens sombrias de Giles em seu sonho faziam parte do passado de Lucian, e não do futuro, assim como também tinha certeza de que havia aberto uma ferida na consciência do marido.

Apesar da indiferença que tentava passar, Brynn se importava muito com como era recebida pela sociedade. Estava ansiosa pela chegada de sábado, pois sabia que seria julgada em sua primeira aparição pública.

O dia da festa amanheceu claro, com sol. Na hora marcada, Brynn encontrou Lucian, que a aguardava no hall de entrada.

Os olhos dele a seguiram enquanto descia a escadaria. Não havia nada em seu traje que ele pudesse desaprovar – um vestido de cintura alta de musselina cor de jade, com um tema floral estampado e um xale cobrindo os braços quase modestamente. Seu cabelo, com exceção de alguns cachos errantes caindo nas têmporas, estava preso com delicadeza em um coque e escondido por um garboso chapéu adornado com nós de fita jade.

Brynn suportou a inspeção em silêncio, desafiando-o mentalmente a fazer algum comentário, mas Lucian se limitou a lhe oferecer o braço em silêncio e acompanhá-la até a carruagem.

Só quando entrou na carruagem, Brynn reparou no marido. Ele estava vestido elegantemente com um casaco azul e calças impecáveis, e suas características marcantes eram tão atraentes que era difícil respirar estando perto dele.

Houve pouca conversa entre eles no começo da viagem, até que Lucian resolveu descrever o tipo de convidados que ela provavelmente encontraria, incluindo seus inúmeros parentes – ele tinha mais de uma dúzia de primos em Londres.

Brynn ficou curiosa, apesar da determinação em manter seu relacionamento impessoal.

– Raven contou que o primo de que você mais gosta não é inglês.
A boca de Lucian se contorceu em um sorriso irônico.
– Não, Nicholas Sabine é americano. Ele esteve aqui na Inglaterra, no verão passado, disfarçado.
– Por que disfarçado?
– Porque havia sido acusado de pirataria. Nick é um aventureiro que entrou em conflito com a marinha britânica e acabou se casando com uma inglesa.
– Raven me contou do casamento, mas nada sobre o porquê.
– É uma história interessante, mas eu estava fora do país durante a maior parte da visita de Nick, então não estou a par dos detalhes. Espero que possa perguntar a Raven, vocês parecem estar ficando bem íntimas.

Brynn ficou em silêncio, lembrando-se de seu juramento de não ter nenhuma interação íntima que não fosse necessária para manter um bom relacionamento.

Ela deu uma resposta seca e voltou sua atenção à paisagem que passava pela janela do carro. Se ela viu a maneira como os lábios dele se apertaram, ignorou.

A propriedade Edgecomb ficava nos arredores de Londres, perto de Richmond, ao longo da margem do rio Tâmisa. Brynn sentiu o nervosismo aumentar à medida que se aproximava, perguntando-se como suportaria o exame minucioso dos parentes desdenhosos de Lucian.

No momento em que chegaram, um bom número de convidados já andava pela parte de trás da propriedade. O elegante jardim criava um ambiente formal, com fileiras imponentes de teixo e murta que revestiam os caminhos de cascalho, intercaladas com estátuas ocasionais e urnas gigantes. Além das trilhas, um gramado impecável conduzia até o rio. Brynn podia ver barcos a remo na água e uma faixa de arco e flecha que havia sido criada para proporcionar entretenimento aos convidados.

A senhora Edgecomb recebeu Brynn com o mesmo olhar gélido de antes, mas, ao contrário de seu último encontro, a senhora parecia disposta a morder a língua. Ela estendeu a mão de maneira extremamente formal, e sua boca enrugada parecia estar chupando um limão.

Após um momento de conversa educada, Lucian pegou o braço de Brynn e a convidou para passear pelo jardim e conhecer as diversas pessoas. Vários de seus primos estavam presentes, de ambos os sexos e idades variadas. Se ele não gostava deles de verdade, Brynn não perceberia, porque Lucian trocava gentilezas com todas as evidências de seu charme habitual e parecia ignorar a bajulação óbvia.

Para a surpresa dela, Lucian se mostrava quase orgulhoso de apresentar sua esposa. Ainda mais surpreendentemente, ele a protegia. Sentia o corpo dele quando estavam perto um do outro, a força da mão que descansava tão casualmente em suas costas, fazendo-a aceitar pela primeira vez seu toque possessivo com gratidão em vez de desânimo. Apesar da fria reserva que existia em seu casamento, ele aparentemente decidira protegê-la dos olhares e das críticas dos familiares.

Brynn sabia bem que os dois eram o centro das atenções da festa, e não apenas ela mesma. Lucian também.

Outras mulheres o seguiam com uma evidente fome no olhar, ainda que Lucian parecesse não notar.

A primeira meia hora passou sem incidentes, mesmo quando se depararam com a senhora Agatha mais uma vez. A frieza da viúva pareceu se amenizar de leve, mas, quando Lucian levou Brynn até outro grupo de pessoas, ela soltou a respiração.

- Aliviada? – murmurou, como quem a compreendia.
- Sim. Não foi tão ruim quanto eu temia. Pelo menos, sua tia não me engoliu viva. A boca de Lucian se curvou em um meio sorriso irônico.
- Eu nunca esperaria isso dela. Tenho certeza de que você se dará bem com a

senhora Agatha ou com qualquer outra pessoa.

O comentário encheu Brynn de calor, enquanto observava os raios de sol no rio. A cena bucólica poderia ser uma pintura a óleo, com salgueiros crescendo ao redor da margem e nuvens passando pelo céu.

- Que agradável. Vamos caminhar para lá?
- Como quiser, querida.

Lucian lhe ofereceu o braço, e os dois começaram a caminhar em direção ao rio.

– Não se compara ao mar – disse, pausando para observar a cena –, mas estava sentindo falta de ver água. Sinto falta de poder nadar sempre que quiser.

- Não me surpreende. Uma sereia deveria poder usufruir de seu reino.

Ela olhou para Lucian, e seus olhos revelavam um calor íntimo.

– Temo que não possa nadar agora, mas, se quiser, podemos voltar aqui em outro momento para você saciar o seu vício secreto.

Brynn ficou tensa com aquele momento terno e indesejado entre eles. Seu prazer havia desaparecido assim como o sorriso de Lucian.

- Venha – ele disse calmamente –, há mais pessoas para cumprimentar.

Ele tinha acabado de virar para retornar à casa quando um cavalheiro de cabelos fartos atravessou o gramado para cumprimentá-los. Lucian demonstrou afeição genuína ao cumprimentar o outro homem.

– Minha querida, deixe-me apresentá-la a um dos meus amigos mais próximos, conde de Clune – agora marquês de Wolverton. Ele adquiriu o título recentemente, quando o avô faleceu.

Wolverton abriu um sorriso maliciosamente charmoso quando se inclinou sobre a mão de Brynn.

– É um prazer, minha senhora. Ouvi dizer que Lucian havia se enforcado em um casamento, mas, depois de ver que senhora encantadora ele escolheu, posso entender o porquê. Os rumores sobre sua beleza não lhe fazem justiça.

Brynn esboçou um sorriso curto em resposta. Não tinha a intenção de despertar a atenção masculina, muito menos a de um libertino como lorde Clune – ou Wolverton. Ele era um malandro de primeira ordem e um dos fundadores da Liga do Fogo do Inferno. As notícias de seus feitos luxuriosos já haviam chegado até a Cornualha.

- Já ouvi falar do senhor também, milorde. Sua reputação o precede.

A risada dele era baixa e preguiçosa e, à sua maneira, tão forte e magnética quanto a de seu marido.

- Não sou tão ruim como dizem as fofocas.

Lucian riu, divertindo-se.

– Não acredite nisso por um minuto, minha querida. Darei metade das senhoras da Inglaterra desmaiando sobre ele, e a outra metade tremendo de indignação com seus escândalos.

Wolverton piscou para ela, o que fez Brynn lutar para engolir um sorriso. Ela conseguia entender muito bem a atração que ele exercia nas damas.

- Suponho que não tenha irmãs – Wolverton perguntou em tom sedutor.
- Tenho cinco irmãos, milorde.

– Que pena.

Só então Raven veio até eles.

– Clune – exclamou depois de apertar o rosto de Brynn em saudação –, ou eu deveria dizer Wolverton... Quando você voltou da inspeção de sua nova casa?

Surpreendentemente, ele beijou o rosto da amiga, expressando mais carinho fraternal do que ardor.

– Voltei hoje de manhã. Espero que tenha sentido a minha falta.

– Sem dúvida. Ninguém aprecia uma boa cavalgada no parque mais que você. Aposto que metade da população feminina achou Londres incrivelmente chata na sua ausência.

– Espero que sim. Onde está Halford?

Raven acenou na direção da casa.

– Falando com alguns de seus amigos. Ele não é bom em arco e flecha, e eu estou morrendo de vontade de aprender. – O noivo de Raven, o duque de Halford, era cerca de vinte anos mais velho que ela e não tinha nenhum interesse na maioria das atividades que Raven gostava. – Venha comigo, Brynn. Pickering se ofereceu para me ensinar a atirar, e não quero ser a única novata.

Depois de olhar para Lucian, Brynn assentiu e pediu licença.

Ambos os nobres continuaram conversando enquanto as duas se juntaram a um grupo de cavaleiros para praticar arco e flecha. Lucian não gostava muito de ver Brynn se relacionando com os mesmos jovens que haviam escrito poemas para ela na semana anterior, mas não poderia proibir sua participação em um esporte inofensivo, realizado em público e em plena luz do dia, principalmente quando podia contar com tão poucos conhecidos em sua nova vida.

Lucian sentia-se culpado sobre aquilo. Não havia ajudado Brynn na transição, deixando-a sozinha por muito tempo. Mas tinha achado melhor evitá-la, pelo bem dos dois – estar em sua companhia tornava o dilema muito mais difícil. Sua necessidade feroz de visitar a cama dela a cada noite estava saindo de controle. Ele estava se tornando obcecado, e reconhecer isso o perturbava incrivelmente.

Ao ouvir alguém tossindo, percebeu que Dare o observava com uma expressão estranhamente sombria.

– Você sempre teve bom gosto com mulheres, Luce, mas *se casar*?

Lucian deu de ombros. Ele podia esconder seus pensamentos da maioria das pessoas, mas não de seu melhor amigo, então nem ao menos tentou.

– Quero um filho.

– Pensei que você tivesse ido até a Cornualha para farejar traidores.

– Foi o que eu fiz.

– Mas você foi seduzido ao casamento, como dizem os boatos?

– Muito pelo contrário. Eu era o único que insistia em casar.

– Bem... – Dare voltou seu olhar para Brynn –, eu certamente consigo entender por que você a escolheu. Há algo nela, qualidades além da beleza. Ela é muito fascinante.

Aquela havia sido uma rara declaração vinda de um verdadeiro apreciador de mulheres, Lucian sabia.

– Ela é diferente de qualquer pessoa que já encontrei. Desde que a conheci, tudo o que faço é pensar com os meus órgãos.

– Eu nunca teria imaginado isso com base nos boatos. Dizem que você a está evitando, que passa todas as noites nos clubes. Essa é a primeira vez que são vistos juntos

em público. Há rumores de que seu casamento não é uma união feliz.

– Isso é verdade. Tive de coagir Brynn até o altar, e ela não me perdoou por isso ainda. – Ele sentiu o olhar penetrante do amigo. – Mas pelo menos posso desmentir os rumores sobre não desejá-la.

O marquês fez uma careta.

– Espero que você não tenha intenções de reduzir suas atividades na Liga. Quando o Sin se casou, esqueceu os companheiros da Liga do Fogo do Inferno, alegando ter contraído uma enfermidade irremediável chamada amor.

Lucian assentiu com a lembrança. Damien Sinclair, conhecido por todos como lorde Sin, havia sido um dos principais membros, antes de enlouquecer por uma bela viúva, que havia sido companheira de sua irmã inválida.

– Temo que já tenha começado a reduzir minhas atividades.

– Por consideração?

– Principalmente. Devo ao meu nome e título deixar os meus dias selvagens para trás.

Dare deu um suspiro profundo e apenas um pouco exagerado.

– Este é um dia de luto para os libertinos. Vamos sentir sua falta, Luce.

Tentando aliviar seu humor sombrio, Lucian olhou incisivamente para o outro nobre.

– Não preciso dizer para você ficar longe da minha esposa, não é?

– Certamente não. – Ele sorriu amigavelmente. – Eu nunca caçaria na reserva particular de um amigo. Tenho dignidade.

Lucian assentiu. O charme de Dare era surpreendentemente repleto de intelecto e sentimento, embora ele raramente os revelasse. E ainda que não pensasse duas vezes em roubar a esposa de um adversário, nunca trairia um amigo. Lucian teria apostado sua vida nisso.

– Sua esposa parece ser o centro das atenções no momento – pensou Dare em voz alta.

Lucian seguiu o olhar dele e percebeu que um enxame de cavaleiros se reunia em torno de Brynn. Pelo que parecia, estavam disputando publicamente a atenção dela.

Ele sentiu-se enrijecer. Não podia culpá-los por estarem encantados com tanta beleza vibrante, mas se irritava mesmo assim, e era incapaz de controlar o ciúme.

De repente, a multidão se abriu, e Lucian percebeu que uma briga havia começado entre dois arqueiros. Mesmo a distância, ele podia ver que Brynn estava no meio.

Incrédulo, Lucian viu que a luta não dava sinais de arrefecer. Um cavaleiro atingira o outro e então fora levado ao chão com um golpe. Quando Brynn se colocou entre eles, quase foi atingida.

Lucian sentiu uma onda de medo tomar conta.

Entrando em ação, correu pelo gramado, com a intenção de protegê-la. Ao alcançar os dois envolvidos, agarrou o primeiro pela nuca e o arrastou até seus pés.

Para ajudar o amigo, Dare pegou o segundo homem, enquanto Raven começou a criticar ambos os lutadores em um tom sério.

– Parem com essa bobagem de uma vez, tanto um quanto o outro! Vocês deveriam ter vergonha de si mesmos por causar tamanho espetáculo.

– Mas eu queria ser o único a ensinar lady Wycliff – disse o senhor Hogarth com pesar, fazendo uma careta de dor enquanto Lucian o asfixiava.

– Ela disse que eu poderia ter a honra – murmurou Pickering.

Brynn afastou-se, parecendo abalada. Quando seu olhar cruzou com o de Lucian, seu rosto enrubescou, tomado de culpa.

Lucian sentiu uma onda de raiva. Seu primeiro instinto foi bater nos dois jovens para defender a esposa. O segundo foi indignação com Brynn por ser o motivo da briga.

Hogarth começou a tossir, então Lucian foi obrigado a soltá-lo de suas garras.

Raven ainda estava vociferando sobre os meliantes infelizes. Ambos os cavalheiros pareciam mais calmos, e todos estavam feridos: um com o lábio sangrando, o outro com um olho que iria, sem dúvidas, ficar roxo ou preto.

Dare rompeu o silêncio em uma tentativa de aliviar a tensão.

– Talvez esse seja o momento ideal para voltarmos para casa.

– Sim – concordou Raven, ainda soltando fumaça. –Tivemos entretenimento suficiente para uma tarde.

A multidão dispersou-se, um dos cavalheiros mancando enquanto o outro se arrastava rancorosamente.

Brynn a teria seguido, mas Lucian a pegou pelo braço e disse com uma voz perigosa.

– Achei que tinha avisado sobre a necessidade de seguir o protocolo.

Ela endureceu com o toque dele.

– Eu só estava aprendendo a atirar.

Lucian teve de reprimir a raiva.

– Se realmente quiser atirar, vou ser o único a lhe ensinar.

– Que curioso. Acho que, de repente, perdi a vontade.

Tirando o braço das mãos dele, Brynn se virou e foi embora.

Lucian xingou, lutando contra o desejo de segui-la e arrastá-la de volta.

Normalmente não se rendia a ataques de ciúmes, mas sua possessividade por Brynn estava saindo de controle. Maldição, ele precisava ter controle sobre si mesmo.

Curvando-se, pegou um arco e uma flecha entalhados, e, em seguida, atirou, acertando o centro do alvo.

Ao se virar, no entanto, percebeu que não estava sozinho. Dare se aproximava com algo parecido com solidariedade.

– Devo dizer, eu não o invejo. Se o casamento leva as pessoas a isso, acho que vou declinar.

Somente quando estava sozinho com Brynn na carruagem, voltando para casa, Lucian teve a chance de mencionar a briga que provocara um pequeno escândalo entre os convidados.

– Poderia explicar como conseguiu provocar um escândalo em menos de uma hora de festa, mesmo depois de concordar em agir com prudência?

Brynn lançou um olhar ferido permeado pela indignação.

– Você acredita que eu incentivei a disputa por vontade própria?

Lucian ficou pensativo. Talvez ela não fosse a única culpada, talvez não houvesse planejado uma briga pública entre seus admiradores, mas ela com certeza poderia ter evitado um espetáculo simplesmente mantendo-se longe daqueles dois jovens exaltados, não lhes dando causa para babar.

– Como não acreditar? Eu acho que você os encorajou deliberadamente para que fizessem papel de bobos por você.

– Você está totalmente enganado. Eu já disse antes. A maldição faz os homens realizarem coisas tolas quando estão ao meu redor.

– Então eu sugiro que não permita que se aproximem de você.
– Você está dizendo que devo evitar a companhia deles?
– Estou dizendo que eu gostaria de evitar escândalos. Não gosto de ver minha condessa se tornar uma atração pública.
– Então nunca deveria ter se casado comigo. Eu avisei como seria.
Irritado, Lucian fez uma careta.
– O que pretende fazer, Brynn? É essa sua maneira de se vingar por ter se casado comigo? Desgraçar nosso casamento na frente de todos?
– Não, claro que não. É apenas a maldição.
– Não acredito em maldições.
– Talvez devesse.
Os olhos dele se estreitaram.
– Eu tenho sido tolerante até agora, mas minha paciência tem limite.
Ela o olhou com a sobrancelha arqueada.
– E o que vai fazer quando ela acabar, Lucian? Me bater? Me trancar em um quarto a pão e água?
– Posso pensar em maneiras muito mais agradáveis de controlar uma esposa inflexível.
Brynn corou, mas levantou o queixo.
– Posso ser sua esposa, mas você não *manda* em mim – retrucou, antes de cair em um silêncio frio.

Lucian ergueu o queixo enquanto observava sua linda esposa sentada rigidamente em seu canto do assento da carruagem. Como a sua relação havia se deteriorado a tal ponto? Aquele tipo de discussão fria não era o que ele havia planejado quando a levou ao altar.

Um desejo de derreter a frieza de Brynn, de destruir sua indiferença surgiu nele. Como seria bom tê-la em seus braços, levantar suas saias e penetrá-la fundo, dar prazer a ela enquanto buscava o próprio prazer...

Praguejando para si mesmo, Lucian tentou conter os pensamentos. A paixão poderia transformar o gelo de Brynn em fogo pelo menos momentaneamente, mas não o ajudaria a superar a atração que sentia por ela.

Determinado a recuperar o controle, Lucian virou-se para olhar pela janela da carruagem, e seu rosto estava tão friamente distante como o dela.

Brynn respirou fundo ao parar na frente da porta do quarto de Lucian. Quando chegaram em casa, ele foi ao seus aposentos para vestir seus trajes noturnos. Ela esperou alguns instantes, perguntando-se o que deveria fazer. Finalmente, puxou os grampos do cabelo e, em seguida, atravessou o quarto em direção ao dele, mas hesitou ao levar a mão até a maçaneta.

Lucian afirmava não acreditar na maldição, mas ela poderia provar que era muito real. No entanto, deveria se arriscar ao perigo de uma demonstração? Se tentasse excitá-lo intencionalmente, poderia perder o controle da situação.

Ainda assim, o incidente naquela tarde tinha apenas reforçado sua crença no feitiço da cigana. Seu comportamento havia sido realmente bem contido e nada sedutor, pelo menos não em relação ao charme de Raven. Os dois senhores não haviam lutado por sua amiga, somente por ela. Ela era uma idiota por ter pensado que poderia simplesmente ignorar o poder da maldição.

Precisava convencer Lucian de sua força. Tinha de mostrar que ele era tão

vulnerável como qualquer outro homem, ou, na realidade, ainda mais, por causa de suas exigências conjugais íntimas. Ela tinha de fazê-lo entender o perigo para que pudesse ajudá-la a evitar as terríveis consequências.

Sabendo que era melhor não dar tempo para sua coragem desaparecer, Brynn abriu a porta e entrou no quarto dele. Nunca tinha estado no quarto do marido antes. O cômodo estava decorado com elegância masculina em cores ricas e escuras da floresta como verde e ouro, e uma cama enorme dominava o ambiente. Brynn viu Lucian sobre a pia, secando o rosto com uma toalha.

Entrou de mansinho. Ele estava sem camisa. A visão do torso musculoso fez sua respiração ficar presa na garganta.

Ele não a ouviu entrando, felizmente, o que deu a ela tempo para se recompor. Fechou a porta lentamente atrás de si.

Então Lucian a viu e ficou paralisado, a surpresa brilhando em seus olhos azuis, antes que ele rapidamente mascarasse sua expressão.

– Você está perdida? – ele disse friamente.

– Não, preciso de ajuda com os botões na parte de trás do meu vestido. Você me faria a gentileza?

Lucian olhou-a com desconfiança.

– Por que não chama a empregada?

– Não quero incomodá-la.

– Mas quer me incomodar?

Ela apenas sorriu, um sorriso lento, sensual que fez as feições dele se endurecerem visivelmente.

– Você se importa?

Seu olhar a percorreu, admirando seu cabelo solto que caía sobre os ombros. Sem responder, ele foi em sua direção. Quando Brynn deu-lhe as costas, ele retirou seus cachos do caminho quase com rispidez.

Diante da impeciência dele, Brynn não conseguiu evitar uma pouco de satisfação, mas conteve a língua enquanto Lucian desabotoava o vestido.

– Obrigada – disse ela, em voz baixa e rouca.

Ela se virou para encará-lo. Estava tão perto que podia sentir o calor de seu corpo. E sabia que ele sentia o mesmo calor. A mesma consciência sexual. Podia ver isso nos olhos brilhantes como safiras dele.

– Que jogo é esse, Brynn?

– Não é jogo. Estou simplesmente provando que estou certa.

– Provando o quê?

– Que a maldição é extraordinariamente forte. Eu não tentei provocar aqueles senhores de propósito. Se quisesse, eu teria me comportado de maneira muito diferente.

– Como está se comportando agora?

– Sim.

Brynn mordeu o lábio inferior como uma provocação e levou a mão até o decote do vestido.

Lucian ficou paralisado quando ela abaixou o vestido de seda, revelando o volume exuberante de seus seios sob a blusa. Estava decidida a se despir na frente dele para provocá-lo. Lucian sentia seus órgãos apertarem com uma dor selvagem.

– Já chega – disse ele com firmeza, determinado a não reagir.

– Acho que não.

Ela continuou, dessa vez com o corpete do vestido. Puxou a camisa para baixo, expondo os deliciosos seios, altos e firmes, deixando a boca de Lucian seca com a ideia de prová-los.

– Você realmente acha que pode resistir a mim? – perguntou, com sua voz rouca e perversamente tentadora.

Ele respirou fundo. Precisava resistir. Um homem poderia ficar viciado em um corpo como o de Brynn e esquecer tudo o que importava, especialmente ele, que a desejava com fúria.

– Você está brincando com fogo – advertiu Lucian, a voz cheia de desejo.

– Talvez. Mas acredito que você seja o único que vai sair queimado.

Ela ia se queimar, não tinha nenhuma dúvida. Os cabelos dela eram como fogo puro fluindo ao redor de seus ombros de marfim e dos seios nus. Ainda assim, mesmo sabendo do perigo, Lucian não conseguiu não ir até ela.

– Tome cuidado, Lucian.

Ela não terminou a frase. A boca faminta de Lucian engoliu as palavras dela enquanto os braços a envolveram...

Ele a beijou ferozmente, raiva e excitação fervendo o sangue dele. Brynn tinha o gosto do fogo. As chamas se apoderaram dele enquanto invadia a boca dela com a língua, enquanto uma possessividade selvagem queimava por dentro.

E sentiu sua resposta involuntária. Ela estava relutante no início, mas agora os lábios se abriam, aceitando-o. A ereção de Lucian apertava contra as calças, desesperado por sua necessidade vital.

Ele gemeu contra sua boca, um som bruto e intenso. Queria mais dela, precisava de mais.

Lucian agarrou os ombros de Brynn e se inclinou em busca dos seios. Ela arqueou as costas instintivamente, oferecendo-se contra sua boca quente. Quando chegou a um mamilo, sugando-o com força, as mãos dela puxaram seus cabelos. Ele ouvia sua respiração rouca através de uma névoa de paixão.

– Não percebe? Você não consegue se segurar...

Ele recuou. Com um esforço feroz para manter o controle, Lucian se desvencilhou. Ficou olhando para ela, respirando fundo, com a paixão que o fazia tremer.

A luta estava clara em seu rosto esculpido, fazendo-o sentir emoções conflitantes de triunfo e desespero. Os olhos brilharam com a excitação e algo mais sombrio, um desejo primitivo que era quase selvagem.

Alcançando seu corpete com as mãos trêmulas, ela cobriu o peito nu, que ainda arfava com o seu beijo explosivo.

– Percebe agora, Lucian? Você não pode escapar do poder da maldição. Você não será capaz de resistir a mim, a menos que mantenha distância.

Ele cerrou os punhos.

– Acho que você subestima a minha força de vontade. Não vou me render ao seu encanto, querida. Vou provar para você que a maldição não é real, não vou tocá-la novamente.

Era precisamente a resposta que ela esperava – que Lucian lutasse com determinação contra o fascínio que ela causava. Então, por que de repente sentia como se o perdesse?

Além disso, sua nova determinação havia criado um novo dilema. Brynn se forçou a sorrir enquanto seus olhos se arregalaram com ceticismo.

– Isso significa que você não vai mais fazer amor comigo? Se sim, então como poderei cumprir meu dever de esposa e conceber uma criança?

Um silêncio latente se seguiu à fala, enquanto o rosto viril de Lucian endurecia. Brynn respirou fundo.

– É isso que você quer, não é? Uma criança? Bem, comecei a querer a mesma coisa. Você prometeu que, quando eu concebesse um herdeiro, já não teria de lidar com as suas necessidades carnis. Então, quanto mais cedo cumprir essa missão, mais cedo estaremos livres um do outro. Acredito, então, que, quando você vier visitar a minha cama, vai tentar controlar seu instinto libidinoso.

Com esse golpe final, ela se virou e se obrigou a sair calmamente do cômodo.

Sozinho, Lucian ficou tremendo enquanto os vestígios de paixão começavam a drenar de seu corpo. O que, em nome de Deus, estava acontecendo com ele? Estava louco para possuí-la. Se ela não o houvesse insultado sobre sua falta de controle, ele a teria despido e a possuído, sem nenhum pensamento de ternura.

Ele poderia tê-la estuprado, tão crua e explosiva a sua fome.

Lucian cerrou os dentes, desejando que seus músculos relaxassem, desejando que a dor ardente em sua virilha se dissipasse. Nunca havia se sentido tão impotente, tão estupidamente fora de controle.

Ele blasfemou. Como seria a próxima vez? Se ele a tocasse, seria capaz de resistir à feiticeira ruiva de olhos verdes que era sua esposa?



Ela havia sonhado com Lucian de novo. A língua dele estava nela, preenchendo delicadamente o sexo entre suas coxas, lambendo suavemente, despertando, saboreando. Sua ternura era intensa.

Ela arqueou as costas de prazer, gemendo com as ondas da sensação profunda que irrompiam pelo seu corpo. Suas carícias a levaram à beira da explosão, mas ele recuou, deixando-a insatisfeita, doendo de desejo.

– Lucian... por favor... Ela queria que os dois fossem um, ansiava por sua possessão.

Ele entendia bem o seu desejo.

Começou a levar seus beijos para cima, a barriga, os seios, a curva do pescoço. Sua respiração ardia em sua pele nua, e seu corpo estremecia de prazer enquanto ele a cobria com beijos. A dureza inchada dele deslizou penetrando sua carne úmida e dócil, mas ele manteve-se imóvel.

Insuportavelmente doces, os lábios dele roçavam seu rosto, arrancando um suspiro de prazer do fundo de sua garganta. Toda aquela ternura lhe dava vontade de chorar. Impotente de tanto desejo, ela se moldou a ele, que começou a se mover dentro dela, num ritmo remoto, descuidado e elementar. O desejo aumentava conforme ele a amava, desabrochando em uma angústia doce que a fazia tremer, até que, com um impulso final que lhe proporcionou uma tempestade de fogo, ela gritou de êxtase.

Brynn estava acordada, o corpo pulsando de desejo em meio à escuridão do quarto. O outro lado da cama estava vazio, ela estava sozinha.

Foi somente um sonho – Lucian não estava com ela, despertando-a com suas carícias. Ela o havia afastado com toda sua frieza.

Ela tocou o próprio rosto com a mão, surpresa em encontrar tantas lágrimas brotando ali. Em seus sonhos, havia encontrado a ternura que ela desejava de Lucian, todo o calor, toda a alegria.

Fechando os olhos, Brynn agarrou um travesseiro e o trouxe para o peito, lembrando-se de seu sonho e como desejava realizá-lo.

Mas não podia se permitir essa indulgência. Ela poderia lamentar que houvesse uma reserva tão fria entre eles, mas sabia que não havia outra opção.

Lucian não visitou sua cama naquela noite, nem qualquer outro dia na semana seguinte, o que foi um alívio para Brynn. Seu sumiço, no entanto, apenas renovou seu sentimento de solidão.

O relacionamento complicado com o marido não era a única causa de seu desânimo. Ansiosa em evitar que os recentes contratempos com seus admiradores se repetissem, Brynn cortou voluntariamente todos os seus compromissos sociais. Quando saía, tinha o cuidado de manter uma multidão de amigas ao seu redor, e havia se recusado a falar com Pickering e Hogarth completamente.

Os esforços só a faziam se sentir ainda mais isolada. No entanto, vinha experimentando de uma estranha melancolia que não poderia ser atribuída apenas à solidão. Sua menstruação ia e vinha, o que significava que não estava grávida, e, por sua vez, que a situação incerta e confusa de seu casamento continuaria. Mesmo que Lucian estivesse evitando sua cama no momento, aquilo teria de mudar.

Pelo menos sua solidão diminuiu um pouco no final do seu primeiro mês como condessa quando Grayson a visitou depois de passar por Harrow.

Brynn ficou tão feliz de vê-lo que voou escada abaixo e praticamente se lançou contra o irmão, que a aguardava no hall de entrada.

– Por Deus, não me sufoque, Brynn – disse ele, rindo enquanto tentava se soltar dos braços que estrangulavam seu pescoço.

Percebendo que estava sendo observada pelo mordomo e vários lacaios, Brynn pegou a mão de seu irmão e o puxou para o salão próximo, fechando a porta para que tivessem privacidade.

– Espero que você tenha trazido novidades de Theo. Quase não tive notícias de casa desde que parti.

– Porque todos nós temos estado ocupados tentando cuidar da casa. Eu nunca havia percebido quanto você contribuía para tornar o lugar confortável, Brynn.

Ela ignorou o elogio, impaciente.

– E o Theo?

– Você vai ficar feliz em saber que ele está a salvo e feliz em Harrow. Quando o deixei, estava debatendo as eficácias de certos ácidos com um de seus novos mestres.

– Feliz? Ele realmente parecia feliz?

– Eufórico. E você, Brynn? Você está feliz?

Ela deu de ombros, sem querer discutir seu casamento.

– Nunca almejei a felicidade. Agora, por favor, conte-me mais sobre Theo.

Ela se acomodou com Gray no sofá e o interrogou por meia hora sobre a reação do irmão mais novo à escola e os detalhes de sua frequência, até quantos pares de meias havia levado. Finalmente satisfeita, Brynn sentou-se e deixou Gray apreciar o chá que o mordomo havia servido momentos antes.

Quando enfim começaram a discutir os planos de Gray, ele respondeu, estranhamente convencido:

– Se Wycliff não se opuser, gostaria de um convite para ficar aqui. Eu preferiria não gastar dinheiro alugando um quarto em uma pousada.

– Mas é claro que você pode ficar – Brynn declarou em um tom de voz desafiador. – Quer Wycliff goste disso ou não.

Ela chamou o mordomo e ordenou que a carruagem e os cavalos do irmão fossem guardados. Em seguida, mostrou ela mesma o quarto de hóspedes a Gray. Sua relação com a governanta, a senhora Poole, ainda era tensa, e ela não queria comentários ácidos da mulher para estragar seu reencontro com o irmão.

Para dar a Gray algum tempo para descansar, Brynn sugeriu que se encontrem para jantar às seis.

– É incrivelmente cedo para Londres, eu sei, mas eu prefiro manter um horário que jantamos no campo.

– Wycliff se juntará a nós? – Gray perguntou com casualidade estudada.

– Duvido. Eu costumo comer sozinha. Lucian não passa muito tempo em casa.

A observação despertou o olhar curioso no irmão novamente, mas ele não quis fazer comentários sobre o casamento. Em vez disso, fez uma pergunta estranha.

– Brynn, o que você sabe sobre o trabalho de Wycliff no Ministério das Relações Exteriores?

– Não muito. Nós nunca discutimos isso.

– Ouvi dizer que ele está envolvido em Inteligência Nacional, espionagem, se você

preferir.

- É o que eu ouvi dizer.
- Suas sobrancelhas se levantaram com perplexidade – Por que pergunta?
- Gray deu de ombros.
- Curiosidade. Vejo você no jantar, então.
- Muito bem.

Voltando à sua sala de estar, Brynn leu por algum tempo, trocou de roupa para o jantar e foi em busca de seu irmão. Como não conseguiu encontrá-lo nem no quarto nem na sala de estar, resolveu procurar no piso inferior. Também não estava lá. Finalmente o encontrou no escritório, sentado à mesa, vasculhando uma das gavetas.

- Gray?
- Ele deu um pulo e olhou para cima, enrubescendo com culpa.
- O que você está fazendo? Essa é a mesa de Lucian.
- Eu... estava procurando alguma coisa para escrever.
- Você vai encontrar papel e caneta em seu quarto.
- Vou? Não procurei lá.

Ele se afastou da gaveta e, em seguida, fechou-a e se levantou. Brynn empalideceu ao ver algo caindo do bolso dele. Perguntando se ele achava que ela era cega, foi até o irmão.

- O que você pegou, Gray?
- O rubor no rosto dele aumentou.
- Nada de importante, sério.
- Grayson Caldwell – disse, sentindo como se estivesse repreendendo o irmão mais novo quando se comportava mal – Deixe-me ver.

Ele hesitou por um longo momento antes de tirar o objeto do bolso.

- Não é nada de importante.
- Brynn olhava para um anel que levava o selo de Wycliff.
- O anel de carimbo de Lucian?
- Sim. Eu só queria emprestado.
- Por quê?

– Porque eu preciso de sua marca em uma carta.

– Por que você simplesmente não pede que ele faça isso por você?

– Ah, claro – respondeu Gray com uma ponta de sarcasmo. – Eu devia dar a ele provas de que eu trafico mercadorias de contrabando. Como você acha que reagiria, Brynn? Ele é um funcionário do governo britânico. Você realmente acha que fecharia os olhos se eu contasse sobre minhas atividades ilegais?

– Por que você ainda está envolvido em atividades ilegais? Você me disse que ia parar com o contrabando assim que as nossas dívidas fossem pagas. O dinheiro que Lucian lhe deu deveria ter sido mais do que suficiente... Não? – Brynn franziu a testa.

– Não é bem assim – Grayson disse, recusando-se a encará-la.

– Gray, não vou implorar que Lucian me dê mais dinheiro. Já foi ruim o suficiente que tenha me vendido em casamento. Recuso-me a dever ainda mais a ele.

– Não importaria de qualquer forma. O dinheiro não pode me ajudar a sair dessa dificuldade.

Ela colocou a mão na manga da blusa dele e tentou olhá-lo nos olhos.

– Gray, o que aconteceu?

– Nada de errado. Só preciso do selo de Wycliff em uma carta de autorização para

transportar uma carga de conhaque. Isso me possibilitará iludir os policiais se eu for preso.

– Mas por que você precisa correr o risco? Não pode simplesmente parar com o contrabando?

– Pretendo parar, Brynn. Muito em breve. Mas eu ainda tenho algumas obrigações. Eu não posso sair até que eu faça uma remessa final. Será o meu último empreendimento no contrabando, eu juro, mas vai ser mais perigoso do que a maioria dos que já fiz.

A súplica nos olhos dele a pegou de surpresa. Ela nunca havia visto seu irmão tão perturbado.

– Gray... você não pode usar o selo de Lucian sem permissão. Não seria certo. Você precisa devolvê-lo.

A expressão dele se enrijeceu.

– Por favor, Brynn, não me peça para fazer isso. Eu não tenho escolha.

– Não estou pedindo, eu estou dizendo. Se você insistir em levá-lo, vou ter de contar a Lucian.

Ele a observou por um longo momento.

– Você não pode fazer isso, Brynn. Ele poderia me arruinar. Acho que Wycliff já suspeita que eu participe do livre comércio. Ele poderia pedir aos homens que vigiem nossas costas até que eu seja preso. Eu poderia acabar na prisão, apesar de seu casamento com ele. É isso que você quer?

– Não, claro que não, mas...

– Não só comigo que estou preocupado. Você e o Theo também.

Brynn sentiu seu coração acelerar em alarme.

– Theo? Do que está falando?

Respirando fundo, Grayson balançou a cabeça.

– Nada. Só quis dizer que iria refletir negativamente em você, se eu fosse preso.

Não se preocupe. Tenho a intenção de lidar com os meus problemas, mas preciso deste anel apenas por alguns momentos.

– Grayson...

– Por favor, Brynn, você precisa confiar em mim.

Ela encarou o irmão até que, finalmente, ele desviou o olhar.

– Não há outra solução. Por favor, acredite em mim, eu não me rebaixaria a isso se não estivesse desesperado.

Brynn começou a responder, mas congelou ao ouvir o murmúrio de vozes masculinas no corredor. Quando se virou, deu de cara com Lucian na porta do escritório. Ela sentiu-se enrubescer de culpa, assim como havia acontecido com seu irmão alguns momentos antes. Eles não deveriam nem estar lá.

Perguntando-se quanto da conversa Lucian havia escutado sem querer, ela o observou enquanto o marido cumprimentava Grayson agradavelmente com um aperto de mão. Ela não notou nenhum sinal de desconfiança em seu comportamento, mas, ainda assim, achou difícil manter a compostura quando Lucian voltou sua atenção para ela.

– Eu estava apenas mostrando a casa ao meu irmão – disse gaguejando.

– Estávamos prestes a ir jantar.

– Excelente. Espero que não se importe se eu me juntar a vocês.

– Não... claro que não – disse, forçando um sorriso.

Pelo resto da noite, ela não teve oportunidade para uma conversa em particular com o irmão, fosse para questioná-lo sobre seus comentários críticos ou para exigir que devolvesse o anel do marido.

Para a sua surpresa, Lucian se mostrou um anfitrião encantador, conduzindo grande parte da conversa, já que Brynn tinha pouco a dizer, perdida em seus pensamentos. Ela simplesmente brincava com sua comida enquanto pensava sobre o que fazer. Contrabando de conhaque era uma coisa, mas se fazer passar por Lucian era errado.

Ainda assim, não poderia abandonar Gray se estivesse mesmo em apuros e se Theo também corresse risco. Ela tinha que descobrir o que estava preocupando tanto o irmão.

Acabou não tendo chance de falar com ele. Ao final da refeição, Brynn deixou os senhores à mesa e se dirigiu ao salão sozinha, onde passou a andar em círculos até os dois homens se juntarem à ela e começarem a discutir esportes masculinos.

Percebendo que Gray pretendia vencê-la pelo cansaço, desistiu e retirou-se para seus aposentos, deixando os dois conversando até altas horas da noite.

Ela acordou mais cedo do que o habitual na manhã seguinte, antes do amanhecer. Ao ouvir o trotar dos cascos dos cavalos do lado de fora da janela, Brynn saiu correndo em direção ao piso inferior e viu que Gray estava partindo.

Ele levantou os olhos quando Brynn o alcançou na porta de entrada.

– Grayson, acho que você está se esquecendo de alguma coisa.

Ele sorriu, olhando incisivamente para o mordomo, que carregava a bagagem até a carruagem:

– Ah, sim. Eu não me despedi.

– Inclinando-se, ele beijou a testa dela, enquanto sussurrou em seu ouvido:

– Não me repreenda, Brynn, especialmente na frente dos servos.

– Vou repreendê-lo, *sim*, se não me contar imediatamente o que está acontecendo – respondeu com um sussurro áspero –, em que tipo de problemas você está metido?

– Nada que eu não possa resolver. Eu não queria assustá-la.

– Grayson... – ela repetiu, a frustração transparecendo – e sobre o objeto que não pertence a você?

Ele enfiou a mão no bolso e apertou o anel na mão dela:

– Aqui está.

Seus dedos se fecharam sobre o metal frio, e Brynn colou um sorriso nos lábios para despistar os empregados:

– Se fizer algo assim de novo, querido irmão... – murmurou.

– Eu sei, você vai usar a minha cabeça como isca de peixe – ele deu um sorriso forçado. – Mas isso salvou minha vida, quer você perceba ou não.

Ele a beijou no rosto de novo e se despediu. Brynn estremeceu ao vê-lo partir, imaginando se Gray poderia estar falando sério sobre sua vida estar em risco.

No momento em que a porta se fechou, Brynn virou-se e entrou no escritório para devolver o anel ao seu devido lugar.

Ela tinha acabado de chegar perto da gaveta da mesa quando Lucian apareceu atrás dela:

– Posso ajudá-la a encontrar alguma coisa, meu amor?

Brynn deu um salto assustada e se virou para enfrentá-lo. Encontrar aqueles olhos azuis sempre a abalava, mas, daquela vez, estavam especialmente penetrantes. Ela olhou para ele, se perguntando, desesperada, que desculpa poderia dar por estar ali.

– Estou curioso em saber por que você anda tão fascinada com esse lugar.

– Nada – respondeu, sabendo que estava gaguejando de novo. – Eu... eu estou procurando um brinco e pensei que talvez pudesse ter deixado cair aqui ontem.

Ao ver Lucian se aproximando, ela recuou. O olhar dele a revistou, passando pelo

seu robe, seu cabelo caído sobre os ombros, a capa que havia vestido por cima da camisola, os pés descalços.

– Talvez você devesse ter colocado sapatos – murmurou, aproximando-se dela. Ela engoliu em seco.

– Eu... não tive tempo. Eu queria dar adeus ao meu irmão.

– Você não pensou que pudesse enlouquecer os lacaios andando pela casa em trajes tão escassos?

– Estou perfeitamente vestida – respondeu muito sem respirar. – Mais do que quando uso em meus trajes noturnos.

Lucian sorriu:

– À noite você não costuma usar o cabelo solto e livre assim, parecendo que acabou de sair da cama. Você devia pensar em nós, pobre mortais, sereia – acrescentou antes de seu sorriso desaparecer de repente.

O comentário cheio de charme foi automático, parte dos modos sedutores habituais de um libertino. Mas ele obviamente lembrava com quem estava falando.

Sua expressão foi solene enquanto tentou tirar uma mecha de cabelo do rosto de Brynn, mas ela vacilou ao sentir seus dedos tocando-a. Tinha certeza que a intenção não era de que fosse um toque excitante, mas aquilo a queimava como fogo.

Inquieta, o olhou de volta. Lucian estava paralisado. Enfeitiçado. Ela reconhecia a neblina de desejo carnal em seus olhos.

Brynn respirou fundo, sabendo que teria de fazer algo para quebrar o encantamento.

Ao ver que Lucian observava a boca da esposa, ela se forçou a sorrir friamente.

Como se já não tivesse nenhum controle sobre seus atos, ele levantou a mão para acariciar o lábio inferior dela com o polegar. Sua voz estava incrivelmente rouca ao murmurar quase para si mesmo:

– Você faz o papel de rainha do gelo tão bem. Um homem precisa de muita coragem para tentar derretê-la.

Ela poderia derretê-la facilmente se ela permitisse, Brynn sabia, sentindo o coração bater em ritmo selvagem.

Foi necessária toda sua força de vontade para continuar fingindo estar desinteressada.

– Você não está sozinho – disse injetando gelo na voz –; muitos outros cavalheiros se sentem assim.

Sua mão se recolheu como se tivesse tocado em brasas, enquanto o calor sedutor o fez levantar os olhos.

– Estarei ausente pelo resto do dia – disse ele secamente antes de virar as costas e sair do escritório.

Brynn suspirou trêmula. De repente, lembrando por que estava ali, voltou à mesa, deixou o anel de carimbo de Lucian cair na gaveta, como se fosse veneno, e então fechou os olhos, sentindo o baque violento de seu coração.

Ter de mentir para Lucian a incomodava profundamente. Desprezava falsidade, mas não tinha muita escolha – não poderia expor seu irmão por medo da reação de Lucian. Grayson provavelmente estava envolvido em algo ilegal, mas continuava sendo sua carne e seu sangue. Certamente ela lhe devia mais lealdade do que ao novo marido.

Não devia?



Lucian se esquivou de um golpe e devolveu outro enquanto lutava contra o cavaleiro Jackson. Uma multidão havia se formado em torno do ringue, e todos assistiam à briga com um temor silencioso.

O Jackson's Room na rua Bond era um dos melhores clubes de luta da Inglaterra. Despido da cintura para cima e respirando com dificuldade, os dois adversários já haviam passado por seis rounds a punhos nus. Os músculos do ombro de Lucian doíam, e ele estava coberto de hematomas, mas mantinha a vantagem.

Em seguida, desferiu outro soco mortal, acertando a mandíbula de Jackson, fazendo o ex-campeão da Inglaterra tropeçar para trás contra as cordas do ringue.

Recuperando o equilíbrio com dificuldade, Jackson, já cansado, ergueu as mãos e sorriu.

– *Pax*, meu senhor. Sei quando é hora de parar.

Balançando a cabeça, Lucian escondeu a decepção, e os dois trocaram um aperto de mão, agradecendo os elogios do cavaleiro e a aclamada da plateia pacientemente. Ainda estava com sede de sangue ao pegar uma toalha para enxugar o suor da testa.

Violência deveria aliviar a frustração sexual, mas havia falhado em diminuir sua luxúria. Tampouco havia melhorado minimamente seu humor. Ele não estava dormindo bem nem se concentrando no trabalho – passava as noites atormentado por seus órgãos doloridos, ardendo de vontade de possuir sua indescritível e angustiante esposa. Ele passava os dias com trabalho para entorpecer a mente ou em lugares como aquele, em busca uma atividade física brutal.

Apesar da determinação em manter a guarda, ele já estava enfeitiçado por Brynn, só que agora sofria de outro tipo de excitação completamente diferente: suspeita.

Quando a encontrou em seu escritório naquela manhã, se perguntou se estaria redondamente enganado sobre ela. Achava que Brynn não se envolveria com as atividades suspeitas de contrabando do irmão, mas, depois de vê-los juntos – e o olhar cheio de culpa em seus rostos – duvidou seriamente se poderia confiar nela.

Já era ruim o suficiente que seus agentes na Cornualha não tivessem nada a reportar sobre o senhor Grayson – nenhuma prova ou algo do tipo de que as atividades noturnas dele eram algo além de um simples contrabando. Pior ainda era que não tivessem nenhuma pista com relação aos roubos de ouro ou do suposto autor intelectual, Caliban. Tamanha impotência arrasava Lucian, mas a possibilidade de que tivesse que tomar cuidado com a sua esposa na própria casa o enchia de raiva.

Era esse pensamento sombrio que o levava além de sua resistência normal enquanto ele lutava contra Jackson, mas ainda não tinha terminado de expurgar suas frustrações.

Rangendo os dentes, ele jogou a toalha em um banco.

Ao pegar sua camisa, no entanto, percebeu que o marquês de Wolverton vinha em sua direção. Dare não estava sorrindo.

– O que o traz aqui? Eu pensei que você achasse lutas algo selvagem.

– Eu acho. Esgrima é muito mais civilizado.

– Bem, se esta é uma visita social, devo avisá-lo de que o meu humor está péssimo hoje.

– Então sinto muito em torná-lo pior. Ouvi um boato e achei que você gostaria de

saber.

– Um boato?

– Você se lembra dos contratempos que aconteceram na festa de jardim da sua tia? Lucian estremeceu com a lembrança.

– Como eu poderia esquecer? Dois jovens cachorros brigando sobre quem poderia ensinar minha esposa a atirar.

Dare assentiu.

– Pickering e Hogarth ainda estão brigando. O poeta desafiou Hogarth para um duelo, e eles não planejam esperar nem até o amanhecer.

– Um duelo? – disse Lucian levantando uma sobrancelha. – O que isso tem a ver comigo?

– Eles estão brigando pela sua esposa, Luce. Parece que os dois jovens acusam um ao outro de manchar a honra dela. Estão duelando neste momento, enquanto conversamos.

Para economizar tempo, Dare dirigiu, já que sua carruagem estava imediatamente disponível. Eles pegaram a estrada do Norte, em direção a um campo nos arredores de Londres.

Lucian ficou sentado em silêncio, os músculos rígidos, os pensamentos voando. Provavelmente chegariam tarde demais para acabar com o duelo e evitar um escândalo, mas ele precisava tentar.

Ao se aproximarem, um sentimento de naufrágio tomou conta dele. Poderia ser, de fato, tarde demais. Várias carruagens estavam paradas ao lado da estrada, e uma multidão se reuniu ao lado do campo.

O que lhe causou um nó na garganta, no entanto, foi quando reconheceu uma carruagem que carregava o brasão Wycliff nas portas. Aparentemente, tinha acabado de chegar, pois viu quando uma mulher saiu de dentro dela e começou a correr em direção à multidão.

Brynn, Santo Deus.

Paralisado, Lucian observou enquanto ela abria caminho entre os espectadores em direção ao campo de duelo, mergulhando diretamente na briga um instante antes de tiros soarem.

O medo tomou conta de seu peito.

Saltando da carruagem, mesmo antes de chegar à parada, Lucian correu em direção à multidão, com medo do que poderia encontrar.

Todos estavam parados em torno de uma figura debruçada. Ele abriu caminho pela multidão para alcançá-los, tomado de medo. Brynn estava ali no chão, ajoelhada ao lado do corpo de um homem, segurando sua mão ensanguentada.

Por um momento, Lucian sentiu sua mente cambalear. A imagem era tão parecida com as visões em seus pesadelos... a não ser pelo fato que, em seus pesadelos, era *ele* quem morria.

Ele se aproximou, com o coração batendo aceleradamente. A figura no chão era Pickering. O poeta havia claramente sido baleado, mas não parecia estar morto. Um homem idoso, provavelmente um médico, estava inspecionando o ferimento no ombro, o que provocou um gemido.

O jovem Pickering fez uma careta de dor ao tocarem sua carne crua e sangrenta, e logo depois, olhou para Brynn.

– Minha senhora... – ele murmurou, mordendo o lábio inferior.

Ternamente, ela afastou uma mecha de cabelo da testa dele.

– Quietos, não fale nada. Guarde suas forças.

Lucian rangeu os dentes. Alívio e fúria ciumenta brotavam dentro dele. Ele queria torcer o pescoço de Brynn por se colocar em perigo dessa forma, por assustá-lo a ponto de ele quase perder a cabeça, e por olhar com tanta ternura para outro homem, estivesse ele ferido ou não.

Lucian mudou de lugar, possessivamente, para ficar ao lado dela. Como se sentisse a presença do marido, Brynn olhou para cima. Estava chorando, ele podia ver manchas pálidas em seu rosto e a angústia em seus olhos verdes. Lucian sentiu algo se contorcer em seu peito, guerreando contra suas emoções mais escuras.

Ela ficou paralisada por um instante quando o viu, mas, em seguida, o homem ferido pediu sua atenção.

– Eu suportaria dez vezes mais – Pickering murmurou com voz rouca – por apenas um sorriso seu.

Brynn engoliu seco para conter as lágrimas e teria respondido se o médico não os houvesse interrompido bruscamente.

– Ele provavelmente vai se recuperar, mas terei de levá-lo para retirar a bala. Afastem-se, por favor – disse à multidão que se empurrava para ver o homem ferido.

Um jovem cavalheiro permanecia ligeiramente afastado, era o adversário do poeta, Lucian percebeu. Brynn levantou cambaleando, e o senhor Hogarth logo se adiantou para dirigir-lhe a palavra, em um tom de súplica.

– Por favor, perdoe-me, minha senhora. Eu não queria machucá-lo, de verdade.

Ela virou-se para ele, os olhos quentes em meio às lágrimas.

– Não é a mim que você deve implorar perdão!

Hogarth pareceu em primeiro lugar assustado por tamanha veemência, e depois sentido. Ele abriu a boca para protestar, mas Brynn o interrompeu:

– Isso precisa parar, Hogarth. *Vai ter* de parar. Não quero ver nenhum de vocês novamente.

– Minha senhora...

– Por favor, apenas *vá embora*.

Apesar da expressão aflita, ele pareceu compreender a sinceridade de Brynn, pois deu um passo para trás, depois outro, antes de se virar e se afastar aos tropeços.

Com lágrimas nos olhos, Brynn observou Pickering sendo levado, ferido, até a carruagem do cirurgião. A multidão se dispersou, olhando furtivamente para Lucian.

Engolindo em seco, Brynn também arriscou olhá-lo e sentiu seu coração naufragar. Aqueles olhos azuis brilhavam perigosamente.

Ela não protestou quando ele a pegou pelo braço com firmeza e a levou até sua carruagem. Pelo canto do olho, viu o amigo do marido, lorde Wolverton, esperando ao lado do veículo, mas Lucian gesticulou algo para o marquês, indicando que ele queria ir com a esposa.

Ele a colocou em seu landau e se sentou ao seu lado, fechando a porta com força. Ela podia sentir sua fúria latente quando o carro começou a se mover.

– O que está fazendo aqui? – murmurou, enxugando as lágrimas do rosto.

– O que você acha que estou fazendo? Vim buscar *minha esposa*. E sou eu quem deveria fazer essa pergunta. *Que diabos* você estava pensando, correndo em um campo de duelo daquele jeito? Você podia ter sido morta!

– Eu não estava pensando...

– Óbvio que não! – Sua voz esbanjava sarcasmo – O que você pretendia? Assistir

calmamente enquanto seus admiradores se matavam?

– Não, claro que não. Eu estava tentando detê-los.

Seus olhos estavam brilhantes, azuis e furiosos. Por um momento, Lucian manteve-se implacável, como se estivesse lutando pelo controle.

– Você poderia ter sido um pouco mais discreta – ele finalmente rosnou.

– Não acha que, poderia, pelo menos, ter usado uma carruagem sem identificação?

Brynn percebeu que ele estava se referindo ao brasão Wycliff estampado nos painéis do veículo. Todos em Londres logo saberiam de sua presença no campo de duelo.

Ela se virou para olhar pela janela, contendo a própria dor, consciente de que Lucian tinha todo o direito de censurá-la. Ficara horrorizada ao saber, por um outro admirador, sobre o duelo iminente, e sua única intenção fora intervir antes que alguém se ferisse, mas havia sido tarde demais. Mordeu os lábios, e engoliu a culpa para dentro de si.

– Acredito que você esteja satisfeita – disse com uma voz firme. – Os responsáveis pelas fofocas nos jornais terão um dia cheio. Que espetáculo dois idiotas tentarem se matar por causa da minha condessa. – Ele passou o braço sobre ela e puxou a persiana para baixo a fim de cobrir a janela e, em seguida, fez o mesmo de seu lado, como se tentasse fugir dos olhares curiosos.

– Eu não queria que isso acontecesse.

– Não insulte minha inteligência dizendo que se importa de me transformar em uma piada.

Brynn balançou a cabeça tristemente. Ela não podia culpar Lucian por estar com raiva que ela tivesse manchado seu nome e sua reputação. Mesmo que não tivesse causado o escândalo de propósito, sabia aonde a maldição a poderia levar.

– Eu... eu sinto muito, Lucian.

– *Sentir muito* não vem ao caso. Qualquer um desses imbecis poderia ter morrido.

– Eu sei – Brynn sussurrou, dolorida por dentro. – Eu sou a culpada. Sabia o que poderia acontecer.

– Desculpas não iriam mudar muitas coisas, mesmo se eu acreditasse nelas – Lucian rosnou, sem amolecer.

Diante de seu silêncio, Lucian continuou, dessa vez, com ainda mais severidade:

– Lembre-se de minhas palavras, Brynn, não vou permitir que você continue assim. Você vai se comportar com discrição, ou eu a mandarei embora de Londres de vez – ele praguejou em voz baixa – Talvez tenha sido um erro trazê-la para cá.

Brynn engoliu as lágrimas, levantando o queixo na defensiva.

– Todo o nosso casamento foi um erro. Eu tentei avisar, mas você não quis me ouvir.

– Agora é tarde demais para desfazê-lo. E não vou tolerar que sua libertinagem continue.

– Eu não sou devassa.

– O que considera atrair jovens impotentes para debaixo das suas saias?

– Eu considero os efeitos da maldição.

– É mais fácil acreditar que você está se divertindo nas minhas costas. – O marido pegou seu braço com força, obrigando-a a olhar para ele. – Estou avisando, Brynn. Quero que meu herdeiro se pareça comigo.

Surpresa, olhou para Lucian em genuíno estado de choque.

– Eu nunca seria infiel aos meus votos de casamento.

– Não? Você decide que tolo irá enlouquecer?

Brynn sentiu um pouco de alarme no brilho escuro dos olhos do marido. Ela já tinha visto Lucian com raiva antes, mas nunca havia sido tratada com toda a força de seu temperamento, orgulho ultrajado e ciúme masculino. Ele estava errado sobre ela, porém. Apesar de tudo, nunca sonharia em traí-lo. Mas também não seria seu capacho.

Brynn refreeou sua raiva e sua mágoa e olhou para ele com rebeldia.

A atmosfera ficou carregada, de repente, com uma nova tensão: perigo e desejo.

Ele a desejava, dava para perceber no incêndio feroz de sua expressão. Contra sua vontade, Brynn sentiu uma sensação de ondulação já familiar se formando na boca do estômago: desejo sexual.

Seus olhares se chocaram, o dela desafiador e fervendo com a emoção primitiva. As mãos dele se fecharam em seus ombros em um abraço apertado.

– Não me toque – alertou, tentando se afastar.

O azul dos olhos de Lucian tornou-se mais profundo e tempestuoso.

– Está me desafiando, mulher?

Ela estremeceu, coente do perigo de desafiá-lo, mas não conseguia se conter.

– E se estiver?

Algo sombrio e assustador ardia na expressão dele. Em um único movimento, ele levantou a saia de seu vestido.

– Eu não acho que você iria querer arriscar mais nenhum escândalo – ele provocou.

A expressão dele era rígida e sensual, os olhos dilatados e turvos de excitação enquanto passava as mãos no meio de suas coxas.

Brynn sentiu-se, de repente, ofegante, atordoada com a resposta instintiva de seu corpo. Lucian só tinha de tocá-la, e ela ficava molhada. Um calor escaldante explodiu entre suas coxas enquanto os mamilos se enrijeciam. Ela não tinha dúvida de que ele podia sentir a sua prontidão, sentir seu perfume almiscarado.

O dedo dele roçou o botão de seu sexo, e ela precisou reprimir um gemido. Aquele toque ousado inflamava seus sentidos, acendendo as emoções explosivas que ferviam entre eles.

Ela respirou fundo enquanto ele desabotoava sua calça, libertando sua ereção, longa, grossa e dura desde a base de sua virilha.

Lucian a possuiria ali mesmo, mas ela não queria detê-lo.

Perdida na chama dos olhos dele, Brynn começou a tremer – flechas de sensações selvagens percorrendo seu corpo, a emoção correndo em suas veias. Havia algo irresistível nele que a assustava.

Ele estendeu a mão em sua direção novamente, puxando-a para perto. Ao inclinar a boca para beijá-la, a paixão explodiu instantaneamente entre os dois. A língua estava molhada e escaldante enquanto penetrava sua boca, a turbulência de vontades conflitantes aumentando ainda mais o calor naquele momento.

Em seguida, seus dedos encontraram o centro de sua feminilidade, e ele deslizou profundamente dentro dela, enquanto sua língua tomava sua boca. Brynn havia se esquecido de tudo em uma explosão de fogo de pura fome erótica.

Assim como Lucian.

Sua fúria havia se transformado em uma febre ardente. Ele queria destruir o controle que ela tentava manter com paixão, queria transformar a resistência e a determinação em uma rendição inflamada.

Sem dar tempo a si mesmo para pensar, Lucian a levantou e a sentou sobre ele, enrolando as saias em volta da cintura dela. Brynn suspirou quando ele a penetrou

lentamente, mas o corpo dela o aceitou com facilidade, envolvendo-o em um fogo sedoso.

E de repente, estavam se beijando com uma intensidade frenética, toda a tensão das semanas passadas explodindo no calor da fome animal. As mãos dele deslizavam pelas costas dela para se enroscar em seus cabelos, enquanto o balanço da carruagem o empurrava mais fundo para dentro dela.

A língua mergulhou na boca da esposa, devoradora e exigente, e o gosto dela o fazia selvagem. Ele esperava uma briga e, ao contrário, encontrou a fúria de um doce desejo que consumia os lábios dela. Ele a beijou com mais violência, atizando o fogo que ardia entre eles.

Brynn não estava fingindo aquele desejo. Ele sentia no beijo, na maneira frenética e liquefeita como se agarrava a ele, nos ruídos roucos de prazer que fazia. As línguas se encontravam numa febre de desejo, e ele arqueou os quadris, enterrando-se ainda mais fundo dentro do corpo dela, que vibrava. Ele estava em chamas, mas não mais do que ela. Ela acompanhava a força primitiva da paixão dele, movendo-se com ele num ritmo desvairado.

Sua volúpia rompeu as restrições de Lucian, despedaçando qualquer resquício de autocontrole. Era impossível resistir – mas para ela também. Interrompendo o beijo, ela jogou a cabeça para trás e soltou um choramingo selvagem.

Ela era linda, fogosa e selvagem, a face corada de paixão, a boca aberta. E apenas um instante mais tarde, Lucian a seguiu num clímax violento.

Com o peito subindo e descendo buscando ar, ele aos poucos recuperou os sentidos. Brynn estava mergulhada em seus braços, o rosto enterrado no pescoço dele. Ele tremia, misturando o turbilhão de emoções que sentia – que ainda sentia –: ternura, fúria, fogo.

Era chocante como ele perdia o controle tão facilmente. Aquela explosão tinha sido o ponto culminante de semanas de luxúria frustrada, e de ciúme também. Ele tinha sido movido pelo desejo de posse, pela necessidade primitiva de exercer seu domínio sobre ela... Ainda assim, a reação violenta foi mais forte do que mero desejo de posse, Lucian sabia. Era um medo louco de que Brynn pudesse ter sido ferida. De que pudesse tê-la perdido. E quando ela estava a salvo, todos os seus sentimentos se derramaram. Ele a possuiu com aquela urgência selvagem, sem nem ao menos saber quando a raiva tinha se transformado em desejo, em fome insaciável.

Que diabos, ele podia fazer melhor. Ele sabia ser gentil. Sabia como excitá-la lentamente, como tornar suas carícias tão sensuais que ela quase morreria de prazer antes que ele chegasse ao próprio clímax.

Ele soltou um suspiro rasgado, lutando para se controlar. Os músculos ainda tremiam com a necessidade ardente de possuí-la. E Brynn... ela sem dúvida se arrependeria da explosão de paixão ainda mais do que ele. Santo Deus, mas ele queria transformar aquele arrependimento em vontade de se render.

Os lábios dele subiram macios pelo rosto dela, a febre derretendo e se transformando em carinho enquanto a abraçava e acariciava, deslizando a palma da mão lentamente pelos quadris nus...

– Você é uma bruxa – ele murmurou com voz rouca contra os cabelos dela –, uma linda e doce bruxa.

Era claramente a coisa errada a dizer. Ele sentiu que Brynn endureceu de repente, como se ele tivesse jogado água fria sobre o corpo quente dela. Empurrando o ombro dele, ela se separou do abraço e saiu de cima dele.

Recolhendo-se ao seu canto da carruagem, Brynn alisou as saias desarrumadas com

as mãos trêmulas.

– Eu não sou uma bruxa – murmurou inquieta, odiando aquela designação. Durante a maior parte de sua vida, ela teve de viver sob esse rótulo amaldiçoado.

– Não, claro que não – ele respondeu num tom baixo que era inesperadamente conciliador –, foi apenas modo de dizer... um carinho dito no calor do momento.

Brynn olhou para ele com desespero, sentindo a maciez úmida da semente de Lucian escorrendo pela parte interna de suas coxas. Vergonha, desejo, dor, tristeza, tudo misturando em seu peito. Seu vestido estava amarrotado e manchado, e, ainda assim, Lucian nem sequer havia desalinhado seu casaco de corte perfeito. E achava que ela era uma bruxa.

Buscando esconder a dor, ela tentou responder com indiferença.

– Você acabou de me informar que não ia tolerar minha libertinagem, Lucian. Não é justo que você exija de mim uma conduta tão impecável e então prontamente contradiga sua própria ordem.

– Libertinagem comigo – ele disse com cuidado enquanto levantava as calças – não é o mesmo que libertinagem em público, Brynn. Eu sou seu marido, afinal de contas.

– Talvez sim, mas prefiro não ser atacada, como você tem a propensão a fazer.

Os olhos azuis se estreitaram

– Atacada? Você não pode fingir que sua participação foi forçada, sereia. Sua carne molhada de prazer diria o contrário.

Brynn sentiu suas bochechas queimarem de rubor. Ela não esperava aquela fome selvagem em si mesma. Lucian a tinha transformado em uma criatura libidinosa, pouco diferente de seus pretendentes enlouquecidos de paixão. Ele tinha um talento terrível para extrair reações intensas dela, tanto fúria como paixão. O coração dela se revirara de desespero. O que tinha acontecido com o plano de manter-se totalmente impassível e indiferente a ele?

– Bem, você não é melhor do que aqueles tolos que desdenha – ela retorquiu, forçando frieza na voz.

Era tudo o que ela podia fazer para não recuar diante da expressão sombria no belo rosto de Lucian. Brynn desviou da intensidade abrasadora dos olhos dele. Ele a estava tratando com desdém, como se não tivessem acabado de fazer um amor proibido com todo aquele louco desejo e frenesi. Uma dor súbita apertou sua garganta.

E então ela sentiu a carruagem parar. Eles tinham chegado em casa, ela percebeu, ao mesmo tempo que piscava para absorver as lágrimas. Graças a Deus não tinham chegado poucos minutos antes.

Sem esperar pelo laçao, Brynn girou a maçaneta, com a intenção de descer da carruagem sozinha. Mas Lucian colocou a mão em seu braço para detê-la.

– Eu falei sério, Brynn. Eu mando você para a casa de minha família para viver no campo, se for necessário.

A dor que queimava em sua garganta se intensificou, mas ela travou a mandíbula, determinada a não chorar na frente dele.

– Faça isso, então – respondeu –, eu ficaria grata pelas férias.

E saiu, antes que as lágrimas se derramassem.

Lucian estava praguejando enquanto via a esposa subir os degraus da entrada e desaparecer dentro da casa. A dor que viu nos olhos dela o açoitava de culpa.

Contra seu discernimento, foi atrás dela, o tempo todo se perguntando se seria sábio prolongar essa última batalha.

Não houve resposta quando bateu suavemente na porta do quarto dela. Quando ele a abriu, seu coração pulou alarmado. Brynn estava de joelhos, o rosto enterrado numa cadeira em frente à lareira, soluçando como se seu coração estivesse partido.

Por um longo momento, Lucian ficou lá, imaginando se teria sido a causa de tal angústia. Finalmente, ele fechou a porta e foi até ela.

Quando tocou o ombro de Brynn, ela virou-se violentamente e olhou para cima, as lágrimas represadas.

Ela esfregava furiosamente o rosto para secar as lágrimas, como se estivesse envergonhada por ter sido pega por ele.

– O que você quer? – perguntou com agressividade.

– Eu a machuquei?

Ela olhou para longe.

– Não – ofegou trêmula. – Sim, aquele nome horrível...

– Que nome?

– Bruxa. As crianças da vila costumavam me chamar assim. Até mesmo meus amigos... eu ouvia os sussurros pelas minhas costas depois que James morreu.

Sentindo suas defesas fraquejarem, Lucian tirou um lenço do bolso e ofereceu a ela.

– James? – ele murmurou com gentileza limpando o rosto de Brynn.

– Meu pretendente. Eu o matei – os olhos dela foram inundados por novas lágrimas que se derramaram antes que conseguisse cobrir a face com as mãos.

Lucian hesitou, lembrando o que Brynn disse a ele certa vez.

– Você não disse que seu pretendente afogou-se no mar.

– Sim, foi isso.

– Esse não é um destino incomum para alguém da Cornualha, é?

– Não, mas ele morreu porque eu comecei a me importar com ele.

Quando a voz dela se rompeu em um soluço, Lucian sentiu o coração derreter.

Brynn agonizava sobre algo que absolutamente não podia controlar, mas, ainda assim, acreditava que era a culpada pela morte de um homem. Ela devia estar vivendo com esse fardo há muito tempo, ele percebeu.

Lucian sentiu-se hesitar quando percebeu o paralelo com sua própria situação. Ele entendia de culpa. Tinha matado um de seus amigos mais próximos com as próprias mãos. Mas Brynn se condenava sem uma causa real.

Quase contra sua vontade, Lucian a tocou. Ele sabia o perigo de tocá-la, mas a necessidade de confortá-la era mais forte do que a necessidade de autopreservação.

Trazendo-a para seus braços, ele se recostou na cadeira e apertou o rosto dela contra o peito, oferecendo consolo. Foi por distração, ele sabia, que ela permitiu tamanha proximidade.

– Desconfio que a morte dele tenha sido apenas um acidente – Lucian disse com calma por entre os cabelos dela. – Você não pode se responsabilizar por um ato da natureza.

– Eu queria acreditar nisso – ela ficou em silêncio por um longo momento, e, quando falou, sua voz estava engasgada. – Talvez eu seja mesmo uma bruxa. Aqueles dois homens hoje... eles poderiam ter morrido... por minha causa.

Ele podia senti-la tremer, então, instintivamente, apertou-a nos braços.

– Duvido que tenha sido sua culpa, Brynn. Aqueles garotos brigaram por você porque é uma mulher linda. Se não fosse por você, eles encontrariam outra razão para duelar.

– Mas você disse...

– Eu sei o que disse, mas eu estava com raiva... e preocupado com você. Você poderia ter sido ferida, se envolvendo daquele jeito.

Ela se afastou, estudando o rosto dele.

– Você definitivamente não acredita na maldição, não é?

Ele deu um sorriso.

– Eu lhe disse, não sou do tipo supersticioso.

– Então como você explica seus sonhos, Lucian? Como explica os meus?

Ele não respondeu imediatamente, sem ter uma explicação para seus sonhos perturbadores com Brynn.

– Você tem sonhos? – perguntou afinal.

– Eu sonhei com James antes de sua morte. E com você... às vezes eu vejo imagens suas.

Ele podia ver o desamparo nos olhos dela, a vulnerabilidade, e moveu-se para tocar seu rosto.

Brynn afastou-se abruptamente, como se de repente tivesse se conscientizado da impropriedade daquela ternura. Desviando o olhar, ela se levantou e atravessou seu quarto até a porta entre os dois aposentos. Hesitou por um longo momento. Então, abrindo a porta, colocou-se ao lado, claramente convidando-o a se retirar.

– Acho que você deve ir – disse, retomando o tom frio.

Levantando-se com mais lentidão, Lucian foi até ela, mas então parou, relutante em abandonar a discussão inacabada.

– Estou certo de que há uma explicação lógica para nossos sonhos – disse finalmente.

Brynn balançou a cabeça, seu olhar era quase triste

– Ah, é? E o que tem a dizer sobre Giles?

Lucian encolheu-se involuntariamente.

– O que tem ele? – perguntou com uma súbita cautela.

– Nos meus sonhos eu o vejo lutando com ele, Lucian. Eu vi o que aconteceu entre vocês dois.

– Você me viu matá-lo?

Lucian se forçou a relaxar os músculos tensos.

– Eu tenho pesadelos com Giles às vezes, admito. Sem dúvida você me ouviu dizer o nome dele enquanto dormia.

O sorriso dela era sombrio.

– Talvez. E então talvez eu seja uma bruxa, afinal.



Totalmente desanimado com os acontecimentos da noite, Lucian se mexia incansavelmente em seu assento. Aquele era o primeiro encontro da Liga do Fogo do Inferno ao qual comparecia desde seu casamento – uma apresentação musical feita por doze musas seminuas, vestidas apenas com uma túnica grega, mostrando os mamilos sedutores e encantadores. A música estava surpreendentemente boa, mas ele achou que os encantos das cipriotas tristemente deixavam a desejar em comparação aos de Brynn. Os seios não eram tão tentadores e firmes, nem as pernas tão longas e esbeltas, faltava o toque indomado nos cabelos, o brilho vibrante, e os olhos nem de longe reluziam como os dela. E, mais criticamente, não havia nada do espírito intrigante que Brynn tinha em quantidade tão irresistível...

Lucian praguejou mentalmente. Tinha ido até lá para tirá-la do pensamento, não para ser lembrado de suas frustrações. Levantando-se, pegou o cálice de conhaque e saiu pelas portas-balcão do salão em direção ao terraço. O ar da noite de setembro era frio, pressagiando o outono. Recebendo a brisa fresca contra seu corpo quente, Lucian se apoiou contra a balaustrada de pedra, suas reflexões inquietas girando ao redor de Brynn.

A união forçada não era o que ele desejava de seu casamento – uma dança contenciosa de desejo mútuo e resistência. Eles estavam brigando um contra o outro e contra si mesmos. Mais desconcertante era a estranha questão dos sonhos. Ele não conseguia explicar a conexão assombrosa que tinha com Brynn, por que as visões noturnas pareciam ligadas. A não ser que a maldição cigana fosse, de alguma maneira, real...

Diabos, ele não seria controlado por uma maldição na qual nem sequer acreditava...

– Que diabos você está fazendo aí fora sozinho? – Lucian ouviu seu amigo Dare perguntar atrás dele. – A diversão não o contentou?

– Não há nada errado com a diversão lá dentro.

– Deve ser algum problema com mulheres, então. Sua esposa, imagino?

– Pode-se dizer que sim – disse, zombando.

Dare se uniu a ele na balaustrada do terraço.

– Que romântico. Não me lembro de tê-lo visto assim por nenhuma mulher antes, Luce.

Talvez, pensou sombriamente, porque nunca havia ficado assim antes. Ele havia frequentado as cortes libertinas e luxuosas da Europa, e tido mais amantes do que conseguia contar. As mulheres vinham facilmente para ele... antes de Brynn.

– Você esquece que nunca passei por uma situação assim antes.

– Um casamento?

A boca de Lucian se contorceu.

– Exatamente. Meu casamento de conveniência acabou virando tudo, menos conveniente. As consequências de se casar com uma noiva relutante, suponho.

– Você sempre pode se entregar aos braços de alguém mais disposta. Arranje uma amante.

– Essa é a sua resposta para qualquer problema, não é? – Lucian perguntou impacientemente. – Passar para outra mulher.

– Geralmente funciona – disse Dare com sutileza.

Lucian balançou a cabeça.

– Não estou no mercado procurando uma amante, nem tenho intenção de atizar as fofocas com mais lenha para escândalos. Meu casamento é o assunto da cidade por si só.

Inclinando o quadril contra a grade, Dare observava o jardim escuro.

– Bem, eu certamente não sou nenhum especialista em casamentos. Somente uma vez em minha vida pensei em me enforcar.

Surpreso com a admissão, Lucian olhou o amigo de forma penetrante.

– Eu nunca soube que você já havia pensado em se casar.

Dare encolheu os ombros.

– Faz muito tempo, e tento fazer o meu melhor para esquecer isso.

– O que aconteceu?

– Fui tolo o suficiente para pensar que estava apaixonado. Cheguei a pedi-la em casamento antes descobrir o meu erro. Minha jovem e inocente amada não era tão pura quanto imaginava que fosse. Dare sacudiu a cabeça bruscamente e abriu um sorriso encantador, como se descartasse os pensamentos obscuros – Mas já tive um pouco de experiência com mulheres. – adicionou com seu tom sarcástico costumeiro. – Acho que sou qualificado o suficiente para lhe aconselhar sobre como ganhar uma mulher.

Lucian teve que sorrir com o eufemismo. Dare conseguia derreter até mesmo uma pedra, se quisesse.

– Certo, então, o que aconselha? Sou todo ouvidos.

– Você poderia começar tendo mais consideração por sua noiva. Pelo que sei, você tem sido meio duro com ela. Arrastá-la para dentro de um relacionamento tumultuado a fim de conseguir um herdeiro e depois desaparecer, deixando que seus criados a levassem até Londres, onde ela teve de encarar os lobos da sociedade sozinha. Meio arrogante da sua parte acreditar que ela fosse gostar de tal tratamento, não acha?

– Talvez. Mas não seria a primeira vez que sou acusado de ser arrogante.

– Mesmo assim, você nunca deveria tê-la deixado tão rápido após o casamento, Luce, não foi muito cavalheiro de sua parte. Ou astuto. Negligenciar sua nova esposa não é a maneira certa de ganhar seu coração – Dare fez uma pausa. – Você está interessado em ganhar o coração dela? Ou em entregar o seu?

Era estranho ouvir Dare North, o solteiro mais conhecido em Londres, falando de amor. Seus próprios sentimentos sobre o assunto eram nebulosos. Ele nunca havia amado nenhuma das mulheres delicadas e desejosas que haviam compartilhado sua cama, mas invejava outros homens que haviam conseguido a façanha. Recentemente, ele viu o primo Nick Sabine se apaixonar perdidamente. E seu amigo Damien Sinclair estava loucamente apaixonado pela esposa.

Lucian fez uma careta. Se apaixonar por Brynn seria o cúmulo da loucura. Ele tinha se encantado desde o primeiro instante em que colocara os olhos em sua beleza sedutora, e essa condição só havia piorado com o passar do tempo. Quando ela estava por perto, a paixão que sentia nunca estava longe de transbordar.

Praguejou em voz baixa. A sereia de olhos de esmeralda o havia enfeitiçado, amarrado-o com uma corda. Ele nem ao certo sabia se podia confiar nela. Até onde sabia, Brynn poderia estar atolada até o pescoço em traição com o irmão. Seria perigoso correr o risco de dar a ela ainda mais poder sobre ele. Mas, mesmo assim, a ideia de aliviar as tensões em seu casamento, de verdadeiramente conquistá-la... eram realmente sedutoras.

– Eu honestamente não sei – respondeu, por fim. – Amar nunca foi parte do meu plano, eu só queria um filho.

– Talvez seu plano tenha sido lógico demais. Muito calculista. O coração nunca

segue a lógica. – de repente, Dare pareceu adquirir um tom de escárnio entre os lábios. – Que diabos. Está ouvindo minhas bobagens poéticas? Devo estar ficando sentimental com o passar dos anos.

– Ah, sim, você é bem velho – disse Lucian, com uma ponta de sarcasmo.

– Você é um ano mais velho que eu, Dare. Vai dizer que somos inválidos antes que a noite se acabe.

O amigo o observou com firmeza.

– Não há necessidade de despejar seu mau humor sobre mim.

– De fato. Perdoe-me.

Dare lhe deu um tapinha de leve nas costas.

– Perdoado. – Então se virou e preguiçosamente apoiou os cotovelos no parapeito – De uma coisa eu sei... se negligenciar sua esposa, outros poderão entrar em cena.

– Outros já entraram em cena – Lucian respondeu. – Essa é uma grande parte do problema, não percebeu? – ele bebeu um longo gole de conhaque. – Tolos perdendo a cabeça por ela por causa de uma maldição.

– Uma maldição?

– Minha esposa alega ter sido amaldiçoada, não lhe contei? Os homens enlouquecem por ela porque uma cigana colocou uma maldição em uma de suas ancestrais. Ela até assombra os sonhos deles.

– Que intrigante – disse Dare com um sorriso.

– Não é nem um pouco intrigante, se é você quem tem chances de ser traído.

– É isso que o atormenta?

Lucian endureceu a mandíbula.

– Brynn diz que eu não preciso me preocupar com isso.

– E você acredita nela?

– Estranhamente, acho que sim. Na Cornualha ela se esforçava muito para evitar a atenção masculina, até mesmo a minha. Especialmente a minha, para falar a verdade. Quando veio a Londres pela primeira vez, pensei que pudesse estar encorajando seus admiradores por vingança, para retribuir a maneira como foi tratada, mas não acho mais que a provocação tenha sido planejada. Ela era, sem dúvida, virgem quando a tive.

Houve uma longa pausa enquanto Dare considerava aquilo.

– Uma mulher virtuosa é um prêmio como rubis.

– Talvez seja, mas é muito desconfortável ter uma mulher que todos os homens veem como um prêmio.

– Bem, então talvez você deva entrar para a lista. Entre na competição pelos favores dela.

– O que está sugerindo? Que eu desafie aqueles jovens idiotas a um duelo?

– De jeito nenhum. Por que você simplesmente não tenta seduzi-la? Use esse seu encanto. A melhor maneira de conquistar uma mulher é cortejá-la. Aposto que você ainda não tentou para valer.

– Não de verdade, não desde que nos casamos.

– Você deveria ter tentado. Estou surpreso, Luce. Você nunca cortejou sua noiva adequadamente e depois basicamente a abandonou? Qualquer mulher com um pinga de orgulho enlouqueceria com tal conduta. Você pode culpá-la se ela não está satisfeita com o que tem?

Não, ele não podia culpá-la, Lucian admitiu. Havia cometido tantos erros com Brynn desde o começo, violando suas ideias normais de jogo limpo com vingança. Ele

exigiu sua submissão e então deliberadamente a tratou com frieza, preocupado demais consigo mesmo e em lutar contra sua obsessão para dar a ela a consideração que merecia. Ele havia sido possessivo e ciumento, e quando os admiradores brigaram por ela, tinha reagido como um marido enlouquecido, acusando-a de ser uma libertina, o que somente a havia ferido e piorado o ressentimento que já sentia. Ele ainda nutria suspeitas sobre seu possível envolvimento com traição sem nenhuma prova real.

O comportamento dele, era, sem dúvida, imperdoável, Lucian admitia.

– Você está certo – disse calmamente –, eu fiz uma bagunça.

Foi a vez de Dare de levantar a sobancelha.

– Certamente você não tem intenção de aceitar a derrota tão rápido, sendo o amante lendário que tem reputação de ser? De toda forma, duvido que seja tarde demais para consertar o erro.

Seria tarde demais? – Lucian se perguntou. Seu casamento tinha começado com dificuldades e mergulhado em uma espiral descendente com cada novo conflito. Ele havia recebido o ressentimento de Brynn, de fato o cultivara até, destruindo deliberadamente qualquer chance de uma relação mais calorosa em seu casamento. Do que ele mais se arrependia era da frieza entre eles. Ele tinha chance de mudar a situação atual. Ainda tinha um pouco de controle sobre Brynn, sabia como despertar sua paixão, como fazer seu corpo responder com uma fome desesperada. Mas queria mais que isso. Ele a queria disposta e pronta em seus braços, queria paz e confiança entre eles, talvez até amizade. Queria conhecê-la melhor, sua consciência, o que ela sentia. Queria ser capaz de compartilhar seus pensamentos, seus sentimentos, suas esperanças e seus medos...

– Nenhuma mulher nunca resistiu a você por muito tempo – Dare observou.

– Percebo que você não conhece minha mulher muito bem – disse Lucian com um pouco de melancolia.

– Talvez não, mas eu certamente conheço as mulheres. Sugiro que vá para casa e se dedique à sua noiva. Passe algum tempo com ela. Leve-a para fora do país talvez. Com todas as distrações que tem enfrentado em sua busca pelos traidores, você não teve chance de se tornar íntimo ou testar seus poderes de sedução.

– Não posso sair de Londres agora – Lucian balançou a cabeça.

– Por que não? O que é mais importante? Salvar a Inglaterra ou acabar com esse sofrimento que se apoderou de você? Além disso, não imagino que você vá ser muito útil ao seu país até resolver essa situação com sua esposa.

Dare estava certo, Lucian percebeu franzindo o cenho. Até então, seu país tinha sempre estado em primeiro lugar, a tarefa era mais importante que seus desejos pessoais. Mesmo assim, por semanas, seus sentimentos conflitantes por Brynn haviam provado ser uma distração que não diminuiria, apesar de ele ter jurado o contrário. Seria bom resolver o conflito entre eles enquanto havia chance.

Talvez ele *devesse* tentar uma abordagem diferente com Brynn: cortejá-la.

Seria difícil conquistá-la. Brynn provavelmente receberia com desprezo suas tentativas depois da maneira como ele havia agido, principalmente dada sua intensa crença na maldição da cigana.

Com certeza ele não mudaria suas convicções da noite para o dia, mas poderia dar pequenos passos que não a alarmariam nem causariam lágrimas...

A vívida imagem de Brynn chorando em seus braços na noite anterior fez Lucian estremecer. Queria muito destruir o medo dela de que fosse uma bruxa. Mais ainda, queria acabar com a frieza entre eles, consertar a trama esfarrapada de seu relacionamento, e

talvez estabelecer uma ligação de confiança. Era até possível que eles pudessem ter um casamento com afeição mútua, se não amor.

Inclinando a cabeça, Lucian acabou com seu conhaque, sem saber ao certo se embarcar em uma nova tentativa com Brynn seria inteligente. Mas pela primeira vez em seu casamento contencioso, estava levemente ansioso.

Brynn estranhou quando o marido se uniu a ela para o café da manhã do dia seguinte. Em geral, Lucian já tinha saído de casa quando ela acordava.

Ficou olhando quando ele a cumprimentou amigavelmente, com a xícara de chocolate quente a meio caminho dos lábios. Enquanto ela observava, Lucian fez um prato do aparador, aceitou o café oferecido pelo criado, e então o dispensou. Ele abriu um belo sorriso para Brynn antes de voltar à sua cadeira e abrir um dos jornais matinais que ela não estava lendo.

Ela estava completamente perdida naquela situação.

Lucian havia chegado tarde na noite anterior. Ela sabia porque estava acordada na cama solitária, se revirando a noite toda, esperando-o chegar. Mas ele não foi à sua cama. Provavelmente, porque encontrou outros prazeres com que se ocupar. Absurdamente, doía imaginar Lucian nos braços de outra mulher.

Tentando tirar aqueles pensamentos tolos da cabeça, Brynn obrigou-se a mastigar sua torrada, que de repente parecia seca, e se concentrar no editorial em suas mãos.

O silêncio reinou por um momento. Então Lucian fechou o jornal e se concentrou no café da manhã. Brynn quase deu um salto quando ele se dirigiu a ela, momentos depois.

– Você não está usando seus trajes de montaria. Não pretende cavalgar esta manhã?

Brynn imaginava que ele soubesse de suas costumeiras cavalgadas todas as manhãs no parque com Raven, mas ficou surpresa por ter reparado nas roupas.

– Não – respondeu com cuidado.

– Por que não?

Ela o olhou desconfiada.

– Não planejo sair mais de casa.

– Por quê?

– Porque é mais seguro.

A sobranceira dele se levantou.

– Isso não é uma medida drástica demais?

Ela tentou sorrir, mas temeu que o sorriso saísse amargo.

– Foi você quem insistiu que eu me afastasse dos jovens que estavam atrás das minhas saias. A única maneira que conheço de fazer isso é evitando-os completamente.

– Imagino que você vá achar esse confinamento muito restritivo – ele disse afinal.

– Sem dúvida. É muito solitário viver sem companhia, mas estou acostumada. E ficar quieta aqui em casa é melhor do que ser forçada a uma existência bucólica na sua casa de campo, onde não conheço absolutamente ninguém.

Ela sentiu o olhar suave dele examinando seu rosto.

– Você não precisa ficar sem nenhuma companhia. Você gosta de Shakespeare?

– Sim, por quê? – Brynn o olhou desconfiada.

– Achei que pudéssemos ir ao teatro hoje à noite.

– Nós?

Um sorriso escapou da boca dele.

– Eu gostaria de levá-la, se você me permitir.

– Por quê?

– Imaginava que você aceitaria como um pedido de reconciliação.

Ela pensou por um instante.

– Não consigo imaginar por que você me faria um pedido de reconciliação.

– Porque não gosto do antagonismo constante entre nós, Brynn. Gostaria que acabasse. Não podemos passar a vida assim, brigando um com o outro.

Ela também não gostava do antagonismo ou dos resultados explosivos que trazia. A lembrança deles fazendo amor de maneira tão imprudente na carruagem ainda a perseguia, mas manter a discórdia viva entre os dois era a coisa mais segura para Lucian.

– Não quero que nosso casamento vire um campo de batalhas – ele observou quando ela ficou em silêncio, sua voz baixando a um leve murmúrio – Estou mais arrependido disso do que você imagina.

Brynn retomou o fôlego, incapaz de desviar da intensidade do olhar dele. Ela desejava que aqueles olhos fossem menos constrangedores e não tão azuis.

– Sei que não tenho sido o marido ideal, Brynn, mas gostaria de compensá-la por isso. – A voz dele ficou ainda mais baixa.

Ela não conseguiu responder, não com o súbito aperto em sua garganta.

Finalmente, ele suspirou.

– Independentemente de nossas brigas particulares, gostaria de apresentar uma imagem mais amigável ao público. Ajudará a acalmar o escândalo se formos vistos juntos e fingirmos gostar da companhia um do outro.

– Sim... suponho que ajudaria.

Ele se levantou então e foi até o lado dela na mesa. Pegou sua mão e a levou até os lábios.

– Até à noite, então.

Brynn estremeceu, sentindo o formigamento da boca quente dele descendo pelo seu braço até seus órgãos.

Ficou observando depois que Lucian foi embora. Finalmente, sentiu sua respiração escapar em um suspiro. Ela também tinha seus arrependimentos sobre o casamento, queria colocar um fim à hostilidades como Lucian dizia querer, mas não ousaria baixar a guarda.

Aquele lado gentil e contrito dele a preocupava. Se começasse a tratá-la de maneira tão carinhosa e tão cuidadosa, seria impossível resistir a ele.

Brynn balançou a cabeça, lutando desesperadamente contra as emoções que se libertavam dentro dela. Como aqueles sentimentos por Lucian haviam se tornado tão complicados? Seu relacionamento seria muito mais seguro se ela pudesse simplesmente odiá-lo, mas temia que aquilo estivesse além de seu poder. Não era ódio o que Lucian despertava nela, mas um anseio faminto.

Quando entraram no camarote no teatro de Drury Lane, o lorde e a senhora Wycliff foram o foco de todos os olhares. Uma pitada de excitação tomou conta de Brynn quando Lucian sentou-se ao seu lado. Ela estava feliz de ir a um espetáculo com tantos atores talentosos. A companhia do interior que fez uma turnê pelo sudeste da Cornualha era a escória da profissão, então assistir a verdadeiros mestres com certeza seria um prazer.

Contudo, foi o próprio Lucian quem causou a leveza involuntária em seus ânimos. Ele havia jantado em casa com ela, fazendo o papel de marido preocupado – uma atuação, ela sabia. Mas estava agindo como se verdadeiramente gostasse de sua companhia, em vez de lutar contra a atração que sentia por ela. Claramente, estava fazendo um esforço para começar de novo.

A mudança nele era profundamente atraente, e sem dúvida perigosa. Em retribuição,

Brynn fez seu melhor para se comportar e reprimir o próprio charme. Seu cabelo inflamado estava preso enquanto a combinação marfim com a sobressaia de tecido prata havia sido cortada modestamente para um vestido de noite. Mas, pelo escurecimento súbito dos olhos de Lucian, ela percebeu que ele apreciava o efeito.

Ele continuou com a exibição de amabilidade quando chegaram ao teatro. No momento em que Lucian se sentou ao seu lado, segurou a mão dela e levou os dedos até os lábios para beijá-los, olhando profundamente nos olhos dela como se estivessem apaixonados. O gesto amoroso era apenas para deleite dos presentes, Brynn presumiu, mas a viva intimidade disso a havia suavizado por dentro.

Abruptamente, ela se reprimiu por sua susceptibilidade. Lucian conhecia bem o poder da própria sensualidade e seria inteligente manter sua guarda alta.

Eles tinham acabado de se sentar quando os visitantes começaram a ir ao camarote deles, querendo ser apresentados à esposa do lorde. Lucian demonstrou todo o charme de derreter corações e o talento libertino que a havia fascinado tanto quando se conheceram, assim como a possessividade que era tão gratificante quanto incômoda. Ele se manteve tão próximo que Brynn conseguia sentir o calor de seu corpo. O braço dele levemente encostando em seu ombro como se declarasse que ela era sua. Quando foram deixados sozinhos mais uma vez para o começo da peça, ele segurou sua mão.

Apesar da resolução de mantê-lo à distância, de protegê-lo com sua indiferença, Brynn estava relutante em se afastar, o toque dele era tão perfeito. Durante todo o primeiro ato, os nervos dela estavam à flor da pele e profundamente conectados a ele.

Quase tão desconcertantes eram as conversas dos camarotes vizinhos e da plateia abaixo. Poucos na audiência estavam realmente assistindo à peça, os binóculos de ópera estavam virados na direção dela, sugerindo sua fascinação pela mulher que havia se casado com o lendário lorde Wycliff.

Mesmo com todas as perturbações, Brynn achou a apresentação incrível. Quando o primeiro intervalo chegou, ela suspirou com deleite.

– Seus olhos estão incrivelmente brilhantes – Lucian murmurou no ouvido dela. – Pelo que estou vendo, você gostou da apresentação.

– É maravilhosa – disse Brynn em concordância –, ainda que eu provavelmente soe muito provinciana em admitir isso.

Um sorriso empolgante e malicioso surgiu no canto da boca dele.

– Talvez. Fingir tédio é certamente considerado elegante. Mas eu acho sua candura revigorante.

– Obrigada por trazer-me aqui, Lucian – disse com sinceridade.

Ele se curvou de maneira cortês.

– Sua diversão é meu prazer.

– Você não acha a peça divertida?

– Um pouco. Mas já vi essa peça meia dúzia de vezes. Não é difícil ficar entediado com as atrações que Londres tem a oferecer.

– Não imagino como seja possível ficar tão entediado que Shakespeare comece a incomodar. Se essa é a consequência de sua vida perversa, então eu abduco com alegria.

Os cílios dele cobriram seus olhos de safira, e Brynn poderia ter mordido a língua. Não queria ter estragado o momento lembrando-o da discórdia entre eles.

O alívio veio quando uma nova visita apareceu no camarote. Brynn ficou nervosa ao encontrar um personagem tão ilustre como o secretário de política externa, sempre difamado pelos jornais. Mas lorde Castlereagh aparentemente era um amigo próximo de

Lucian. Ainda que o lorde inicialmente mostrasse um pouco de reserva com relação a ela, começou a conversar imediatamente com Lucian, e logo conseguiu que Brynn admirasse sua inteligência afiada.

A admiração tornou-se mútua quando ela o perguntou sobre o progresso do duque de Wellington nos campos de batalha da Espanha, algo sobre o que andava lendo bastante.

Castlereagh era um defensor de Wellington e desfez qualquer traço de indiferença ao falar com orgulho sobre a impressionante vitória dos confederados em Vitória.

– Você escolheu bem sua esposa, Wycliff – Castlereagh disse, enquanto se preparava para deixar o camarote. – É surpreendente que a tenha encontrado a esmo na Cornualha. Aposto que decidiu misturar prazer com negócios.

– Estou muito contente – respondeu Lucian, olhando para Brynn de maneira tão afetuosa que a fez corar.

– E você, senhora Wycliff – adicionou o lorde –, tem uma das mentes mais perspicazes da Grã-Bretanha. Acredito que não será contra eu manter seu marido como meu empregado por um pouco mais de tempo, até ganharmos a guerra. Não podemos sobreviver sem ele. Boney estaria dominando o mundo se não fosse por heróis como Wycliff.

– Não sou nenhum herói – disse Lucian secamente.

– Você é muito modesto, sir. E acredito que March concordaria – Castlereagh virou-se para Brynn. – Ele salvou o conde de March dos franceses na primavera passada, sequestrou-o debaixo do nariz deles, arriscando a própria pele. Você deveria persuadir seu marido a lhe contar sobre suas aventuras algum dia.

Brynn ergueu a sobrancelha.

– Infelizmente meu marido não compartilha seus segredos comigo.

– Sábio, acredito. Bocas abertas já mudaram o curso da história, e não para melhor. Mas já que Wycliff não se deixa enaltecer, vou fazê-lo. Não posso expressar o quanto sou grato por tê-lo do nosso lado. Queria poder ter uma dúzia dele.

Esse elogio não vinha sem motivo, Brynn estava certa. Aquela declaração só renovava sua curiosidade sobre a profundidade do envolvimento de Lucian com a guerra.

Somente quando estavam voltando para casa, Brynn teve a oportunidade de satisfazer um pouco sua curiosidade. Ela mal podia ver Lucian sentado ao lado dela – as luzes da carruagem estavam apagadas, deixando seu perfil perfeito ocultado pelas sombras.

Ela o observou em silêncio por um momento antes de se arriscar a perguntar o que estava passando em sua mente desde que ouvira o elogio do lorde Castlereagh.

– O que exatamente você faz no Ministério de Relações Exteriores?

– O que precisar ser feito – respondeu Lucian em um tom seco.

– Mas você se arriscou para salvar lorde March.

– Estava apenas cumprindo o meu dever.

Brynn sacudiu a cabeça.

– Poucos nobres considerariam isso seu dever para com o governo, ou trabalho.

Pergunto-me como você se envolveu em tal esforço.

Lucian se virou para ela na escuridão.

– Você quer a versão educada ou a pura verdade?

– A verdade, por favor.

– Para ser franco, estava entediado com a minha vida.

Ele a deixou digerir a frase e depois adicionou:

– Não houve nada de heroico na minha decisão. Fui criado cheio de privilégios e tive uma vida fácil. Quando ainda era jovem, recebi minha herança, meus pais sucumbiram

a uma febre enquanto viajavam pelo exterior, pouco tempo depois de eu chegar à maioridade, me deixando mais dinheiro do que eu saberia gastar. Minhas maiores vitórias foram ganhar nas cartas ou nas corridas de cavalo. Por muito tempo me senti... – Lucian hesitou, como se procurasse as palavras certas. – Senti que faltava algo em mim. Eu mal sabia ou me importava com o que estava acontecendo na Europa. E então, cinco anos atrás, meu melhor amigo foi morto em uma batalha naval, lutando contra os franceses. Sua morte me fez perceber que a vida era mais do que decidir que alfaiate eu deveria contratar ou a que eventos eu deveria comparecer à noite.

Brynn podia ouvir a dor em sua voz ao contar sobre a perda do amigo, assim como sua autocondenação.

O tom de Lucian ficou mais quieto, mais reflexivo quando ele continuou: – Ofereci meus serviços ao governo, pensando que a ocupação me ajudaria a preencher os meus dias... o vazio. Mas se tornou muito mais que isso. Finalmente havia encontrado um desafio que valia a pena. Um sentido. Seja lá o que eu tenha arriscado, eu ganhei muito mais.

Brynn ficou surpresa ao ouvi-lo compartilhar esses segredos. Talvez fosse pela escuridão, ou pela trégua que haviam declarado, mas Lucian estava de fato revelando algo pessoal.

Ela digeriu as informações em silêncio. Evidentemente, ela devia a ele desculpas sinceras. Ela o havia considerado um libertino e um vagabundo, quando na verdade estava arriscando sua vida para salvar outras. Ela o havia acusado de negligenciá-la quando tinha assuntos de importância nacional em jogo.

A lembrança a fez sentir um pouco... pequena. Uma pitada de arrependimento atravessou Brynn pelo pequeno ressentimento que havia sentido por Lucian nas últimas semanas.

– Eu não tinha me dado conta de que o que você fazia era tão... vital.

– Não tenho sido exatamente aberto. – Lucian deu de ombros.

– Foi por isso que você me abandonou em nossa noite de núpcias? Por causa do seu trabalho?

O olhar dele encontrou o dela na luz turva.

– Sim. Acredite em mim, nada mais poderia ter me afastado naquela noite – ele fez uma pausa. – Se eu tivesse explicado melhor a razão, você teria me perdoado?

Brynn ficou sem fôlego com a gentileza em seu tom de voz e, mesmo sabendo do perigo em encorajar qualquer intimidade entre eles, respondeu honestamente.

– Se bem me lembro, eu não estava com o humor para perdoar ninguém, mas acredito que teria entendido que o seu dever vinha em primeiro lugar.

Lucian riu suavemente, sem estar se divertindo.

– Derrotar Napoleão não é mais um mero dever para mim, meu amor. É uma paixão. Admito, não faço objeções quando se trata de vencer a guerra, não depois de perder tantos amigos e conterrâneos. Quero que Boney pague pela destruição que causou na Inglaterra e em toda a Europa. Farei o que foi preciso para conseguir que ele caia, mesmo que isso signifique assumir tarefas que nenhum cavaleiro de verdade consideraria.

– Que tipo de tarefas?

Ela sentiu que ele ficou imóvel. Então Lucian balançou a cabeça abruptamente, como se lembrasse de quem ela era.

– Não são histórias para os ouvidos de uma dama. – Seu tom de voz se tornou severo, mas ela podia sentir seu desespero.

Talvez *fossem* histórias feias, mas Brynn teria gostado de ouvi-las para entender

melhor aquele homem surpreendentemente complexo, ao qual ela estaria presa por toda a vida.

Ela ficou em silêncio, contemplando as revelações inesperadas. Quando a carruagem estacionou em frente à mansão Wycliff, contudo, ela foi tomada por um novo pensamento transformador. Até então a noite havia sido muito agradável, mas o que o resto dela traria? Mais precisamente, Lucian tinha intenção de dividir a cama com ela novamente, e voltar a reivindicar seus direitos de marido?

Com o coração disparado pela ansiedade, Brynn entrou na casa de braços dados com Lucian, entregando a capa de cetim ao mordomo, mas, assim como em sua noite de núpcias, um visitante estava esperando pelo lorde.

Ao ser informado de que o senhor Barton estava no escritório, Lucian olhou Brynn de relance, sabendo que só poderiam ser más notícias tão tarde da noite.

– Sinto muito, querida, mas preciso falar com ele.

Ela devolveu um breve sorriso que, na verdade, parecia aliviado.

– Claro.

Lucian observou enquanto ela subia a grande escadaria com os quadris magros e esguios balançando gentilmente embaixo do elegante vestido marfim e prata. Ele nunca havia detestado tanto uma interrupção.

Amaldiçoando a péssima hora, foi rapidamente ao escritório, onde Philip Barton se levantou imediatamente.

– Sinto muito pela interrupção, senhor, mas sabia que gostaria de ouvir as notícias. A última carga de ouro roubado chegou à França, não há mais dúvida disso. Chegou a Boulogne.

Lucian praguejou novamente.

– E aonde foi levada?

– Disso não se sabe, visto que o rastro acabou de repente. Parece ter desaparecido do nada.

– Como pode um contêiner inteiro de barras de ouro simplesmente desaparecer? – perguntou cheio de raiva.

– Talvez tenha sido dividido. De qualquer forma, meus homens perderam o rastro. Sinto muitíssimo senhor.

Lucian rangeu os dentes, tentando engolir a raiva.

– Não é culpa sua, Philip.

– É o trabalho do lorde Caliban, provavelmente.

– Ele foi avistado?

– Não dessa vez. Achei que o senhor pudesse querer viajar à França para investigar pessoalmente.

Lucian hesitou, considerando a ideia. Ele queria muito prender Caliban, mas também queria permanecer na Inglaterra. Deixar Brynn agora, quando estava tentando cultivar um novo relacionamento com ela, estava fora de questão. Não seria possível cortejar sua esposa viajando pela França em busca de um contrabando e do ladrão traiçoeiro. De toda forma, o ouro já deveria ter alcançado os cofres de Napoleão. Até mesmo enviar Philip à França não faria sentido, o astuto lorde Caliban já não estaria mais lá.

Mas eles poderiam ficar sabendo de algum vestígio fundamental relacionado à identidade do traidor.

– Não, eu não irei à França desta vez, mas gostaria que você fosse no meu lugar,

Philip.

– Eu, meu senhor?

– Essa é uma das nossas poucas pistas até Caliban. Não podemos correr o risco de deixar um vestígio de informação passar despercebido, mas não posso sair de Londres neste momento.

Uma luz clareou os olhos turvos do jovem rapaz.

– Muito bem, senhor. Farei os preparativos para partir logo.

Percebendo seu entusiasmo, Lucian acrescentou.

– Philip, não desanime se não descobrir nada. É provável que você chegue a outro beco sem saída.

– Eu entendo. E também é bem possível que Caliban nunca tenha ido à França e tenha deixado o ouro ser entregue por seus lacaios.

Barton franziu o cenho, parecendo desanimado mais uma vez.

– É muito irritante saber que ele pode estar debaixo do nosso nariz, colocando sua traição em ação.

– Sem dúvida – Lucian concordou sombriamente.

– É por isso que venho pensando. Talvez seja hora de modificar nosso curso e começar a procurá-lo por aqui.

– Por aqui, meu senhor?

– Pela sociedade londrina. Lorde Caliban pode ser qualquer um em uma centena de homens. Tudo o que sabemos é que é rico e provavelmente tem um título. Mas quando a temporada começar, ele pode muito bem participar dos eventos. Estou considerando pedir a Wolverton que nos ajude a descobrir a identidade de Caliban.

Barton franziu o cenho.

– Sei que lorde Wolverton é um amigo próximo seu, mas não o entendo como um tipo de homem que não se preocupa com nada além de...

Ele fez uma pausa, seus traços enrubescendo com o atrevimento.

– Além dos próprios prazeres? – Lucian finalizou.

– Perdoe a minha franqueza, mas podemos mesmo confiar a Wolverton assuntos de tanta importância como espionar um traidor?

– Podemos, sim, confiar em Dare, acredite em mim. Ele não parece sério, mas é porque muda de tom com facilidade, a qualquer momento e com qualquer um. Pelo menos, ele poderia nos ajudar a peneirar o campo de suspeitos. E ainda que sem dúvida ele vá considerar isso uma palhaçada, a questão pode lhe trazer um pouco de motivação na vida, de que ele vem sentindo falta.

– Então suponho que seria prudente pedir sua ajuda – disse Barton ainda soando relutante.

Lucian mordeu um sorriso. Aquela não era a primeira vez que Philip questionava seus métodos não ortodoxos, mas tinham dado certo mais vezes do que falhado.

Ele acompanhou o visitante até a porta e subiu as escadas devagar, achando difícil se livrar de repente de seu humor triste. O relato de que o ouro roubado estava nas mãos dos franceses era um lembrete alarmante de que ele havia falhado em sua tarefa, de que homens haviam morrido por causa de sua negligência, enquanto ele estava ausente, cuidando de assuntos pessoais e se casando.

Afrouxando a gravata com raiva, Lucian entrou em seu quarto e depois parou, lembrando-se de sua esposa. As portas que ligavam seus cômodos estavam entreabertas, com uma luz suave passando.

Para sua surpresa, ele encontrou Brynn sentada ainda totalmente vestida, como se estivesse de fato esperando por ele.

Quando Lucian a olhou por cima do livro, os olhos dela encontraram os dele, provocando a mesma excitação de sempre. Ainda que o brilho esmeralda estivesse mais tranquilo do que o normal, o olhar preocupado dela era inquisidor.

– Acredito que as notícias não foram tão ruins – murmurou.

Aquela era a chance de aumentar a intimidade, Lucian sabia, mas hesitou, os instintos em guerra contra a ânsia.

Por outro lado, se Brynn entendesse as razões de seu humor sombrio e sua necessidade de se afastar, provavelmente ficaria mais aberta a ele. Já havia suavizado um pouco sua atitude, Lucian podia sentir. Mas ele não poderia ignorar totalmente a possibilidade de que ela pudesse estar envolvida nas atividades ilegais do irmão. Se fosse o caso, ele poderia correr um risco muito perigoso ao revelar qualquer coisa. Dividir informação com o inimigo podia ser mortal.

Você é o inimigo, Brynn?

Mesmo assim, ele poderia sondá-la sobre seu conhecimento sem divulgar nenhum detalhe crucial.

– Ruins o suficiente – disse, mantendo o tom de voz.

Ele sentou-se na cadeira de frente para ela, alongando casualmente as pernas compridas.

– Um cargueiro de contrabando roubado foi recentemente traficado para a França.

– Contrabando? Os olhos dela se abriram educadamente, enquanto esperava uma explicação.

– Não é o tráfico normal do mercado negro, mas ouro que pertence ao governo britânico. Há alguns meses um bando de traficantes está roubando cargueiros de ouro e os transportando clandestinamente para a França.

– Por que a França? – Brynn franziu o cenho, parecendo genuinamente perplexa, Lucian notou com interesse.

– Porque Boney precisa do ouro para financiar seu exército. O dinheiro francês está muito desvalorizado há anos. Esses ladrões são muito irritantes. Eles não só tiram do nosso governo o ouro necessário para pagar nossas tropas e aliados, que é vital para o esforço de guerra britânica, mas Boney também o usa para financiar suas chacinas.

Ela digeriu a informação em silêncio.

– Essa rede de tráfico é especialmente perigosa. Eles não hesitam em matar para conseguir o que querem. Você cresceu na Cornualha, certamente deve estar familiarizada com o comércio livre.

– Um pouco. A maioria das famílias lá está envolvida em alguma coisa. É um modo de vida.

– Bem, não temos boas pistas dos criminosos nem de seu líder. Talvez seu irmão possa me dar dicas de como proceder com a busca.

– Meu irmão? – perguntou com cautela.

– O senhor Grayson parece entender disso. Talvez ele saiba de alguma coisa que poderia nos levar a prender os traficantes de ouro.

Ao ver sua expressão assustada, Lucian sorriu.

– Não estou interessado em acabar com os meios de sustento de seus amigos da Cornualha, Brynn, só em manter o ouro longe das mãos francesas. Se tivermos esperanças de acabar com a chacina e dar um fim à guerra, esses traficantes devem ser impedidos.

Ela de repente pareceu perturbada, até distraída. Lucian sentiu um peso que afundava em seu coração.

– Não sei se Gray poderia ajudar, mas suponho que não faria mal perguntar.

Lucian forçou um sorriso. A resposta dela não foi o que ele esperava – que ela pudesse negar qualquer conhecimento sobre as atividades do irmão. Levantando-se, ele passou por ela, se abaixou e pressionou os lábios contra a testa dela.

– Durma bem, minha querida.

Com a guarda baixa, Brynn olhou para ele. Aquele havia sido um gesto terno, como se houvesse afeição real entre eles.

– Você não vai ficar? – perguntou.

– Está me convidando a ficar?

Seus olhares se cruzaram. Um longo momento se passou enquanto ele a estudava. Brynn desviou o olhar, desconfortável com o escrutínio penetrante.

– Bem, então acho que é melhor reunir toda minha força de vontade.

Quando ela não respondeu, ele a tocou no rosto com a junta dos dedos.

– Não se preocupe, querida, vou esperar por um convite. Não vou sufocá-la com minhas atenções se você não quiser.

– Faça como achar que deve – sua voz era baixa.

– Ah, é? – perguntou com doçura.

Brynn o observou se afastar ainda surpresa e muito desapontada que não tivesse ficado.

Quando ele se foi, ela respirou com alívio, ainda que sua agitação interior não fosse causada somente pela masculinidade potente do marido. Dessa vez, Lucian lhe havia dado muito sobre o que pensar e levantado uma possibilidade perturbadora.

Ela sempre acreditou que Grayson contrabandeasse vinho, conhaque e seda. Nunca havia sonhado que estivesse envolvido em algo traiçoeiro como roubar ouro e entregá-lo ao inimigo. Brynn mordeu o lábio. Obviamente ela saberia se Gray estivesse envolvido em tal crime. Ele não conseguiria esconder o segredo. Mas não estava em casa fazia semanas.

E Gray esteve, *sim*, mais perturbado que o normal durante a última visita, até mais agitado. Brynn subitamente se lembrou das perguntas que o irmão havia feito. Seu interesse pela conexão de Lucian com o Ministério das Relações Exteriores, especialmente pelo trabalho como espião.

E o que haviam sido os comentários enigmáticos do marido naquela noite? Será que ele suspeitava de Grayson?

Uma ponta de medo passou por ela quando percebeu o possível perigo em que o irmão se encontrava.

Ela havia subestimado Lucian. Ele não era um nobre entediado tentando se fazer passar por herói. Depois de perder amigos próximos na guerra, ele estava motivado a impedir mais banhos de sangue, mesmo que isso pusesse em risco sua própria vida. As revelações daquela noite haviam lhe dado um novo respeito por ele. Mas ela também havia ganhado uma nova preocupação. Lucian era muito esperto, tinha uma inteligência intuitiva e estava determinado a encontrar os traficantes de ouro. Se suspeitasse de Grayson...

Outra ponta de medo a atravessou. Ele suspeitara de Gray o tempo todo? Teria sido ele o motivo da vinda de Lucian à Cornualha, em primeiro lugar? E ainda mais assustador: será que a havia cortejado só para se aproximar de seu irmão? Estaria usando-a daquela maneira assim como a estava usando para gerar um filho?

E mais uma coisa... o interesse desesperado de Gray pelo anel de selo de Lucian.

Seu fôlego ficou preso em sua garganta. Céus, Gray estaria realmente envolvido com a traição? E será que ela o tinha ajudado?

Era um pensamento horrível.

Brynn balançou a cabeça, apertando os lábios. Ela não tiraria conclusões precipitadas ainda, condenando o irmão sem ouvi-lo primeiro, mas ela teria um grande número de perguntas para fazer a ele quando escrevesse, e era a primeira coisa que faria na manhã seguinte.



Por um momento interminável, eles ficaram presos juntos em um contato fatal, esforçando-se para controlar o florete. Então, com um grito angustiado, Giles se virou, afastou-se e então se lançou com força total sobre Lucian, fazendo os dois se espatifarem sobre a mesa e dali para o chão.

Lutando para respirar, Lucian rolou para se livrar e se levantou, segurando firme a arma. No entanto, seu adversário ficou imóvel, gemendo, o sangue escorrendo de um ferimento mortal no peito.

Soltando a lâmina ruidosamente, Lucian caiu de joelhos ao lado do moribundo, embalando sua cabeça.

– Giles... – ele sussurrou, dilacerado pela agonia.

– Perdoe-me, Luce... É melhor assim... Por favor... não diga...

Suas últimas palavras ficaram perdidas em um violento ataque de tosse enquanto o sangue brotava de sua garganta.

– Não...!

O choro rouco a acordou. Brynn sentou-se na cama, o coração disparado. O quarto estava escuro, cheio de um silêncio desconfortável.

Quando ouviu outro gemido de dor vindo de trás da porta da sala de estar, rapidamente acendeu uma vela e caminhou com cautela até os aposentos de Lucian. Ele estava deitado, dormindo na cama com dossel, revirando a cabeça inquieta no travesseiro. Seu corpo estava praticamente nu, os lençóis de linho mal cobriam seus órgãos.

Ele gemeu outra vez, um som angustiado que apertou seu coração. Debruçando-se sobre ele, Brynn colocou uma mão gentilmente em seu braço e percebeu que estava coberto de suor frio.

Ao seu toque, ele acordou abruptamente, olhando para ela com selvageria no olhar. Então a mão dele disparou, agarrando-lhe o pulso com uma violência inesperada.

Assustada, ela tentou se afastar.

– Eu sinto muito... Você estava tendo um pesadelo.

A luz selvagem desapareceu aos poucos de seus olhos.

– O mesmo pesadelo – Lucian disse com voz rouca. – Eu o matei...

Ela sabia exatamente qual tinha sido o sonho, mas se absteve de admitir que teve as mesmas visões sombrias. Lucian não tinha acreditado quando ela confessou compartilhar de seus sonhos, nem ela gostaria de lembrá-lo de seus poderes de bruxaria.

– Você está bem? – Brynn perguntou quando ele estremeceu.

Lentamente, ele se apoiou em um cotovelo, passando a mão pelo rosto.

– Sim.

– Bem, então... – Ela começou a se afastar, mas ele a deteve com um apelo abrupto.

– Não vá... por favor.

Brynn hesitou. Ela estava descalça, vestindo a reveladora camisola de cambraia, o cabelo caindo selvagem pelas costas. No entanto, a atenção de Lucian não estava, obviamente, na sedução ou assuntos carnavais, pois ele olhava cegamente para as sombras do quarto, e não examinando seus trajes escassos.

Com cautela, ela colocou a vela na mesa de cabeceira. Não podia simplesmente abandoná-lo se precisava de conforto, mesmo sabendo do perigo de permanecer tão

próxima.

– Quer me falar sobre isso? – ela perguntou. – Theo costumava ser assombrado por pesadelos, e falar sobre eles parecia ajudar a aliviar o medo.

O olhar de Lucian procurou seu rosto atentamente, antes de se desviar.

– Você não quer ouvir algo tão feio – sua voz era baixa e tensa.

Ela subiu na beira da cama, mantendo a maior distância possível entre eles.

– Quero, Lucian. Isso obviamente o incomoda muito.

Um longo momento se passou antes que ele respondesse.

– Eu matei um homem. Alguém que considerava um amigo.

– Giles? – Quando seu olhar foi até seu rosto, Brynn mentiu. – Você gritou o nome dele em seu sono.

Lucian olhou para ela.

– Sim, Giles – ele disse finalmente, com a voz rouca.

Brynn sentiu o desespero dele.

– Mas você não o matou a sangue frio.

– Não, não foi a sangue frio. Ele era um traidor... – Houve outra longa pausa. Diante das emoções conflitantes no rosto de Lucian, ela soube que ele estava debatendo internamente sobre o quanto revelar a ela.

– O que aconteceu? – ela o encorajou delicadamente.

Ele suspirou.

– Na primavera passada, quando eu estava na França procurando March, descobri uma trama. Meu amigo Giles estava fazendo acordos com os franceses, segredos de venda. Divulgando a identidade de nossos agentes. Quando confrontado, ele me implorou para não o expor.

As feições de Lucian se contorceram de angústia.

– Eu não podia deixá-lo sair livre, não quando vários de nossos homens tinham morrido por causa de sua traição. Giles era como uma raposa encurralada. Ele puxou uma espada e me atacou... eu consegui me defender, mas ele... eu o matei com a sua própria lâmina – Lucian olhou para suas mãos. – Eu continuo vendo seu sangue em minhas mãos – disse com uma voz tão baixa que era quase um sussurro.

Lucian se recostou, fechando os olhos. Brynn podia ver a dor marcada em seu rosto. Ansiava por lhe oferecer conforto, por aliviar a escuridão e o desespero que ele a tinha deixado vislumbrar.

Ela estendeu a mão timidamente, tocou o cabelo encaracolado, sentindo a textura suave e sedosa sob seus dedos. Para seu espanto, Lucian estendeu o braço e puxou-a para si, segurando-a contra seu corpo com tanta força que seu batimento cardíaco reverberou através dela.

Por um longo momento, Brynn ficou paralisada no abraço desesperado. Ela poderia ter consolado uma criança da mesma forma, só que ali não se sentia nada maternal. O calor do corpo firme de Lucian foi despertando, a pressão íntima deixando-a sem fôlego. Queria se afastar, mas ele ainda precisava do conforto que ela podia lhe dar. Depois de um momento ela deixou os braços deslizarem e envolvê-lo. Ele respondeu afundando o rosto em seu pescoço, como se estivesse desesperado.

Com relutância, ela o manteve assim por um longo tempo, uma tempestade de emoções agitando-se silenciosamente dentro dela.

– Você está horrorizada – ele murmurou.

– Não... não – ela respondeu com mais firmeza. – Você não tinha escolha.

– É verdade.

– Ela sentiu a fúria de Lucian nessa única palavra dita.

– Giles não me deixou escolha. Assim como ele sentiu que não tinha escolha. Ele estava sendo chantageado por suas... propensões sexuais. Para esconder sua vergonha, deixou-se ser levado para um crime muito pior.

– Traição.

Lucian soltou a respiração em um suspiro rouco.

– Alguém está recrutando jovens, um nobre mais provavelmente, envolvendo-os em traição do país por meio de suborno ou chantagem. O que eu não daria para fazê-lo pagar...

Ela sentiu a mão de Lucian em seu cabelo.

– Então Giles foi tomado pelo desespero?

– Sim. No final, ele estava de joelhos diante de mim, soluçando. Quando ele atacou, fui pego desarmado. Até hoje não sei se ele realmente queria me matar ou se queria que eu desse fim ao seu tormento. Eu escondi sua traição do mundo como pude. Espalhei a história de que ele morreu na estrada, tomado de assalto por bandidos. Mas eu desejava, por Deus, que o resultado pudesse ter sido diferente.

– Você não pode se culpar, Lucian – ela disse calmamente.

Ele deu uma risada abafada e sem graça.

– Racionalmente eu sei disso. Mas meus pesadelos não parecem entender a lógica – ele fez uma pausa. – Às vezes eu vejo minha própria morte.

– Sua morte?

Ela o sentiu estremecer.

– Minhas mãos estão cobertas com o sangue de Giles, e então ele se torna o meu próprio sangue. Estou morrendo. Eu mereço morrer, porque o matei.

– Lucian... você não teve escolha. Você precisa se perdoar.

– Acredite, eu tentei... – a voz dele se tornou um sussurro rouco. – Nunca imaginei que meu encontro com a morte me afetasse tão profundamente, mas isso de alguma forma me modificou... Acredito que seja porque pela primeira vez me dei conta de que na verdade sou mortal. Eu me vejo morrendo, sem deixar nada na vida. Sem legado. Sem herdeiros.

Brynn sentiu sua respiração ofegar quando finalmente entendeu.

– É por isso que você quer tanto um herdeiro.

Ele se afastou, capturando seu olhar, intenso e sombrio.

– Sim, eu gostaria de deixar algo para trás, então minha vida não teria sido em vão.

Ela devolveu o olhar com tristeza, lamentando a ternura que subitamente sentia por ele. Essa rara vulnerabilidade a tinha tocado mais que qualquer charme sedutor poderia fazer.

– Lucian... – ela murmurou, incerta de que deveria encorajar essa discussão íntima ou revelar seus próprios segredos. Devia explicar que tinha entendido? Que sentia os mesmos medos? Que sempre teve medo de morrer sozinha, sem amor, por causa da maldição?

O abraço forte dele se afrouxou. Afastando-se levemente, ele pegou uma mecha de cabelo de seu peito e a esfregou entre seus dedos.

– Foi arrogante de minha parte pensar que você poderia querer me dar um filho. Não é uma surpresa que tenha recusado o meu pedido.

Brynn fechou os olhos, desejando poder expulsar a súbita torrente de emoções que cresciam dentro dela.

– Talvez tenha sido arrogante – ela disse afinal – que você tenha pensado em me

comprar como sua reprodutora. Mas a perspectiva de lhe dar um filho não foi o motivo por que me opus a você. Eu simplesmente não queria um marido.

O olhar dele procurou o rosto dela.

– Você não considera repugnante ter um filho meu?

– Não. Eu não me importaria de ter um filho, de jeito nenhum... embora... eu suponha que minhas razões sejam egoístas.

– Como ter um filho pode ser egoísta?

Brynn olhou para longe, lutando contra suas próprias apreensões. A noite calma parecia uma boa hora para compartilhar segredos. Revelações do coração vinham de modo mais fácil no escuro, com apenas o brilho da vela para iluminar a intensidade da expressão de Lucian. Mas confidências seriam menos perigosas se não fosse preciso encontrar seu olhar íntimo e penetrante.

– Um filho acalmaria a solidão – disse finalmente.

– Solidão? – ele perguntou gentilmente.

– A solidão em que sempre vivi. Não acho que você possa entender.

Ele colocou um dedo sob o maxilar dela, forçando-a a olhar para ele.

– Eu entendo de solidão, Brynn.

– Entende? – ela olhou com dúvida. – Como alguém que levou uma vida tão privilegiada pode saber o que é solidão? Você tem incontáveis amigos.

– Não amigos íntimos. Estar cercado de bajuladores não conta. Posso contar nos dedos de uma mão as pessoas que realmente importam para mim. Eu me senti solitário a maior parte de minha vida.

Ela olhou para baixo.

– Ainda assim não é a mesma coisa. Você pode escolher as pessoas que ama. Eu tenho medo de me aproximar de qualquer homem, de sorrir ou falar ou oferecer amizade, por medo de matá-lo.

Lucian estendeu a mão para acariciar seu rosto com o dedo indicador. Brynn estremeceu diante da gentileza, considerando a intimidade desse momento extremamente dolorosa. Até conhecer Lucian, ela nunca tinha compartilhado seu segredo mais profundo com ninguém, nem mesmo com sua família. Apenas sua mãe teria entendido a profundidade da angústia que a maldição tinha lhe causado: o medo de destruir alguém que amava.

– Brynn... – a voz dele diminuiu. – Você me disse que eu deveria me perdoar pela morte de Giles. Bem, você vai ter de fazer o mesmo, se perdoar pela morte de James.

– É diferente.

– Claro que é. Você não tem o sangue dele nas mãos. Você não foi de nenhuma maneira responsável pelo seu afogamento.

Ela olhou para Lucian por um longo momento, lutando com os próprios demônios internos.

– Quanto à solidão... – ele disse finalmente, num sussurro aveludado. – Você não precisa mais se sentir sozinha. Podemos consolar um ao outro... afastar a solidão juntos.

Sua garganta estava apertada, impedindo-a de responder.

– Sei que este casamento não foi agradável para você – Lucian murmurou. – Também não é o que eu pretendia. Eu nunca deveria ter deixado você sozinha por tanto tempo. Fui imperdoavelmente frio... Preocupado com os meus próprios desejos, minhas próprias necessidades. – Ele riu baixo. – Não é muito egoísmo?

Engolindo com dificuldade, Brynn balançou a cabeça.

– Isso não foi egoísmo. Você queria um filho.
– Mas eu poderia ter tido mais consideração com a sua felicidade. Sinto muito, Brynn, pela maneira como tratei você. Quero que você seja feliz... Ou, se não feliz, pelo menos contente.

O pedido de desculpas desafiou sua determinação de resistir. Quando Lucian roçou o lábio inferior dela com o polegar, sua respiração vacilou.

– Nós tivemos um começo bem ruim, Brynn, mas não é tarde demais para começar de novo, não é? Nossa união pode ser mais do que um arranjo a sangue frio. Poderíamos ter um casamento de verdade, em vez de um campo de batalha. Eu poderia ser seu marido de verdade.

Um calor se espalhou por ela, fazendo surgir um nó dolorido em seu estômago.

– Não, Lucian. Você está ignorando o perigo da maldição. Nós não podemos ter um casamento real. Se eu vier a gostar de você, você morrerá.

A boca sedutora dele se torceu.

– Não acredito nisso, meu amor.

– Lucian...

Os dedos dele pressionaram seus lábios, silenciando-a.

– Estou disposto a arriscar. Maldição ou não, eu cansei de brigar com você.

Ele deu-lhe um sorriso de partir o coração, e Brynn sentiu-se derreter por dentro.

Seu olhar descia pela bela boca para o peito nu, o músculo ondulando à luz das velas.

Como poderia resistir a esse rosto elegantemente cinzelado, e àquele corpo gracioso, magro e rígido? Como poderia resistir à ternura dele? Como ela poderia *não* resistir?

Ela podia sentir que estava perigosamente amolecendo com relação a Lucian. Esse lado vulnerável e doce dele era tão sedutor. Era muito fácil gostar dele, muito difícil de resistir ao seu charme masculino. Seu coração era muito suscetível. Se ela baixasse a guarda, poderia ir longe demais...

O polegar dele acariciou lentamente seu lábio, aumentando sua confusão.

– Pare de discutir comigo, Brynn...

Ela sentiu o toque como uma chama, seus sentidos tinham se tornado tão dolorosamente aguçados. Em desespero, Brynn olhou para a porta que separava seus apartamentos, contemplando uma fuga.

Ela ouviu o suspiro de Lucian, como se tivesse percebido que tinha ido longe demais.

– Não precisa decidir agora, meu amor. Não vou pressioná-la.

Grata, Brynn começou a se sentar, com a intenção de voltar para seu próprio quarto, mas Lucian colocou uma mão suplicante em seu braço.

– Por favor... não vá. Fique comigo esta noite. Ajude-me a manter os pesadelos sob controle.

Ela o olhou desesperada, lutando com sua consciência. Ela não podia correr o risco de ficar, mas também não queria que ele sofresse com os terríveis pesadelos.

– Não vou atacar você, eu prometo. – Seu meio sorriso era melancólico, um pouco zombeteiro. – Ainda que ter você na minha cama sem tocá-la provavelmente vá ser um tormento. – Quando ela continuou hesitando, a voz dele se tornou um sussurro áspero. – Fique comigo, só por hoje. Eu preciso de você, Brynn.

Com o coração se contorcendo pelo pedido dele, ela se deitou de novo. Ele se inclinou sobre ela para apagar a vela, e a escuridão imediatamente os envolveu. Brynn ficou tensa quando ele puxou o lençol sobre os dois, mas, diante da insistência silenciosa de

Lucian, ela se virou, dando-lhe as costas. Ficou lá deitada, imóvel, desejando que suas defesas se mantivessem fortes, mesmo quando o calor do corpo nu aqueceu seu corpo tenso.

– Doce – ele murmurou, esfregando o rosto no cabelo dela.

Finalmente, ela sentiu Lucian relaxar, sentiu sua respiração se tornar suave e uniforme. Então, percebeu que ele tinha caído no sono abraçado a ela.

No entanto, foi um longo, longo momento, até Brynn começar a sentir a tensão escorrer de seu próprio corpo. A noite foi tranquila, a escuridão, profundamente sensual – e, ainda assim, ela não conseguiu dormir. Foi dolorosamente excitante entregar-se a essa proximidade com Lucian, ouvir sua respiração tranquila, o seu calor e a firmeza em suas costas. A intimidade física só intensificou sua confusão interna.

Seu coração sentiu-se dilacerado pela saudade. A proposta de Lucian era tão tentadora. Ele estava oferecendo-lhe algo mais profundo do que o pacto frio em que tinham entrado. Um novo começo para o seu relacionamento. Um casamento real. Um fim à solidão.

Mas a que preço? A vida dele? Como ousaria aceitar? Ficaria arrasada se Lucian morresse. Nunca poderia suportar o desgosto, a culpa. Ela já tinha começado a se importar demais com ele...

Brynn fechou os olhos com força. Até agora tinha conseguido resistir ao seu poderoso magnetismo. Irritada e magoada com a própria prepotência e o próprio descuido, ela intencionalmente alimentou seus sentimentos mais escuros para proteger-se da atração, para proteger Lucian do perigo. E, na verdade, nada mudou.

Um sentimento agudo de desespero percorreu Brynn. Ela não tinha o direito de se deixar aceitar aquela oferta de um relacionamento mais profundo. Desejos do coração não tinham lugar em sua vida. Era uma tola por estar febrilmente ansiando pela promessa ilusória do amor.

E, no entanto, como poderia negar a fome que ele despertou? A mão dele deslizou para cima, aninhando-se em seu seio, provocando-a mesmo enquanto ele dormia. Um pequeno gemido surgiu do lugar mais profundo na garganta de Brynn, e ela se revirou inquieta, o corpo desejando sua força e seu calor.

Afastando-se um pouco, ela se virou, observando Lucian dormindo à luz fraca do luar. Sua beleza masculina era tão atraente, ainda mais com a sombra da barba escurecendo sua mandíbula. Brynn desejou tocar e acariciar o rosto dele, sentir a textura áspera, tão diferente de sua própria suavidade. Ansiava para se aninhar ainda mais, parar de lutar contra a paixão que Lucian despertou dentro dela, e render-se ao seu fascínio tentador...

Um sentimento dolorido de tristeza a preencheu quando ela reconheceu o desespero de seus anseios. Não tinha escolha a não ser recusar a oferta de um casamento real. Talvez eles pudessem de fato acabar com a dança turbulenta de raiva e rebeldia que caracterizou a sua união desde o início, e ela ficaria muito grata por isso. Mas não podia permitir que nenhum sentimento mais profundo se desenvolvesse. Para ela, o amor teria de continuar a ser um sonho não realizado. Tinha que manter distância dele, pelo menos emocionalmente.

No entanto, seria muito mais fácil se pudesse se manter afastada fisicamente também. Se pudessem viver vidas separadas...

Brynn estava respirando com dificuldade, esforçando-se para enterrar o emaranhado de emoções indesejadas que estavam atadas dentro dela. Lucian tinha prometido deixá-la sozinha se ela concebesse um filho. Ela poderia cobrar sua palavra, mas primeiro teria de gerar o filho que ele tanto queria. Só quando tivesse seu herdeiro, ele estaria satisfeito o

suficiente para deixá-la seguir seu próprio caminho.

Ela poderia fazer a sua fuga, então. Poderia exigir que ele honrasse a sua promessa.

E se ele quisesse mais do que ela ousava dar? Então, teria de mandá-lo embora.

Seus próprios sentimentos não importavam, ela precisava protegê-lo.

Renovando sua determinação, Brynn fechou os olhos. Adormeceu por um tempo, mas a estranheza de dormir em um quarto desconhecido, ao lado do homem que era seu marido, manteve seu sono inquieto.

Os primeiros raios do alvorecer entravam pelas cortinas de brocado quando ela despertou. Ela ficou lá, entregue ao prazer culpado de observar Lucian, estudando os planos e ângulos esculpidos de seu rosto bonito.

Ainda era cedo quando ele acordou e se mexeu. Seus olhos se abriram de repente, fixando-se nela com um sobressalto. Então, ao reconhecê-la, abriu um sorriso lento.

– Está olhando por mim, anjo da guarda? – ele perguntou com voz rouca.

Envergonhada por ter sido flagrada, Brynn corou e se sentou, dando-lhe as costas. Isso já seria bastante difícil sem ter de enfrentá-lo diretamente.

– Obrigado por ficar comigo, meu amor. Todos os meus sonhos foram agradáveis.

Brynn sentiu a mão dele tocando suas costas levemente e fez uma careta. Segurando o lençol sobre o peito, levantou os joelhos, preparando-se para o que teria de dizer.

– Andei pensando sobre sua oferta, Lucian – ela começou, em voz baixa.

Houve um breve silêncio.

– E então?

– E concordo que seria bom parar de brigar, mas... Prefiro me ater aos termos originais do nosso acordo. Você prometeu que ia me deixar em paz se eu lhe desse um herdeiro.

– Eu disse, sim. Mas achei que, talvez, as nossas circunstâncias tivessem mudado. – Seus dedos estavam quentes em suas costas, distraíndo-a.

– Não é verdade – Brynn virou-se para olhar para ele – Eu nunca quis este casamento, e nada ocorreu para me convencer do contrário.

Ela olhava para o rosto dele e viu a decepção antes de uma máscara cair sobre seus olhos.

– Você disse que a escolha era minha – ela lembrou.

– Sim, eu disse – ele respondeu calmamente.

– Bem, eu gostaria de manter o nosso relacionamento estritamente comercial.

– Porque você tem medo da maldição.

– Principalmente.

Lucian a estudou por um momento.

– Você percebe que para conceber – disse ele finalmente – vamos ter de retomar as relações carnavais?

– Sim, eu sei disso. E pretendo fazer a minha parte. Vou me submeter a você sempre que você desejar.

– Não é submissão que eu quero, meu amor – ele murmurou. – Eu quero você quente e se contorcendo em meus braços, como da última vez. Você se lembra de como estava selvagem na carruagem, Brynn?

Ela sentiu-se corar.

– Você vai ter de se contentar com a submissão.

– Não acredito que isso seja possível agora.

Brynn deu-lhe um olhar de interrogação.

– Por que não?
– Porque o pensamento de me colocar à força sobre você para fazê-la engravidar tornou-se extremamente desagradável para mim.
– Você não estaria me obrigando. Eu disse, eu estou disposta a dar um filho a você.
– Temo que isso não seja bom o bastante, Brynn. Você está sugerindo, com efeito, que eu aja como um garanhão. Mas, se serve de consolo, vou ter de estar excitado o suficiente para agir. E sua relutância é o caminho mais certo para matar meu interesse. – Sua boca se virou ironicamente. – Infelizmente, meu amor, você não pode conceber sem a minha plena participação.

Brynn olhou para a boca dele. Ela se lembrava da sensação e do gosto dele na boca dela.

– Eu não seria relutante – ela assegurou-lhe em voz baixa.
– Você vai ter de me convencer. – Quando ela levantou o olhar, ele explicou. – Eu avisei, eu não vou tomá-la à força novamente. Você vai ter de tomar a iniciativa.
– O que você quer dizer com tomar a iniciativa?
– Se quiser que eu faça amor com você, vai ter de dar o primeiro passo. Vai ter de me excitar, sereia, e não o contrário.

Seu coração se acelerou com a ideia de despertar Lucian à paixão, e o seu rosto corou.

– Tenho certeza de que eu não saberia por onde começar.
– Eu estou disposto a ensinar você – Lucian fez uma pausa, observando-a – Talvez fosse melhor começar.

Os olhos dela se arregalaram.

– Você quer fazer amor *agora*?
– Consegue pensar em um momento melhor? – Ele deu um lampejo de sorriso. – Se eu vou engravidá-la, precisamos fazer amor com frequência, para melhorar a probabilidade de minha semente criar raízes.

Brynn ficou totalmente muda.

– Muito bem – disse Lucian, segurando o lençol como se estivesse se preparando para sair da cama. – A escolha é sua.

– Não, espere! – Brynn olhou para ele, os olhares fixos um no outro – O que eu preciso fazer?



Ele inclinou a cabeça para o lado, contemplando-a com um olhar terno e divertido.

– Você realmente precisa que eu lhe diga o que fazer? A lendária sereia que pode inflamar um homem com apenas um piscar de olhos?

Brynn corou, relutante em iniciar o ato de amor como Lucian exigia. Seria muito libertino, e ela passou a maior parte da vida reprimindo qualquer vestígio de libertinagem.

– Você poderia começar tirando a camisola – sugeriu amavelmente. – É muito excitante para um homem ver o corpo de uma mulher bonita.

Em todas essas semanas de casamento, ela nunca tinha se despidido totalmente para ele.

– Estamos em plena luz do dia – Brynn murmurou em protesto.

– Está quase amanhecendo. E fazer amor a qualquer hora do dia ou da noite vai nos ajudar a alcançar nosso objetivo. Agora venha, amor – Lucian incentivou quando ela hesitou. – A noiva não pode ser tímida para sempre. Você vai ter de se livrar de algumas de suas inibições se quiser me manter interessado.

Reunindo coragem, Brynn tirou a camisola, deixando-a cair no chão. O olhar dele se fixou em seus seios, fazendo sua garganta secar.

– Assim é melhor – ele murmurou, seus olhos percorrendo os mamilos intumescidos e então descendo até os cachos escuros entre as coxas.

– Agora, então... Pelo que entendi, você ia me excitar.

Ela olhou para os lençóis, que mal lhe cobriam os órgãos. O grande volume sob eles claramente evidenciava o tamanho enorme da ereção.

– Eu diria que você já está excitado o suficiente.

Ele deu um sorriso tão tentador quanto o próprio pecado.

– Não o suficiente – com um impulso casual da perna, empurrou o lençol para o lado, expondo o magnífico corpo.

Brynn se sentiu perder o fôlego com a visão. Ele era lindo, ágil e forte, e seu membro já estava obscuramente volumoso. O comprimento inchado e grosso chegava quase até o umbigo.

Em seguida, ele colocou as mãos atrás da cabeça, entrelaçando-as na nuca.

– Eu estou esperando, mulher.

A atitude descarada sobre sua nudez ainda a perturbava, mas era o calor que ele despertava que Brynn lamentava.

– Você não pretende me ajudar?

– Nem um pouco. Tenho a intenção de permanecer perfeitamente imóvel e deixar que você me torture.

Seu rubor se aprofundou.

– Você não espera que eu me comporte como uma vadia.

– Espero, meu amor. Sou seu marido, lembra-se? Você não precisa ser tímida comigo. Você já viu e sentiu meu pau antes. Você já o teve dentro de você, dando-lhe prazer.

Brynn sentiu o espasmo dos músculos dentro dela com o pensamento de ter aquele volume duro dentro de si novamente, dando-lhe prazer. No entanto, não conseguiu se mover.

– Quer que eu mostre? – ele finalmente perguntou.

– Sim – ela sussurrou.

Ele estendeu a mão e se tocou.

– Veja o que estou fazendo, Brynn. – Ele segurou o membro rígido em sua mão, curvando os dedos em torno da base, acariciando lentamente o eixo enorme, hipnotizando-a com sua ousadia. Seu olhar ficou fascinado quando ele moveu a mão mais para baixo, envolvendo os testículos inchados, o que fez sua ereção se repuxar e apertar contra a virilha.

A voz de Lucian estava um pouco rouca quando falou:

– Agora é a sua vez. Toque-me assim. Você consegue me excitar com a menor carícia.

Respirando fundo, ela colocou a mão na coxa de Lucian. Era dura como uma rocha ao toque, coberta de pelos sedosos.

– Ainda não sei ao certo o que fazer...

– Use seus instintos. Você está totalmente no comando.

Aquele homem elegante e bonito era seu marido. Tinha o direito de tocá-lo. De fato, o dever. Ela o tocou.

Lucian ficou tenso quando os dedos dela envolveram sua carne rígida. Brynn teve uma estranha sensação de triunfo quando o eixo grosso cresceu em sua mão, quente, duro e pulsando cheio de vida. Ela o explorou com o toque por um momento, antes que Lucian lhe pedisse uma ousadia maior.

– Use a sua boca, meu amor. Prove-me.

Brynn se inclinou para ele, hesitante, enquanto o tocava com a língua. Ele era quente, macio e tão fascinante. Sentiu o perfume do almíscar quente da excitação dele.

– Você é tão sedoso... e misterioso – ela sussurrou.

O som primal de sua garganta podia ter sido uma risada ou um gemido.

– Você pode investigar o mistério pelo tempo que quiser, meu anjo.

Cheia de inseguranças, ela deixou os lábios deslizarem sobre a cabeça inchada. Lucian soltou um gemido e fechou os olhos. Criando coragem, tomou mais dele na boca, sugando-o suavemente enquanto seus dedos acariciavam os testículos pesados. Poderia ter continuado ali por algum tempo, mas, de repente, ele se afastou e mergulhou a mão em seus cabelos.

– É melhor você parar – disse com a voz rouca – antes que eu me satisfaça na sua boca.

Brynn sentiu outra onda de triunfo ao perceber que Lucian não era tão confiante como pretendia. Mas, até aí, ela também não era. Sua pele estava febril, seu corpo querendo estar mais perto dele. Quando Lucian a colocou sobre ele, Brynn aceitou de bom grado, quase se derretendo quando ele pegou seu seio com a boca.

Quando ele chupou seu mamilo trêmulo, Brynn deu um suspiro e se arqueou para ele.

– Acho que estou excitado o suficiente. E você?

– Sim – ela ofegava. Estava incrivelmente excitada. A dor entre as coxas era um pulsar de fogo, enquanto os mamilos enrijeceram tornando-se botões duros cor de carmim.

– Não lute contra isso então. Venha aqui e me deixe provar você.

Ele segurou seus quadris quase levantando-a, fazendo as coxas dela montarem seus ombros.

– Mais perto, Brynn.

Ela estremeceu com a demanda violenta em sua voz.

Puxando-a mais para perto, ele levantou a cabeça para depositar um beijo quente no cume macio. Brynn sentiu um raio de fogo líquido atravessá-la.

Ela agarrou os cabelos enquanto a língua de Lucian deliberadamente mergulhava em sua fenda pulsante. A sensação incendiária da boca dele deixou-a atordoada. Dolorida de prazer, ela tentou se afastar, mas Lucian não permitiu. Ele tinha assumido o controle de uma forma selvagem e emocionante e não seria interrompido.

Agarrando seus quadris com as duas mãos para imobilizá-la, ele provou, e mordiscou, e lambeu, deslizando a língua áspera e comprida para cima e para baixo nas dobras inchadas, acariciando o botão inchado de sua feminilidade. Um prazer intenso disparava através dela como lanças de fogo, e o calor branco a queimava.

Brynn arfava, contorcendo-se sem descanso contra a carícia incessante da língua. Estava quente e febril... e de repente não conseguiu mais ficar parada. Ela arqueou e explodiu em um clímax trêmulo, esfregando a púbis contra a boca ardente e ansiosa dele.

Ainda estava gemendo impotente enquanto as ondas selvagens se extinguíam, mas antes que desfalecesse nos braços de Lucian, ele a levou até seu pênis inchado. Rangendo os dentes, ele se colocou com urgência dentro dela, forçando-a a outro acesso feroz até que ela experimentasse uma sensação brutal e deliciosa. Em poucos momentos, ela começou a se contorcer novamente. Brynn avançou contra ele, quase soluçando, quando ele a penetrou ainda mais fundo. Logo, após ondas e mais ondas de êxtase terem agitado o corpo trêmulo da mulher, Lucian finalmente diminuiu o ritmo e buscou o próprio clímax furioso.

Brynn desabou fraca sobre o peito dele. Estava atordoada, seu cabelo caía selvagem ao redor deles, a respiração irregular de Lucian soava áspera em seu ouvido, e o gosto dele ainda persistia em seus lábios.

– Isso foi bastante adequado para o seu primeiro esforço, minha esposa – murmurou com ironia –, mas vai ter de fazer melhor que isso no futuro.

Uma simples nesga de riso afiou sua voz cansada de paixão, fazendo-a perceber que ele a estava provocando deliberadamente. No entanto, Brynn mal conseguia encontrar a energia para retrucar.

– Talvez tenha sido culpa da sua tutela, e não dos meus esforços.

– Talvez. Estou vendo que preciso ensinar-lhe outras maneiras de me excitar.

Ela levantou a cabeça do ombro nu.

– Existem outras maneiras?

A boca dele se curvou em um sorriso jovial.

– Sem dúvida. Há um sem-número de métodos.

– O que está errado com o que eu fiz?

– Não há nada de errado – na verdade, foi muito bom. Mas você não quer que eu fique entediado, quer? Se aprender a me manter satisfeito, é lógico que estarei mais disposto a atender às suas necessidades sexuais, e você vai ficar mais propensa a engravidar.

– Não é isso que você quer? Conceber uma criança para se livrar de mim?

Brynn olhou em seus tristes olhos azuis. Podia senti-lo inchado novamente dentro dela, enorme, quente e potente.

– Sim – ela mentiu. – É isso que eu quero.

– Bem... então, esposa – disse com voz rouca, puxando a boca dela para si. – É melhor passarmos para a próxima lição.

Lucian provou que falava bastante sério sobre exigir que Brynn tomasse a iniciativa

no ato amoroso. Insistia que ela viesse para a sua cama e não lhe permitia limitar as frequentes sessões apenas às horas escuras da noite.

Ele também cumpriu a promessa de ensiná-la a excitá-lo, mostrando como se mover, como acariciar, como dar prazer. Brynn às vezes ficava chocada com as intimidades que ele sugeria, mas só era preciso persuadi-la com seu charme irresistível, e o corpo dela derretia ao seu toque. Ela era impotente diante dessa sensualidade irresistível e do magnetismo primitivo. Assim, também a aliviava desenvolver suas próprias armas de defesa para usar nas batalhas eróticas.

Brynn sempre teve o poder de incitar o desejo masculino, mas sob a tutela de Lucian desenvolveu as habilidades necessárias para levar um homem à loucura de propósito. Sua recém-descoberta maestria funcionou também em Lucian, cujo gosto lendário tornou-se experiente e profundamente exigente.

Poucos dias depois de iniciar suas aulas, ela foi capaz de demonstrar como a extensão de seus poderes tinha se ampliado. Deitados na cama dele, sobre o marido, Brynn preguiçosamente distribuía beijos ao longo do peito nu, na barriga lisa e dura, na ereção grossa. Quando ela finalmente o levou à boca, Lucian tremia como um garanhão. Momentos depois, cerrou os dentes e se afastou com um gemido.

– O que foi? – ela perguntou curiosa, embora não sentisse qualquer preocupação real.

– Você sabe muito bem o que foi, minha esposa. Suportar seu tormento é uma agonia.

Brynn sorriu, triunfante por saber que aquele homem tremia por ela. Deliberadamente, colocou as mãos em seu torso e passou a língua ao longo do sexo latejante, provocando a cabeça sensível.

– Por favor, diga como eu o atormento?

Tomando-a de surpresa, Lucian rolou sobre ela, imobilizando-a rapidamente sob seu corpo. Com os olhos escuros de desejo, ele a encarou com uma seriedade inesperada.

– Seu próprio distanciamento, meu amor. Mesmo quando você está provocando em mim esse apetite selvagem, você se mantém distante. – Sua expressão se aprofundou quando afastou uma mecha de fogo da testa dela. – Você esconde sua paixão por trás de uma frieza deliberada, o que só faz um homem arder mais e mais por você.

Brynn forçou um sorriso, nem um pouco convencida de que sua tentativa de frieza tinha sido bem-sucedida.

– Não é isso que eu deveria estar aprendendo? Como fazer você arder por mim?

– Sim, inferno. E é bastante eficaz – murmurou contra seus lábios.

Puxando-o para si, ela se rendeu ao seu beijo, ansiosa para distraí-lo da investigação. Ela de fato estava lutando desesperadamente para reprimir qualquer emoção, qualquer sentimento por Lucian, e, ainda assim, manter um distanciamento rigoroso, estava se provando lamentavelmente árduo.

Fazer amor não era mais um dever de que ela se ressentia. Não era mais apenas um meio para alcançar seu objetivo de conceber um filho. Ela queria Lucian. Queria despertar seu apetite. Queria sentir o aumento quente de seu desejo, o tremor quente da carne dele entre suas coxas, movendo-se dentro dela. Ela tinha começado a desejar o toque dele com uma intensidade apavorante.

Se conseguia esconder sua resposta, era só devido a anos de prática, apresentando uma fachada fria para seus admiradores. Mas Lucian só precisava acariciá-la para fazer o sangue ferver por suas veias, preenchendo-a com um anseio ardente. Brynn tinha apenas

que vislumbrar a paixão ardendo nos olhos dele para sentir a paixão queimar profundamente dentro de seu próprio corpo em resposta. Podia sentir o encanto dele, atraindo-a cada vez mais, puxando as cordas do seu coração, empurrando-a na direção do inferno escuro de um dilema impossível.

A magnitude do perigo tornou-se ainda mais clara quinze dias depois, quando sua melhor amiga, Meredith, finalmente chegou a Londres com o marido, o visconde Audley, e o novo filho recém-nascido. Meredith se retirou da sociedade quando a gravidez se tornou óbvia, mas voltou a tempo para a temporada de eventos.

Para a filha de um duque, Meredith não era nada arrogante ou altiva. Tanto por seu caráter quanto por sua aparência, assemelhava-se a um alegre e lindo Cupido, com sua figura agradavelmente roliça, sua boca sorridente e seus curtos cachos dourados. Brynn visitou-a na primeira oportunidade e recebeu uma recepção calorosa. Depois de escutar o relato da gravidez de Meredith, subiram para admirar o bebê adormecido, Rupert, que despertou e começou a protestar.

– Posso segurá-lo? – perguntou Brynn.

– Claro. Mas não fique chateada se ele cuspir em seu vestido. Nem sei dizer quantos corpetes ele já arruinou.

– Não me importo. Theo sempre cuspiu em mim quando era bebê.

Brynn segurou o menino choroso em seus braços e imediatamente começou a niná-lo, recordando as infinitas horas que tinha passado acalmando seu irmão quando era bebê, depois da prematura morte de sua mãe no parto. Para a grande satisfação de Brynn, Rupert logo parou de se queixar e balbuciou abrindo um sorriso para ela.

Brynn fez uma careta, por não estar preparada para a doce e sensível pontada que sentiu no peito enquanto balançava a encantadora criatura, nem para os poderosos instintos maternos que despertava nela. Talvez sua reação fosse porque sentia saudade do irmão mais novo. Ou talvez porque a ideia de conceber o filho de Lucian tinha estado tão presente em sua mente durante os últimos tempos...

– Você devia se ver, Brynn – a amiga observou calmamente –, há um brilho em você.

Depositando um beijo carinhoso na testa de seda de Rupert, Brynn sorriu.

– Eu sempre quis ter um filho.

– Mas não um marido?

– Não, não um marido.

– Bem, o casamento, obviamente, fez bem a você.

Brynn não respondeu.

– Então, você nunca vai satisfazer a minha curiosidade? Eu nunca fiquei tão chocada em minha vida como quando recebi a carta me informando que havia se casado com Wycliff. Imagino que ele a tenha pedido em casamento por causa da maldição, mas pensei que você não tivesse a intenção de se casar. Estou simplesmente morrendo de curiosidade de saber como isso aconteceu. Especialmente porque ele era considerado um prêmio tão ilusório.

Brynn reprimiu um suspiro, sabendo que não podia evitar as perguntas objetivas da querida amiga, não importava quão íntimas fossem.

– Não tive muita escolha. A situação financeira de minha família tinha piorado terrivelmente. E lorde Wycliff se ofereceu para financiar a educação de Theo.

– Você está feliz, então? Não foi possível deduzir nada das suas cartas.

– Feliz? – Brynn ficou imóvel, consternada ao perceber que, nos últimos tempos,

seus sentimentos de fato beiravam a felicidade. Perigosamente.

– Estou bastante feliz – ela murmurou. – Pelo menos agora. As primeiras semanas foram... extremamente desagradáveis. Nós brigávamos o tempo todo. Lucian me comprou como uma reprodutora, e eu me ressentia de sua prepotência, tanto que temo ter me tornado uma megera. Nós dois estávamos infelizes.

– Mas está melhor agora?

Ela desviou o olhar.

– Nós não brigamos mais, felizmente. Chegamos a uma espécie de trégua.

– Bem, você não poderia esperar que dois estranhos convivessem em perfeita harmonia. E acho que você não iria achar o leito conjugal nada desagradável. Segundo dizem, Wycliff é um homem muito apaixonado, com toda a elegância e sofisticação. Não vai me dizer que os rumores são mentira?

Brynn sentiu-se corar.

– Não, não são.

– E é isso que a preocupa? – perguntou Meredith. – É natural que você seja influenciada pelo famoso charme dele. Wycliff nunca teve a menor dificuldade para conquistar os corações femininos. Mas há um perigo real, se você vier a se apaixonar por ele.

– Sim – Brynn concordou. Estava se tornando cada vez mais difícil combater a ameaça inesperada ao seu coração. Ela estava se tornando uma vítima da magia potente de Lucian, exatamente como temia. – Eu admito – disse ela, em voz baixa –, isso me assusta.

Meredith olhou para ela compreensiva.

– Então o que pretende fazer?

– Não sei – Brynn murmurou. – Não posso me deixar encantar demais por ele. É por isso que eu... nós fizemos um pacto. Lucian concordou que depois que eu lhe der um herdeiro, cada um pode seguir seu caminho.

A expressão de Meredith mostrou desânimo.

– Seguir seu caminho? Isso significa que você vai abrir mão de seu filho com ele?

Brynn sentiu seu coração dar um salto. Absurdamente, não tinha considerado o futuro distante, embora certamente devesse tê-lo feito. Lucian queria tanto ter um filho que ele nunca permitiria que ela ficasse com a criança se o deixasse.

– Você poderia suportar isso? – A amiga perguntou em voz baixa.

– Não sei ao certo se poderia. – A garganta de Brynn apertou.

– Bem – disse Meredith, com uma súbita vivacidade alegre –, não adianta colocar o carro na frente dos bois. E talvez até lá você tenha encontrado uma maneira de quebrar a maldição.

Brynn a encarou, atingida pela observação casual da amiga. Seria possível que a maldição pudesse ser quebrada?

– Talvez sim – ela murmurou lentamente, sem se atrever a criar esperanças.

Suas defesas, no entanto, sofreram outro golpe na semana seguinte. Brynn estava prestes a descer para o café da manhã, quando ouviu um barulho perturbador no andar de cima. Curiosa, subiu a escada de serviço e seguiu o estrondo até a água-furtada das criadas. Para seu desânimo, encontrou Meg, sua criada, de joelhos, soluçando, enquanto a governanta se inclinava sobre ela, ralhando com a moça assustada.

Ambas interromperam a discussão quando viram Brynn, mas quase imediatamente Meg explodiu num pranto renovado.

– Oh, minha senhora – implorou –, não deixe que ela me ponha para fora!

– Fique quieta, sua menina desavergonhada! – a senhora Poole ralhou.
– Qual é o problema? – Brynn perguntou friamente.
– Ela está grávida. – A governanta apontou para a barriga da empregada, acrescentando em tom revoltado. – Olhe para isso!

A camisola fina não fez nada para disfarçar o aumento na barriga da menina, enquanto um penico ao lado da cama desfeita atestava pelo menos um surto de enjoo matinal.

Com esforço, Brynn engoliu o choque. A doce e tímida Meg era a última pessoa que ela suspeitaria que teria um filho fora do casamento. Ela não tinha notado a condição da menina até agora, talvez porque estava tão envolvida em seus próprios assuntos.

– Eu a encontrei descansando na cama, doente demais para trabalhar – a governanta continuou –, então, descobri isso e a dispensei.

– Eu imploro, minha senhora – Meg suplicou –, não deixe...

– Eu disse para se calar! – Furiosa, a senhora Poole esbofeteou o rosto de Meg, fazendo-a chorar.

Indignada, Brynn se colocou entre elas.

– Já basta, senhora Poole!

– Um bofetada na orelha não é suficiente! Ela merece uma surra por seu comportamento errado.

Brynn estreitou os olhos.

– Se a senhora se atrever a tocá-la novamente, vai ser a única demitida.

A senhora Poole apontou novamente para a empregada trêmula.

– Não vou aceitar essa devassa sem vergonha sob o meu comando!

– Não acredito que a decisão seja sua.

A empregada se endireitou, tremendo de raiva.

– Escolher os empregados domésticos sempre foi de minha alçada. Minha e do senhor Naysmith.

– Talvez fosse, mas eu sou a senhora aqui agora – Brynn olhou para a menina. – Levante-se, Meg. O piso não deve estar confortável.

Tremendo, Meg obedeceu.

– Por favor, minha senhora... – Ela agarrou o braço de Brynn com desespero, evidentemente vendo-a como uma salvadora. – O que vai ser de mim se eu for jogada na rua?

– Você não vai ser jogada na rua – Brynn assegurou.

A governanta fez um som rude, de zombaria.

– Ela não quer nem revelar quem é o pai de seu filho bastardo, se é que sabe o seu nome.

Os ombros de Meg endureceram, enquanto seu choro diminuía.

– Claro que sei. Só não vou dizer a você.

– Sua Jezebel vergonhosa – a senhora Poole interrompeu. – Atraindo um homem em pecado – Ela parou de falar de repente, corando quando olhou por cima do ombro de Brynn, em direção à porta. – M-meu senhor...

Lucian estava ali, observando as três mulheres com curiosidade.

Brynn sentiu-se enrijecer. Estava claro para as três mulheres que, não só tinham perturbado a paz do lorde como ele foi obrigado a visitar os quartos dos empregados para investigar a causa. No entanto, o desconforto de Lucian não era o que a preocupava, mas a presença dele despertou seus instintos protetores.

Ela não tinha ideia de como ele reagiria à transgressão de um de seus jovens servos, se apoiaria a demissão de Meg ou demonstraria clemência por causa de seu próprio passado libertino. Seria melhor para a menina, Brynn percebeu, se ela pudesse lidar com o problema por conta própria. No entanto, haveria uma disputa com a governanta, sem dúvida.

– Isso é tudo, senhora Poole – Brynn disse antes que a mulher pudesse falar –, pode ir.

A governanta ergueu o queixo com teimosia.

– Eu gostaria de ouvir o que o meu senhor tem a dizer sobre o assunto, senhora.

– Nós não precisamos incomodá-lo. – Ela deu um leve sorriso para o marido – Lamento o incômodo. Não vai acontecer novamente.

Ele levantou uma sobrancelha, encarou-a por um longo tempo e, em seguida, olhou para a governanta, que apertou os lábios como se tivesse engolido vinagre.

– Espero que saiba, senhora Poole – Lucian disse com delicadeza – que lady Wycliff é a senhora aqui. Ela controla os assuntos domésticos.

A ameaça implícita fez a governanta murchar.

– Sim, claro, milorde – respondeu ela mansamente.

Dura como pedra, senhora Poole virou, atravendo-se apenas a lançar um olhar breve e mordaz para Meg antes de deixar os dormitórios.

Desta vez, Brynn lançou um sorriso genuíno para o marido, agradecida que ele tivesse optado por não sabotar sua autoridade. Sua influência já era bastante instável, uma vez que seu casamento com Lucian tinha sido tão controverso no passado. Os servos não podiam deixar de ver o clima frio entre eles.

Lucian ainda estava olhando para ela.

– Eu esperava ter o prazer da sua companhia no café da manhã, meu amor – disse suavemente.

– Vou descer imediatamente, mas... Eu gostaria de alguns momentos aqui antes.

– Certamente. Nos vemos em breve.

Quando ele foi embora, Brynn olhou para Meg e lhe pediu para se deitar.

– Obrigada, milady – Meg respondeu, com uma cor esverdeada ao redor da boca.

– Talvez eu devesse chamar o médico.

– Estou bem, de verdade. Isso vai passar. Minha irmã sempre tinha isso quando estava grávida.

Quando a menina se virou no colchão, Brynn foi para o lavatório. Molhou um pedaço de pano, olhou em volta do cômodo austero com fileiras de camas. Não era um lugar especialmente agradável para se viver – frio no inverno e sufocante no verão. Certamente Meg não podia ficar aqui para ter seu filho. Não só seria um mau exemplo para os outros servos, mas um bebê não poderia ser criado aqui. Uma outra solução teria de ser encontrada.

Sentando-se ao lado da enferma, Brynn aplicou o pano úmido na testa suada da menina. Depois de um momento, a náusea de Meg pareceu melhorar, e ela abriu os olhos.

– A senhora é tão gentil, milady.

Brynn devolveu um sorriso.

– Você se importaria de me dizer o que aconteceu?

Meg baixou o olhar.

– Sou fraca e devassa, eu sei, mas não o seduzi, como disse a senhora Poole. É só que ele era tão bonito...

– Quem é o pai, Meg? – Brynn perguntou gentilmente. – Você não deveria ter de

enfrentar essa dificuldade só.

O lábio inferior da menina tremeu.

– Prefiro não dizer. Não quero colocá-lo em apuros.

– Meg, não posso ajudá-la sem entender a sua situação.

– De todo jeito, não importa. Ele não quer se casar comigo. Mas... é... John, milady.

John Hotchkiss. Ele é servo de lorde Bonamy, que vive do outro lado da praça.

Brynn hesitou.

– E John sabe sobre a criança?

– Sabe – novas lágrimas brotaram em seus olhos.

– E o que ele tem a dizer sobre isso?

– Ele teme ser dispensado se me propuser casamento... Mesmo se ele pudesse obter a permissão, não tem dinheiro para sustentar uma esposa. Eu não acho que ele quer se casar. – Meg cobriu o rosto com as mãos. – Só aconteceu duas vezes. Nunca pensei...

Ela não acreditava que seria tão fértil, Brynn concluiu mentalmente a frase não dita.

– E nunca pensei que teria um filho solteira – a menina gemia. – Minha mãe morreria de vergonha se estivesse viva para ver isso. E a minha irmã... com certeza há de me renegar.

– Você tem algum outro parente com quem poderia viver?

– Não, milady. Apenas um irmão que trabalha nas fábricas.

Brynn afagou-lhe o ombro, tentando oferecer conforto.

– Bem, vamos pensar em algo.

Olhando-a de repente, Meg segurou-lhe a mão e a beijou fervorosamente.

– Milady, a senhora é realmente um anjo.

Corando, Brynn se levantou.

– Tente descansar um pouco, Meg. Preciso de um pouco de tempo para pensar no que fazer.

Ela chamou o mordomo e pediu-lhe para chamar o médico e, em seguida, se juntou a Lucian na sala de jantar. Quando ele olhou por cima do jornal matutino, Brynn foi atingida novamente pelo intenso azul de seus olhos.

– Então a paz foi restaurada? – comentou, quando ela sentou-se à mesa, e os lacaios se retiraram.

– Sim, pelo menos por enquanto – ela poderia ter deixado o assunto de lado, mas sentiu a necessidade de expressar a sua gratidão. – Obrigada por me apoiar com a senhora Poole. Ela tende a questionar a minha autoridade.

Lucian deu de ombros com elegância.

– Não foi nada. Você é a senhora aqui. Pode cuidar da casa como melhor lhe aprouver... enquanto estiver aqui.

Ele estava se referindo ao acordo, ela percebeu. Brynn olhou para sua xícara de café.

– Espero que a dificuldade não seja de grande magnitude.

– Nada que não possa ser resolvido.

– Gostaria de falar sobre isso? Talvez eu possa ajudar.

Ela deu a Lucian um olhar interrogativo, pensando em sua sinceridade.

– Posso gastar o dinheiro que me dá como quiser? – ela perguntou finalmente.

– Claro. E o da casa também. Por que você pergunta?

Brynn respirou fundo, se perguntando se podia confiar nele.

– Porque a minha criada engravidou de um dos lacaios do outro lado da praça, e eu

gostaria de ajudá-la.

– Entendo – Lucian respondeu, com uma expressão enigmática.

Apesar da determinação de manter a calma, Brynn sentiu-se cada vez mais defensiva.

– Não vou colocá-la para fora, como a senhora Poole deseja, Lucian. O que Meg fez foi errado, mas ela não deve ser a única a sofrer. O erro foi de seu amante também. Eu suspeito fortemente que ele a seduziu, mas, mesmo que não seja o caso, não é justo que a menina seja punida, enquanto o homem pode evitar as consequências com total impunidade!

– Não, não é justo – Lucian concordou suavemente. – Eu não vou argumentar sobre isso.

Quando um sorriso se formou em sua boca, Brynn olhou para ele com desconfiança.

– Não vejo como o dilema da minha pobre criada possa ser motivo de diversão.

– Eu não estava pensando no dilema, mas nas suas tendências intelectuais. Eu estava imaginando como suas ideias de igualdade soariam para a maioria dos meus colegas.

– A maioria dos seus pares não passa de um bando de pomposos cheios de si que acreditam que as mulheres foram colocadas na terra apenas para servi-los!

– Calma, meu amor. Não estamos em desacordo aqui. Sua paixão é admirável.

Suas bochechas coraram, mas a polêmica se acalmou. Talvez não houvesse necessidade de beligerância, afinal.

– Há uma resposta simples para evitar um filho ilegítimo – Lucian observou. – Os dois podem se casar.

– Meg não acha que seu lacaio receberia autorização para se casar sem perder a sua posição com o senhor Bonamy.

– Eu tenho influência com Bonamy. Tenho certeza de que posso convencê-lo a intervir. O lacaio pode ser obrigado a se casar com a menina, se for necessário.

– Mas não quero que ela seja obrigada a aceitar o casamento contra sua vontade do jeito que... – Brynn interrompeu. *Do jeito que eu fui*, era o que queria dizer. Vendo a compreensão registrada em seus olhos azuis, Brynn mordeu o lábio. – Eu sei – ela explicou com mais diplomacia –, você pode achar difícil de entender, dado o seu gênero e sua elevada posição, mas para uma mulher o casamento pode ser pior do que a servidão. Você não faz ideia do que é ser sujeitado a todos os caprichos da outra pessoa, não ter direitos além do que o seu marido decide lhe conceder.

Suas sobrancelhas se levantaram

– Eu tenho sido tão arrogante assim?

– Não... não totalmente. Mas não é agradável estar totalmente à sua mercê. Você gostaria de depender de mim para cada prato de comida, cada peça de roupa? Se eu pudesse anular arbitrariamente qualquer mínima decisão sua, como os amigos com quem se relaciona? Ou se eu ameaçasse mandá-lo para o campo, se você me desobedecesse? – *Como você me ameaçou*, pensou. Ela podia ver a compreensão de Lucian.

– Eu não gostaria nem um pouco – ele murmurou.

– Claro que não. E Meg não deveria ser obrigada a se casar com seu amante, se não quisesse. Eu não estou certa de que ela esteja apaixonada por ele, e duvido seriamente que ele esteja por ela. Ele pode se ressentir de ter de pagar por suas transgressões, e Meg teria de suportar o peso de sua raiva. Ela ficaria melhor sozinha do que sendo pressionada por um marido que não deseja, sendo forçada a suportar uma união amarga.

Com cuidado, Lucian sacudiu a cabeça.

– Não estou convencido de que até mesmo uma união amarga seria pior do que criar um bastardo sozinho.

– Talvez não, mas a escolha deve ser dela. Tenho a intenção de sustentá-la, Lucian. No mínimo, para ter certeza de que tem um lugar para viver.

– A melhor solução seria dar um dote à moça. Adoçar o pote, por assim dizer, para que seu amante a veja como um prêmio, e não um fardo.

Brynn apertou os lábios enquanto pensava. A sugestão de Lucian tinha mérito prático. Se as finanças eram o principal impedimento, então dar um dote à empregada certamente facilitaria o caminho para uma união feliz. E isso permitiria que ela não precisasse criar um bastardo sozinho, o que seria incrivelmente difícil...

– Pode ser uma solução – Brynn respondeu lentamente. – Mas preciso ver o que Meg diz em primeiro lugar.

– Fale com ela, claro. Mas, em ambos os casos, não há nenhuma razão para você usar seu dinheiro particular. Meus bolsos são fundos o bastante para dar um dote para uma empregada doméstica.

– Você faria isso por ela?

– Não por ela. Por você.

Quando ela ficou em silêncio, Lucian a encarou por um longo momento.

– Eu não sou o vilão que você acha que sou, meu amor – disse suavemente.

– Eu não acho que seja um vilão – Brynn respondeu. Na verdade, era muito mais gentil do que ela queria que fosse. E estava se tornando cada vez mais impossível se manter indiferente quando Lucian usava essas armas para atacar suas defesas.

Ela desviou o olhar dele, que a media calmamente. Eles podiam ter chegado a uma solução para a dificuldade da empregada, mas seu próprio dilema se tornava mais profundo a cada minuto.

Se Brynn ficou mobilizada pelo incidente, Lucian ficou mais ainda. A conversa ecoou em sua cabeça muito tempo depois de terminar. Sua insistência apaixonada de que a empregada pudesse decidir o próprio futuro só o fez perceber ainda mais como havia sido injusto com Brynn quando a comprou como esposa contra seus protestos fervorosos, negando a ela essa mesma escolha.

Ele a tinha visto como um prêmio a ser reclamado, só pensava em seus próprios desejos, determinado a utilizar a sua vasta riqueza ou quaisquer outros meios necessários para assegurar a vitória.

Agora, Lucian lamentava muito sua arrogância. Ele havia subestimado Brynn desde o início, vendo-a apenas como uma mulher sedutora e um receptáculo primordial para a sua descendência. Mas era muito mais do que um corpo fértil e tentador. Não era surpreendente que ela fosse protetora com relação aos irmãos, especialmente o mais novo, mas ela realmente se importava com o que acontecia com seus dependentes...

Lucian sabia como essa compaixão era incomum. Enquanto beleza e boa linhagem – e até mesmo inteligência e humor – não eram atributos incomuns entre as mulheres que conhecia, um coração bondoso era uma raridade.

Evidentemente, a profundidade inesperada de Brynn a tornava ainda mais sedutora. Lucian nunca havia conhecido outra mulher cujo toque tivesse produzido tamanha chama de desejo nele, e, no entanto, agora admirava sua noiva, além de cobiçá-la. Ele a queria mais profundamente a cada dia que passava.

Apesar de seus sonhos febris com Brynn, despertar ao lado dela era uma alegria inexplicável. Envolto nas mechas de seu cabelo, envolvido por seu calor e perfume

feminino, sentia um contentamento que nunca tinha experimentado antes. Ela era a mulher mais esquiva que já tinha conhecido, e sua absoluta dissimulação só reforçava seu desejo primitivo de se unir a ela de qualquer maneira possível.

Gerar uma criança nela poderia criar esse vínculo. No entanto, ele queria que Brynn quisesse seu filho. Quisesse o casamento. Ele queria conquistar o seu afeto.

Era necessária cada grama de força de vontade que possuía para permitir a Brynn ditar o ritmo. Ele esperava que, em algum momento, ela percebesse que seus medos estavam principalmente em sua mente.

No entanto, não parecia estar fazendo muito progresso.

Dare estava certo, Lucian sabia. Ele teria muito mais sucesso em cortejar Brynn se pudesse ficar sozinho com ela. Sua casa em Londres era demasiado cheia de servos e agregados para possibilitar o tipo de privacidade favorável ao namoro. Sua casa de campo talvez lhes desse mais oportunidades de ficar a sós, mas ele não podia sair de Londres agora que notícias sobre Caliban poderiam chegar a qualquer instante.

Até o momento, seus melhores agentes tinham fracassado em encontrar quaisquer pistas sobre o líder da quadrilha de contrabando de ouro. Philip Barton havia retornado da França de mãos vazias.

Pelo menos Dare havia sido convocado para ajudar a descobrir a identidade de lorde Caliban. No início, Dare riu da ideia de se tornar um espião, mas logo decidiu encarar isso como um desafio, perseguir um traidor esquivo e perigoso seria um jogo para ele.

Com Dare à procura de Caliban, Lucian poderia dedicar-se a cortejar sua noiva com um pouco menos de culpa. E, de repente, cortejar Brynn se tornou a coisa mais importante no mundo para ele.



Para grande alívio de Brynn, o dilema da empregada foi facilmente resolvido. Um dote generoso provou ser um excelente incentivo para o amante da garota pedi-la em casamento, enquanto seu empregador logo foi persuadido a dar permissão para o enlace. Meg expressou satisfação com o acordo, pois queria dar um nome à criança. E seu entusiasmo convenceu Brynn de que a menina não estava sendo forçada a uma união indesejada.

O dilema particular de Brynn provou ser muito mais difícil de resolver. Nos dias que se seguiram, ela se viu mais dividida do que nunca enquanto lutava contra o desejo que assolava seu coração. Lucian a estava cortejando, não havia nenhuma dúvida sobre isso. O que começou como uma guerra de vontades tinha se tornado um namoro dedicado, misturado a fogo lento com uma paixão ardente que colocava o acordo frio em chamas.

Seu marido, Brynn veio a descobrir, era um homem de sexualidade latente e apetite insaciável. Ele fazia amor com selvageria carinhosa, com toda a sua sofisticação, mas a loucura indomada só a levou a níveis mais altos de arrebatamento. E mesmo em uma mansão cheia de criados, eles encontravam oportunidades para a intimidade. Ele só tinha que a tocar, e o calor ardente da paixão expulsava todos os pensamentos de cautela e maldições de sua mente.

Não era apenas a paixão de Lucian, no entanto, que ela achava muito difícil de resistir. Não era nem mesmo o seu charme, seu calor ou sua ternura. Era o fato de ele ter revelado um interesse genuíno nela – perguntando sobre seus gostos, sondando seus sonhos, perguntando sobre sua vida antes de conhecê-lo.

Brynn tentava manter as conversas breves e distantes, mas a perspicácia de Lucian estava tão afiada quanto sua persistência. Ele obviamente percebeu sua melancolia quando ela falou da família, especialmente do irmão mais novo.

– Você sente falta de Theo, não é? – ele perguntou, certa manhã, enquanto estavam deitados na cama depois de um exaustivo encontro amoroso.

Ela assentiu. A frenética agitação da temporada já tinha começado, e Brynn estava muito ocupada. No entanto, sentia muita falta de Theo.

– Muitíssima.

– Gostaria de visitá-lo?

Seus olhos se arregalaram quando ela levantou a cabeça do ombro de Lucian.

– Eu gostaria mais do que qualquer coisa, Lucian. E acho que Theo gostaria de uma folga de seus estudos. Suas cartas são bastante alegres, mas eu suspeito que ele esteja com um pouco de saudades de casa.

– Eu ficaria feliz em acompanhá-la. Podemos viajar na próxima semana, se quiser.

– Seria maravilhoso – exclamou Brynn, sentando-se na cama. – Vou escrever para os professores em seguida.

Lucian riu de seu entusiasmo e, mesmo assim, cumpriu sua palavra e a acompanhou para ver Theo na escola. Harrow ficava a apenas uma curta distância ao norte de Londres, e, depois de pegar o menino, eles aproveitaram o dia, almoçando ao ar livre em Epping Forest, retornando para passear pelas lojas nas ruas estreitas e sinuosas de Harrow Hill e tomando chá.

Lucian agiu como anfitrião perfeito, esforçando-se para tornar a experiência

agradável tanto para Brynn como para Theo, e nenhum deles queria que o dia acabasse. Theo ficou especialmente impressionado com Lucian, encantado com cada palavra sua, e mais de uma vez expressou gratidão por lhe possibilitar frequentar a escola.

– Não me agradeça – Lucian respondeu. – Foi obra da sua irmã.

Theo lançou um olhar solene para Brynn.

– Eu sei, senhor. E vou tentar provar que sou digno de seu sacrifício.

Vendo Lucian estremecer, Brynn rapidamente mudou de assunto.

A visita, no entanto, provou ser o momento mais feliz para Brynn desde seu casamento. E quando teve certeza de que seu irmão mais novo estava feliz, seu coração ficou mais leve do que tinha estado em meses.

Mesmo quando voltaram para Londres, o otimismo continuou. Ela já não se sentia tão solitária. Como poderia, quando Lucian estava determinado a agir como o marido ideal? E se encontrava mais ocupada do que nunca. Ela ainda ajudava Raven com frequência com suas núpcias próximas. E com a temporada social de outono de Londres em plena marcha, o conde e a condessa de Wycliff eram muito solicitados. Eles escolhiam entre uma dúzia de convites a cada noite – festas e bailes, saraus e musicais, eventos e jantares. Lucian acompanhava Brynn a qualquer atividade que ela manifestasse o desejo de participar.

– Você não precisa me acompanhar todas as noites – ela comentou uma vez, quando estavam folheando a pilha de convites.

Ele sorriu.

– Ah, preciso, sim, meu amor. Como seu marido, é meu dever protegê-la dos homens lascivos de nossa cidade.

Apesar de seu tom de provocação, ela sentiu um aperto no coração ao ser lembrada do perigo.

– Não quero privá-lo de suas atividades habituais – ela respondeu, contornando o problema.

– Você não está.

– Você não sente falta de seus entretenimentos na Liga do Fogo do Inferno?

– Como eu poderia sentir falta desses assuntos mundanos, quando tenho minha deliciosa esposa para me manter satisfeito?

Ela duvidava de que aquelas perversas diversões fossem absolutamente inofensivas, mas não insistiu no assunto. No entanto, por mais que Brynn não gostasse de admitir, estava secretamente contente que Lucian estivesse adiando sua participação na Liga. Não gostava de pensar nele em contato com o tipo de mulheres que entretinham os membros dissolutos da liga.

Na verdade, não gostava de pensar em Lucian com qualquer outra mulher. Ele era tão cobiçado pelo sexo oposto quanto ela era por seus pretendentes e, para sua tristeza, Brynn era picada pelo ciúme toda vez que uma bela mulher o olhava com luxúria. Sabia que Lucian havia tido um grande número de amantes antes de seu casamento, e ela se pegava procurando nas multidões, perguntando-se quais teriam desfrutado de seu corpo.

No entanto, ele parecia interessado apenas nela no momento e estava totalmente dedicado à sua promessa de gerar na esposa uma criança.

Uma semana depois da visita à Harrow, Brynn estava sentada em sua penteadeira, arrumando o cabelo, pois planejava ir a um baile mais tarde naquela noite, depois de jantar em casa. Quando sentiu a presença de Lucian, olhou para cima e o encontrou encostado indolentemente contra a porta de sua sala de estar.

Seu coração começou a bater da maneira lenta e pesada como acontecia quando ele

estava perto e disparou quando viu que não estava pronto para ir ao baile. Usava apenas um roupão de brocado verde escuro, o que dizia claramente a ela que sua mente planejava mais do que dançar até o amanhecer. Ele ficou ali por um momento, tão bonito que Brynn percebeu que estava se esquecendo de respirar.

Então, com um breve aceno de cabeça, ele dispensou sumariamente a empregada, constrangendo-a um pouco com a sua presunção.

– Meg não tinha terminado o meu cabelo – ela protestou quando a menina correu da sala.

– Ela pode terminar mais tarde. Pedi que o jantar fosse servido na sua sala de estar, e os pratos não permanecerão quentes por muito tempo. Vai se juntar a mim, meu amor?

Tudo o que ele tinha de fazer era sorrir daquela maneira tranquila e fascinante, exatamente como estava fazendo, para que a aflição de Brynn derretesse.

Ele lhe ofereceu a mão e a acompanhou até a sala adjacente, onde deliciosos aromas assaltaram seus sentidos. O cenário foi montado para amantes, Brynn percebeu. O fogo queimava preguiçosamente na lareira, e a mesa que tinha sido posta para a refeição estava abarrotada de pratos suntuosos – pato assado, ragu de carne de vitela, aspic de tomate, batatas ao molho holandês, corações de alcachofra e, de sobremesa, pão de ló e creme de framboesa.

Lucian a serviu e, quando eles terminaram, se recostou na cadeira e olhou Brynn por sobre o seu cálice de vinho, o olhar se demorando descaradamente em seus seios.

Ela sentiu-se corar com o olhar lascivo

– Você precisa me olhar dessa maneira? – ela disse finalmente. – Toda vez que olha para mim, eu me sinto violada.

– Talvez porque cada vez que olho para você, tenho vontade de fazer exatamente isso.

Ela olhou para o relógio sobre a lareira.

– Você não deveria começar a vestir-se para o baile?

– Meu apetite ainda não foi satisfeito.

– Depois dessa refeição deliciosa, o que mais você poderia querer?

– Você, meu amor. Eu tenho um grande desejo de saboreá-la junto com os doces.

Estou imaginando quanto eu gostaria de colocá-la sobre a mesa, levantar suas saias e enterrar minha cabeça entre suas coxas.

Brynn sentiu o sangue esquentar com a imagem sugestiva.

– Sobre a mesa? Você não está falando sério.

O sorriso dele era atraente e tentador como o pecado.

– Ah, Brynn, você me conhece tão pouco – inclinando-se para a frente, Lucian levantou a mão dela e beijou a palma.

– Alguém pode aparecer – disse ela, sem fôlego.

– Alguém pode – ele concordou –, mas eu deveria ter o direito de saborear a minha mulher em particular.

Levantando-se, atravessou o quarto e trancou a porta para o corredor. Em seguida, colocou a maioria dos pratos da mesa sobre a lareira, deixando apenas a bacia de prata com o creme de framboesa.

– Vamos nos atrasar para o baile – Brynn disse, fazendo uma última tentativa de manter a sensatez.

– É de bom-tom chegar atrasado. Além disso, esse vestido que você está usando é pior do que estar nua – Lucian respondeu, colocando-se atrás de sua cadeira.

Brynn franziu a testa, sabendo que seu vestido jade de cintura império tinha sido elegantemente cortado, mas era discreto, tanto quanto um traje de noite podia ser.

– O que há de errado com o meu vestido?

– É muito provocante – inclinando-se, ele colocou seus cabelos de lado e procurou sua orelha, tocando-a com a ponta da língua, – não posso permitir que você saia em público vestida desse jeito, tão exuberante e tentadora. Vou ter de despi-la.

Ele deslizou a mão sob a blusa, acariciando seus mamilos.

Brynn arqueou lascivamente ao seu toque e reprimiu um gemido.

– Lucian... – ela murmurou finalmente.

– Sim, meu amor – ele perguntou, mordiscando sua orelha.

– Isso é escandaloso.

– Não, não é. É apenas o seu dever, que você tem negligenciado absurdamente nos últimos tempos, esposa. Você não me excitou adequadamente hoje.

Com esforço, Brynn abriu os olhos aturdidos.

– Eu acho que você deveria me excitar para variar.

– Nada me deixaria mais feliz, meu amor.

O coração de Brynn começou a bater forte quando ele soltou os ganchos na parte de trás do corpete. Em seguida, ajudando-a a se levantar, tirou o tecido de seus ombros, deixando o vestido caro cair no chão. Lucian teve pouco trabalho com o espartilho e a camisa, tirando-os pela cabeça, deixando-a apenas com as meias, as ligas e os sapatos.

O calor de seu olhar a queimava profundamente, demorando-se em seus seios reluzentes, pálidos e nus. Abrindo o seu robe, ele a trouxe de encontro ao corpo rígido, deixando-a sentir o seu desejo. Brynn fechou os olhos, com uma tensão ardente que irradiava em ondas de sua virilha, enquanto o membro espesso e pulsante dele se aninhava entre suas coxas.

Mas ele não a penetrou. Em vez disso, colocou-a sobre a mesa e retirou os grampos de seu cabelo.

– Seu cabelo é incrível... como fogo – ele sussurrou, enredando os dedos nos longos cachos – ardendo em chamas ao seu redor.

Mantendo-a imóvel, ele começou uma exploração sensual do interior de sua boca. Seu beijo era implacável em sua fúria, profundo, contundente, insistente, excitante.

Brynn ficou atordoada quando ele a acomodou na mesa, abrindo suas coxas para apreciá-las. Seus olhos a percorriam livremente, assim como as suas mãos fortes e magras estavam fazendo. Por um momento as mãos dele cobriram seus seios, estimulando os mamilos endurecidos, mas em seguida Lucian recuou.

Ele curvou os lábios de maneira sensual quando molhou o dedo na tigela de creme de framboesa, ungindo os picos gêmeos de seus seios e deixando-os túrgidos, firmes e altos. Brynn estremeceu com a sensação de frio, mesmo com o fogo do olhar dele aquecendo sua carne. Seu dedo mergulhou novamente na sobremesa, e ele desenhou um caminho doce ao longo de seu corpo, inundando o umbigo com o creme doce e, mais abaixo, encharcando os lábios de seu sexo. Brynn teve de cerrar os dentes com o choque ardente que agitou seu corpo.

Lucian deixou o próprio robe cair e parou diante dela com seu magnífico corpo nu. Então, acomodando suas poderosas coxas entre as pernas dela, ele se inclinou para lambar o creme de seus mamilos.

Brynn arfava enquanto ele chupava os bicos apertados e úmidos, sentindo que o prazer se estendia para baixo, em direção ao núcleo pulsante de seu corpo.

– Deliciosa – ele murmurou, sua língua áspera traçando o caminho ao longo de sua pele. Segurando um seio em cada mão, moveu a boca ainda mais para baixo, enterrando a cabeça entre as coxas dela como havia ameaçado fazer antes.

Ela ficou tensa, mal acreditando nas incríveis sensações que experimentava enquanto ele a saboreava. Lucian era tão poderoso na maneira como assumia o controle. Ele lambia e saboreava, excitando seus nervos a cada movimento de sua língua.

Ela estava gemendo agora. As açoitadas de prazer eram quase cruéis, o calor úmido e escaldante, quase insuportável. Desesperada, ela enfiou os dedos com força pelo cabelo escuro e brilhante e se agarrou a ele.

– Lucian... – ela suplicou por fim, inclinando a cabeça de um lado para o outro sem parar.

– Ainda não, minha esposa. Você não está excitada o suficiente. Tenho a intenção de lhe dar prazer até você me implorar para acabar com isso.

– Eu estou bastante excitada – protestou. Ela estava disposta a suplicar se fosse necessário. Estava escandalosamente disposta a fazer tudo o que ele quisesse fazer com ela.

Lucian não estava convencido. Ele parou de saboreá-la e levantou a cabeça para observá-la. Brynn parecia deliciosamente lasciva, os seios nus molhados de sua boca, de costas arqueando de excitação. O desejo pulsava em seu membro com uma dor quente e feroz.

– Eu não vou possuí-la – ele zombou – até o seu corpo tremer, até você gritar para eu estar dentro de você. Então vou deslizar para dentro do seu corpo tão profundamente que você não vai saber onde eu termino e você começa...

Um arrepio passou por ela, mas não foi o suficiente para Lucian. Ele a queria vibrante e contorcendo-se de desejo. Ia fazê-la arder por ele, fazê-la sentir o mesmo fogo, sofrer o mesmo tormento que ele estava sentindo.

Devagar, ele empurrou dois dedos para dentro dela, e seus quadris se levantaram da mesa, provocando uma onda de desejo no corpo de Lucian. Quando ele deliberadamente acariciou o clitóris escorregadio com o polegar, ela gemeu.

– Lucian, maldito seja – ela arquejou, tentando chegar mais perto. – Você está me atormentando.

– Mas eu quero atormentá-la. Da mesma maneira que você tem me atormentado nos últimos tempos. – Segurando as coxas abertas, ele a manteve imóvel, guiando os quadris com uma intenção premeditada enquanto posicionava a cabeça pontuda de sua ereção na entrada sedosa.

– Olhe enquanto eu a penetro – ele ordenou, olhando para baixo, para onde seus corpos se uniam. Enquanto falava, ia introduzindo o membro na cavidade úmida e aquecida, provocando nela um suspiro instintivo. Ela estava molhada e acesa como fogo ao redor dele, e tão apertada que ele pensou que ia explodir. Mas Lucian controlava sua necessidade com uma força desesperada. Quando se retirou, o pênis inchado brilhava com os sucos dela.

Brynn tentou assumir o comando então. Com os braços em torno do pescoço de Lucian, ela colocou as pernas em volta de sua cintura, agarrando-se a ele. Entendendo sua necessidade, ele a penetrou novamente, fazendo força para ir fundo, e arrancando dela um gemido do fundo da garganta.

O apelo era desnecessário, ele sentia a maneira como ela estava tremendo.

– Tão linda, tão selvagem, tão pronta para mim – ele murmurou.

– Agora, Lucian... oh Deus, por favor...

Gentilmente a intensidade acelerou, e ele a penetrou com um ritmo arrebatador, seu próprio corpo em chamas. Ele a desejava com um apetite urgente que ameaçava sua sanidade.

Lucian apertou a mandíbula quando ela se arqueou contra seu corpo. Brynn estava totalmente selvagem e gloriosa, com a cabeça jogada para trás, os seios nus oscilando com a força da respiração ofegante, tão perto do orgasmo que o menor atrito a levaria ao clímax.

Ele firmou as pernas e mergulhou em sua escorregadia passagem uma última vez, tão profundo que pôde sentir a entrada de seu útero.

Então ela gritou, um som de profundo prazer e lamento que o atravessou com arrebatamento. O grito frenético foi arrancado dela por um beijo enquanto Brynn entrava em erupção, os músculos internos convulsionando em torno da ereção dele com uma força que quase o fez explodir. Lucian se agitou triunfante enquanto febrilmente explorava sua boca que tinha um gosto suntuoso de framboesa.

Finalmente, as convulsões ondulantes se reduziram.

Longos momentos depois, Brynn recobrou os sentidos. Sonolenta e satisfeita, ela estava deitada lascivamente sobre a mesa dura, o ar frio percorrendo a pele superaquecida. Lucian ainda estava enterrado duro e fundo dentro dela, preenchendo-a de maneira magnífica.

– Você não se satisfaz – ela murmurou fracamente.

Sua expressão era primitivamente masculina, sexual e possessiva, quando olhou para ela.

– Ainda não. Mas a noite é uma criança. Nós dois vamos estar exaustos no final, sereia.

– Vamos perder o baile – ela respondeu, com um sorriso cansado nos lábios.

– Você realmente quer ir?

– Nem um pouco.

Era tudo o que Lucian queria ouvir. Ainda dentro dela, ele a levantou e a levou até a cama, sua boca faminta devorando a dela enquanto a depositava no colchão macio.

Se a paixão de Lucian estava fazendo desmoronar as muralhas pouco a pouco, Brynn descobriu seu coração ainda mais dilacerado alguns dias depois. Antes de sair para cavalgar no parque com Raven, passou pelo estúdio de Lucian para se despedir dele. Quando, a pedido dele, ela se inclinou para beijá-lo, ele lhe entregou uma caixa de madeira amarrada com uma fita verde de cetim.

– O que é isso? – ela perguntou, curiosa.

– Um presente de casamento. Você não deu importância para as esmeraldas que lhe dei. Pensei que talvez você pudesse gostar mais disso.

Colocando as luvas sobre a mesa, ela abriu a caixa e encontrou um pergaminho velho no interior.

– Uma escritura? Do Castelo de Gwyndar?

– Uma das minhas propriedades no País de Gales. As águas do litoral são quentes o suficiente para que você possa nadar quase o ano todo. Eu a transferei para você. – Ao ver que a expressão de Brynn parecia preocupada, Lucian a questionou. – Você não parece satisfeita.

Pensando se devia responder com sinceridade, ela respirou fundo.

– Eu não estou contente que você esteja tentando me comprar, Lucian.

– Comprar você?

Seus olhos se encontraram com firmeza.

– Você é tão rico que já se acostumou a comprar o que quiser. Mas você não pode me conquistar com presentes extravagantes. Lealdade não pode ser comprada.

Os olhos azuis se escureceram.

– Não nego que esteja tentando conquistá-la ou que eu gostaria que você ficasse feliz com nosso casamento. Mas você confundiu minha motivação neste caso. Eu estava apenas considerando o que você disse sobre ser dependente de mim, sobre quão impotente isso a fazia se sentir. Pensei que ter uma residência para chamar de sua possibilitaria alguma independência. Se ainda quer que sigamos nossos caminhos separados quando o meu herdeiro nascer, você pode se retirar para lá e ficar livre de mim.

Brynn olhou para ele, percebendo que havia julgado mal Lucian mais uma vez. Em vez de tentar ganhar o seu afeto com presentes caros, ele estava lhe oferecendo, pelo menos em uma pequena medida, uma escolha para o seu futuro.

– Sou grata por sua consideração – murmurou finalmente. – Lucian – ela hesitou, tentando determinar como fazer a pergunta que vinha atormentando sua mente há dias –, se eu cumprir o meu dever, vai permitir que me retire para o País de Gales em paz?

– Quero que você permaneça em Londres para o seu resguardo, já que os melhores médicos estão aqui, mas depois você pode ir a qualquer lugar que queira.

– E deixar nosso filho com você?

Seus olhos estavam inabaláveis.

– Abrir mão do meu filho é mais do que eu estou preparado para fazer, Brynn. Vou contratar as melhores amas, é claro.

– Claro – ela murmurou com mais amargura do que pretendia. Ela olhou para o presente de Lucian, o coração dolorido com a escolha que teria de fazer... perguntando-se se realmente haveria escolha. Ela poderia abandonar um filho de seu sangue?

– E se eu tivesse uma menina em vez de um menino? – perguntou finalmente.

Ele ficou em silêncio por um longo momento.

– Nosso acordo era para um filho, Brynn.

– É verdade. – Ela fechou a caixa com cuidado e a colocou sobre a mesa. –

Obrigada pelo presente. – E, com um sorriso melancólico, quase triste, pegou as luvas de equitação e se afastou sem dizer mais nada.

Lucian olhou-a partir, às voltas com suas próprias emoções emaranhadas. Ele já não se sentia tão inflexível sobre querer que o bebê fosse um menino, uma filha poderia ser também gratificante. E se Brynn lhe desse uma menina, isso lhe daria todo o direito de exigir que ela ficasse com ele até que cumprisse o pacto de gerar um herdeiro. É claro que não era um sentimento altruísta.

Por outro lado, ela não estava totalmente enganada sobre seus motivos para presenteá-la com o castelo. Conscientemente ou não, estava tentando comprar o contentamento dela. Se Brynn já não se sentisse dependente dele, de sua misericórdia, então talvez pudesse voluntariamente decidir ficar com ele.

E, Deus sabia, Lucian queria que ela ficasse. Mais do que jamais quis alguma coisa em sua vida. Ele respirou com determinação. De alguma forma tinha que encontrar uma maneira de conquistar o coração de Brynn. O amor poderia uni-los mais eternamente do que qualquer voto de casamento. O amor podia... Lucian congelou, surpreso com a ideia estranha que surgiu em seus pensamentos. *Amor*? Era esse o nome de sua aflição? Esse desejo arrebatador por sua esposa que corroía as raízes de seu ser?

Não havia dúvida de que estava obcecado por Brynn. Amaldiçoada ou não, a beleza dela lhe causava dor, a paixão por ela o deixava louco de desejo. Mas amor?

Sempre foi um conceito distante para ele, mas estava, sem dúvida, comportando-se como um homem preso pelas garras do amor. Tinha visto dois de seus amigos sofrerem o mesmo tormento. Tanto Damien quanto Nick tinham encontrado o amor quando menos esperavam.

Lucian admitia que invejava profundamente a felicidade que tinham encontrado com suas esposas. E queria isso para si mesmo. Para Brynn.

Ele fechou os olhos. Amor ou não, ela era uma febre em seu sangue. Queria desesperadamente fazê-la sentir a mesma febre. Queria que se unissem com uma necessidade primal, marcar sua alma com o fogo que o queimava. E no entanto...

Abrindo os olhos, ele olhou para a caixa. Considerando a reação desanimada ao presente, seu objetivo de ganhar Brynn parecia tão longe quanto sempre esteve. E não por causa de alguma incompatibilidade real entre eles. Sua maior inimiga era uma maldição na qual nem sequer acreditava.

– Algo a incomoda, Brynn? – Raven perguntou um pouco mais tarde, enquanto cavalgavam juntas no Hyde Park.

Brynn se esforçou para desviar a atenção de seus pensamentos sombrios e conseguiu esboçar um breve sorriso de desculpas.

– Perdoe-me, o que estava dizendo?

– Nada importante. Só perguntei se você gostaria de participar de uma feira. – Ela apontou para um folheto pregado a uma árvore, anunciando uma feira a ser realizada em Westminster.

Brynn levou o cavalo mais para perto a fim de ler a lista de atrações: malabaristas, marionetes, equilibristas, *cartomantes ciganas*. As últimas palavras saltaram para ela. Ela franziu o cenho, imaginando se o grupo de ciganos que conhecia da Cornualha estaria se apresentando na feira. Ela tinha a impressão de que estavam geralmente em Londres nesta época do ano...

Brynn respirou devagar. Se Esmeralda realmente estivesse aqui, talvez pudesse oferecer alguns conselhos. Talvez pudesse até – Brynn refletiu esperançosa – ajudar a explicar seus sonhos sombrios com Lucian.

Antes que pudesse responder, no entanto, Raven deu um leve suspiro.

– Não importa. Acho que Halford não aprovaria minha presença. Ele tem opiniões muito rígidas sobre a conduta de sua futura duquesa, e duvido que uma feira se enquadre na categoria aceitável – sua voz carregava um tom perceptível de decepção em relação ao noivo, mas ela balançou a cabeça. – Ainda assim, Halford afrouxou bastante sua sisudez quando concordou com o meu pedido para andar de balão esta semana. – Com um sorriso determinado, Raven fez o cavalo avançar.

Brynn a seguiu, não sem antes lançar um último olhar por cima do ombro para o folheto, observando novamente as datas e o local da feira. Se pudesse, tentaria comparecer, na esperança de que Esmeralda pudesse estar lá, pois precisava desesperadamente de conselhos sobre seu futuro com Lucian de alguém que conhecia a história da terrível maldição da cigana.

A maldição continuava sendo a mancha escura no horizonte de Brynn. Ela tinha tentado reprimir as advertências de sua consciência, mas foi brutalmente lembrada do perigo alguns dias depois, quando Lucian a acompanhou até o passeio de balão realizado pelo duque de Halford em honra de sua noiva.

Vários balões coloridos aguardavam para voar, Brynn notou com satisfação ao chegar ao campo, nos arredores de Londres. Com a atenção voltada para o espetáculo, ela

aceitou a ajuda de Lucian para desembarcar da carruagem e estava atravessando a rua apoiada em seu braço quando ouviu o som de cascos galopantes. Brynn viu um grupo de cavalos que vinha na direção deles, aparentemente fora de controle.

Ela ficou paralisada, sua mente registrando a imagem fantasmagórica de um motorista encapuzado empunhando um chicote selvagem.

Felizmente, Lucian não compartilhou a paralisia. Com uma investida desesperada, empurrou Brynn para fora do caminho do perigo letal e se lançou depois dela, um instante antes de a carruagem estrondosa passar.

Ambos ficaram no chão atordoados, olhando para o veículo em fuga.

Lucian se recuperou primeiro. Praguejando em voz baixa, ele ficou de pé e a ajudou a se levantar.

– Você está bem? – perguntou, tanto o olhar quanto as mãos examinando-a em busca de ferimentos.

O rosto de Brynn estava pálido quando olhou para ele, atordoada.

– Você poderia ter sido morto – ela sussurrou, sua voz rouca.

– Qualquer um de nós poderia ter morrido – respondeu ele, e seu próprio tom era sombrio –, mas é mais provável que tenha sido um acidente. Cavalos desgovernados não são algo incomum.

No entanto, Brynn não acreditou nele, Lucian podia ver claramente por sua expressão petrificada.

E, na verdade, ele também não tinha total confiança em suas palavras tranquilizadoras. Não era improvável que alguém tivesse acabado de tentar assassiná-lo. Em seu trabalho, ele tinha uma tendência a fazer inimigos. Mas duvidava que uma maldição de séculos fosse a culpada pelo acidente quase fatal.

No entanto, Lucian refletiu sombriamente, convencer Brynn disso era tão improvável quanto a ascensão deles aos céus sem a ajuda de um balão.



Após o incidente sinistro com a carruagem, os sentimentos de terror de Brynn vieram à tona novamente, mas dessa vez cheios de vingança. Os sonhos nefastos com Lucian também haviam retornado, ela inclinada sobre ele, com as mãos cheias de sangue. Contudo, sua urgência quase se transformou em pânico quando descobriu que estava grávida.

Foi sua criada, Meg, a primeira a perceber os sintomas. Brynn estava se vestindo para o seu passeio matinal quando estranhamente começou a sentir um pouco de náusea. Ao vê-la apertando a mão contra o estômago, Meg a encarou e foi buscar o penico.

– A senhora deveria se sentar. Abaixar a cabeça, entre as pernas. Isso, assim.

Afundando-se em uma cadeira, Brynn obedeceu, perguntando-se o que estaria errado com ela. Quase nunca ficava doente, e não havia comido nada para justificar a sensação biliosa. Ela cobriu a boca com a mão e tentou respirar devagar e profundamente, como a criada recomendava.

– Vai passar logo – disse Meg suavemente, acariciando a testa da patroa. – Quando sua barriga começar a crescer, não vai mais se sentir mal. Eu já nem sinto nada.

– Crescer?

– Com o bebê.

Assustada, Brynn olhou para a barriga. Seria possível? Estaria carregando um filho de Lucian em seu corpo? Obviamente, considerando o esforço determinado que haviam feito para conseguir isso. E, de certa forma, ela sabia que era verdade.

Uma onda de alegria percorreu seu corpo, seguida por uma pontada aguda de consternação. A criança só tornava seu dilema mais difícil. Lucian havia lhe prometido que poderiam viver vidas separadas se ela lhe desse um herdeiro, mas Brynn não queria deixar seu filho para trás.

Ela levou a mão até as têmporas. Provavelmente não teria escolha. Tinha que proteger Lucian, não importava a que custo. Claro, se fosse esperta, ela o abandonaria naquele momento, imediatamente, antes que o risco que a vida dele corria aumentasse ainda mais.

– A senhora acha que milorde ficará feliz?

Brynn assentiu lentamente. Lucian ficaria exultante quando ela lhe desse a notícia, mas então o que aconteceria? Quando ele soubesse de sua gravidez, não haveria chances de fugir. Ele insistiria em ficar ao seu lado, oferecendo-lhe os cuidados dos melhores médicos. Ela teria de suportar sua ternura dia e noite.

Ela duvidava que pudesse se manter forte por tanto tempo. A cada dia que passava, seus sentimentos por Lucian cresciam mais. Ela não conseguia imaginar mantendo as defesas de seu coração intactas até o nascimento. Certamente, não poderia passar uma vida inteira com Lucian e não desenvolver nenhum sentimento. Talvez realmente devesse abandoná-lo de vez, antes que fosse tarde demais.

Não, Brynn refletiu, ela não lhe contaria sobre a gravidez. Não até que tivesse tomado uma decisão.

– Não pretendo informá-lo agora, Meg – murmurou, tentando engolir a náusea. – Não até que eu esteja visivelmente grávida. Por favor, gostaria que isso ficasse entre nós.

– Mas é claro, minha senhora. Como a senhora desejar.

Brynn o procurou naquela noite, as emoções tumultuadas. Maravilhada por ter uma parte de Lucian crescendo dentro de seu corpo, mas lutando contra seu medo do futuro. Ele a beijou com uma ternura tão lenta e devastadora, emanando uma paixão doce e pesada que fluía por ela destruindo sua reticência. Ela se derretia por ele, recebendo-o com todo o desejo dentro de si.

A intensidade de seu encontro havia sido impressionante. Lucian havia possuído seu corpo com apetite feroz, murmurando palavras roucas e ininteligíveis em seu pescoço enquanto pedia que se entregasse, mas em troca havia proporcionado a ela um prazer indescritível. Os soluços de êxtase não eram apenas físicos, no entanto. Brynn sentia uma ligação com ele que nunca havia experimentado com qualquer outro ser humano.

Depois disso, ficou nos braços dele, a respiração se misturando à de Lucian, os dedos dele acariciando sua pele nua com movimentos suaves. Ela podia sentir o batimento sólido do coração dele embaixo de sua mão, sentir sua própria dor. O que eles haviam compartilhado estava, para ela, além das palavras.

Ele a tinha feito se sentir totalmente possuída, totalmente desejada e valorizada. Brynn nunca havia se sentido tão indefesa, tão vulnerável. Tão cheia de desejo.

Ela queria a criança que levava dentro de si, sem dúvida, mas o que era muito pior: queria o pai de seu filho. Queria Lucian como marido, queria um casamento de verdade. Queria seu amor, queria amá-lo de volta.

Por Deus, pensou Brynn, fechando os olhos consternada. Não podia amar Lucian, ou ele morreria.

Ela se sentou à sua penteadeira na manhã seguinte, com o medalhão de sua mãe na mão. Sua náusea estava forte naquele dia, dissipando qualquer dúvida de que estivesse carregando um filho de Lucian – e fortalecendo seus temores. E se a criança fosse menina? Se sim, a maldição seria passada em frente, e o terrível ciclo começaria de novo.

– Por favor, Deus, não – pensou Brynn com força. – Que seja um menino. – Ela não conseguia pensar em sua filha sofrendo aquele destino.

Ela sabia agora como sua mãe havia se sentido. Cegamente, Brynn contemplou o medalhão que sua mãe lhe havia dado como lembrete do perigo que enfrentaria. Dentro, havia um pequeno retrato de sua ancestral lendária, Flaming Nell, mas foi o rosto de sua amada mãe que Brynn viu. Um rosto devastado pela dor de um parto fatal.

Você não pode se entregar – sua mãe havia sussurrado roucamente em seu leito de morte. *Prometa-me, Brynn. Jure que você não se permitirá amar nenhum homem. Isso só lhe trará uma dor enorme no coração.* Ainda que fraca pela perda de sangue, ela havia colocado o medalhão dentro da mão de Brynn. *Olhe para ele toda vez que você se sentir tentada. Olhe e se lembre.*

Brynn sentiu lágrimas queimando em sua garganta com a lembrança. Sua mãe havia sucumbido à tentação do amor e sofreu dores indescritíveis como resultado. Suas palavras finais haviam sido de advertência, um apelo para ter cuidado. Gwendolyn Caldwell havia conhecido muito bem os apetites insaciáveis do coração. A dolorosa necessidade de amar e ser amada.

A ânsia profunda que estava tomando conta de Brynn nesse momento.

Ela sentiu os dedos apertarem instintivamente o medalhão. Tinha jurado solenemente que nunca se permitiria amar, mas estava arriscando quebrar sua promessa. Estava morrendo de medo de estar se apaixonando por Lucian. Seu desejo por ele estava se tornando uma tortura que não podia mais suportar. Que não *queria* mais suportar.

Endurecendo a mandíbula, Brynn deixou o medalhão cair dentro de sua caixa de

joias, tirando-o de vista. Teria de abandonar Lucian de uma vez, a menos que...

Ela ficou imóvel. A menos que encontrasse alguma outra maneira de lutar contra a maldição. Respirando fundo, lembrou-se do folheto anunciando cartomantes na feira de Westminster, que aconteceria em breve. Seria possível que Esmeralda estivesse em Londres? Poderia a cigana oferecer-lhe alguma esperança?

Anos atrás ela havia procurado Esmeralda, sofrendo pela perda de seu pretendente, buscando qualquer conforto, talvez um pouco de absolvição. Naquela época, ela tinha estado distraída demais pela tragédia para cogitar a possibilidade de quebrar o encanto. Na verdade, foi o contrário, Brynn refletiu. Por causa da morte de James e de seus sonhos sinistros que a previram, ela havia finalmente aceitado o poder destrutivo da maldição e se resignado àquele destino. Mas, agora, estava desesperada o bastante para tentar qualquer coisa. Se houvesse alguma chance remota de que pudesse continuar com Lucian sem provocar sua morte, precisava tentar.

Sem querer causar um escândalo indo à feira sozinha, Brynn considerou seriamente convidar Raven para acompanhá-la, ainda que se sentisse estranha discutindo tais intimidades, como o casamento e a gravidez, com a amiga virgem e ainda solteira. Além disso, Raven era próxima de Lucian, e poderia sentir-se obrigada a revelar o segredo. Meredith estava muito absorta com sua própria família para se envolver em seus assuntos. Então levou Meg, sabendo que não seria totalmente incomum ou fora dos limites que uma senhora aventureira e sua criada desfrutassem de tais escapadas.

Felizmente, o dia de outono estava nublado e frio o suficiente para que usasse uma capa, evitando despertar quaisquer comentários. Brynn manteve o capuz cobrindo seu rosto para impedir que fosse reconhecida, e contratou uma carruagem de aluguel para levá-la à feira de Westminster.

A feira era igual às outras que havia visitado na Cornualha com seus irmãos, com malabaristas e marionetes que disputavam espaço com os vendedores anunciando laranjas, pães de gengibre e tortas quentes de carne, assim como comerciantes de fitas finas de cetim, luvas e facas.

O espaço não estava muito cheio, mas encontrar a cartomante cigana foi mais difícil do que havia esperado. Brynn passou por inúmeras bancas e artistas antes de chegar a uma tenda no fim da feira.

Ela foi recebida ansiosamente por uma jovem coberta de lenços, pulseiras e saias coloridas que prontamente ofereceu encantos e ervas secas à venda. Pedindo para ler a sorte, Brynn deixou Meg esperando do lado de fora e entrou na tenda.

O interior estava mal-iluminado com o brilho dourado de uma lâmpada de óleo caseira. Quando seus olhos se ajustaram, Brynn pode ver que uma senhora estava sentada atrás de uma mesa baixa. Sem dúvidas aquela era Esmeralda, percebeu com o coração batendo mais rápido.

A cigana tinha os cabelos brancos e estava quase banguela, com uma pele morena com textura de couro. Seus olhos negros, contudo, eram afiados como punhais.

– Minha senhora – disse com uma voz rouca –, fiquei sabendo de sua boa sorte. Você se tornou condessa.

– Sim, mãe – disse, usando um termo respeitoso que o povo romani empregava ao se dirigir aos mais velhos. – E a senhora? Está bem?

– Bem o suficiente – respondeu Esmeralda com um sorriso. – Este é um ano bom para górgios crédulos. – Com um movimento dos dedos ossudos cheios de anéis de prata, convidou Brynn a se sentar diante dela na mesa.

Quando a cigana tentou pegar em sua mão, contudo, Brynn balançou a cabeça.
– Não vim para ler a mão, mãe. Tenho uma pergunta específica. – Respirando fundo, Brynn tirou vários guinéus da bolsa e os colocou sobre a mesa. – Uma questão de grande importância.

– Seus sonhos voltaram – respondeu a cigana solenemente, os olhos brilhando ao ver as moedas de ouro.

– Sim.

– Entendo. E qual é a sua pergunta, milady?

– Achei que você pudesse me dizer se... se há algo que eu possa fazer para acabar com a maldição.

– Você teme pelo seu amante – supôs a velha.

– Sim. Meu marido.

Pegando uma moeda, Esmeralda a mordeu com os poucos dentes que lhe restavam.

– Não será fácil. A maldição de Flaming Nell foi terrivelmente poderosa.

– Mas pode ser quebrada?

Por um longo instante, a cigana a examinou. Finalmente, assentiu com a cabeça.

– Você ama o seu marido?

– Eu... eu não tenho certeza – respondeu Brynn calmamente, sem querer responder à pergunta. – Se eu permitir que isso aconteça, estaria colocando a vida dele em risco. Não consigo suportar a ideia de ser a causadora de sua morte.

– Mas você está disposta a morrer por ele? É isso que deve se perguntar.

– Morrer por ele?

– Sim, milady. Você deve amá-lo o suficiente para se sacrificar por ele. Esse é o segredo do amor verdadeiro. Está disposta a dar a sua vida pela dele? Só você pode conhecer o seu coração.

Brynn olhou fixamente para a cigana enrugada, seus pensamentos girando. Ela poderia amar Lucian tanto assim?

– Está dizendo que terei de morrer por ele?

Esmeralda a olhou com compaixão, seu olhar parecia ter um toque de tristeza.

– Talvez não seja necessário.

– Mas você não sabe me dizer o que eu devo fazer para salvá-lo?

– Não, não sei lhe responder, minha senhora. Só tenho certeza de uma coisa: um amor que é verdadeiro pode vencer o pior dos feitiços.

Aquilo era contraditório, pensou Brynn, frustrada. Se ela amasse Lucian, ele morreria – contudo, ela deveria amá-lo intensamente, ou ele morreria.

– Acalme-se, milady – disse Esmeralda, estendendo a mão sobre a mesa para segurar a de Brynn –, nem tudo está perdido.

– Obrigada, mãe – murmurou, oferecendo um sorriso distraído.

Levantando-se lentamente, Brynn saiu da tenda, sentindo-se um pouco tonta. A resposta tinha sido muito genérica: ela deveria estar disposta a sacrificar sua própria vida por Lucian, mas...

Será que realmente poderia dar crédito ao conselho enigmático de Esmeralda? E, se sim, como poderia iniciar tal sacrifício, mesmo se isso fosse a chave para quebrar a maldição?

Para sua surpresa, Lucian estava em casa quando ela chegou. Brynn o encontrou descendo a grande escadaria, enquanto entrava com sua criada.

Enquanto Meg passou por ele em direção aos fundos da casa, Lucian se inclinou

para beijar o rosto da esposa.

– Aí está você. Perguntei-me aonde poderia ter ido. Você teve uma boa manhã?

Brynn hesitou. Não queria que Lucian soubesse que ela havia visitado a cartomante, não queria que fizesse perguntas perturbadoras sobre seus motivos. Se ele tentasse entrar em detalhes, ela teria de reconhecer seus crescentes sentimentos por ele, o que poderia ser desastroso.

– Sim – disse finalmente. – Fui com Raven à biblioteca.

Ela percebeu os olhos dele estreitarem uma fração.

– Estranho, encontrei Raven enquanto voltava de Whitewall. Ela estava reclamando que sua tia exigiu sua presença a manhã toda.

Brynn teve dificuldade em esconder seu rubor.

– Como eu sou desmiolada! Quis dizer minha amiga *Meredith*. Visitei a biblioteca com Meredith.

Lucian olhou para suas mãos vazias.

– Você não deve ter encontrado nenhum livro de que gostasse.

– Não, nada. – respondeu, tentando parecer impávida enquanto ele examinava seu rosto. Brynn abriu seu sorriso mais brilhante. – Se me der licença, vou trocar de roupa para o almoço.

Lucian ficou olhando enquanto ela deixou o cômodo, lembrando-se da culpa que viu brilhar naqueles olhos verdes. Brynn havia mentido, ele não tinha dúvidas.

Seus punhos se fecharam involuntariamente enquanto a acompanhava com os olhos. Ela nunca havia compartilhado seus segredos no início de seu casamento, mas, ultimamente, com o desenvolvimento de seu relacionamento, ele começava a esperar que existisse um pouco de honestidade entre eles. Talvez fosse um tolo.

Lucian sentiu seus traços se endurecerem. No passado, ele havia suspeitado que Brynn fosse cúmplice das atividades ilegais do irmão, mas já havia definitivamente reprimido suas suspeitas, decidido ter um recomeço com ela. Teria sido precipitado demais? Por que Brynn mentiria para ele? O mais importante, era a primeira vez que ela mentia? Ou simplesmente a primeira vez que ele a havia pego?

Se Lucian estava preocupado em descobrir sua mentira, ficou ainda mais perturbado na manhã seguinte, quando se deparou com Meg, que saía apressada do quarto de sua esposa com um penico.

– Aconteceu algo? – perguntou à criada.

– Não, milorde. Nada com que se inquietar. Milady se sente mal por causa do bebê. Só isso.

Lucian sentiu um choque percorrer seu corpo.

– Bebê?

Ao ver sua perplexidade, Meg levou a mão à boca, consternada.

– Oh, Deus, eu não devia ter dito! Milady não queria que o senhor soubesse.

Ele se esforçou para sorrir.

– Bem, então vai ser nosso segredo.

Quando a criada partiu, Lucian ficou no corredor por um longo momento, pasmado. Realmente seria pai? Estava um passo mais próximo de alcançar o objetivo por que tão desesperadamente ansiava?

Suas emoções percorreram todo o espectro, desde orgulho à sensação de posse, do assombro à ira, por Brynn ter intencionalmente ocultado dele a notícia. Por que não havia contado? Por que tinha permitido que ele descobrisse por outras vias que estava grávida,

em especial quando sabia quanto isso significava para ele?

E, no entanto, talvez existisse uma explicação razoável. Talvez Brynn simplesmente desejasse contar ela mesma.

Desprezando suas suspeitas, deu uma batida suave na porta do quarto da esposa. Ao não receber resposta, entrou com cuidado.

Brynn estava sentada diante da lareira, contemplando as chamas com uma expressão distante no lindo rosto.

A ternura o invadiu enquanto a observava. Uma criança os uniria de um modo que os votos de casamento nunca poderiam fazer. Talvez agora Brynn aceitasse essa união...

Lucian deu um lento suspiro. Só então se deu conta de quão desesperadamente desejava essa aceitação. Brynn tinha se tornado cada vez mais preciosa para ele, mais preciosa inclusive do que a criança que levava em seu ventre.

– Brynn? – murmurou.

Ela teve um sobressalto e olhou para cima.

– Meg disse que estava se sentindo mal.

Corando, Brynn balançou a cabeça.

– Não é nada.

Sentindo um frio súbito atravessando-o, Lucian lhe deu um olhar inquisitivo. Ela pretendia manter silêncio sobre um assunto de tal importância? Mesmo quando ele lhe dava uma abertura óbvia?

– Tem certeza de que está bem?

Ela tentou sorrir.

– Eu estou bem agora. Talvez algo que eu tenha comido no jantar na noite passada não tenha me feito bem.

A decepção, afiada e amarga, tomou conta de Lucian, antes que outra explicação mais terrível lhe ocorresse. Seria possível que ela planejasse fugir antes que ele descobrisse a gravidez, para que ele não reivindicasse o bebê? Ele tinha advertido Brynn de que pretendia não abrir mão do filho, mesmo que ela quisesse viver longe dele. Seria por isso que ela estava determinada a permanecer em silêncio? Ela estava planejando deixá-lo?

Carrancudo, Lucian afastou os pensamentos de tal possibilidade. Ele não podia acreditar que Brynn lhe daria um golpe tão devastador, não quando sabia o quanto ter um filho significava para ele.

No entanto, sua confiança estava abalada. Talvez estivesse apenas procurando desculpas para culpá-la. Afinal, o que realmente sabia sobre sua encantadora esposa?

– Muito bem, então. – Intencionalmente Lucian dominou sua expressão fingindo calma, embora por dentro seus pensamentos estivessem agitados.

Brynn o estava enganando, não havia dúvida. E se podia esconder algo tão importante como a gravidez, que outros segredos – talvez até mais sinistros – estaria escondendo dele?



Lucian olhou para um dossiê compilado sobre um agente francês perigoso, sem compreender uma palavra. Grande parte do seu trabalho de inteligência envolvia se debruçar sobre relatórios chatos, rotineiramente procurando anomalias, coincidências, estranhas recorrências, pistas, mas nunca tinha se ressentido do tédio tanto quanto agora. Havia problemas de mais peso em sua mente do que inimigos do Estado, isto é: sua esposa.

Durante a última semana, ele havia passado uma boa parte do tempo em seus escritórios, tentando sem sucesso distanciar-se um pouco de Brynn. Ele ainda tinha que determinar o que fazer com as mentiras dela. Ela ainda não havia contado sobre a gravidez, o que só serviu para abalar a base instável de seu casamento e reacender suas dúvidas.

O recorrente sonho de morte aumentava sua inquietação. O pesadelo tornou-se mais vívido e forte do que nunca – Brynn vendo-o morrer, talvez até mesmo causando sua morte. Qual seria o significado dessa imagem sombria, Lucian não tinha certeza, mas isso não servia nada para aliviar o medo crescente de que não podia confiar nela.

Percebendo de repente que não estava sozinho, Lucian olhou para cima e viu Philip Barton parado na porta. Lucian forçou um sorriso e convidou seu subordinado a entrar.

Para sua surpresa, em vez de tomar um assento como de costume, Philip permaneceu em pé, com uma expressão tensa, seus dedos agitadamente ajeitando a aba de seu chapéu de castor.

Finalmente Philip falou.

– Lamento muito decepcioná-lo, meu senhor. Se quiser que eu me demita, é só dizer.

Lucian ouviu a infelicidade no tom do jovem, mas não tinha ideia do que poderia ter causado isso. Ele levantou uma sobrancelha, intrigado.

– Que diabos está dizendo? Você não me decepcionou, pelo que eu saiba.

– O senhor não confiou em mim o suficiente para divulgar a alteração da data do último carregamento de ouro.

Lucian sentiu um arrepio frio apertar seu peito. Eventos tinham estado tranquilos ultimamente, talvez demasiadamente tranquilos. Dois carregamentos de barras de ouro foram entregues com segurança aos aliados no continente, e nada tinha sido ouvido sobre o traçoeiro lorde Caliban.

– Eu não mudei a data – disse Lucian lentamente. – Por favor, explique-se.

Pela primeira vez seu subordinado parecia confuso.

– Mas a carta...

– Que carta, homem? – Lucian quis saber impacientemente.

– A carta que o senhor escreveu autorizando a mudança na programação.

– Eu não escrevi tal carta.

– Meu Deus... – Uma expressão de horror apreendeu as feições de Philip. – O ouro se foi, então... Foi coletado ontem, segundo sua ordem.

Lucian se levantou, sentindo-se ferver por dentro.

– Eu acho que eu deveria ver essa carta.

Entregar ouro para financiar o esforço da guerra não era um processo complexo: a Casa da Moeda londrina emitia moedas de ouro, que eram transportadas para o Banco da Inglaterra e, em seguida, enviadas sob forte vigilância ao continente para atender as folhas

de pagamento das tropas e fazer pagamentos para os países da Tríplice Aliança, a fim de que continuassem a lutar ao lado da Grã-Bretanha. O processo de transferência raramente tinha falhado até agora.

O gerente do banco ficou enervado ao ver o senhor Wycliff e alarmado a pensar que o ouro tinha sido consignado às mãos erradas.

– Mas... mas a carta de autorização parecia absolutamente verdadeira – gaguejou.

– Deixe-me vê-la, por favor – exigiu Lucian laconicamente.

Com um murmúrio de aflição, o gerente sinalizou que um subalterno trouxesse a carta. Quando foi apresentada em pouco tempo, Lucian verificou o conteúdo com severidade.

Para fins de segurança nacional, autorizo a mudança na data do próximo embarque programado de ouro. Meus agentes passarão na manhã do dia 5 de outubro às dez horas para receber os cofres.

Lucian Tremayne, conde de Wycliff

Com o estômago agitado, Lucian passou a carta para seu subordinado. Não havia dúvida em sua mente, no entanto. A expedição tinha partido. Três cofres dos novos soberanos – um valor de mais de cem mil libras – roubados sem esforço, sem uma gota de sangue ou luta.

– Nenhum derramamento de sangue ainda – corrigiu Lucian, com a boca se contraindo de fúria. Essa quantia permitiria aos exércitos de Napoleão continuar a matança das forças aliadas durante semanas.

– Realmente parece ter sido escrita por você, milorde – disse Philip, com o tom cheio de medo.

– Sim – respondeu Lucian entre dentes cerrados. – Uma excelente falsificação.

O gerente torceu as mãos em sofrimento, parecendo que ia chorar.

– Confesso que achei a mudança estranha, meu senhor, mas a carta parecia estar em ordem e levava o seu selo.

Tomando a carta de volta, Lucian inspecionou a bolacha de cera, agora quebrada, que realmente havia sido impressa com o selo de Wycliff. Um pensamento de alerta impreciso provocou a parte de trás de sua mente, mas, antes que pudesse fazer sentido, o gerente se lançou em uma série de desculpas profundas.

Bruscamente Lucian agradeceu e dispensou o homem com um aceno curto.

– Acha que é obra de Caliban? – perguntou Philip quando ficaram sozinhos.

– Quem mais? – respondeu Lucian com severidade.

– Mas, obviamente, ele teve ajuda de alguém de dentro de nossos escritórios.

Apenas duas pessoas, além de você e eu, sabiam quando o próximo embarque iria acontecer, e eu confiaria em ambos com a minha vida.

– Então, quem poderia ter tido acesso à programação? E conseguir uma falsificação tão precisa?

Lucian franziu as sobrancelhas.

– Um dos nossos funcionários poderia ter feito isso – disse ele lentamente. – Quem escreveu a cópia da agenda?

– Nenhum dos funcionários, meu senhor. Segundo suas ordens, eu mesmo copieei o original, mas eu ainda não os tinha entregue ao banco. Ambos os horários estão trancados em minha mesa.

– Fechaduras podem ser arrombadas, Philip. Em geral, que funcionário executa essas tarefas?

– Normalmente Jenkins – murmurou Philip, claramente consternado.
– Então ele sabia dos planos para os carregamentos de ouro que foram roubados no início deste ano? Antes de tirarmos a responsabilidade dele?

– Parece que sim.

Lucian virou-se abruptamente.

– Aonde você vai, milorde? – Philip o chamou.

– Caçar o nosso traidor.

A noite já tinha caído quando eles pesquisaram um endereço e localizaram o apartamento do senhor Charles Jenkins, um funcionário experiente da seção de inteligência do Ministério das Relações Exteriores. Lucian pretendia não fazer um julgamento até realizar um interrogatório, mas qualquer dúvida sobre a cumplicidade do funcionário foi dissipada no instante em que a porta se abriu. Jenkins deu uma olhada nos visitantes e saiu correndo.

Ele chegou a uma janela e conseguiu levantar parcialmente a vidraça antes de Lucian pegá-lo. Girando o homem, Lucian o jogou contra a parede e agarrou sua gravata com força.

– Será que ninguém nunca lhe disse que é falta de educação virar as costas para os visitantes? – perguntou Lucian, com um tom de voz sedoso e afiado como aço.

O rosto de Jenkins se contorcia de medo enquanto ofegava uma pergunta.

– O que... o que quer, meu senhor?

– Eu acredito que você tem algo a confessar.

– Confessar? Não sei... o que... quer dizer...

Lucian esticou o punho e torceu a gravata. Jenkins tentou afrouxar a pressão, mas foi inútil.

– Quem pagou para você forjar a carta? – exigiu Lucian, perdendo a paciência.

– Que... carta?

Enfurecido pelo equívoco descarado do funcionário, Lucian arrastou o homem de volta para a janela e empurrou sua cabeça pela abertura, dando-lhe uma boa visão das ruas escuras e cheias de pedras três andares abaixo.

– Vai descobrir que é uma longa descida.

Jenkins fez um som de choramingo.

– Diga quem o contratou.

– Não posso! Ele vai me matar...

– O que você acha que eu pretendo fazer?

Quando o funcionário gemeu e balançou a cabeça, Lucian levantou-o pelo cinto e o empurrou. Seu torso passou pela janela, seguido pelo quadril. Lucian parou de empurrar na metade da coxa, segurando a vítima apenas por um tornozelo.

Jenkins gritou de terror quando se viu pendurado sobre o precipício.

– Tudo bem! Vou dizer o que eu sei!

Lucian esperou mais um momento antes de puxar o funcionário aterrorizado para dentro. Jenkins ficou abaixado tremendo no chão, segurando o pescoço e olhando seu agressor com medo.

– Eu o aconselho a dizer a verdade – disse Lucian depois de um momento, quando sua raiva estava mais sob controle. – Você vai ser enforcado por traição, a menos que eu seja persuadido a ter clemência.

O funcionário engoliu em seco e assentiu.

– Foi você quem divulgou os horários dos embarques de ouro meses atrás?

– S-sim, meu senhor.

– Eu suponho que tenha uma desculpa para trair seu país e enviar inúmeros bons homens para a morte.

A expressão do funcionário se retorcia em agonia.

– Eu nunca quis... eu precisava de dinheiro com urgência para pagar minhas dívidas... e minha mãe... Eles ameaçaram a vida dela, disseram que a matariam se eu não obedecesse. Juro que eu não sabia que o ouro iria acabar nas mãos dos franceses.

– Você não sabia? – repetiu Lucian com desprezo.

– Não, eu não sabia! Só me pediram para fornecer a programação.

– Mas você se deu conta do crime muito bem depois do primeiro roubo, considerando o tumulto no Ministério das Relações Exteriores.

Jenkins abaixou a cabeça de vergonha.

– Sim – sussurrou. – Mas já era tarde demais. Eu estava muito envolvido.

– Muito bem, diga-me quem é o mentor dos roubos de ouro.

A expressão do funcionário tornou-se séria.

– Eu não sei, meu senhor. Eu era apenas um subordinado. Ouvi o seu nome apenas uma vez. Senhor Caliban, mas eu nunca o vi.

– *Alguém* deve estar dando-lhe ordens.

– Alguém deu, sim. Recebi minhas instruções de um cavalheiro... Sir Giles Frayne...

Lucian sentiu seu coração oscilar com o nome, mas foi poupado de responder quando Philip falou pela primeira vez.

– Sir Giles morreu há meses.

Involuntariamente Lucian encontrou o olhar de seu subordinado. Philip era uma das poucas pessoas que sabia como sir Giles tinha encontrado seu fim ignominioso.

Lucian olhou para as próprias mãos, que de repente estavam instáveis. A lembrança daquele momento sombrio estaria sempre gravada em sua mente. Matar seu amigo tinha desencadeado algo sombrio e primitivo dentro dele, uma feiura que desejava esquecer. No entanto, estava preparado para matar de novo se isso significasse parar o traidor Caliban e seus companheiros.

– Uma declaração conveniente – disse Lucian por fim – agora que sir Giles não está mais vivo para se defender. Como pode honestamente esperar que eu acredite em você?

– Eu tenho a prova, meu senhor... se quiser vê-la.

– Sim.

Mantendo o olhar atento em Lucian, o funcionário se levantou com esforço e foi para um canto da sala. Lucian olhou em volta do cômodo espartano, que tinha uma cama, uma mesa, uma cadeira, uma lâmpada de leitura, e um armário com um braseiro para cozinhar. Se Jenkins estava sendo pago por traição, havia pouco luxo ali para provar isso.

Passando pela mesa, o funcionário se ajoelhou e retirou uma tábua solta.

Recuperando uma bolsa de couro, ele virou para Lucian.

– Estão todas aqui... todas as instruções que sir Giles me deu no ano passado.

Lucian folheou os pedaços de papel.

– Não vejo nada que conecte isso a sir Giles. Você pode ter forjado estes papéis assim como forjou minha carta.

– Mas eu não fiz isso, meu senhor, *eu juro!* Ainda tenho quase todo o dinheiro que ele me deu desde a primeira vez. Cem libras. Depois que percebi... Eu não podia gastá-lo. Eu disse ao sir Giles que não iria mais ajudar. Eu *implorei*, mas ele insistiu. Ele disse que Caliban mataria minha mãe se eu não fizesse exatamente o que ele pedia.

Sua expressão revelava uma infelicidade tão sincera que Lucian estava inclinado a acreditar nele. Além disso, sabia muito bem da traição de que Giles tinha sido capaz.

– Se o seu contato está morto, como você se comunica agora?

– Minhas instruções são deixadas anonimamente... em um vaso do lado de fora da minha porta. Eu nunca vejo quem os deixa.

Lucian olhou para ele por um longo momento, usando a sua expressão mais intimidante. O funcionário tremeu visivelmente, mas não mudou sua história.

– Muito bem – disse Lucian por fim.

– Conte-me sobre essa carta de autorização que você escreveu. Você forjou minha caligrafia?

– Sim, meu senhor. Obtive algumas de suas correspondências e pratiquei por semanas.

– Como é que conseguiu meu selo?

– Eu não consegui, na verdade. Recebi várias placas de cera com o seu selo já impresso. Não foi difícil transferir um para a carta. Requer apenas um tijolo quente e uma faca de lâmina fina.

– Alguém deve ter pegado seu anel – observou Philip.

Havia um selo em seus escritórios, refletiu Lucian, e outro no estúdio em casa – ele sentia cada músculo ficar mais rígido enquanto a sua mente voltava para a manhã, algumas semanas atrás, quando encontrou Brynn em seu estúdio com o irmão. E no dia seguinte ela voltou sozinha, alegando estar procurando um brinco perdido.

Deus tenha piedade... Foi mais uma mentira? Ele não duvidaria que sir Grayson pudesse ter roubado seu selo, mas Brynn? Ela estava envolvida em traição?

Lucian respirou fundo. Seu primeiro instinto foi negar a possibilidade, o segundo, um desejo desesperado de protegê-la de ser descoberta. Ela era sua *esposa*, a mulher que carregava seu filho. Aquela que era dona de seu coração. Ficaria arrasado se tivesse de escolher entre ela e seu dever.

Lucian apertou a mandíbula, sabendo que não tinha mais objetividade no caso de Brynn, mas não queria que Philip soubesse que suspeitava do envolvimento de sua esposa. Pelo menos não até que tivesse a prova. Ele teria de descobrir a verdade por Brynn. Enquanto isso, seu irmão poderia muito bem estar se preparando para transportar o ouro para a França...

Balançando-se para sair do estupor, Lucian olhou para o funcionário tremendo.

– Imagino que você saiba da gravidade do seu crime contra a Coroa? Que o melhor que posso fazer por você é prendê-lo ou transportá-lo em vez de enforcá-lo?

– Sim, meu senhor – sussurrou Jenkins. – Eu entendo. Ficarei... ficarei muito grato se puder poupar minha vida.

– O senhor Barton aqui vai providenciar a sua prisão. Eu sugiro que você recolha todos os pertences que possam ajudar a aliviar o seu encarceramento até o julgamento.

– O-obrigado, meu senhor.

Quando o funcionário se virou, Lucian chamou Philip de lado.

– Tenho uma ideia de quem poderia ter tido acesso ao meu selo – disse em voz baixa. – Sir Grayson Caldwell.

Philip arregalou os olhos.

– Mas ele é...

– O irmão de minha esposa, eu sei. Se sir Grayson é o culpado, é possível que o último carregamento de ouro tenha sido levado até a Cornualha, para ser transportado à

França de lá. Segui-lo pode ser a nossa única esperança de encontrar o ouro.

– Sim, eu concordo – disse Philip lentamente.

– Quero que você reúna meia dúzia de seus melhores homens e vá de cavalo para a Cornualha. Observe sir Grayson a distância, mas não façam nada para alertá-lo de que é suspeito. Não quero que você o exponha, fui claro?

– Eu entendo, milorde. Você virá para a Cornualha, também?

– Sim, em breve. Mas eu tenho um problema para resolver antes – disse Lucian severamente. – Que não pode ser adiado.

Foram necessárias todas as habilidades de atuação de Lucian para controlar suas emoções e se abster de confrontar Brynn no momento em que chegou em casa. Queria arrancar a verdade dela, suplicar que negasse sua cumplicidade. No entanto, dada a sua propensão para mentiras, ele sabia que era mais sensato observar sua reação, para ver se ela revelaria sua culpa. Lucian só podia rezar para que ela acalmasse suas suspeitas sombrias.

Quando chegou, foi direto para seu quarto e começou a fazer as malas, sem chamar seu criado, porque não queria uma plateia.

Sentiu a presença de Brynn antes que abrisse a boca. Ela tinha entrado em seu quarto pela porta de ligação.

– Alguma coisa errada, Lucian? Você chegou tão tarde, eu estava começando a ficar preocupada.

– Sim, algo muito errado – respondeu ele laconicamente, mal olhando para ela. – Outra remessa de ouro foi roubada.

Ela franziu a testa.

– Mais uma?

Lucian parou de fazer as malas e olhou para ela com frieza.

– As circunstâncias são diferentes das outras vezes. Na verdade, piores. Meu selo foi descaradamente usado para forjar uma carta que autorizou a entrega do ouro para os ladrões.

– O seu selo? – a voz de Brynn se transformou em um sussurro.

Ele forçou sua expressão a permanecer impassível.

– Sim, o meu selo. Isso me envolve na traição.

Ela colocou a mão na garganta.

– Com certeza não... Ninguém vai acreditar que você teve alguma coisa a ver com o roubo de ouro do governo.

– Talvez não, mas caberá a mim pegar os ladrões o mais rápido possível.

Era uma abertura para a confissão. Lucian sentiu o coração contrair enquanto esperava Brynn falar.

Ela deu um passo na direção dele, suas belas feições tomadas pelo medo. Mas, então, ela parou e se conteve visivelmente.

– Você vai partir hoje à noite?

Um sentimento de desmoronamento e vazio apertou o interior de Lucian.

– Nós não temos pistas de fato. Vou para Dover esta noite. Esse parece ser o ponto mais provável para o ouro ser contrabandeado para a França. Vai levar algum tempo para investigar. Perdoe-me, mas devo ficar fora por alguns dias.

– Eu... entendo.

– Você vai ficar bem aqui sozinha?

– Sim – murmurou ela. – Ainda há muito a ser feito para os preparativos do casamento de Raven.

Fechando a maleta, Lucian deu um breve beijo na testa de Brynn, não confiando em si mesmo para fazer mais, mas ela parecia muito distraída para notar sua falta de intimidade ou para retribuir o gesto.

Ele recuou e pegou sua maleta quando ela aparentemente se recuperou.

– Lucian, por favor... tome cuidado – disse ela, em tom sincero.

– Tomarei – respondeu ele.

– Cuide-se bem também, meu amor.

Então, sentindo um frio entorpecente, ele virou as costas e saiu do quarto.

Brynn ficou onde ele a deixou, medo e fúria tomavam conta dela. Gray nunca respondeu a nenhuma de suas cartas questionando seu comportamento estranho durante a visita de algumas semanas atrás, mas ela não tinha nenhuma dúvida de que seu irmão a havia traído. Ele havia mentido sobre o anel, alegando que precisava do selo Wycliff para autorizar o transporte de uma carga de conhaque para que pudesse iludir os fiscais. Mas na verdade havia orquestrado um enorme roubo, roubando uma fortuna em ouro para contrabandear aos inimigos de seu país!

Ainda pior, o seu crime poderia implicar Lucian na traição. Meu Deus...

Com a mente e o coração em cacos, Brynn voltou para seu próprio quarto, onde começou a andar enquanto tentava desesperadamente pensar no que fazer.

Lucian estava determinado a prender os traidores. Se não encontrasse o ouro em Dover, começaria a procurar em outro lugar. E a trilha poderia muito bem levar à Cornualha e a Gray...

Brynn estremeceu ao pensar o que aconteceria quando Lucian confrontasse seu irmão. Não teria nenhuma piedade. O dever era quase uma obsessão para ele. O irmão seria preso e possivelmente enforcado... Ou se Grayson resistisse a Lucian como Giles? Era fácil imaginar os dois envolvidos em um combate mortal como em seus sonhos sombrios. Mas desta vez Lucian poderia não escapar com vida. Ou seu irmão.

Um jato gelado de medo percorreu sua espinha. Era aterrorizante pensar em qualquer um deles morrendo.

Ela não queria que Gray fosse enforcado, mas, se tivesse cometido tal crime, merecia algum grau de punição. Ainda era seu irmão, apesar de tudo. Sua carne e seu sangue. Precisava tentar salvá-lo se pudesse. *Mas como?*

Não podia confiar na misericórdia do marido. Mesmo que suplicasse a Lucian para salvar o irmão, não acreditava que se importasse com ela o suficiente para sacrificar a honra e o dever para o bem dela. Ele havia matado um de seus melhores amigos que tinha cometido traição, então por que pouparia o irmão dela?

E, de todo jeito, Grayson tinha que ser detido. Ela não queria que o ouro roubado caísse nas mãos dos franceses tanto quanto Lucian.

Céus, por que não tentou impedir Grayson com mais afinho semanas atrás? Ela nunca seria capaz de amenizar a própria culpa. Era a responsável por lhe dar acesso ao estúdio particular de Lucian. Deveria ter insistido para Gray devolver o anel imediatamente, mesmo que isso significasse fazer uma cena na frente de seu marido. Pelo menos, teria evitado que ele fosse usado para traição.

Ela precisava fazer alguma coisa. Se ao menos pudesse convencer Gray a abandonar seu plano e devolver o ouro...

Brynn ficou paralisada. Era a única solução. Ela tinha que tentar falar com o irmão, para convencê-lo a mudar de rumo.

Decidida a entrar em ação, Brynn virou-se para puxar o cordão da campainha e

chamar a empregada e o mordomo, com a intenção de pedir uma carruagem de viagem. Precisava ir à Cornualha imediatamente. Não havia tempo a perder.

Mas não podia revelar seu verdadeiro destino. Lucian ficaria desconfiado se descobrisse aonde tinha ido. Ela teria de inventar outra história, talvez que Theo estava doente. Era isso. Essa mentira teria de servir: estava indo cuidar de Theo. Quando Lucian descobrisse sua ausência, ela já teria confrontado Gray...

Brynn sentiu outro arrepio percorrer seu corpo. Não queria pensar em como Lucian reagiria quando descobrisse o que ela tinha feito, ou o que aconteceria se falhasse.

Sentindo o desespero surgir novamente, ela foi até o guarda-roupa e pegou um traje de viagem.

Mais adiante na rua escura, Lucian observava sua residência das sombras de um carro sem identificação. Havia uma pedra onde seu coração deveria estar, mas ele foi impulsionado pela necessidade doentia de descobrir a verdade. Para saber se Brynn iria revelar-se uma traidora ou não. Com toda a sua alma, queria acreditar que ela era inocente.

Não foi preciso esperar muito até que ela saísse da casa e descesse os degraus até a carruagem de viagem de Wycliff que a estava esperando. Quando a carruagem se afastou da guia, Lucian bateu no teto do próprio veículo, para que o condutor a seguisse.

Lucian prendeu a respiração enquanto abriam caminho pelas ruas escuras de Mayfair. Quando o transporte de Brynn finalmente virou a sudeste na estrada de Londres, teve que admitir que ela estava indo para a Cornualha.

Rançou os dentes, suas emoções indo da dor selvagem à fúria bruta. Fúria contra sua adorável condessa manipuladora. Fúria de si mesmo.

Ele se deixou enfeitiçar pela rara beleza de Brynn. Pela atração sexual poderosa que ardia entre eles. Por seu crescente amor por ela.

Ele se casou com uma jovem virginal, na esperança de gerar um filho. Mas Brynn não era o que achava que fosse, ou queria que fosse.

Não conhecia a bela enganadora nem um pouco.



Cornualha

Já anoitecia quando Brynn chegou em casa. Embora cansada e com as roupas manchadas após a longa viagem de Londres, procurou o irmão imediatamente, desejando com todas as forças acabar com o medo que tinha atado seu estômago durante os últimos três dias.

Encontrou Grayson em seu escritório, olhando melancolicamente para o fogo escasso da lareira.

Quando o chamou, ele deu um sobressalto da cadeira.

– Brynn? Que diabos está fazendo aqui? – Ele levantou-se de sua cadeira. – Alguma coisa errada? Theo?...

– Theo está bem, pelo que sei – respondeu com um tom sombrio. – Mas algo está definitivamente errado, Grayson.

Ele a olhou por um longo momento.

Brynn o analisou e percebeu que seu rosto estava vermelho, como se tivesse tomado muito vinho.

– Quanto ao motivo da minha visita – ela acrescentou baixinho –, vim para impedi-lo de cometer traição.

Gray não respondeu, apenas levou a mão à testa e sentou-se de novo, cansado.

Seu coração se contraiu de dor.

– Você não nega conspirar com os franceses contra seu país? – ela sussurrou, rezando para estar enganada, para seu irmão refutar a terrível acusação.

– Não, não nego isso – disse ele entorpecido.

– Meu Deus, Grayson... – Atravessando o quarto, Brynn afundou no sofá, enojada pela descrença. – Como você *pôde*?

Sua boca se contorceu em um sorriso sardônico.

– Para ser honesto, nem mesmo eu sei ao certo. Deus sabe que eu nunca quis tornar-me um traidor.

– O que... como isso aconteceu?

Gray deu um suspiro pesado.

– Você realmente quer saber os detalhes?

– Diga-me – ela murmurou com voz rouca.

Antes de falar, ele tomou um longo gole de vinho, como se procurasse coragem.

– Tudo começou há quase um ano. Fui abordado por um senhor que me ofereceu uma grande soma para que eu encontrasse outro navio de contrabando e transferisse a carga. Na época, eu estava desesperado por dinheiro. Ou você esqueceu o péssimo estado das nossas finanças? As nossas dívidas esmagadoras? Como estávamos quase perdendo esta casa? Eu temia ser incapaz de pagar e ser jogado na prisão dos devedores. E então o que aconteceria com você e com os meninos?

Ela não havia esquecido os dias escuros quando enfrentara os credores cada vez mais implacáveis de seu pai.

– Então você aceitou a oferta, mesmo sabendo que era suspeito?

– Eu suspeitava de negócios sujos, acho, mas imaginei que entrar no contrabando de bens desconhecidos da lei era melhor do que ser preso por dívidas e deixar todos para defenderem a si mesmos.

– Gray, a carga era o ouro do governo?

– Sim... embora só tenha percebido isso depois. Eu não queria perguntar. Mais tarde eles usaram isso para me chantagear. Prometeram me denunciar como traidor se eu não cumprisse as ordens.

– Eles?

– Uma aliança terrível de espões e contrabandistas. Sei muito pouco sobre eles, só que alguns dos membros são ingleses de alta posição social. O líder é, supostamente, um nobre.

– Um nobre? Está falando sério?

– Muito sério. Ele é conhecido como senhor Caliban. Meu contato inicial era com um barão.

– Era?

– Sim. Ele já morreu, devido às suas atividades nefastas, não tenho dúvida – Grayson deu uma risada curta e amarga. – Outro homem tomou seu lugar. Esse é francês, tenho certeza, embora fale inglês fluentemente e se chame Jack. Jack me chamou logo após seu casamento. Ele me pediu para pegar o anel do seu marido e fazer várias cópias em cera do selo de Wycliff. Eu me recusei, mas Jack disse que eu não tinha escolha se quisesse continuar vivo.

– E você acreditou?

– Sim, acreditei nele! – Ele a olhou com raiva. – Esses homens são violentos, Brynn. Eles torturaram um dos pescadores que se recusou a ajudá-los. Tiraram um pedaço de pele dele como exemplo para o resto de nós. O pobre coitado levou dois dias para morrer. Acho que eu preferiria enfrentar a força do que esse destino.

Ela deu um suspiro trêmulo.

– Você sabe que eles usaram o selo de Lucian em uma carta falsa para roubar outra remessa de ouro?

– Eu temia que algo assim pudesse acontecer. – O rosto de Gray se contorceu em uma expressão quase de agonia. – Não me disseram o propósito, mas eu não posso negar que suspeitava de acordos sinistros.

– E o que aconteceu com o ouro, Gray? Você sabe onde está?

– Aqui, nas cavernas embaixo da casa. Três cofres foram entregues ontem à noite, que eu escondi entre alguns outros contrabandos. Preciso entregá-los ao Jack esta noite.

– Grayson – Brynn disse com voz rouca –, você não pode colocar o ouro em mãos francesas. Napoleão vai usá-lo para financiar seus exércitos. Pense em todos os homens que vão morrer lutando quando a guerra se arrastar por causa do ouro!

– Não tenho escolha, Brynn. Não posso sair, estou muito envolvido. Acredite em mim, eu tentei. Enquanto Caliban existir, estou de mãos atadas.

– Mas pense no que está fazendo! Traição...

– Eu sei – Gray tomou um gole de vinho. – Você não pode dizer nada pior do que eu já disse a mim mesmo mil vezes. Eu me odeio pelo que fiz. Pelo que preciso fazer. Mas tenho que cumprir o acordo, ou vão me matar... ou pior.

– Pior? – repetiu Brynn.

Ele lhe lançou um olhar longo e amargo.

– Não fui o único ameaçado. Depois que entreguei as impressões do selo de Wycliff, avisei que estava fora, mas Jack disse que mataria toda a minha família se eu os abandonasse. Theo, você, nossos irmãos...

– Theo? – Sua voz tinha um tom de alarme.

– Sim, droga, Theo! E você. Por que acha que estou tão apavorado? Eles deixaram a ameaça muito clara recentemente. Uma carruagem quase atropelou você em Londres, não é? Jack disse que era um aviso para mim, Brynn.

Ela olhou para o irmão. O acidente quase fatal havia sido *planejado*? Brynn achava que a vida de Lucian estava em perigo por causa da maldição, nunca que ela mesma fosse o alvo dos inimigos de Gray. Ou Theo. Ó céus.

– O governo britânico pode me enforcar por traição – acrescentou Gray, sua voz quase feroz –, mas pelo menos a minha família vai ser poupada. Eu não poderia viver em paz se um de vocês morresse quando eu poderia tê-los salvado.

Horrorizada, Brynn engoliu em seco, ainda tentando digerir a revelação.

– Deve haver algo que possamos fazer – ela murmurou, desesperada, procurando o rosto de Gray.

Seus olhos brilharam sombriamente.

– Não há nada! Acha que não tentei?

– Mas você pode ser enforcado por traição...

Dando de ombros, ele olhou para o fundo de sua taça de vinho.

– Sabe o que eu temo mais do que ser enforcado? O que Theo pensaria de mim, vendo-me desonrado perante o mundo. Mas prefiro ser enforcado do que correr o risco de ele ser morto.

Ela levou a mão até a boca, contendo um grito e se perguntando o que em nome de Deus poderia ser feito.

– Talvez... Não há ninguém a quem pudesse pedir ajuda? Lucian...

A boca de Gray se torceu.

– Estou certo de que ele ficaria encantado em me ajudar depois de minha traição.

– Você pode confiar em sua misericórdia.

– Eu iria parar na prisão, no mínimo.

Brynn quis argumentar que Lucian poderia ser persuadido a ter clemência, mas ela mesma já havia descartado essa ideia desesperada. Lucian seria a última pessoa a sentir compaixão por um traidor.

– Além disso – acrescentou Gray severamente –, ainda não impediria Caliban de levar a cabo sua ameaça de matá-la.

Antes que pudesse pensar em uma resposta, seu irmão enrijeceu a mandíbula e lançou um olhar sombrio.

– Para ser franco, você não me fez nenhum favor ao vir aqui, Brynn. Wycliff vai desconfiar quando descobrir que você veio para casa.

– Lucian não sabe que estou aqui. Ele foi até Dover, procurar o ouro.

– Bem, eu sinceramente espero que ele fique longe – Grayson tomou o gole final do vinho. – Se tentar intervir, provavelmente será morto.

Brynn sentiu o coração apertar.

– O que quer dizer? – ela perguntou com voz rouca. – Você não o mataria...

– É claro que eu não o mataria. Eu não. Jack. Os seguidores de Caliban. Eles consideram Wycliff seu inimigo principal. Se ele aparecer, não tenho dúvidas de que isso vai acontecer.

Ela deve ter parecido aflita, porque Grayson a olhou com uma tristeza súbita.

– Você o ama, não é? – Não era uma pergunta.

Brynn ficou sentada em um silêncio paralisado, querendo desesperadamente refutar a acusação. No entanto, não podia negar a verdade. Não queria que Lucian morresse, não só porque era seu marido e pai de seu futuro filho, mas porque o *amava*.

Deus do céu!

– Você esqueceu a maldição? – Gray perguntou em voz baixa.

– Não – Brynn sussurrou –, não esqueci. – Ela já havia tentado desesperadamente afastar o coração de Lucian, recusado a reconhecer seus sentimentos na esperança de protegê-lo. Tudo em vão. Um medo gelado tomou conta dela. O amor que sentia tinha o poder de destruir. Ao admitir seus sentimentos por Lucian, teria dado a ele uma sentença de morte?

Só então a camareira apareceu na porta do escritório e fez uma reverência.

– Milady, milorde chegou.

– Milorde?

– Seu marido. Senhor Wycliff.

Gray levantou-se de repente, parecendo atordoado, enquanto o coração de Brynn congelou no peito. Lucian estava *aqui*? O que em nome de Deus ele estava fazendo na Cornualha, quando havia partido para Dover poucos dias antes? Como sabia onde ela estava? Como a seguiu tão rapidamente?

Por um longo momento, irmão e irmã olharam um para o outro em estado de choque.

– Leve-o à sala de estar – Grayson finalmente ordenou à empregada. – Vamos nos juntar a ele. – Quando a menina foi embora, sua voz se tornou um sussurro urgente. – Acha que ele suspeita de mim?

– Eu... eu não sei.

– Brynn, você não pode falar uma palavra sobre o ouro para ele. Eu lhe peço, fique em silêncio.

– Gray..

– Você vai ter de encontrar uma maneira de manter Wycliff ocupado hoje. Algumas horas, pelo menos – tempo suficiente para que Jack pegue o ouro. Eles pretendem esperar a escuridão completa, mas não podem adiar por muito tempo ou a maré vai estar muito baixa para fazerem a retirada.

– Grayson, eu não posso.

– Você *pode*. Você precisa. A menos que queira que seu marido morra. Eu lhe digo, Jack não hesitará em matá-lo, Brynn. Ou me matar também.

Pousando o copo, Gray virou as costas e saiu do quarto.

Após uma longa pausa, Brynn começou a andar mais devagar, sentindo como se estivesse sendo arrastada de maneira impotente e inexorável por uma corrente em direção a um destino de perigo mortal.

Brynn parou na porta da sala, absorvendo a visão do rosto de seu amado marido. Ele estava ocupado recebendo a saudação de seu irmão, mas, assim que a viu, seus olhos azuis se fixaram nela.

O coração de Brynn de repente começou a golpear forte no peito enquanto se olhavam. A expressão de Lucian permaneceu enigmática, mas ela se perguntou se ele podia ver o que se passava em sua cabeça, se poderia saber o que estava pensando.

Cheia de desespero, ela se forçou a esconder o espanto e a apreensão e ignorar os

batimentos cardíacos que a angustiavam dolorosamente.

Mostrando-se surpresa, ela avançou, oferecendo-lhe a mão e, em seguida, o rosto para que a beijasse.

– Lucian, o que está fazendo aqui? Achei que fosse viajar para Dover.

– Eu ia, meu amor – respondeu friamente –, mas quando troquei de cavalos em uma casa de postagem, um mensageiro me alcançou, levando a notícia de que seu irmão estava doente e que você tinha ido ao seu encontro. A urgência de sua partida me fez temer o pior. Tenho muitos inimigos, Brynn, e eu temia que eles pudessem estar conspirando para prejudicá-lo. Então mudei de rota e fui para Harrow. Minha desconfiança aumentou ainda mais quando encontrei Theo muito bem e nenhum sinal de minha linda esposa. Só consegui imaginar que você tivesse vindo para cá.

– Sinto muito por tê-lo preocupado desnecessariamente, mas – ela hesitou, quase engasgando com a mentira – meus planos devem ter sido mal interpretados. Quando eu disse que meu irmão estava doente, eu quis dizer *Grayson*.

Lucian olhou para o cunhado que, com exceção da pele avermelhada pelo vinho, parecia estar bem.

– Chamei Brynn aqui – Grayson interveio rapidamente, corroborando a mentira. – Achei que estivesse no meu leito de morte, mas parece que eu só estava sofrendo de um estômago bilioso. O novo cozinheiro que contratei depois de Brynn se casar com você serviu um peixe que me fez mal. Mas estou bem agora.

– Que sorte – Lucian respondeu com um breve sorriso.

– Você deve estar cansado e com fome depois da longa jornada – Grayson acrescentou em voz mais forte. – Apesar desse incidente, podemos confiar que o cozinheiro vá preparar um excelente jantar.

– Eu mesma acabei de chegar – Brynn interveio – e admito que estou morrendo de fome, agora que estou certa de que Gray está bem.

– Mantemos o horário do campo aqui – Grayson informou a Lucian –, costumamos jantar às seis e meia. Mas vou adiar o jantar para que vocês possam repousar. Vou tratar disso assim que o servo recolher as bagagens e mostrar seus quartos.

No entanto, preferindo não compartilhar os mesmos aposentos com Lucian, Brynn anulou as ordens do irmão e foi ao seu quarto de infância por conta própria, dando a Lucian um quarto mais distante do corredor. Ela não acreditava que poderia suportar a intimidade forçada, pelo menos até recuperar o domínio de suas emoções instáveis. Surpreendentemente, Lucian não protestou contra as medidas, e apenas disse que iria buscá-la para jantar em uma hora.

Brynn ficou grata pela chance de se recompor enquanto se lavava e trocava de vestido. Quando Lucian bateu na porta a fim de chamá-la para descer, tinha conseguido controlar ligeiramente seus nervos.

A compostura vacilou de novo, no entanto, quando ele a cumprimentou friamente. A tensão atual entre eles a fazia lembrar as primeiras semanas de seu casamento tempestuoso.

– Peço desculpas mais uma vez pelo mal-entendido – disse ao descender as escadas, desejando acalmá-lo.

Um músculo na mandíbula de Lucian se apertou, mas ele ficou em silêncio.

– Você está bravo porque vim para casa?

– Eu teria preferido saber de suas intenções. Você poderia ter me poupado uma boa dose de preocupação. Do jeito como as coisas aconteceram, eu só podia esperar que nada

de errado tivesse acontecido com você, além de ter sido obrigado a abandonar a minha missão.

– Sinto muito, Lucian, de verdade.

– Tem certeza, meu amor? – Ele não parecia convencido.

Brynn olhou-o com cautela, mas Lucian apenas a levou para a sala de estar onde seu irmão esperava.

O jantar foi mais agradável do que ela esperava, com Gray bancando o anfitrião simpático. Os pratos foram os mais tentadores que Brynn já havia provado à mesa Caldwell desde a infância: sopa de lebre, torta quente, linguado com molho de lagosta, couve-flor cozida, filé de faisão e trufas com pudim de ameixa, e, para a sobremesa, creme e morangos de estufa.

Ela estava muito agitada, no entanto, para apreciar a deliciosa comida. Com o estômago embrulhado, poderia muito bem estar jantando serragem.

Sua tensão chegou a um nível perigoso ao final da refeição. Quando Brynn pretendia retornar para a sala, deixando os cavalheiros a sós tomando vinho do porto, Gray falou:

– Infelizmente preciso deixá-los. Tenho um compromisso mais tarde que não posso adiar.

Brynn respirou fundo, e então forçosamente apertou os lábios para não perguntar o que o irmão ia fazer.

Lucian respondeu por ela

– Não se preocupe, sir Grayson. Eu, pelo menos, ficarei feliz em desfrutar alguma privacidade com minha esposa. Estava com saudades dela depois de tanto tempo longe. Estes últimos três dias me pareceram uma eternidade. – Seus olhos de safira encontraram os de Brynn, provocando um choque de consciência que fez sua espinha tremer, como um alarme inconfundível.

– Bem, então, se não se importam... – Gray levantou-se da mesa. – Vou aos meus aposentos para me trocar. Brynn, se você tiver um minuto, eu preciso de seu conselho sobre um assunto do coração. – Ela pareceu intrigada, a pele corada, como se constrangida – Durante a sua ausência, vim cortejando a senhorita Uxbridge, e espero encontrá-la esta noite.

A senhorita Uxbridge era uma das filhas bonitas do latifundiário local. Brynn suspeitava que o irmão estivesse contando mais uma mentira, mas se desculpou educadamente para Lucian e seguiu Gray até o fundo do corredor, onde ficava a biblioteca mal-iluminada.

– Aqui – ele sussurrou, pegando algo no bolso do casaco e entregando-lhe um frasco de líquido turvo –, use isso para mantê-lo ocupado esta noite.

– O que é isso?

– Sonífero. Como láudano, só que mais forte. Você vai ter de colocar no vinho.

Ela olhou para o frasco como se fosse veneno – Você está me pedindo para drogar meu marido? Grayson, eu não poderia...

– Você precisa, Brynn, se quiser que ele viva. Se você quiser que Theo viva. Se você se importa com eles, comigo, vai fazer o que eu peço.

Seus dedos se fecharam com cautela ao redor do frasco. Enquanto Gray se afastava, ela ficou congelada no lugar. Finalmente, ela fechou os olhos.

Como ela havia chegado a este ponto? Dividida entre a terrível escolha de proteger seus irmãos e trair o marido, o homem que era dono de seu coração.



Lucian olhou para o copo de vinho enquanto aguardava a bela esposa retornar, imaginando se seu pior medo se realizaria. Estaria Brynn associada ao irmão? Seria uma ladra e uma traidora? Não duvidava de que ela tivesse permitido que seu anel fosse usado por sir Grayson, possibilitando que Caliban e seus sócios fugissem com o carregamento de ouro. Estaria ela também ajudando o irmão a traficar ouro roubado para a França?

O desamparo tomou conta de Lucian diante da probabilidade da traição dela. Desamparo e fúria. Estava furioso com Brynn pela escolha que ela o estava obrigando a fazer. Ele sempre se considerou um homem honrado, mas honra não parecia algo particularmente importante quando comparada com a possibilidade de perdê-la para a cadeia – ou pior, para a forca.

Não poderia permitir que aquilo acontecesse. Não poderia permitir que Brynn fosse presa, especialmente quando ela estava carregando seu filho.

Lucian cerrou os dentes. Irritava-o pensar que ela arriscaria o futuro do filho ou da filha ao se envolver em uma traição. Irritava-o mais ainda que Brynn estivesse destruindo a promessa de felicidade que haviam encontrado juntos.

Queria cuidar bem dela, maldita. Queria amá-la, construir um futuro com ela, começar uma família. Ele havia cometido erros com Brynn, admitia abertamente. Casara-se com ela sem pensar em suas vontades, buscando dar fim ao buraco na própria vida, obrigando-a a ter um filho para preencher um vazio dentro dele. Mas acreditava – tinha esperança – que superariam os erros dele.

A própria Brynn havia preenchido aquele vazio dentro dele, Lucian reconhecia. Por poucas e curtas semanas, ele havia encontrado prazer nos braços dela. Agora, no entanto, tudo o que conseguia sentir era um buraco dentro de si grande como a eternidade. E uma fúria que o corroía como veneno.

Lucian passou a mão pelos cabelos negros, ciente da própria loucura. Ele era um grande idiota de ter esperado mais de Brynn. Havia se apaixonado por uma bela sedutora, uma beleza radiante com cachos flamejantes e um espírito encantador. Estava *obcecado* por ela. Ela o assombraria até o dia de sua morte. Mas estava cansado de esperar.

Ainda assim, precisava tentar protegê-la. Seus homens tinham cercado a Casa Caldwell. Se o irmão dela sáísse, Philip Barton tinha ordens de segui-lo de uma certa distância esperando que sir Grayson os levasse até o ouro.

O próprio Lucian se responsabilizaria por manter Brynn ocupada. Não permitira que ela colocasse em risco a vida do filho que estava por nascer. Mas, assim como mexer em um ferimento, de uma forma sombria, desesperada, visceral, ele precisava saber até onde ela iria.

Se estivesse envolvida em uma traição, ele teria de encontrar provas com os próprios olhos. Pretendia deixar Brynn tomar as rédeas naquela noite – para, por assim dizer, dar corda o suficiente para que ela se enforcasse.

E se fosse culpada? Então teria de enfrentar isso e a terrível situação posterior. Teria de salvá-la, custe o que custasse. Mesmo que isso significasse sacrificar sua honra.

Lucian fechou os olhos quando uma dor selvagem apertou seu peito. A fenda em seu coração não era uma ferida mortal, mas estava próxima disso. Só podia esperar que aquela dor cortante enfraquecesse um dia. Mas de alguma forma duvidava que isso fosse

acontecer.

Como seu vestido de jantar não tinha bolsos, Brynn escondeu o frasco de sonífero entre os seios, onde ele ficou frio e pesado contra sua carne. Então, com grande relutância, voltou para a sala de jantar.

Lucian estava encostado na mesa, mas olhou para a frente quando ela entrou. Ela precisava de cada grama de habilidade de atuação para forçar um sorriso e fingir que não estava prestes a traí-lo.

Quando ele estendeu a mão, Brynn foi até ele e o deixou colocá-la em seu colo, onde ele a segurou com delicadeza.

– Sinto muito que Grayson tenha saído – ela disse, tomando cuidado para manter o tom de voz neutro.

– Eu não. Fico feliz que tenhamos a noite só para nós – as palavras eram calorosas, mas a expressão dele permanecia calma, Brynn percebeu.

– Quer voltar para a sala de estar? – ela perguntou.

– Posso pensar em uma maneira mais agradável de ocupar nosso tempo.

Ele se inclinou e beijou-a de leve na clavícula, um ato sugestivo que deixava claro o que tinha em mente. Brynn fechou os olhos, profundamente agitada por esse contato casual. Mas todo e qualquer toque de Lucian sempre a atormentava com desejo.

Quando os lábios dele desceram, no entanto, sobre a curva de seu seio, ela ficou tensa. Não podia permitir que ele a despisse ali, não quando poderia descobrir o frasco escondido. Colocando as mãos nos ombros de Lucian, ela gentilmente o afastou.

– Aqui não, Lucian. Os serviçais...

– Então onde?

Ela sabia que teria de encontrar uma maneira de usar o sonífero. Brynn olhou para o copo de vinho dele, que estava quase vazio.

– Vamos para o meu quarto?

– Pensei que nunca fosse pedir. – As mãos deslizaram para a cintura dela, e Lucian a colocou em pé. – Vá na frente, meu amor. Logo me juntarei a você.

Grata por ele ter aceitado o convite com tanta facilidade, Brynn foi até a cozinha para pegar mais vinho. O novo cozinheiro contratado pelo irmão ficou maravilhado em abrir um novo barrilete e entregar a ela uma garrafa de cristal cheia e dois cálices.

Quando chegou ao quarto, Brynn fechou a porta com cuidado e colocou a bandeja em uma mesinha. Então, tirando o frasco dos seios, hesitou por um longo momento, as emoções agitadas: desespero, arrependimento, tristeza, medo, todos se misturando dentro dela.

Inspirando profundamente, Brynn abriu o frasco. Não sabia quanto usar, mas a dose necessária deveria ser forte o suficiente para fazer Lucian dormir por algumas horas. Murmurando uma prece angustiada, ela colocou seis gotas em um cálice.

Quando começou a se despir, percebeu que não tinha trazido um cobertor. Sentindo frio, Brynn colocou o vestido de novo, tremendo quando a fria seda encostou em seu corpo nu.

Então sentou e esperou. Queria que Lucian chegasse, porque a ansiedade e a incerteza lentamente destroçavam seus nervos. Podia ouvir o fraco estalar do fogo que se apagava, juntamente com as dolorosas batidas do próprio coração.

Era totalmente errado trair Lucian dessa forma, Brynn sabia, mas, ainda assim, não tinha escolha. Estava com um terrível medo sobre essa noite. A vida dele estava em perigo, e ela sentia isso em cada osso do seu corpo. Se tentasse capturar os traidores, seria morto,

era simples e arriscando assim.

Estava desesperada para salvar Lucian, mesmo que isso significasse seduzi-lo e drogar seu vinho para impedir que cumprisse seu dever. Quando estivesse dormindo, ela mesma teria de encontrar uma maneira de deter Gray, apesar de não ter a menor ideia de como fazê-lo. Ela ficou ali, quebrando a cabeça por vários minutos, uma pressão sufocante no peito, sentindo-se presa entre laços de sangue e de amor.

Quando a porta finalmente se abriu, Brynn se assustou e levantou-se de imediato. Lucian ainda estava vestido para a noite, ela notou, mas havia tirado a jaqueta e a gravata. A camisa estava aberta, expondo bastante do peito liso.

A respiração dela ficou presa na garganta ao ver aquela imagem. Era um dos homens mais diabolicamente lindos que já havia encontrado, de uma elegância esguia e graça masculina. Quando a porta fechou, ele se recostou indolentemente contra o batente, a expressão era enigmática quando se olharam.

Brynn engoliu em seco, tentando reunir coragem para a sua performance. Tirando o corpete, deixou o vestido cair no chão em um sussurro sedoso, deixando-a completamente nua para ele.

Ela ouviu Lucian inspirar profundamente, mas seu sorriso parecia forçado, e o olhar feroz dele percorria o corpo dela

– Isso é uma tentativa de me seduzir, meu amor?

Ela tentou esboçar um sorriso provocativo também.

– Apenas uma recepção. Estou feliz que tenha vindo.

Por um longo momento, ela encarou aqueles olhos de safira, mas Lucian não fez menção de se unir a ela. O tempo se estendeu entre eles como um fio esticado. Finalmente, no entanto, o leve estalar do fogo na lareira quebrou o encanto.

Determinada a parecer indiferente, Brynn sacudiu os ombros e foi até a mesinha de madeira, onde a garrafa de cristal e as taças estavam. Depois de servir dois cálices, atravessou o quarto até Lucian e ofereceu a ele o que continha o sonífero.

Por outro infinito momento, ele olhou para o vinho tinto. Ela podia sentir o coração batendo enquanto esperava que Lucian bebesse. Por que ele hesitou?

O alívio a inundou quando ele tomou um gole, e Brynn se amaldiçoou. Precisava se esforçar para manter a compostura, ou sua agitação a entregaria. Diferentemente de Lucian, era uma amadora na intriga. Ele havia testado sua sagacidade contra inúmeros traidores e certamente suspeitaria se ela não conseguisse se comportar com naturalidade, como se quisesse fazer amor com ele.

Assim como de costume, ele a observou com grande gravidade, e havia uma fina tensão em seu esguio e muscular corpo – ou era apenas a tensão nela por causa do que ela estava prestes a fazer?

Quando Lucian continuou a encarando, Brynn desviou, incapaz de olhá-lo nos olhos por mais um instante. Ela se odiava por tê-lo traído.

– Gostou do vinho? – Brynn se forçou a dizer, enquanto tomava um gole do próprio cálice contra sua vontade.

– Sim. Os franceses realmente fazem os melhores vinhos.

Ela olhou atentamente para ele, sem saber por que havia mencionado os franceses. Será que suspeitava da traição? Brynn divagou. Ou estaria se referindo ao contrabando do irmão? Os olhos de Lucian brilhavam com um interesse sexual, mas escondiam as outras emoções com maestria.

Ela tremeu.

- Está com frio? – ele perguntou.
- Esperava que você me aquecesse.

Brynn notou o olhar dele entristecer instintivamente à resposta provocativa dela e, pela primeira vez na vida, ficou feliz pela maldição que a tornava irresistível para os homens. Ela precisaria de todas as vantagens de que dispunha se quisesse usar o desejo de Lucian para seus próprios fins, porque, apesar da óbvia atração sexual, ele não parecia estar num humor amoroso naquele momento.

- Por que você não cuida do fogo – disse ele – enquanto eu fecho as cortinas?

Balançando a cabeça, Brynn foi até a lareira enquanto Lucian se virava e ia até uma das janelas. Ela se ajoelhou, sentindo o calor das chamas brilhantes contra a pele, desejando que pudessem aquecer a fria dor em seu coração também.

Olhando por cima do ombro, ela viu Lucian fechando a cortina e indo até a última janela, onde se deteve olhando para a noite e bebendo da taça. Brynn hesitou, imaginando como deveria distraí-lo até que sucumbisse ao sonífero.

Reunindo forças, se levantou e foi até Lucian, se aproximando dele por trás. Do lado de fora, uma lua prateada pairava suspensa sobre o horizonte negro, parcialmente oculta por nuvens fantasmagóricas. Um vento tempestuoso soprava do mar, ela podia ouvir as ondas batendo contra a praia rochosa lá embaixo.

Uma boa noite para uma traição.

Por dentro, no entanto, o quarto estava quente e silencioso.

– Ainda está bravo comigo? – ela murmurou em um esforço para atrair a atenção de Lucian.

Ele fechou as cortinas com força e se virou para encará-la. Involuntariamente o olhar dela se dirigiu para a taça que agora estava apenas um terço cheia. O alívio dela foi profundo, mas ela sabia que precisava continuar fingindo; não podia parar até que Lucian estivesse dormindo profundamente.

Ela forçou um sorriso sedutor. Seu dedo mergulhou no vinho dele, e então ela o passou no lábio inferior do marido.

- Como posso amenizar sua ira, Lucian?
- Acho que você sabe como, meu amor.

O foco dela pousou abaixo da cintura dele. O tecido de tricô de sua calça noturna agarrava-se às poderosas coxas, esticadas sob a ereção dele. Uma resposta trêmula e imediata percorreu Brynn, com uma centelha de euforia. Talvez ainda estivesse zangado com ela, mas a desejava.

Determinada a excitá-lo ainda mais, de maneira lenta e provocante, enfiou os dedos dentro da calça dele. Como não houve resposta, Brynn tomou o cálice das mãos dele e o colocou num canto junto ao seu. Então ela começou a desabotoar os botões da calça.

Seu coração batia furiosamente quando ela abriu a roupa íntima dele para expor a rígida ereção que pulsava entre as coxas. Com um sorriso tentador, segurou carinhosamente na base do membro e se ajoelhou aos pés dele.

A mandíbula de Lucian estava tensa, Brynn notou quando o encarou. Ele lutava contra ela e, ainda assim, estava claramente excitado, sua ereção rígida, erguida, a exuberante cabeça brilhando na luz da lamparina.

Um calor lascivo se alastrou pelo corpo de Brynn, contrastando com a dor no coração.

Acariciando-o com os dedos, Brynn se aproximou e o beijou por inteiro, apreciando a pele lisa como mármore. Lucian tremeu quando ela o beijou ali, e um intenso desejo

explodiu dentro dela com o sabor familiar e erótico dele.

Ela o acariciava lentamente. A pele a queimava à medida que ela passava a língua ao redor da cabeça inchada... a sensível protuberância... Então seu lábios envolveram a ereção, e ela o engoliu por inteiro.

Ela sentiu Lucian se contrair de prazer à medida que o chupava. Ele obviamente estava lutando para se controlar.

A rígida ereção engrossava ainda mais enquanto ela o explorava com a boca e a língua, provando os viscosos e sedosos contornos, fazendo amor com a parte mais íntima dele. Lucian a havia ensinado isso – como usar as habilidades carnavais para um efeito devastador. Ele havia mostrado os prazeres da carne, fazendo-a compreender suas paixões femininas...

Brynn o sentiu tremer, mas continuou a excitá-lo deliberadamente, arranhando levemente com os dentes. E teve seu momento de glória quando as carícias dela o fizeram gemer.

– Estou machucando você? – ela murmurou provocante contra a pele dele.

– Sim – ele disse, a voz rouca. – Uma dor terrível.

– Devo parar?

– Não, sereia...

Quando os lábios dela o envolveram outra vez, as mãos dele mergulharam em seus cabelos, e Lucian forçou sua ereção na boca dela, com a respiração arfante e irregular. Seu desejo sempre foi intenso, e ela o estava usando sem piedade contra ele agora.

Ela ouviu o próprio nome num rouco suspiro, sentiu-o tremer. Quando ele a agarrou pelos ombros, Brynn tremeu de prazer. Estava tão excitada quanto Lucian, o corpo pulsando, as cavidades femininas molhadas de desejo, querendo se unir à dura carne masculina dele. Ela pretendia seduzi-lo ali, mas estava perdida no próprio jogo. Quando olhou para cima, soube que os olhos turvos de paixão refletiam os dela.

– Lucian – ela suspirou, destruindo a última gota de autocontrole dele.

Ele a levantou com urgência. Os lábios dele encontraram os dela com um úmido calor, a boca febrilmente capturando a dela à medida que ela envolvia seu quadril com as pernas.

Lucian a levou para a cama, deitou-a sobre os lençóis de seda e se juntou a ela, pressionando seu corpo entre as coxas receptivas. Por um breve instante, no entanto, hesitou, capturando o olhar de Brynn.

O rosto dela era incrivelmente belo à luz das velas, os braços tensos de desejo e o que estranhamente parecia dor. Quando envolveu a garganta dela com a mão, Brynn se mexeu agitada embaixo dele, imaginando o motivo da demora.

– Por favor... Eu quero você – ela suspirou rouca.

Ele fez a vontade dela, escorregando a inchada ereção para dentro da fenda pulsante e molhada dela, que mostrava o desejo da própria Brynn.

Ela estava molhada e clamava por ele. Com fome ela o envolveu com as pernas, segurando-se a ele à medida que Lucian a penetrava, estocando profundamente a carne pulsante e quente dela com seu poderoso membro. Brynn o apertava em seus braços e se abria para ele, desesperada para senti-lo, para se preencher com a essência dele, enquanto lutava contra o próprio coração.

A chama entre eles se tornou uma tempestade de fogo, violenta, feroz, intensa. Lucian tremeu novamente e gemeu, e seu corpo se contorceu selvagem quando depositou sua semente dentro do corpo de Brynn. A explosão dele destruiu Brynn. Ela se curvou

indefesa sob ele, convulsionando incontrolavelmente enquanto onda após onda de êxtase a atingia, gritos de prazer rasgavam pela garganta dela, lágrimas de angústia brotavam nos olhos.

Estava chorando, Brynn percebeu quando seu clímax brutal passou. Tremia de amor e de dor que se misturavam de maneira cortante dentro dela.

Nos turbulentos momentos seguintes, eles permaneceram deitados juntos, sem fôlego. O sexo entre eles nunca havia sido tão forte, tão intenso... tão agonizante.

Os lábios dele encontraram o cabelo dela, e Brynn sentiu seu coração se partir. Quando Lucian colocou o próprio peso de um lado, os braços dela desesperadamente o apertaram enquanto mergulhava o rosto no ombro dele, tentando conter as lágrimas. Meu Deus, como ela o amava. Era um tormento saber que esse amor o levaria à morte.

Ela ficou ali por muito tempo, lutando contra o remorso, arrependida. Se ao menos não precisasse traí-lo. Se ao menos pudesse manter a indiferença no coração. Se nunca tivesse se casado com ele...

Quando a respiração de Lucian voltou ao normal, Brynn se afastou para poder ver o rosto dele. Os olhos estavam fechados, como se ele estivesse imerso em um forte sono.

– Lucian? – ela suspirou.

Ela aguardou longos momentos antes de finalmente se soltar dele e levantar. Lucian estava ali, deitado e imóvel, como se estivesse morto para o mundo. Mas ao menos não estava morto. Ela não suportaria perdê-lo para a morte.

Limpando as lágrimas do rosto, Brynn inspirou lenta e profundamente, se acalmando e se forçando a sair da cama. Não podia pensar mais em Lucian por enquanto. Não ousou se demorar. Precisava tentar impedir o irmão de cometer traição, tentar sabotar os verdadeiros traidores.

O plano dela era desesperado, mas talvez funcionasse. Grayson contou que o ouro estava escondido nas cavernas embaixo da casa, que os contrabandistas planejavam coletar a carga naquela noite. Mas ela duvidava que a quadrilha fosse agir sem a presença de Grayson, ou até mesmo fosse capaz de achar os baús sem as instruções dele, porque com certeza estavam bem escondidos.

Se pudesse deter Gray até depois da maré alta, então o ouro estaria salvo por uma noite. Conseguiria revelar a localização do carregamento para as autoridades pela manhã, sem incriminar o irmão. Então Lucian seria capaz de resgatar os baús sem arriscar a própria vida, e Gray conseguiria escapar dos chantagistas.

Ele e Theo teriam de se esconder, claro, e ela teria de ir com eles. Os dois irmãos poderiam partir hoje à noite. Então eles buscariam Theo na escola e fugiriam para algum lugar seguro...

Por favor, por favor, Deus misericordioso, faça o plano funcionar. E ajude Gray a ver sentido no plano dela. Ela faria o que fosse preciso para convencê-lo, não tinha dúvidas.

Colocou as roupas de contrabandista com rapidez – um velho par de calças e botas e uma jaqueta quente de algodão. Então prendeu o cabelo e o escondeu sob um queue de marinheiro.

Ela desceu as escadas correndo, foi para o escritório do irmão e para o armário em que Gray mantinha suas melhores armas. Apoiando a lamparina, pegou uma pequena caixa de madeira do armário e a abriu, esperando encontrar um par de pistolas de barril duplo.

A caixa estava vazia, Brynn notou alarmada, concluindo que Gray devia ter levado as armas. Mas havia uma pistola mais antiga no fundo do armário. Com mãos trêmulas, passou preciosos minutos preparando e carregando a arma. Tinha aprendido com Grayson a

mexer em armas para se defender contra os interessados.

Havia acabado de colocar a pistola no cinto e fechado o armário quando uma voz amável surgiu atrás dela, fazendo seu sangue gelar.

– Você poderia me dizer por que deixou nossa aconchegante cama e se vestiu como uma contrabandista, meu amor?



Com um grito sufocado que ecoou no silêncio, Brynn se virou para encontrar o marido na porta.

– Lucian – disse, apavorada.

– Você não respondeu a minha pergunta, meu amor. – Ele esperava, os traços severos e frios como ela nunca tinha visto antes.

Brynn olhou horrorizada para Lucian, sem conseguir falar.

Como ela permaneceu calada, ele atravessou o cômodo e foi até ela.

– Era veneno ou outra coisa, Brynn? – o tom de voz dele mortalmente calmo.

– O que quer dizer?

– Não se atreva a mentir para mim. – A voz dele tinha uma ponta de fúria. – Já me cansei das suas mentiras. O que você colocou no meu vinho?

Ela engoliu seco.

– Não era veneno.

– O que era então?

– Apenas um sonífero.

– *Apenas* um sonífero? Você tentou me dopar?

– S-sim. – Obviamente Lucian apenas fingiu beber, Brynn percebeu.

O músculo na mandíbula dele se contraiu.

– Eu queria estar errado. – Parou diante dela, o rosto tão fechado em fúria que ela deu um passo para trás. – Tolo que sou, esperava que você não fosse culpada de traição.

Lucian foi até ela, sua sombra encobrindo-a enquanto apertava dolorosamente seu braço. Abaixando-se, Lucian pegou a pistola do cinto dela.

– Perdoe-me se não confio em você armada.

Ela balançou a cabeça, entorpecida, tentando recuperar a calma.

– Lucian, não é o que você está pensando...

– Não? – Ele deu uma risada. – Então me conte o que é.

Soltando o braço, Brynn andou até uma cadeira e se sentou.

– Eu dopei você para mantê-lo a salvo. Eu estava tentando salvar sua vida.

– É mesmo? – A feição dele era impassível como um bloco de granito. – Você vai entender se eu não acreditar. Você estava ajudando seu irmão traidor, mantendo-me fora do caminho para que ele pudesse se livrar do ouro.

– Não. Não nego que queria você fora do caminho, mas foi apenas para salvar sua vida. Grayson disse que aqueles homens... eles o teriam matado se você interferisse hoje à noite. Eu não quero que você morra. Eu.. Eu amo você, Lucian.

A calma dele a fez tremer.

– Eu disse para não mentir para mim, Brynn.

– Não estou mentindo. Eu juro. Eu me apaixonei por você, mesmo tentando desesperadamente não o fazer.

– Que conveniente você só perceber agora como se sente quando quer me fazer amolecer.

Ela fechou os olhos, exausta.

– Eu não acabei de perceber como eu me sinto. A mudança está acontecendo há semanas. Você precisa acreditar em mim, Lucian.

– Preciso? Você não vai me convencer, Brynn. Você já mentiu antes, muitas vezes. Ela balançou a cabeça.

– Se menti, foi porque não tive escolha.

– Você não teve escolha? – O comentário exalava desprezo.

– Você nem ao menos vai ouvir meus motivos?

– Pois bem. Tente explicar suas mentiras. Conte-me sobre meu anel de selo. Você o entregou para seu irmão, para ele organizar o roubo do carregamento de ouro.

– Não é verdade! Gray pegou o anel de seu escritório, sim, mas eles ameaçaram matá-lo se não cumprisse as ordens.

– Eles?

– Um grupo de traficantes. Gray diz que são selvagens. Ele se envolveu sem perceber em um primeiro momento, porque precisava do dinheiro para quitar as imensas dívidas de nosso pai e afastar os credores. Meu irmão não é mau. Ele apenas queria desesperadamente salvar nossa família da indigência ou pior. Ele concordou em levar um carregamento para eles, sem saber que era ouro. E então eles começaram a chantageá-lo. Ele precisava conseguir o seu selo, ou eles o matariam.

– Por que simplesmente não me contou?

– Eu não podia correr o risco de você prendê-lo. Ou que você tentasse, e um de vocês se ferisse. Depois do que aconteceu entre você e Giles... – ela viu Lucian recuar e continuou com mais calma. – Eu admito que queria proteger meu irmão, mas com certeza você pode entender como me sinto. Você tinha o mesmo apreço pelo seu amigo Giles, você mesmo me contou. Sofreu com a morte dele. Bem, eu não queria que Gray morresse, muito menos você. Ou Theo. Eles o ameaçaram também. E a mim também.

Pela rigidez da mandíbula de Lucian, Brynn sabia que ele não tinha a menor intenção de entender o dilema.

A voz dela se tornou um murmúrio angustiado.

– Eu não sabia mais o que fazer, Lucian. É uma sensação horrível, ter de escolher entre pessoas que eu amo.

Ele não respondeu.

– Essa não foi a sua única mentira. Algumas semanas atrás você desapareceu. Mas não estava com Raven ou Meredith como você disse. Como explica isso?

– Eu consultei minha sorte com uma cigana em um festival. Eu queria saber se havia alguma forma de quebrar a maldição. Eu não podia contar minhas intenções, Lucian, você não percebe? Eu não podia admitir meu amor por você, nem mesmo para mim – ela soluçou enquanto falava. – Eu estava apavorada pensando que causaria a sua morte.

– E você não está com medo agora?

– Sim, eu estou! Mas agora é tarde demais. Não posso controlar o que sinto por você.

Ele ficou calado, os olhos cheios de desconfiança.

– E a sua cigana conhecia alguma solução? – ele finalmente perguntou.

– Ela disse... que eu deveria estar disposta a dar minha vida por você.

A boca dele se contorceu.

– Não consigo imaginar isso acontecendo.

Brynn desviou o olhar, a infelicidade a sufocava. Lucian não acreditava nela, não acreditava em nada do que dizia. E ela não podia culpá-lo. Nunca havia feito nada para merecer a confiança dele. Apenas brigava com ele, mentia e havia tentado dopá-lo...

O desespero puro e intenso tomou conta dela por completo. Ela sentiu lágrimas

escorrendo pelo rosto, lágrimas que Lucian evidentemente havia notado.

– Lágrimas não vão me comover, Brynn.

– Eu sei – ela supirou, secando-as furiosamente.

Ele hesitou por um momento antes de falar em um tom morto.

– E o bebê? Por que mentiu sobre isso?

O olhar dela voou para o dele.

– Você não achou que eu fosse descobrir, não é? – Os olhos de Lucian eram frios e letais. – Por que esconderia isso de mim, Brynn? Porque queria me deixar? Você queria me privar de minha prole sem que eu ao menos soubesse da existência dela?

Ela ficou calada, incapaz de refutar a acusação.

Ele rangeu os dentes, como se tentasse se acalmar, mas por um instante ela viu o desespero nos olhos dele.

– Eu esperei você me contar, Brynn. Eu tinha esperanças... Você sabe o quanto quero um filho. – Havia uma franqueza nas calmas palavras de Lucian que partiu o coração dela.

Brynn abaixou a cabeça. Talvez tivesse errado ao não contar sobre a gravidez para Lucian, havia roubado dele o prazer de saber por ela, de compartilhar a grande descoberta. E ainda assim...

– Eu não ousei contar a você.

– Por que diabos não?

Ela lançou um olhar suplicante.

– Porque eu temia pela sua vida! Quando você descobrisse que eu estava grávida, eu sabia que você jamais me deixaria ir. Mas eu não poderia ficar com você nem mais um segundo sem me apaixonar. Sem fazer a maldição recair sobre você.

Lucian olhou a bela esposa, tentando ler a verdade naqueles olhos esmeralda. Ela teria realmente tentado protegê-lo daquela odiosa maldição, ou estava apenas tentando se safar?

A boca formou um sorriso sardônico.

– Bem, duvido que você teria mantido o segredo por mais tempo agora que sua cumplicidade foi descoberta.

Ela mordeu o lábio trêmulo.

– O que quer dizer?

– Certamente você conhece as vantagens de revelar sua condição? Gravidez é um dos raros casos que impede uma mulher traidora de ir para a forca. De fato, talvez seja por isso que você estivesse disposta a ter um filho meu – uma garantia para sair impune de tão severo crime.

Ela levantou o queixo, os olhos brilhando.

– Essa é uma insinuação desprezível. Eu não estaria disposta a engravidar apenas para escapar de uma punição, mesmo que fosse culpada. Não sou uma traidora, Lucian, quer acredite em mim ou não. E *não* quero que você morra. Mesmo que eu não ame você, ainda quero você a salvo. É tudo o que eu sempre quis. Mantê-lo a salvo.

Lucian permaneceu sinistramente quieto. Queria tanto acreditar na declaração de amor dela, mas não podia se permitir. Ele havia bancado o idiota com Brynn demasiadas vezes.

Como se compreendesse o dilema dele, ela se levantou e se aproximou, parando apenas a um passo de distância. Ele podia sentir o calor dela, a devastadora atração, mesmo com as roupas masculinas.

Lucian cerrou os punhos como se lutasse determinadamente por controle. Queria sacudir Brynn, arrancar a verdade dela. Queria se livrar dos enganos entre eles, dos segredos obscuros, das mentiras. Ele queria puxá-la para seus braços...

O inferno que a levasse. Ela estava ali, olhando para ele, na fraca luz da lamparina, os olhos, duas piscinas verdejantes. Parecia ser totalmente inocente. Ela era realmente culpada de traição ou estava apenas tentando proteger o irmão?

– Não posso provar minha inocência, Lucian – ela disse suavemente –, mas posso jurar pela vida de nosso filho que estou dizendo a verdade.

Uma onda de raiva passou por ele ao ouvir o juramento insensível. Brynn estava manipulando a boa vontade dele, usando sua grande fraqueza contra si próprio. Ele deveria prendê-la e entregá-la ao governo britânico...

Em silêncio, Lucian se amaldiçoou. Não podia mandar Brynn para a prisão, mesmo que fosse uma traidora. Deus sabia, não queria que nada nem ninguém a machucasse. Ela era sua esposa. A mulher que amava. E mesmo agora o desejo por ela ardia mais forte e intenso que nunca. Era um desejo voraz que nunca o deixava.

Culpada ou não, não podia prejudicá-la. Mesmo que isso significasse sacrificar a própria honra, ele não poderia deixá-la ser castigada por traição.

Lucian fechou os olhos, bloqueando a imagem daquele lindo rosto. Faria qualquer coisa para proteger a bela enganadora que possuía seu coração.

Ainda assim... precisava pensar em seu dever. Ele tinha de impedir que ela o traísse mais. E tinha de mantê-la a salvo. Só podia pensar em uma única solução...

Preparando seu coração, Lucian forçou-se a encará-la.

– Você já causou estrago o suficiente, Brynn, e não pretendo lhe dar mais oportunidades para isso. Assim que lidar com seu irmão, planejo levá-la para o País de Gales.

– Gales?

– Para o castelo de Wycliff, onde vai ficar até meu filho nascer. Isso vai servir para mantê-la longe do seu irmão. Nesse meio-tempo, você pode se considerar sob prisão domiciliar.

– Prisão? – Os olhos dela se arregalaram em desespero.

– Sim. Esta casa está cercada, Brynn. Se tentar fugir, será presa. Seu irmão também. Vocês não vão ter êxito nessa conspiração.

– Lucian, por favor...

– Eu já escutei o suficiente.

Ele começou a se virar, mas Brynn segurou-o pelo braço, detendo-o.

– O que você pretende fazer?

– Evitar que seu irmão entregue o ouro para os inimigos de nosso país.

Uma expressão de medo se formou na face dela.

– Você não pode se envolver, Lucian.

– Não posso?

– Você será morto. Por favor, eu imploro...

Lucian rangeu os dentes. Brynn não estava tão preocupada com a vida dele como com a do irmão, e ele sabia. Podia entender por que Brynn queria proteger sir Grayson – porque era ferozmente leal à família –, mas o incomodava que ela desse preferência a um traidor e não a ele. Nenhuma súplica impediria que ele prendesse o irmão dela.

Brynn evidentemente percebeu a determinação dele, então inspirou devagar, tremendo.

– Pois bem, então. Eu o levarei até Grayson.

Lucian a encarou atentamente. As lágrimas dela estavam sob controle agora, e a expressão estava vazia, sem demonstrar qualquer emoção.

– O que está dizendo?

– Você não sabe onde procurá-lo. Eu posso mostrar.

– Não preciso da sua ajuda. Eu avisei, se ele tentar fugir, será preso. Ele não irá longe.

– Ele não será visto saindo da casa, Lucian. Pode procurar o quanto quiser, mas não vai encontrá-lo.

Lucian hesitou, imaginando se era outra das sofisticadas mentiras de Brynn.

– Eu o levarei até ele. E ao ouro. Acredite, eu sei onde ele o escondeu.

Ele apertou os olhos.

– Onde?

– Não – Brynn balançou a cabeça. – Eu não vou deixá-lo ir sozinho, Lucian.

Ele deu um passo intimidante na direção dela, mas Brynn manteve a compostura.

– Eu vou com você.

– Você acha que sou um completo idiota? Espera que eu a siga até uma armadilha que você planejou com seu irmão?

Uma expressão de dor apareceu no rosto dela.

– Eu não planejei nenhuma armadilha.

– Você não vai a lugar algum, Brynn. Ainda é minha mulher e está carregando meu filho. Traidora ou não, não quero você em perigo.

– Eu também não quero você em perigo. De qualquer forma, meu irmão nunca me machucaria.

– Mas os comparsas dele sim. Ele está certo sobre a quadrilha de traficantes serem selvagens e cruéis. Eles não pensariam duas vezes sobre enforcá-la em seu próprio cabelo.

– Eu sei. Por que você acha que queria a pistola?

Quando Lucian fez uma pausa, ela continuou a argumentar.

– O que você pensa que eu estava planejando, Lucian? Eu mesma pretendia impedir Grayson, para que você não tivesse que o fazer. Sei que você não acredita em mim, mas é verdade.

Furioso que ela fosse continuar com a torrente de mentiras, Lucian levou as duas mãos ao pescoço dela apertando suavemente.

Ela o olhou sem palavras, com angústia nos olhos.

Com outro xingamento selvagem, Lucian deixou as mãos caírem.

– Espere aqui – ele ordenou.

– Lucian...

Rejeitando o pedido, ele deixou Brynn no escritório, trancando a porta. Dando largos passos pelo corredor até a porta da frente, ele saiu e desceu pela escuridão.

Philip Barton apareceu na noite.

– Milorde?

– Você viu sir Grayson? Ele apareceu esta noite?

– Não, ele não deixou a casa.

Pelo menos não por um dos caminhos convencionais, Lucian concluiu. Ele poderia procurar pela casa toda, mas suspeitava que Brynn estava dizendo a verdade pela primeira vez, sir Grayson não seria encontrado. Devia existir uma passagem secreta dentro da casa, Lucian concluiu. Ele a acabaria encontrando, mas os esforços chegariam tarde demais.

Philip pareceu ler a mente dele.

- Tenho homens patrulhando a praia, como o senhor ordenou.
- Eles ainda podem escapar com o ouro – disse Lucian sombriamente.
- O que você quer que eu faça?

O que, de fato? Lucian pensou. Se Brynn estava dizendo a verdade, poderia levá-lo ao irmão e ao ouro.

E depois? Iria ela ativar a armadilha?

No entanto, havia alguma escolha? Ele não poderia arriscar que o ouro caísse nas mãos dos franceses. Teria de aceitar as condições de Brynn, apesar do perigo.

– Mantenha seus homens a postos – Lucian disse, virando-se. O preço por confiar em sua esposa poderia significar perder a vida, mas ele não tinha alternativa.



Lucian deixou que Brynn fosse na frente com a lamparina enquanto se mantinha a postos com a própria pistola. Não se surpreendeu quando ela o levou pela cozinha, agora escura, até a adega que ficava embaixo, nem quando desapareceu atrás de uma parede de barris e se abaixou para abrir uma pequena porta de carvalho.

– Esse caminho leva à costa? – ele perguntou.

– Sim. Há várias cavernas embaixo da casa, conectadas por túneis. A entrada pela praia está escondida em uma fenda na parede do penhasco.

– Conveniente para a sua família – Lucian comentou com sarcasmo. Brynn o olhou de soslaio, mas não respondeu.

Quando ela desapareceu pela abertura, Lucian a seguiu. Um estreito lance de escadas talhado nas rochas descia pela escuridão.

Nenhum dos dois falou durante a descida. A lamparina de Brynn conjurava sombras que dançavam nas rochas, que eram manchadas de vermelho, verde e púrpura. Quando chegaram ao último degrau, a passagem se aplainou, mas Lucian teve de se abaixar para não bater a cabeça.

Depois de um tempo o túnel se transformava em uma pequena caverna onde era possível ficar em pé. Esse esconderijo natural seria ideal para guardar uma carga de contrabando, ele sabia. A costa da Cornualha era tal como uma colmeia, com cavernas e ravinas onde a embarcação de um contrabandista podia entrar sem ser detectada, mas transitar com a carga por uma praia era um desafio maior. Os produtos mais comuns eram volumosos – rolos de seda, veludo, renda, barris de vinho, barriletes de conhaque, talvez chá, tudo contrabandeado para o país a fim de evitar as altas taxas impostas pelo governo britânico por causa da guerra interminável.

O chão da caverna estava molhado e perigosamente escorregadio, Lucian notou, a pedra gasta ao longo dos séculos por uma fonte de água que vinha do subsolo. Quando Brynn escorregou uma vez, ele instintivamente a segurou. Ela se encolheu com o contato, e Lucian afastou a mão abruptamente, sentindo-se queimar.

Ela avançou pela caverna e adentrou outra passagem escavada na rocha. Ele olhou com cautela para os arredores, memorizando o caminho, antes de segui-la. Logo, pôde ouvir o distante som do mar que batia contra a base dos penhascos.

O túnel se abriu em outra caverna, essa já fracamente iluminada por uma lanterna. Com certa urgência, Lucian segurou Brynn pelo ombro, para fazê-la parar. A menos de cinco metros de distância, o irmão dela, Grayson, andava de um lado para o outro – visivelmente nervoso, Lucian notou.

Adentrando a caverna, Lucian o chamou. Grayson se virou, procurando a pistola em seu cinto. Ele se deteve quando viu a arma apontada para seu peito.

Lucian indicou com a arma em mãos.

– Sugiro que coloque a pistola no chão... devagar.

Por um momento, a mão de Grayson apertou o cabo da pistola, mas fez como foi pedido, cuidadosamente sacando a arma e a colocando no chão rochoso.

Então ele lançou um olhar melancólico para a irmã.

– Você o trouxe aqui, não trouxe? Está satisfeita, Brynn, traindo sua própria família?

A dor no rosto dela era visível, Lucian notou ao olhar por cima do ombro.

– Eu não trai você – disse ela secamente. – Lucian nos descobriu. Mas eu estava vindo procurá-lo de qualquer forma. Talvez exista outra solução, Gray. Uma que não envolva traição.

Os punhos de Grayson se fecharam, sua fúria evidente.

– Maldição, eu já disse, não há outro jeito.

– O que é isso? – Lucian se intrometeu sarcasticamente. – Discórdia entre os ladrões? Eu deveria esperar, sir Grayson, que você tivesse mais gratidão por sua irmã. Você nunca poderia ter roubado meu anel de selo sem a ajuda dela.

O foco furioso de Grayson mudou, e ele encarou Lucian.

– Brynn não teve relação com minha apropriação do seu anel. Eu o peguei de seu escritório apesar da objeção dela e então a convenci a ficar calada.

– E então o usou para ajudar os inimigos de seu país a roubar um carregamento de ouro.

Ele olhou para baixo.

– Pelo jeito sim. Não me orgulho disso. Mas não pode culpar Brynn. Ela não participou disso.

Lucian levantou uma sobrancelha em dúvida, sem se surpreender por Grayson defender a irmã tão prontamente.

– Você espera que eu acredite? Um traidor?

– Acredite no que quiser, lorde. Mas eu sou o único responsável. Brynn não estava envolvida até hoje à noite quando pedi que ela dopasse você.

A boca de Lucian se contorceu.

– E me dopar seria garantia de absolvição para ela?

– Ela o fez para protegê-lo, para mantê-lo a salvo dos homens de Caliban. O senhor é quem deveria demonstrar gratidão, Wycliff.

Um estranho senso de alívio tomou conta de Lucian ao ouvir o que Brynn já havia dito. Talvez, de fato, ela realmente não fosse culpada de traição.

– Planejo lidar com minha esposa depois – Lucian respondeu. – Agora, você é minha principal preocupação. Eu gostaria que retornasse para a casa comigo.

Os ombros de Grayson caíram.

– Não – ele disse com calma.

– Resistir só vai tornar as coisas mais difíceis para você.

Ele deu um sorriso amargo.

– Como alguma coisa poderia se tornar mais complicada do que um enforcamento? Não, receio que terá de me matar, meu lorde. Prefiro morrer por causa de uma bala do que ser executado por traição.

Brynn engasgou, mas o irmão acenou na direção da arma de Lucian.

– Vá em frente e atire. Não vou deixá-lo me prender.

Ela andou na direção dos dois, a lamparina que carregava fazia sombras saltarem pela caverna.

– Não, Lucian, você *não pode fazer isso*. Estou dizendo, Grayson não pretendia cometer traição. Ele não sabia o que estava fazendo. Estava apenas tentando pagar as dívidas e proteger nossa família. Por favor... Gray, *diga a ele*...

– Brynn, quero que você se retire – Lucian ordenou.

– Não, eu não posso deixar que você o mate.

– Brynn – Grayson disse gentilmente – levar um tiro é de longe a melhor forma de

morrer. Assim eu a pouparia da vergonha do meu enforcamento, e também a manteria a salvo. Se eu estiver morto, Caliban e sua laia não vão mais ser uma ameaça para você e para Theo.

Lucian hesitou, sentindo um relutante respeito pelo homem que deveria odiar. Grayson estava preparado para morrer, isso era certo. A vergonha em seus olhos, a tristeza, a calma renúncia aumentavam sua determinação.

Aquele olhar sem esperança era familiar demais, Lucian ponderou com expressão tensa. Tinha visto o mesmo desespero no rosto de seu amigo Giles. O amigo que ele havia *matado*.

Encolhendo-se, Lucian ignorou a angustiante memória, mas ainda assim se sentiu transportado a um outro momento – confrontando Giles e sua traição, sendo forçado a terminar a vida dele. Nos meses que se seguiram, Lucian lembrou-se de amaldiçoar a injustiça da situação. Caliban era o culpado por arruinar inúmeros homens, homens que eram por natureza bons e honráveis. O bastardo havia feito o mesmo com sir Grayson – com ameaças e extorsão –, Lucian não tinha dúvidas.

O olhar recaiu na pistola em suas mãos. Poderia repetir o passado? Poderia provocar a morte de sir Grayson? Tentar prender o homem agora seria o mesmo que um assassinato, pois, assim como Giles, Grayson não aceitaria ser capturado vivo.

Brynn deve ter pensado o mesmo, porque se posicionou entre eles, os olhos cintilando com as lágrimas.

– Você não pode matá-lo, Lucian. Por favor... por favor, eu imploro...

– Brynn, fique fora disso – o irmão ordenou.

Ela conteve um soluço, um som desesperado que partiu o coração de Lucian. Fortalecendo sua determinação, ele olhou para Grayson.

– Onde você guarda o ouro escondido?

Grayson balançou a cabeça na direção do fundo da caverna.

– Embaixo de uma piscina rasa. Você deveria levá-lo. Não há mais sentido em tentar mantê-lo.

– Imagino que esteja esperando a chegada de seu contato francês. – Sim. Um homem chamado Jack. Ele deveria me encontrar antes que a maré ficasse baixa. Já deveria ter chegado.

– Talvez esteja tendo dificuldades para escapar das minhas patrulhas – Lucian comentou. – Tenho homens posicionados em vários pontos da costa.

– Desconfio que ele tenha visto suas patrulhas, mas Jack é um homem engenhoso. Ele teria provocado uma distração para poder pegar o ouro. – Grayson olhou atentamente para a pistola. – Você deveria acelerar as coisas e levar Brynn para longe daqui. Jack ameaçou matá-la mais de uma vez. Cada momento que fica aqui, você apenas a expõe ao perigo.

Lucian sentiu um músculo se contrair em sua mandíbula.

– Está sugerindo que eu simplesmente dispare contra você a sangue frio?

– Se não quiser, eu mesmo posso fazê-lo. Isto é, se você confia em mim armado.

Dou minha palavra de honra que eu mesmo o farei. – a boca dele se contorceu em um triste sorriso. – Minha palavra um dia teve algum valor. Antes disso, eu era um homem honrado.

Lucian sabia que Grayson falava sério, ele planejava tirar a própria vida.

– Ou talvez – Grayson adicionou – tudo o que você precise fazer é esperar. Jack não hesitará em acabar com a minha vida quando não puder entregar o ouro. Você pode me deixar com uma arma. Prometo tentar levá-lo comigo.

– Está disposto a atacar seu sócio?

– Mais do que disposto. Jack não é meu sócio. Ele é um maldito que ameaçou matar minha família... – Os traços de Grayson se contorceram – Por que acha que eu cedi às demandas deles? Nada mais poderia ter me feito cometer traição. Mas eu duvido que você possa entender tal fraqueza, Wycliff. Você nunca se importou com ninguém, apenas com sua honra. Você seria mais forte se estivesse em meu lugar.

Eu seria mais forte? Lucian perguntou a si mesmo. *Eu teria lutado, certamente. Eu teria investido todos os recursos à minha disposição, todas as forças do governo sob meu comando.* Mas Grayson tinha poucos recursos e pouquíssimos contatos com o governo. E ainda assim seria um risco para Brynn...

Lucian balançou a cabeça, sabendo que estava mentindo para si mesmo. Ele teria sacrificado a honra por Brynn. Faria qualquer coisa para salvá-la.

Ele era realmente melhor que o irmão dela?

Naquele momento Brynn deu outro passo na direção de Lucian. Ela não emitia um som, mas a súplica nos olhos verdes era dolorosamente eloquente. Ela provavelmente o odiaria se matasse seu irmão.

– Sua irmã está certa – Lucian disse lentamente, pensando rápido. – Talvez exista uma outra maneira. Por causa dela, eu talvez considere fazer uma proposta a você.

– Uma proposta?

Lucian olhou para Brynn. Ela havia coberto a boca com a mão, como se não ousasse acreditar.

– Quero Caliban, sir Grayson. Mas preciso da sua ajuda para encontrá-lo.

A esperança que brilhou nos olhos Grayson rapidamente se extinguiu.

– Eu ficaria mais do que feliz em ajudar, mas temo que não possa ser útil nesse caso. Nunca vi Caliban.

– Mas você viu seus comparsas. Você conhece seus métodos.

– E isso não resolve meu problema: a ameaça à minha família. Prefiro morrer a ver minha irmã ou meus irmãos machucados. Você não pode protegê-los de Caliban, meu lorde. Pelo menos, se eu estiver morto, minha família estará a salvo.

– Sua morte poderia ser providenciada... – Lucian respondeu, a mente trabalhando a todo vapor.

– Não! – Brynn exclamou horrorizada.

Lucian dirigiu a atenção para ela, preparado para oferecer uma explicação, mas ouviu um fraco arranhar de botas contra a pedra. O olhar dele se dirigiu para a outra extremidade da caverna.

Uma figura emergia das sombras na direção deles – um homem vestido de preto, segurando duas pistolas engatilhadas e apontadas. Uma apontava para Grayson, a outra para Brynn.

– Você me decepciona profundamente, sir Grayson – o recém-chegado declarou com um leve sotaque francês. – Pensei que nós tivéssemos um acordo.

Os traços de Grayson formaram um sorriso desdenhoso.

– Jack. Eu não tenho escrúpulos em negar um acordo com alguém como você.

– Jacques, por favor. Jack é tão... inglês. – O francês se virou para Lucian. – Lorde Wycliff. – O suave tom de voz usado ao falar o nome demonstrava uma imensa satisfação.

– Eu o conheço? – Lucian perguntou, amaldiçoando-se pelo imperdoável descuido de deixar o francês se infiltrar sem ser percebido.

– Não, mas *eu* o conheço. – os frios olhos negros se fixaram nele – Lorde Caliban

recentemente deu um alto preço pela sua cabeça. Você tem sido um grande incômodo para ele.

– Obviamente não sou incômodo o suficiente. – Lucian exibiu um sorriso cínico. – Então seu covarde empregador está no mercado de assassinatos e de traição?

– Lorde Caliban dificilmente é um covarde.

– E ainda assim ele manda seus lacaios para fazer seu trabalho sujo.

– Eu planejo matá-lo e pegar a recompensa, se é o que quer dizer. E coletar o ouro também – Jack balançou uma de suas pistolas na direção de Brynn. – Esta é sua adorável dama?

Mentalmente Lucian jurou uma promessa violenta, a mente maquinando freneticamente algo enquanto tentava esconder o próprio desespero. Ele não sobreviveria a esse encontro, suspeitava, mas talvez pudesse barganhar pela segurança de Brynn.

Estava em clara desvantagem, no entanto. Ele e Jack tinham as pistolas apontadas um para o outro, mas Brynn estava mais próxima do francês, no meio do caminho. Se ele agisse com rapidez, Lucian sabia, corria o risco de que ela fosse atingida. E Jack estava ficando impaciente.

– Você me fará o favor de colocar sua arma no chão – o francês ordenou.

Mantendo a face calma, Lucian balançou a cabeça.

– E renunciar ao meu único bem? Não, *monsieur*, prefiro as coisas como estão. Com suas duas pistolas contra a minha, você não pode atingir nós três.

– Mas certamente posso atingir lady Wycliff. Ela será a primeira, e então eu terei grande prazer em despachá-lo.

– Deixe-a ir, e eu considerarei abrir mão da minha pistola.

Lucian deu um passo à frente devagar, tornando-se um alvo maior, mas o francês deu outro ríspido comando.

– Assim está perto o bastante!

Parando, Lucian se balançou na ponta dos pés, preparando-se para avançar e colocar Brynn atrás dele.

– Eu já mandei abaixar a pistola – Jack repetiu.

– Deixe minha mulher ir, e eu abaixarei.

A boca de Jack se abriu em um sorriso debochado.

– Acha que eu sou um idiota?

Lucian começou a responder quando, pelo canto de seu olho, viu Grayson se abaixando, evidentemente tentando pegar a arma descartada.

Em um único movimento, sem piscar, Jack mudou seu foco e atirou em Grayson, que abruptamente segurou seu lado em dor. A explosão reverberou com um barulho oco por toda a caverna, misturando-se com o grito de horror de Brynn enquanto Grayson se contorcia em direção ao chão. O coração de Lucian saltou em seu peito.

Tudo o que aconteceu em seguida pareceu se mover com infinita lentidão... O francês virou o braço para Lucian e atirou uma segunda vez logo quando Brynn se lançou na direção do traidor.

O coração de Lucian parou de bater por completo quando ela saltou na direção da bala, protegendo-o com o próprio corpo enquanto ela jogava a lamparina no francês com toda força. A lamparina se estilhaçou no ar um instante antes que Brynn caísse de rosto no chão. Lucian não conseguia dizer se por um tropeço ou por ter sido atingida.

O terror explodiu dentro dele, com uma fúria cega. Impulsivamente ele levantou a pistola e atirou, mas o francês se esquivou, e a bala se perdeu, ricocheteando na parede de

pedra, estilhaçando-a e fazendo voar fragmentos de poeira.

Movendo-se antes que o eco da explosão tivesse acabado, Lucian deu um urro de pura fúria animal e mergulhou na caverna. Ele se atirou contra o francês, tentando agarrá-lo pelas coxas, colocando todo o peso no ataque.

Jack cambaleou para trás sob o forte impacto de ser atirado contra o frio chão de rocha, suas armas inutilmente espalhadas no chão.

Aproveitando-se da distração momentânea do oponente, Lucian se levantou montando em seu oponente e atingindo-o com um golpe de seu punho, determinado a surrar o francês até transformá-lo em uma massa sangrenta e disforme. Ele desferiu outro soco poderoso e brutal contra a mandíbula, e depois outro, sem mostrar misericórdia apesar dos gritos de dor do homem.

Quando Jack levantou as mãos em um esforço para se defender contra a feroz investida, Lucian olhou por cima do ombro, desesperadamente procurando Brynn, esperando o pior. Ele a viu lutando para se levantar e sentiu um forte alívio, sabendo que poderia não estar terrivelmente machucada.

No entanto, a distração acabou sendo perigosa. O punho do francês o atingiu na têmpora, a dor o cegou por um precioso segundo enquanto a pele acima de seu olho se abria.

Praguejando, Lucian desviou dos próximos golpes do oponente e tentou limpar o sangue que escorria de seu ferimento. Por um instante sentiu que estava sufocando, pois os dedos de Jack o apertavam pela garganta. Deu outro soco forte e rolou para o lado, forçando o francês a afrouxar as mãos.

Atrás dele, Brynn se ajoelhou cambaleando, tentando se estabilizar, os sentidos aturdidos. Ela estava sem fôlego por ter tropeçado, e o braço ardia como fogo por causa do ferimento de bala. Mas a bala não havia atingido Lucian, era tudo o que importava. O alívio era tão profundo que ela se sentiu fraca e não aguentou muito.

Ela viu Lucian lutando, enquanto Gray estava deitado, as mãos apertando sua lateral, a face pálida. Ela conteve um soluço. Grayson estava vivo ao menos, enquanto Lucian precisava de ajuda.

O olhar agitado dela encontrou a pistola do irmão, que estava a vários passos. Forçando-se a sair daquele estado de paralisia, ela se levantou e cambaleou até a arma, pegando-a e segurando o cabo com ambas as mãos.

Ela não podia atirar, no entanto, com medo de acertar Lucian, que estava envolvido em combate mortal. Quando ouviu um gemido aos seus pés, olhou rapidamente para o irmão.

– Eu nunca soube... que ser baleado... seria tão dolorido – ele resmungou.

A voz dele estava quase abafada pelos gemidos dos combatentes, mas fora uma ríspida praga de Lucian que fez o terror gélido descer pela barriga de Brynn. Os dois homens lutavam lado a lado agora, mas o francês tinha uma faca!

A lâmina brilhou quando ele levantou o braço e deu um golpe. Com outra praga, Lucian se jogou para trás, pegando o punho de seu oponente com ambas as mãos.

Brynn assistia, a respiração presa na garganta, enquanto o francês soltava o braço. Afastando-se, ele atacou novamente, agitando o punhal.

Ela se moveu na direção dos dois, desamparadamente mirando a pistola, quando no mesmo instante Lucian se desvencilhou do adversário. Já sem fôlego, o francês se levantou e correu na direção do túnel. Levantando-se morosamente, Lucian rapidamente o seguiu.

Brynn se preparava para segui-los mas lançou um olhar desesperado por cima do

ombro, na direção do irmão machucado.

– Vá... Eu vou ficar bem... – Gray disse. – Tente salvá-lo.

Ela avançou para o túnel onde os dois homens haviam desaparecido. As pernas tremendo, o coração acelerado, ela mergulhou na escuridão.

Ela ficou cega por um momento, mas então ouviu o distante eco de passos e seguiu sem conseguir enxergar o caminho, usando a parede do túnel como guia.

Ela estava sem fôlego quando chegou ao final do túnel, o peito doendo de medo. Ela podia ver um fraco lampejo, mas tinha de contornar um obstáculo e passar por uma fenda na parede rochosa antes de encontrar a praia de cascalho.

A noite escura estava densa com a chegada de uma tempestade, as nuvens fantasmagóricas no céu iluminadas pela lua e movidas pela fria brisa marinha. Agitada, Brynn olhou a praia dos dois lados, vendo apenas afloramentos rochosos, ouvindo apenas o som das ondas e a própria respiração agitada.

Lutando para encher os pulmões, ela olhou por cima do ombro, o olhar acompanhando o penhasco. Seu coração deu um salto quando viu duas formas negras acima; o francês estava subindo pela trilha no penhasco, Lucian logo atrás. Quase podia ouvir o som ofegante da respiração dos dois.

Um segundo depois, Lucian capturou sua presa. Com um movimento impressionante, ele derrubou Jack no caminho rústico.

Ambos se levantaram em um instante. Em vez de continuar a fugir, no entanto, Jack subitamente se virou com a lâmina em mãos. Lucian cambaleou para trás e escorregou, quase caindo da estreita trilha. Brynn quase gritou enquanto ele se apoiava contra a parede do penhasco para recuperar o equilíbrio.

Com o coração na garganta e trêmula, ela segurou a pistola, tentando mirar o francês. Ela se atreveria a disparar? Eles estavam tão perto um do outro...

Não tinha escolha, já que Jack atacava de novo, a faca erguida contra Lucian. Rezando, Brynn puxou o gatilho.

O tiro explodiu nos ouvidos dela. Instantes depois ouviu o grito de um dos homens. Então Jack caiu sobre Lucian, que não estava preparado para o impacto.

Em um momento eterno, os dois combatentes se entrelaçaram na beira do precipício. Então, com uma agonizante lentidão, eles rolaram da borda.

Com o coração congelado, Brynn assistiu com impotente terror enquanto eles caíam juntos em um abraço mortal sobre a praia rochosa lá embaixo.



O *pesadelo era real*, pensou Lucian, atordoado. Brynn estava em cima dele na escuridão, seu cabelo de fogo em volta de seus ombros, suas mãos escorregadias com o sangue dele...

Estaria morrendo? A surda dor em sua cabeça – em seu corpo inteiro – o fazia pensar que sim.

Ele fechou os olhos, mas, quando os abriu novamente, Brynn ainda estava ali, ajoelhada ao seu lado, chorando, cuidando gentilmente de seu rosto com dedos minuciosos. Ela parecia perturbada enquanto implorava roucamente.

– Lucian, por favor... por favor... você não pode morrer... meu Deus, por favor...

Os lábios dela se moviam sobre o seu rosto em um desespero frenético, como se realmente se importasse se ele morresse ou não. Como se realmente o amasse.

O coração dele se torcia de esperança. Tremendo, Lucian virou a sua cabeça rigidamente. O francês deitava de costas, com os olhos arregalados e o pescoço torcido em um ângulo anormal.

A compreensão atingiu Lucian, cortando seus pensamentos agitados. Seu *pesadelo* não tinha se tornado realidade. Ele não estava morrendo. Tinha sobrevivido, ao contrário do inimigo.

Com o seu breve movimento, ele ouviu Brynn inspirar bruscamente, seus soluços detidos enquanto olhava para ele. Na penumbra, podia ver os olhos dela acesos com um medo gritante, com esperança, o brilho das lágrimas riscando seu rosto.

– Lucian? – disse ela, a voz rouca e trêmula.

Ele levantou a mão para tirar uma mecha de cabelo caído de sua face. Ela tinha perdido a touca de marinheiro, e as suas tranças brilhavam como chama escura no fraco luar.

– Eu estou vivo... – sussurrou ele.

Ela deu outro soluço, um som estrangulado de pura alegria, enquanto seus dedos apertavam reflexivamente a sua camisa.

– Eu n-não atirei em você?

– Não, seu tiro atingiu Jack...

Reagindo com instinto primitivo, Lucian puxou-a para seus braços, envolvendo sua boca em uma forte carícia, precisando sentir o seu corpo quente contra o dela, precisando compartilhar a alegria de estar vivo.

Por um momento Brynn travou de susto com a paixão repentina dele, mas depois retornou o seu beijo fervorosamente, com o mesmo desespero. Ela parecia estar rindo e chorando ao mesmo tempo, alívio e alegria profundos evidentes em sua resposta.

Ele a segurou mais perto, bebendo de sua boca, os seus braços se apertavam ao redor dela ferozmente até ouvir o suspiro de dor. Os seus dedos tinham agarrado a parte superior de seu braço esquerdo.

Afastando-se, Lucian sondou o braço dela na escuridão, sentindo o corte em seu casaco. O tecido estava molhado de sangue, ele percebeu, arrepiado de repente.

– Você está *ferida* – disse ele, seu tom acusador.

Brynn olhou para o seu casaco, quase de surpresa.

– Acho que sim.

Sua mandíbula se fechou quando lembrou o que tinha acontecido na caverna: Brynn saltando na frente da bala que estava destinada a ele, desviando o tiro com a sua lanterna e salvando sua vida. O seu coração se revirou. Meu Deus, ela tinha chegado tão perto de morrer por sua causa...

Outra percepção o atingiu no mesmo momento. Em seus sonhos sombrios, o sangue nas mãos da Brynn era *dele*, não dela. Mas esse resultado estava diferente; era ela quem estava ferida. Ela não tinha tentado matá-lo como ele tinha visto em seu pesadelo. Em vez disso, ela havia salvado sua vida pela segunda vez ao atirar em seu inimigo e o protegido-o de ser estripado pela faca de Jack.

A gratidão fazia Lucian tremer, misturada com o pavor de pensar no que poderia ter acontecido com ela. Ele tinha se enganado tanto com relação a Brynn.

– É apenas uma ferida física – ela murmurou diante do silêncio severo dele, mas Lucian não ficou tranquilo.

– Tem certeza? – insistiu. – Você não está machucada em algum outro lugar? – Ele se esticou para colocar a mão na barriga dela. – O bebê?

A mão de Brynn cobriu a mão dele protetoramente.

– Não acho que ele esteja machucado.

Seus pensamentos descontrolados diminuíram um pouco.

– Você está sangrando também – disse ela, ainda preocupada. Quando tocou na pele cortada acima de seu olho, Lucian estremeceu. – Onde mais você está machucado?

Cautelosamente, ele testou os braços e as pernas. Ele parecia estar inteiro.

– Estou apenas abatido. – Ele se levantou, abafando um gemido de protesto ao seu corpo ferido.

Brynn estremeceu.

– Oh, Lucian, eu pensei... eu pensei que a maldição tinha se tornado realidade, que eu tinha matado você.

Ele tinha compartilhado os mesmos pensamentos sombrios.

– A maldição não se tornou realidade, Brynn.

– Você consegue se levantar? – Ela olhou para o francês morto e estremeceu novamente. – Deveríamos chamar um médico para você... ela respirou fazendo força, como se estivesse lembrando. – Grayson... ele foi ferido gravemente, Lucian. Eu preciso vê-lo.

Antes que ele pudesse responder, os dois ouviram os sons de passos na trilha do penhasco. Lucian sabia que eram de Philip Barton e de seus homens.

Ele jurou mentalmente que queria ficar sozinho com Brynn, pois tinham bastante coisa para dizer um ao outro. Mas agora não teriam mais chances para intimidade por algum tempo. Não enquanto ele ainda precisava lidar com os contrabandistas e determinar o destino de Grayson.

Fazendo uma careta, Lucian afastou Brynn cuidadosamente e se levantou com determinação.

As horas seguintes foram um borrão para Brynn. O perigo imediato estava acabado, mas o futuro estava longe de seguro – tanto o dela quanto do Gray.

No momento em que seus homens chegaram, Lucian chamou um médico para cuidar dela e do irmão, mas então Lucian pareceu se afastar dela, como se tivesse recordado os seus crimes agora que o perigo tinha passado.

Preocupada com Gray, permitiram a Brynn retornar à caverna – porém com escolta. Seu coração se afundava com a implicação das ordens de Lucian: não deveriam deixá-la sozinha com seu irmão. Ela se perguntava se ainda estava em prisão domiciliar.

Ela deixou Lucian aconselhando-se quietamente com seu colaborador, Philip Barton. Brynn suspeitava que estava despachando homens para interceptar a tripulação de contrabandistas franceses e descartar o corpo de Jack, assim como recuperar o ouro roubado. Lucian olhou para ela apenas uma vez antes que ela desaparecesse pela fenda na parede de pedra, buscando urgentemente o seu irmão.

Grayson estava deitado onde ela o havia deixado, aparentando estar pálido e com dor, mas ainda consciente. Ela se ajoelhou ao lado dele e abriu seu casaco para ver a camisa encharcada com sangue. Lutando contra o medo, ela rasgou a cambraia para expor a carne viva. O ferimento estava no lado direito do peito, logo abaixo da axila. Grayson fazia caretas de dor enquanto ela o examinava gentilmente.

– A bala atravessou – ela murmurou em alívio –, mas eu acho que talvez a costela esteja quebrada. Ela tocou a testa do irmão, procurando uma febre

– Está doendo muito?

– Como o próprio diabo. – Os olhos dele procuravam seu rosto. – E o Wycliff?

– Ele está vivo, Gray – ela respondeu com um arrepio, – Jack não está.

– Bom – disse Gray com satisfação.

Ela olhou ao seu redor em desespero.

– Você não pode ficar aqui. Nós precisamos levá-lo para a cama.

O líder dos guardas falou atrás dela.

– Desculpe, senhora, mas estou cumprindo ordens. Devo garantir que o senhor Grayson fique o mais confortável possível, porém ele não pode deixar as cavernas. Um médico estará aqui brevemente para atendê-lo, e a senhora também.

Brynn enrijeceu com a insensibilidade de deixar o seu irmão encarcerado ali.

– Certamente não faria mal levá-lo para os seus aposentos, mesmo que seja um prisioneiro. Ele não está em nenhuma condição de fugir.

Estranhamente, o guarda parecia intrigado.

– O senhor Grayson não é um prisioneiro, minha senhora. Lorde Wycliff apenas não quer que ele seja visto pelos empregados.

– Brynn – murmurou Gray –, está tudo bem. Eu prefiro não me mover muito nesse momento.

Ela hesitou, percebendo a inutilidade de discutir. Gray estava machucado demais para andar, especialmente para subir escadas. Seria doloroso até mesmo ser carregado pelos túneis, e ela não podia cuidar dessa tarefa sozinha.

– Já que você não permite que ele se mova – disse Brynn laconicamente para o guarda –, faria a gentileza de buscar alguns lençóis? Um chão frio de pedra não é lugar para um homem ferido.

– Sim, com certeza, minha senhora – respondeu ele, em tom reverente. – Isso está sendo providenciado.

Ela tirou o casaco e cobriu Grayson. Então esperou ansiosamente enquanto a promessa dos lençóis era cumprida.

Um médico também chegou em pouco tempo – ou pelo menos um homem com uma bolsa médica. Brynn nunca o tinha visto antes, o que significava que não era do distrito. Imaginava que Lucian tinha antecipado o perigo da operação e trazido o seu próprio cirurgião.

O homem tratou das feridas de Gray, confirmando que a bala não tinha se alojado no peito nem perfurado o pulmão, mas que uma costela estava destruída. Com Brynn segurando a lanterna, o médico procurou severamente por fragmentos, depois cobriu a

carne viva com pó basílico e enfaixou as costelas.

– Você é um homem de muita sorte – declarou o médico –, mas o ferimento é muito sério com o osso tão fragmentado. Vai levar alguns meses para sarar.

Ele colocou os lençóis sobre seu paciente, que estava cerrando seus dentes em um óbvio desconforto.

– Eu sinto muito, mas só posso dar um toque de láudano para a dor – acrescentou o médico. – Lorde Wycliff deseja que você esteja alerta quando ele falar com você.

Brynn sentiu um nó frio se formar em seu estômago. Ela estava muito aliviada em ouvir o prognóstico do irmão, mas Gray ainda enfrentava acusações de traição. E mesmo estando infinitamente agradecida por Lucian estar ileso, sua própria traição talvez tivesse criado um obstáculo intransponível entre eles.

O médico enfaixou o braço dela, que estava começando a latejar, e depois se despediu. Brynn sentou-se quieta ao lado de seu irmão observando enquanto os cofres de ouro eram recuperados e levados da lagoa.

Os homens que realizaram a tarefa mal olhavam para ela. Se ficaram surpresos com os eventos ou com a visão da condessa do lorde Wycliff vestida de calças, educadamente fingiram não mostrar. Não que Brynn pudesse reunir energia para se importar. Depois da terrível tensão dos últimos dias, ela se sentia esgotada, desanimada, cheia de pavor com o castigo que seu irmão iria receber.

Seus nervos estavam à flor da pele de novo quando Lucian finalmente chegou.

Brynn viu que o corte acima do olho estava limpo, mas as suas feições pareciam distantes e cansadas.

Ele encontrou o seu olhar apenas brevemente antes de se dirigir ao seu irmão.

– Acredito que temos alguns assuntos importantes para tratar, senhor Grayson.

– Sim – disse ele roucamente.

– Ainda está ansioso para eu colocar um ponto-final na sua existência, como estava pouco tempo atrás?

A boca de Gray se retorcia com humor negro.

– Não... Deitado aqui, tive tempo para reconsiderar. Eu realmente não quero morrer.

Brynn se aproximou para segurar a mão de seu irmão, só não sabia se para dar ou pedir conforto.

– Estou preso? – perguntou Gray.

– De certa forma.

– Então pretende me mandar para a prisão?

– Não – Lucian olhou para ele com firmeza.

– Contanto que honre a sua promessa de ajudar a expor Caliban. Ele ainda continua desconhecido e à solta, e, apesar do trabalho desta noite, nossas perspectivas de capturá-lo foram prejudicadas. Com Jack morto, voltamos para onde começamos. Sua tripulação foi apreendida e será interrogada, é claro, mas duvido que eles saibam alguma coisa sobre o seu líder. Você ainda é a conexão mais próxima que temos com Caliban.

– Eu disse, eu vou ajudar de qualquer maneira possível. Mas eu não posso colocar a minha família ainda mais em risco.

– Eu concordo – respondeu Lucian laconicamente. – É por isso que você vai ter que desaparecer por um tempo.

– Desaparecer?

– Vai se esconder. É a única maneira de garantir a segurança de sua irmã e seus

irmãos. Como você disse, se estiver morto, Caliban não terá mais o poder de chantageá-lo. Então você vai ser dado como morto. Vamos publicar a história que se afogou no mar, que seu corpo nunca foi recuperado.

– Será que alguém vai acreditar nisso?

– Eu não vejo por que não. Vou dizer que você era meu empregado o tempo todo.

Você está trabalhando para o governo britânico, senhor Grayson, tentando chegar perto dos contrabandistas e ganhar a confiança deles.

Lucian fez uma pausa.

– Não há nenhuma prova do contrário.

– Faria isso por mim? – perguntou Gray, seu tom de voz rouco.

Lucian disparou um olhar enigmático para Brynn.

– Sim. Você estava apenas me ajudando no meu dever, tentando manter minha esposa segura. Se você não puder ser encontrado, Caliban deixará de ameaçar Brynn ou seus irmãos. Assim que o pegarmos, você pode retornar. Pode levar alguns meses, no entanto. Caliban se provou terrivelmente ardiloso. Mas você pode usar o período para se recuperar. O médico disse que você vai ficar acamado por um tempo.

Brynn soltou a respiração que estava presa. *Grayson não vai para a prisão.* Ela sentiu lágrimas encherem seus olhos enquanto apertava a mão dele.

Quando Gray permaneceu em silêncio, imerso em seus pensamentos, ela falou.

– O que vamos dizer aos nossos irmãos... Theo? Eles ficarão devastados ao pensar em Grayson morto.

– Se as habilidades de atuação forem boas o suficiente, você pode lhes dizer a verdade. A dor deles deve ser convincente o bastante para enganar Caliban, no entanto.

– Theo vai considerar isso uma brincadeira – afirmou Gray. – E tenho certeza de que podemos contar com os outros para manter a pretensão.

– Pelo menos a presunção de seu afogamento evita um problema – explicou Lucian.

– Se não há corpo, não haverá causa imediata para seu herdeiro assumir o título e as participações, de modo que não haverá confusão jurídica para resolver quando você voltar.

– Para onde Grayson irá? – perguntou Brynn.

– Eu pensei na Escócia. Tenho propriedade nas Terras Altas onde ficará seguro. Um dos meus navios está ancorado em Falmouth e pode transportá-lo para lá. – Seu olhar se concentrou novamente em Gray. – Meu colega, Philip Barton, irá acompanhá-lo. Você pode usar a viagem para lhe dizer tudo o que sabe sobre Caliban. Se concordar com o plano, uma maca será trazida para levá-lo para o navio.

– Agora? – repetiu Brynn. – Tão rápido?

– Hoje à noite? – perguntou Gray.

– Será melhor se você desaparecer imediatamente – respondeu Lucian. – Pode se tornar muito difícil sustentar o subterfúgio caso contrário. Se os seus servos o virem ferido, será mais difícil justificar o seu súbito desaparecimento no mar.

Brynn compreendeu de repente.

– Foi por isso que você não quis que Gray fosse removido das cavernas.

– Sim – respondeu Lucian. – Então, concorda com meu plano, sir Grayson?

Gray olhou para Brynn, que assentiu com a cabeça, incapaz de falar pelas lágrimas em sua garganta. Lucian tinha dado a seu irmão um indulto. Ela não poderia ter imaginado que seria tão generoso. Ela devolveu o olhar de Lucian fervorosamente.

– *Obrigada* – balbuciou, com o coração cheio de gratidão.

Gray ecoou o sentimento dela.

– Sim, eu agradeço, milorde. Sei que não mereço tal clemência. Quanto ao seu plano, vou fazer o que achar melhor.

Lucian parecia remover seus agradecimentos com um olhar duro.

– Você deveria ter me procurado antes. Espero não precisar avisá-lo das consequências, se você se atrever a envolver sua irmã em traição de novo?

A boca de Gray formou um sorriso duro.

– Não, eu não preciso de aviso.

– Muito bem, então... Suponho que vai querer alguns momentos para dizer adeus. Tenho alguns assuntos para resolver, então vou deixar vocês dois sozinhos.

Seu olhar foi para Brynn, mas ela não conseguia ler sua expressão.

– Nós ainda temos muito o que discutir.

– Sim – ela murmurou.

– Talvez você queira me esperar em seus aposentos. Vou me juntar a você lá quando puder.

– Tudo bem.

Brynn mordeu o lábio inferior trêmulo ao vê-lo ir embora, sem saber como interpretar a frieza repentina de Lucian.

Percebendo que seu irmão a observava, no entanto, obrigou-se a enxugar os olhos.

– Mal posso acreditar que Lucian está deixando você ir livre – comentou ela, tentando invocar um sorriso.

– É apenas para o seu bem, Brynn. Eu acho que ele se importa muito com você.

Ela mordeu o lábio, incapaz de alimentar esperança.

– Nós deveríamos ter procurado o Lucian, desde o início, vejo isso agora. Isso poderia ter-nos poupado de uma grande quantidade de terror. Talvez se você tivesse me dito mais cedo o que estava enfrentando...

– Eu sinto muito pelo que eu a fiz passar – disse Gray em voz baixa.

– Eu sei, querido. – Curvando-se, ela o abraçou com cuidado, consciente de sua lesão. – Mas se você se *atrever* a se envolver em algo tão perigoso novamente e tentar arcar com o ônus sozinho, eu juro que eu mesma vou atirar em você.

Pouco tempo depois, ela estava na janela de seu quarto, esperando seu marido... para ter seu destino decidido.

Sua despedida com Gray tinha sido melancólica, cheia de alívio e tristeza. Ela observou quando seu irmão foi levado em uma maca, sabendo quão afortunado ele era por ter recebido uma segunda chance.

Será que ela teria a mesma sorte?

Brynn tremia enquanto olhava para a noite. A tempestade tinha, aparentemente, passado por eles, deixando algumas nuvens de neblina rajando através do céu escuro. O fraco luar pintava de prata o oceano, transformando-o em um espelho frio e cintilante.

Ela se sentia tão fria quanto o mar, se sentia vazia, dolorida. Ela não poderia culpar Lucian nem um pouco por odiá-la pelo que havia feito.

Tentando não pensar nisso, Brynn se ocupava atizando o fogo. Ela ficou paralisada quando ouviu a porta do seu quarto abrir e, em seguida, fechar lentamente. Mal ousando respirar, ela se virou para encarar Lucian.

Ele estava bem na entrada do quarto, as feições encobertas pela sombra, assim como no início da noite quando tentou drogá-lo.

Isso tinha sido apenas algumas horas atrás?

Ele foi o primeiro a falar:

– Como está o seu braço?

– Lateja um pouco, mas não é nada, de verdade. Apenas uma ferida superficial. Seus olhos se estreitaram quando ele ficou sob a luz.

– Eu não considero “nada” um ferimento de bala. Foi uma coisa muito tola de se fazer, Brynn, se jogar na minha frente.

– De nada – respondeu ela, incitada à rebeldia pela crítica. Sua voz estava desconcertantemente calma quando ele respondeu.

– Você poderia ter morrido.

Ela não saberia dizer se essa perspectiva o teria entristecido ou não.

– Isso teria importado para você?

– Certamente teria importado. – Houve um momento de pausa antes de ele acrescentar. – Você está carregando meu filho, considerou isso?

A mão de Brynn foi para o seu abdômen com receio.

– Não, eu não parei para pensar.

Lucian se moveu na direção dela, seu olhar perscrutando-a incansavelmente.

– Você não sabia que estava colocando em risco o nosso filho?

– Não naquele momento. Tudo o que eu pensava era que Jack pretendia atirar em você e que eu tinha que pará-lo.

Lucian parou a uma curta distância dela. Ela podia ver a tensão em seu rosto, podia sentir a tensão vibrante envolvendo seu corpo rígido e elegante.

Ela olhou-o com uma muda tristeza. Ele se importava profundamente com o filho deles, ela sabia, mas se preocupava com ela, no mínimo? Talvez não pudesse perdoá-la por seus crimes, afinal.

– Sinto muito – disse ela, finalmente, com tristeza.

Para sua surpresa, Lucian estendeu a mão para tocar seu rosto.

– Não, sou eu quem deveria estar arrependido. Por duvidar de você. Você salvou a minha vida, Brynn. – Sua respiração ficou presa enquanto o polegar dele roçou o canto de sua boca. – Você me apavorou – ele sussurrou. – Eu pensei que morreria de medo quando você entrou na frente daquela bala.

Ela devolveu seu olhar questionador, incapaz de falar pela esperança que a enchia.

– Meu sonho estava errado, não estava? – murmurou Lucian. – No meu pesadelo, você estava de pé sobre mim enquanto estava deitado morrendo. Você queria me ver morto. Mas não poderia querer a minha morte se estava disposta a dar a sua vida por mim.

– Esse sonho foi terrivelmente errado – Brynn sentiu lágrimas brotarem em seus olhos. – Sua morte é a última coisa que eu poderia querer. – Ela olhou para ele com sinceridade – Eu sei que traí você, Lucian, mas só queria mantê-lo seguro. Mesmo se você nunca me perdoar... Eu fiz isso por você.

– Eu sei disso agora, meu amor. Lamento por ter desconfiado de você. Eu deveria ter escutado meu coração, não a minha cabeça.

Ela o olhou com expectativa.

– Seu coração?

Tomando-lhe a mão, ele pressionou a palma contra o seu peito.

– Eu amo você, Brynn. Eu amo você há muito tempo, mesmo me recusando a reconhecer isso.

Por um longo momento ela simplesmente o olhou. Então caminhou cegamente para seus braços. Enterrando o rosto em seu ombro, ela deu um soluço.

– Eu pensei que você me odiasse...

– Não, eu jamais poderia odiá-la. – Seus braços em volta dela, envolvendo-a. – Mesmo quando eu pensei o pior... Ah, não chore, Brynn. – Ele podia sentir o amor e o desespero pulsar em seu corpo, senti-la tremer.

– Eu lutei contra amar você – murmurou. – Tentei me convencer de que o que eu sentia era apenas uma obsessão. Mas eu deveria ter percebido a verdade muito antes.

– A ideia de você me odiar me deixou em pedaços – ela estremeceu.

Ele recuou, olhando-a, vendo seus cílios cobertos com lágrimas. O cabelo dela à luz do fogo brilhava como brasas fundidas. Delicadamente, ele tocou seu rosto.

– Você desperta inúmeros sentimentos em mim, sereia. Você me faz queimar de paixão, medo ou raiva, mas nunca ódio.

Ela deu uma risada trêmula.

– Fúria certamente. Eu lhe dei muitas razões para ficar furioso comigo.

– Mesmo assim, eu a amei praticamente desde a primeira vez que a vi.

Lentamente Brynn balançou a cabeça.

– Foi apenas a maldição.

– Não – disse ele gravemente.

– Talvez um feitiço poderia me fazer querer, desejar você, mas não poderia me fazer amar. Eu amo você, Brynn, não por causa de qualquer magia cigana ou seu fascínio físico, mas por causa da mulher que você é. Você me faz sentir completo. Você preenche a parte da minha alma que estava faltando.

– Lucian...

Ele respirou fundo, procurando coragem.

– Brynn, eu sei que deveríamos ter tido um casamento de conveniência, que você queria que nós vivêssemos separados após o nosso filho nascer, mas espero por Deus que você reconsidere. Quero ser o seu marido, Brynn. Amado, honrado, estimado para todo o mundo ver.

Sua expressão se suavizou.

– Você é amado, Lucian. Eu lhe disse a verdade mais cedo esta noite. Eu amo você. Eu estava com medo de admitir isso só por causa da maldição. Espero que acredite em mim.

– Como não acreditar em você depois de hoje à noite? – perguntou Lucian com a voz repentinamente rouca. – Você provou seu amor mais do que adequadamente, jogando-se na frente de uma bala destinada para mim... – Ele tremeu com um terror profundo na alma, ao perceber quão perto tinha chegado de perder Brynn. Tinha riqueza, títulos, todos os privilégios que o dinheiro e a posição social poderiam comprar, mas não teriam valor algum, se perdesse a única coisa que importava mais. E ele sabia que Brynn sentia algo semelhante, já que ela estivera disposta a sacrificar-se por ele.

Suas sobrancelhas se uniram enquanto recordava algo que ela tinha dito antes.

– O que foi que a cigana da feira disse? Que você devia estar disposta a dar sua vida por mim?

– Que eu precisava amar você o suficiente, sim.

– Se a profecia dela é verdadeira, então a maldição deve estar quebrada.

Seus olhos se arregalaram.

– Talvez esteja – disse ela com admiração.

Lucian sustentou o olhar dela.

– Então você não pretende me deixar?

– Não. Eu nunca quis que vivêssemos vidas separadas. Eu só pensei que devia

protegê-lo.

– A melhor maneira de me proteger é ficando comigo. Eu poderia cortar o meu coração se você me deixasse.

– Nunca vou deixar você, Lucian. Não posso viver sem você. Eu sei disso agora.

A luz suave nos olhos dela refletiam seu sorriso tranquilo, atingindo seu coração e fazendo-o disparar.

Ele puxou-a em seus braços mais uma vez, pressionando os lábios contra seu cabelo, com um alívio esmagador. Somente agora estava percebendo como precisava desesperadamente do seu amor, como aquele amor era raro e precioso.

Brynn ficou no calor do seu abraço, valorizando a sensação de seu corpo rijo contra o dela. Podia sentir o próprio medo afrouxando. Talvez a maldição de fato tivesse sido quebrada porque tinha arriscado sua vida por ele. Se sim, então estava livre para amar Lucian com todo seu coração.

– Eu amo tanto você – murmurou ela, repetindo a sua própria declaração de amor.

Isso o fez levantar a cabeça. Sua voz era suave, assim como seus olhos.

– Não sei por que ao certo. Eu nunca lhe dei qualquer motivo para me amar.

– Isso não é verdade. O que você fez pelo Theo era razão suficiente. E agora Grayson... Eu agradeço do fundo do meu coração, Lucian. Você poderá me perdoar pelo que eu fiz?

– Só se você puder me perdoar – sua risada suave era zombeteira. – Que idiota arrogante eu fui... arrogante, egoísta, pensando apenas em mim, nas minhas próprias necessidades. Eu pensei que eu poderia facilmente encantá-la para fazer o que eu queria. Eu obriguei você a conceber uma criança, porque era o que eu queria...Você merecia mais, Brynn. Eu diria que você tem muito mais para perdoar do que eu.

– Mas, ainda assim...

Ele pressionou os dedos em seus lábios.

– Não há mais arrependimentos sobre o passado. Temos apenas o futuro pela frente.

Seus braços a cercaram uma vez mais, e ela retribuiu, saboreando seu abraço. Por um longo momento, eles simplesmente se abraçaram, até que Lucian rompeu o silêncio com uma pergunta quieta.

– Brynn, você vem comigo?

– Ir com você? Aonde?

– Eu pensei no castelo no País de Gales, aquele que lhe dei como presente de casamento atrasado.

Afastando-se, Brynn olhou para ele, tentando não tirar conclusões.

– Por quê? – ela perguntou, fingindo leveza. – Você quer me prender lá para me impedir de cometer alguma traição de novo?

– De jeito nenhum. Você disse que eu não a conheço bem, e é verdade. Mas eu quero a chance de conhecer você, Brynn, e de você me conhecer. Precisamos de tempo para explorar um ao outro, tempo para que o amor e a confiança possam se construir. Se fôssemos embora juntos, poderíamos ter esse tempo. Poderia ter um novo começo para o nosso casamento.

– Mas e o seu dever? Você ainda tem que capturar Caliban.

– Percebi que você é muito mais importante para mim do que capturar traidores.

Provavelmente haverá uma pausa na operação de toda forma. Nós desferimos um golpe no seu grupo esta noite, e ele terá que se reorganizar. Eu não estou propondo que fiquemos lá para sempre, apenas uma visita de algumas semanas.

– Eu gostaria disso – disse ela suavemente. – Um novo começo.

O olhar ardente em seus olhos a fez prender a respiração.

Ele inclinou a cabeça para beijá-la, para selar sua promessa. Fogo fluiu entre eles quando seus lábios se encontraram, fogo, necessidade e desejo.

Lucian se sentiu tremer com o beijo. Um desejo feroz queimava por ele, desejo que não tinha nada a ver com qualquer maldição.

Eles *iriam* fazer um novo começo, Lucian prometeu solenemente. No entanto, desta vez ele iria conquistar o amor de Brynn. Ele iria provar-se digno dela. E não descansaria até que tivesse conquistado totalmente a feiticeira que havia escravizado seu coração e sua alma.

Epílogo



Gwydar, País de Gales, outubro 1813.

Com um meio sorriso nos lábios, Lucian assistia sua condessa brincar na piscina criada pela maré com a água aquecida pelo sol. Eles chegaram a Gales duas semanas antes e estavam no castelo que fora o presente de casamento dele para Brynn.

Gwyndar era um lugar de estranho encanto, com cavernas cristalinas, enseadas secretas e cachoeiras, mas até agora Lucian nunca havia apreciado sua beleza. Por alguma peculiaridade da natureza e das correntes do mar, o clima dessa porção norte da costa de Gales era temperada como o sul da Inglaterra; bezeros recém-nascidos e borboletas floresciam ali. E apesar de já ser tarde no ano, esta era uma tarde particularmente gloriosa, imersa no sol, acariciada pelas suaves brisas marinhas.

Ele e Brynn descobriram uma enseada arenosa durante a primeira exploração dos arredores do castelo. Apesar da piscina criada pela maré estar morna pelos raios do sol, ela ainda não estava quente o suficiente para Lucian entrar na água, mas, ainda assim, Brynn parecia apreciar o frio. Ela era parte sereia, ele achava.

Brynn era seu coração. Havia penetrado tão profundamente sua alma que ele não podia mais imaginar-se vivendo sem ela.

As últimas semanas foram um novo começo para os dois, como ele esperava. Desde que quase se perderam, o tempo que passavam juntos parecia infinitamente mais precioso. Os dois passavam as mágicas horas ali se tornando verdadeiros amantes, explorando os pensamentos um do outro, compartilhando segredos e ardentes beijos, fazendo amor sempre e onde podiam, se apaixonando cada vez mais...

Lucian estava maravilhado pela profundidade de seus sentimentos por Brynn. Ele nunca tinha sonhado em ser inundado pelo poder do amor, nem ser abalado pela paixão. Nunca tinha imaginado encontrar alguém que o fizesse se sentir vivo, uma sedutora que ia ao encontro de sua paixão e o deixava sem ar. Uma alma gêmea que o completava.

– Você devia se juntar a mim, Lucian – Brynn chamou provocando-o, interrompendo os pensamentos dele.

Um sorriso apareceu em sua boca. Estava quase nu, vestindo apenas calças, mas aquilo já era demais para ele.

– Não sou louco o suficiente para nadar nessa água gelada. Você deve estar morrendo de frio.

– Você vai ter de me aquecer então.

Do outro lado da faixa de areia, ele encontrou o brilho dos olhos de esmeralda dela, e sentiu desejo e amor percorrerem seu corpo.

– Venha aqui, sereia, e eu esquento você.

Ela emergiu da água, o cabelo flamejante espalhado de maneira selvagem em volta dos seios nus, a água do mar espumando ao redor da virilha. A respiração de Lucian falhou diante dessa encantadora visão.

Com o olhar percorrendo cada curva do corpo dela, Lucian se levantou e foi até Brynn. As suas mãos queimavam com o desejo de tocá-la.

Com os braços em volta da cintura dela, puxando-a para perto, amassando os seios macios dela contra seu peito.

– Isso me lembra da primeira vez que a vi. Eu pensei que você era uma ilusão... – A voz dele ficou rouca conforme se perdia na imensidão daqueles olhos verdes. – Você ainda é. Eu sonho com você assim, como agora... Ardente, vibrante, sensual... minha.

O sorriso dela tinha um toque erótico.

– Eu não sou uma ilusão, Lucian – ela respondeu, colocando os braços ao redor do pescoço dele. – Eu sou feita de carne e sangue e estou prestes a me transformar em um pingente de gelo. Você não prometeu me aquecer? Está negligenciando seriamente suas obrigações.

Ele exibiu um sorriso malicioso.

– Considere-me devidamente culpado, meu amor.

Levantando-a em seus braços, ele a carregou até a parte da praia onde ficavam os lençóis e a deitou ali, depois secou carinhosamente a pele acariciada pelo sol. Quando ele se apoiou para observá-la, Brynn estremeceu. O calor do olhar dele fazia seu sangue ferver, deixava os seios ansiosos pelo toque dele, suas partes trêmulas.

Ele se curvou e a beijou levemente, a língua passeando pelos seus lábios, aquecendo-a enquanto suas mãos percorriam o corpo dela. As palmas dele pareciam chamas contra a pele fria, os dedos moldando os seios sensíveis dela, com seus mamilos rígidos...

Brynn respirou devagar quando os lábios ardentes dele se juntaram às mãos, descendo pelo pescoço dela em direção aos seus seios, espalhando tremores de prazer por ela. Os braços dela ficaram lânguidos repentinamente, fracos com o desejo. A areia quente aquecia as costas de Brynn enquanto a boca de Lucian se ocupava de um mamilo túrgido. Os dedos dela agarraram o lençol quando ele finalmente mergulhou para provocá-la com a língua.

Mas não parou ali. Com extrema destreza, a língua ardente dele espiralou pelos seios dela em um ataque deliberado aos sentidos. Brynn movia intensamente a cabeça, se segurando para não gemer.

Lucian deu um murmuro de satisfação, um som gutural.

– Seus mamilos estão salgados. Imagino o gosto do restante...

Hipnotizada pelo calor erótico na voz dele, ela não protestou quando as mãos dele se moveram lentamente ao longo de seus flancos em direção aos tornozelos, depois subindo pela virilha trêmula, onde parou. Ele a observava, contemplando-a com um malicioso meio sorriso, o olhar penetrante dele queimava-a como uma chama.

A pele dela ficou quente, ao redor de seus nervos, quando percebeu o que Lucian pretendia. Abrindo suas pernas, ele abaixou a cabeça para beijar as pétalas da intimidade de Brynn.

– Você é um atrevido – ela acusou, ainda que estivesse antecipando as carícias dele.

– E de quem é a culpa? Você provocaria o diabo, sereia.

De propósito, ele colcou as pernas dela sobre os ombros e curvou-se para saboreá-la. O calor a esquentou conforme ele sugava o botão do desejo dela. Sua longa e astuta língua a sorvia, procurando, saboreando, violando-a, excitando-a impiedosamente até deixá-la sem fôlego e corada de desejo.

Ela agarrou o cabelo preto dele, clamando pelo clímax. No entanto, ele não permitiu que ela se satisfizesse. Em vez disso, ele a deixou se contorcendo na expectativa do orgasmo, tremendo com desejo agonizante.

– Lucian... – ela gemou, em um alerta e uma súplica ao mesmo tempo.

Ele se afastou, a cruel satisfação em seu olhar dando lugar a uma luz mais ardente.

– Eu ficaria feliz em ajudar, minha amada.

Ele se desfez da calça rapidamente e, com um movimento rápido e atlético, se juntou a ela no lençol, abaixando-se para cobrir o corpo dela com o seu, acomodando-se entre as pernas dela.

Brynn curvou-se contra ele vorazmente. Ela adorava a sensação do corpo dele contra o seu, as superfícies lisas e rijas, o calor, a maneira como a ereção dele pulsava. O membro rígido estava imenso e quente enquanto ela o absorvia por inteiro. Ela deu um ligeiro gemido de prazer assim que ele se alojou nela, estremecendo com a incrível sensação de ser preenchida por ele.

– Eu amo sentir você dentro de mim – ela suspirou, a voz dela rouca. – Eu amo você, Lucian...

O olhar dele encontrou o dela.

– E eu amo você, Brynn – ele disse, baixo e calmo. – Você é minha vida.

– E você é a minha – ela respondeu como uma promessa.

Esse era o encorajamento necessário para terminar aquele momento de confiança. A gentileza diminuiu, e ele explodiu dentro dela, empalando-a com sua grossa ereção. Brynn recebeu o êxtase dele com prazer. As pernas cercaram seus quadris, agarrada a ele, recebendo cada estocada. Em um momento o encontro deles se intensificou, o ritmo aumentou de uma maneira selvagem.

Brynn se segurou enquanto o prazer explodiu neles em uma onda de prazer convulsivo, os gemidos dela se misturando com os grunhidos dele. Lucian jorrou dentro de Brynn antes de finalmente cair sobre ela, tremendo com a força do ato.

Eles ficaram ali, entrelaçados, o calor do momento lentamente se esvaindo com o eco dos corações acelerados. Quando a turbulência passou, Lucian jogou o peso para o lado e puxou o lençol sobre eles.

Leve e satisfeita, Brynn acomodou o rosto na curva do ombro dele, os dedos dançando no peito musculoso de Lucian.

– Aquecida o suficiente agora? – ele perguntou, brincando fracamente com o cabelo dela.

– Sim. – A voz de Brynn escapou em um leve suspiro. Lucian a fazia se sentir tão querida. Ela sabia que não era a maldição cigana controlando a atração dele. Podia ver o amor no olhar dele cada vez que se encontravam, podia sentir em cada batida do coração dele.

Ela sentiu a mão dele mover-se para a parte mais baixa do abdômen dela, para acariciar gentilmente o lugar onde o filho deles crescia quietamente dentro dela, e sorriu. A felicidade dela não poderia ser maior. Ela daria ao marido um filho. Grayson estava seguro na Escócia, e eles haviam recebido notícias de que o machucado dele estava melhorando. Theo estava sendo protegido por dois guarda-costas, enquanto ele e os outros irmãos estavam dispostos a manter a farsa do sumiço de Gray...

O pensamento daquele impasse ainda não resolvido fez o rosto de Brynn se turvar. Não queria que esse prazer terminasse, mas sabia que ela e Lucian teriam de retornar a Londres em breve. O casamento de Raven aconteceria logo. E Caliban ainda estava solto, sem dúvida fazendo outros planos cheios de maldade.

Brynn suspeitava que Lucian em breve se tornaria inquieto até completar seu dever, com os seus novos instintos, pressentiu que o fracasso dele de prender o traidor o

assombrava. Ainda assim, ela estava relutante que Lucian tivesse de enfrentar aquele perigo novamente.

– Eu quase desejei que não tivéssemos que retornar a Londres – ela murmurou sutilmente. – Eu não gosto de pensar que você está em perigo, ou que Caliban quer você morto.

Ele pareceu hesitar.

– Eu vou tomar as devidas precauções, algo para nós dois. Você pode não se importar com isso, meu amor, mas quero que você esteja bem protegida dia e noite. Eu não quero perder algo tão precioso para mim.

– E eu não aguentaria perder você, Lucian.

Afastando-se dela com delicadeza, ele deitou-se de lado. Supreendentemente havia uma faísca de riso nos olhos de safira dele.

– Sou eu que deveria me preocupar em voltar. Sem dúvida terei de lutar para manter seus admiradores longe. Eu jamais poderia dividir você com outros.

Ela não conseguiu conter o sorriso ao ouvir o tom de ciúmes na voz dele.

– Se a maldição já terminou, então eu não devo mais sofrer com a atenção indesejada deles.

A boca de Lucian se contorceu.

– Não acredito que você vá se livrar da atenção de outros homens, querida. Certamente não da minha. Eu espero bajular você até o dia da minha morte.

O sorriso de Brynn sumiu à medida que ela lembrou quão perto ele esteve de morrer.

– Eu peço, por favor, não diga isso.

A expressão dele permaneceu calma.

– Não tema. Eu planejo viver por um longo tempo e ter muitos filhos e filhas com você.

As sobrancelhas dela levantaram.

– Muitos? E eu não tenho direito a opinar nesse assunto, meu lorde arrogante?

– Posso considerar sua opinião se você for muito bem-comportada e devidamente subserviente pelos próximos quarenta ou cinquenta anos.

Com um riso baixo, Brynn abraçou o pescoço do marido.

– Acho que você se casou com a mulher errada se o que deseja é subserviência.

De repente sóbrio, Lucian balançou a cabeça, olhando Brynn profundamente nos olhos.

– Não, amor, eu tenho a mulher perfeita. Você é meu destino, Brynn. Eu soube desde o primeiro momento que nos encontramos. Nós estávamos destinados a ficar juntos. Você é meu destino, e eu o seu.

O olhar dela se tornou mais aliviado, assim como o coração.

– Eu não poderia pensar em um destino melhor.

Os dedos dele tocaram os lábios dela.

– Por tanto tempo eu pensei que havia algo faltando em mim. Eu sei o que era agora. Você. Eu não havia a encontrado ainda. Você faz minha alma faminta.

Com lágrimas enchendo os olhos, ela percorreu os belos traços dele, o rosto tão querido que era doloroso de olhar.

– Eu amo tanto você, Lucian! – respondeu, sentindo a mesma plenitude que ele.

Deitando-se de costas, ele a puxou para perto e encostou a cabeça dela no ombro. Com um suspiro de satisfação, Brynn fechou os olhos, sentindo os próprios braços e pernas

quentes e lânguidos. E dormiu.

A areia estava morna debaixo dos pés dela enquanto observava a família se divertindo na arrebentação, o coração tão cheio que pensou que iria estourar. Eles brincavam um correndo atrás do outro, um jovem rapaz com cabelo negro e olhos azuis como os de Lucian, duas lindas meninas, ambas com o cabelo ruivo e brilhante como o dela. Como se fossem um, as crianças subitamente se viraram e começaram a jogar água no pai. Com um rugido de brincadeira, Lucian virou-se para o ataque das crianças, pegando uma filha em cada braço, fazendo-as gritar e rir enquanto corria atrás do filho...

Brynn acordou abruptamente, uma incrível sensação de serenidade a preenchia. Ela levantou a cabeça e olhou para Lucian, imaginando se ele tinha tido o mesmo sonho.

Ele despertou mais lentamente, mas, quando abriu os olhos, ela podia ver a cumplicidade e o prazer naquela imensidão azul.

O olhar deles se encontrou por um intenso momento.

– Um filho – ela murmurou.

– E duas filhas – ele acrescentou, a voz rouca com emoção.

– Você acredita que esse sonho é o nosso futuro?

Lentamente Lucian sorriu.

– Céus, eu espero que sim. Eu realmente vou me esforçar ao máximo para que se torne realidade.

Quando ela sorriu de volta, o olhar de Lucian recaiu sobre a boca dela, os olhos azuis escurecendo com um fulgor sensual.

– Não posso dizer que conheço o futuro, Brynn – ele sussurrou, a boca se aproximando da dela. – Só posso prometer que vou cuidar de você por toda a eternidade.

– Isso é mais que o suficiente, meu amor.

Com o coração exultante, Brynn levantou o rosto na direção do dele e entregou-se em um beijo apaixonado.

Lucian, mais conhecido como o sensual conde de Wycliff, é do tipo que sempre escapa dos votos de matrimônio. Quando acaba encarando a morte de perto, mas sobrevive, ele passa a desejar um herdeiro que possa carregar o seu nome. É então que se depara com a sedutora Brynn Caldwell, de cabelos da cor do fogo e olhos de esmeralda, e tem certeza que encontrou a mulher ideal para ser sua esposa.

Brynn acredita que o fascínio do libertino por ela é impulsionado por uma maldição que há séculos condena as mulheres de sua família. Sua beleza enlouquece qualquer pretendente, e o homem que por ela se apaixonar, e for retribuído, estará condenado à morte. Compelida por circunstâncias terríveis, Brynn se vê obrigada a aceitar a proposta de casamento de Lucian. Ela se renderá às suas carícias, mas não se atreverá a lhe dar o coração.

Presos em uma batalha de desejo e sedução, Lucian começa a suspeitar que Brynn é uma traidora e está envolvida com contrabandistas. Pouco a pouco ele se verá em uma teia de perigo onde o preço para conquistar o coração de sua noiva e descobrir a verdade pode ser a própria vida.

Autora de vários romances de muito sucesso, Nicole Jordan tem grande habilidade na criação de fascinantes histórias marcadas pela sensualidade e pela paixão desenfreada.

Seus ousados livros aparecem com frequência nas listas de best-sellers dos jornais *The New York Times* e *USA Today*, assim como na lista da Amazon. Nicole Jordan foi finalista do prêmio Rita Awards concedido pelo Romance Writers of America e ganhou o Dorothy Parker, concedido pela Reviewers International Organization, uma associação que reúne centenas de críticos de obras românticas.

Atualmente mora nas Montanhas Rochosas de Utah com seu herói particular – o marido – e seu cavalo de sonho, um puro-sangue irlandês. No Brasil, a Editora Planeta publicou os livros *Sedução* (2009) e *Paixão* (2013).

Uma noiva relutante. Uma antiga maldição. E um desejo ardente impossível de ser contido...

“Nem mesmo um libertino experiente e vivido como o conde de Wycliff seria capaz de resistir aos seus encantos – tudo por causa da maldição cigana que a acompanhava. No entanto, Brynn sabia que só se livraria dele se concordasse...”

“Ele a tinha ensinado isso – como usar suas novas habilidades para obter um efeito

devastador. Havia mostrado a ela os prazeres da carne, fazendo-a compreender a paixão feminina que existia nela.”

“Um arrepio passou por ela, mas não foi o suficiente para Lucian. Ele a queria vibrante e contorcendo-se de desejo. Ia fazê-la arder por ele, fazê-la sentir o mesmo fogo, sofrer o mesmo tormento que ele estava sentindo.”